



LEITURA ENTRE NÓS:
redes, linguagens e mídias



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

José Carlos Carles de Souza

Reitor

Neusa Maria Henriques Rocha

Vice-Reitora de Graduação

Leonardo José Gil Barcellos

Vice-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Bernadete Maria Dalmolin

Vice-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários

Agenor Dias de Meira Junior

Vice-Reitor Administrativo

UPF Editora

Cleci Teresinha Werner da Rosa

Editora

CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Della Bona

Carme Regina Schons

Denize Grzybowski

Elci Lotar Dickel

Giovani Corralo

João Carlos Tedesco

Jurema Schons

Leonardo José Gil Barcellos

Luciane Maria Colla

Paulo Roberto Reichert

Rosimar Serena Siqueira Esquinsani

Telisa Furlanetto Graeff

Corpo Funcional:

Cinara Sabadin Dagneze

Revisora-chefe

Nathalia Sabino Ribas

Revisora de textos

Vanessa Becker

Revisora de textos

Sirlete Regina da Silva

Design Gráfico

Paulo Henrique Simon

Diagramador

Carlos Gabriel Scheleder

Auxiliar Administrativo

Tania M. K. Rösing
Miguel Rettenmaier
(Org.)

LEITURA ENTRE NÓS:
redes, linguagens e mídias

2013

 **UPF**
Universidade
de Passo Fundo | **EDITORA**

Copyright © dos autores

Cinara Sabadin Dagneze

Nathalia Sabino Ribas

Vanessa Becker

Revisão de Texto e Revisão de Emendas

Sirlete Regina da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação

NexPP

Produção da Capa

Este livro no todo ou em parte, conforme determinação legal, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa e por escrito do autor. A exatidão das informações e dos conceitos e opiniões emitidos, as imagens, tabelas, quadros e figuras são de exclusiva responsabilidade dos autores.

CIP – Catalogação na Publicação

L533 Leitura entre nós : redes, linguagens e mídia / organizadores
Tania Mariza Kuchenbecker Rösing, Miguel Rettenmaier. –
Passo Fundo : Ed. Universidade de Passo Fundo, 2013.
512 p. : il. ; 21 cm. – (Jornadas literárias)

ISBN 978-85-7515-487-8

1. Leitura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Leitura e
mídia. 4. Jornada Nacional de Literatura – Passo Fundo (RS).
I. Rösing, Tania Mariza Kuchenbecker, org. II. Rettenmaier,
Miguel, org. III. Jornada Nacional de Literatura (14. : 2011 :
Passo Fundo, RS).

CDU: 82:061.3

Bibliotecária Fernanda Spíndola CRB 10/2122

UPF EDITORA

Campus I, BR 285 - Km 292 - Bairro São José

Fone/Fax: (54) 3316-8373

CEP 99052-900 - Passo Fundo - RS - Brasil

Home-page: www.upf.br/editora

E-mail: editora@upf.br

Editora UPF afiliada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias.....9

Parte I – Abertura / 17

Mestres de cerimônia.....	19
Tania Rösing.....	23
José Carlos Carles de Souza.....	28
Adão Villaverde.....	35
Marco Maia.....	37
Beto Albuquerque.....	39
Luiz Antonio de Assis Brasil.....	40
Ana de Hollanda.....	42
Luiz Miguel Scheis.....	45
Airton Lângaro Dipp.....	47
Entrega do livro 30 anos de Jornadas Literárias.....	49
Homenagem a Josué Guimarães (<i>in memoriam</i>).....	51
Josué Guimarães.....	51
Elisa Lucinda.....	53
Homenagem à Tania Rösing.....	58
Ignácio de Loyola Brandão.....	58
12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães.....	61
Ricardo Silvestrin.....	62
7º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura.....	65
Luiz Coronel.....	65
Regina Zilberman.....	67
Homenagem à Dalva Bisognin e Lurdes Canelles.....	70

Parte II – Palcos de debates e conferências / 71

Apresentação dos coordenadores do debate	73
Ignácio e Alcione.....	73
Pronunciamento do vencedor do 7º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura	76
João Almino.....	76
Palco de debates: Literatura e arte na era dos bits	86
Alcione Araújo.....	86
Peter Hunt	89
Mauricio de Sousa.....	94
Giselle Beiguelman	103
Marcia Tiburi	110
Luiza Geisler	119
Questões levantadas.....	121
Conferência: Horizontes do conhecimento na era digital	129
Pierre Lévy.....	129
Questões levantadas.....	140
Palco de debates: Identidade, literatura e cultura na globalização.....	144
Gonçalo Tavares	144
Tatiana Salem Levy	151
Nilson Luiz May	156
Arthur Martins Cecim	163
Maria Esther Maciel.....	168
Luiz Costa Lima.....	172
Questões levantadas.....	177
Conferência: Um percurso musical através do design sonoro digital	193
Cid Campos	199
Questões levantadas.....	205
Palco de debates: Diálogo, mídias e convergências	209
Edney Silvestre	217
Eliane Brum	219
Nick Montfort	226

Questões levantadas.....	230
Conferência: A comunicação do impresso ao digital	254
Alcione Araújo.....	254
Tau Golin	257
Pedro Dias Lopes.....	259
Eduardo Diniz	264
Roberto Prata de Lima Dias.....	268
Rinaldo Gama.....	271
Questões levantadas.....	279
Palco de debates: Formação do leitor contemporâneo	292
Fabiano dos Santos.....	292
Affonso Romano de Sant’Anna	296
Alberto Manguel	303
Beatriz Sarlo.....	308
Kate Wilson	315
Questões levantadas.....	320
Conferência: Leitura entre nós - 30 anos de Jornada.....	336
Rosani Sgari Szilagyi.....	336
Tania Rösing	338

Parte III – A Jornada em desenho de humor / 355

Paulo Caruso.....	357
-------------------	-----

Parte IV – Jornight / 363

Abertura	365
Tania Rösing	365
Airton Dipp.....	367
Encontro poético-performático	368
Elisa Lucinda	368
Encontro com os gêmeos.....	398
Gabriel Bá e Fábio Moon	398
Chico Caruso.....	403

Paulo Caruso.....	403
Questões levantadas.....	408
Cova dos leões	417
Kleber Rocha	417
Humberto Gessinger	420
Jairo Bouer	420

Parte V – Encerramento / 431

Sessão de encerramento.....	433
Fabiano dos Santos.....	433
Rene Ceconello	435
José Carlos Carles de Souza.....	437

Parte VI – Registro iconográfico / 441

Pré-Jornada	443
Festerê Literário.....	445
Conferências para áreas específicas	448
Sessões de autógrafos.....	449
Café Literário.....	451
Exposições	452
Grupos artísticos.....	456
Estandes.....	459
Área externa.....	464

Parte VII – Registro da imprensa / 467

Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias

Celebramos trinta anos de trabalho em torno do livro e da leitura nas mais variadas linguagens e mídias no contexto da 14ª Jornada Nacional de Literatura. Alegria ímpar. Espaço para agradecimentos. Tempo de reflexão sobre o já feito. Momento para a construção de novas parcerias e de novos desafios. A Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal sentem-se honradas por terem impulsionado ação de tamanha grandeza, promovendo escritores, leitores, editores por tempo tão longo, contínuo e profícuo. Enfrentamos dificuldades. Encontramos caminhos. Construimos parcerias inteligentes. Tivemos patrocínios e apoios culturais efetivos. Contamos com o trabalho e a sensibilidade de lideranças políticas responsáveis e empreendedoras. Estimulamos o envolvimento dos leitores com livros e distintos materiais de leitura apresentados em suportes os mais diferenciados. Ampliamos o foco da leitura abrangendo aspectos da cultura e manifestações da arte. Garantimos o desenvolvimento de uma metodologia que tem possibilitado o início do diálogo entre leitores e escritores por meio da leitura antecipada das obras, o que fazemos desde o início desta movimentação cultural em 1981.

A origem da Jornada está intimamente ligada à história da leitura no Brasil num processo de redemocratização política e de valorização da cultura, como elemento fundamental à

formação crítica e cidadã dos indivíduos e, de modo geral, da própria sociedade.

A evolução do trabalho de promoção da leitura nessas três décadas não implicou, contudo, a estagnação dos conceitos. Tendo por princípio que a leitura literária é, em essência, a mais complexa e transformadora das tantas formas de ler, e que provoca uma subversão na conformidade, uma pluralidade de sentidos e de interpretações e uma experiência de alteridade singular – a Jornada não recusou os progressos que envolveram o desenvolvimento e a criação das mais variadas mídias, quanto mais quando essas mídias, justapostas a outras manifestações artísticas, ganhavam uma elaboração estética renovada.

A Jornada, na defesa da leitura para todos, propôs em sua história refletir sobre a arte em todas as suas formas, das manifestas pela oralidade popular às engendradas pelas mídias eletrônicas, das estabelecidas nas comunidades orais às distribuídas na sociedade em rede. A leitura entre nós, os envolvidos na história da Jornada, os leitores, os escritores, os artistas, as crianças, é uma forma de viver e de transformar a vida.

Nós somos os nós dessa rede, no feliz jogo que a língua portuguesa permite entre “nós”, na grande comunidade que passou a ser o mundo medido pela voz, pela escrita, pela tecnologia digital provedora da rede, promotora da livre comunicação em tempo real. No terceiro milênio, as Jornadas de Passo Fundo se integram conscientemente a uma era na qual o saber, o trabalho, a leitura, a imaginação, tudo passa por experiências interpessoais e pela inteligência coletiva.

O conhecimento na atualidade se dá em rede, num universo no qual os sujeitos e as textualidades, em diálogo, se envolvem em quaisquer projetos significativos, em todo obje-

to com sentido. A sociedade em rede, nos seus infinitos “nós”, é, em seu cerne, produtora de saber e de arte, sem restrições e sem papéis definidos. Na leitura de um texto escreve-se a vida de quem lê.

A expectativa do convívio, do diálogo entre autores e leitores, com a participação de editores, produtores culturais, professores, dirigentes educacionais e culturais, ampliou-se com a discussão sobre o tema “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”. Nós aceitamos o desafio de dialogar presencialmente, desde o início das Jornadas Literárias, com escritores nacionais e internacionais, por intermédio da leitura de obras que se destacaram e que continuam como destaque na crítica abalizada. Nós fomos tocados pela beleza da linguagem literária, pela plurissignificação no período de realização de cada edição.

Ao completar trinta anos de existência, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo agitou mais uma vez a cena literária em sua 14^a edição, com participação de escritores de todo o mundo: representantes de Portugal, da França, da Espanha, da África Portuguesa, da Inglaterra, da Tunísia, dos Estados Unidos, da Argentina e do Brasil. A Jornada de Literatura é realizada a cada dois anos e, mais uma vez, atraiu milhares de interessados do mundo das letras. Em trinta anos firmou-se como um dos mais importantes eventos do país de incentivo à leitura e à escrita, reunindo nomes consagrados e aproximando autores de todo o planeta e leitores em debates e conversas sobre os mais diversos temas referentes à literatura. O número de participantes em sua 14^a edição reuniu mais de 35 mil pessoas e, na somatória das três décadas, superou 150 mil. O número de escritores que já passou pelo evento atingiu a marca de 905, somando também a Jornadinha e os demais eventos paralelos.

As atividades das Jornadas abrangeram todos os segmentos de leitores, e o mais jovem recebeu atenção especial nessa edição. Além da 6ª edição da já tradicional Jornadinha Nacional de Literatura, destinada ao público infantojuvenil, em 2011, foi realizado o Simpósio Internacional de Literatura Infantil e Juvenil – “Literatura para crianças e jovens: por um novo pensamento crítico”. As atrações para o público jovem incluíram ainda a primeira *Jornight*, destinada à faixa entre 15 e 25 anos e que reuniu cerca de 1.500 pessoas.

Outra novidade nessa edição das Jornadas Literárias foi o aumento na premiação do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, que passou de R\$ 100 mil para R\$ 150 mil. Integraram ainda a programação da 14ª Jornada Literária de Passo Fundo o 10º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, com discussões sobre o tema “Culturas, leituras e interações: das comunidades orais às redes sociais”; o 4º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras; o 3º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos; e o 2º Seminário Internacional de Contadores de Histórias.

Certamente, no terceiro milênio, as Jornadas de Passo Fundo se integram conscientemente a uma era na qual o saber, o trabalho, a leitura e a imaginação passam por experiências interpessoais e pela inteligência coletiva. Por isso, a Jornada, na defesa da leitura para todos, propôs em sua história refletir sobre a arte em todas as suas formas, das manifestas pela oralidade popular às engendradas pelas mídias eletrônicas, das estabelecidas nas comunidades orais às distribuídas descontroladamente na sociedade em rede.

A programação da 14ª Jornada Nacional de Literatura reservou o espaço das noites para grandes conferências destinadas a um público adulto de cinco mil pessoas, aproximadamente, no Circo da Cultura. A presença da ministra da Cul-

tura, Ana de Hollanda, na abertura do evento constituiu-se num aval ao que se tem realizado em Passo Fundo pela Universidade de Passo Fundo e pela Prefeitura Municipal.

A primeira conferência foi desenvolvida pelo pesquisador Pierre Lévy, com o título “Horizontes do conhecimento na era digital”, estimulando os participantes da Jornada a entenderem esse novo processo de recepção e transmissão de cultura em que se vive, explicitando a relação entre mídia e cultura ao logo da experiência humana, o aumento da comunicação, a memória e o poder de computação.

Na sequência das grandes conferências, a contribuição de Cid Campos foi muito importante no desenvolvimento do tema “Um percurso musical através do *design* sonoro digital”, considerando seu conhecimento, sua formação e suas múltiplas experiências como músico, compositor e produtor musical. Demonstrou por meio de experiências exitosas o que vem executando com diversos artistas, como Augusto Campos, Adriana Calcanhotto, entre outros, um trabalho que se vale da tecnologia para dar novo formato a poesias e músicas.

A terceira grande conferência foi ministrada pelos jornalistas Roberto Dias (*Folha de São Paulo*), Rinaldo Gama (*O Estadão de São Paulo*), Eduardo Diniz (*O Globo*) e Pedro Dias Lopes (*Zero Hora*), que debateram questões em torno do tema “A comunicação do impresso ao digital”. Além de constituir poderoso meio de memória, de acervo de conteúdos, a comunicação, cumprindo a gênese humana de civilizações que se fizeram pela linguagem, se converte em poderosa força de invenção de realidades. Nunca os modos de vida estiveram tão intimamente relacionados com a cultura. A presença desses comunicadores comprova o interesse dos organizadores da Jornada, no conjunto das conferências, em formar um leitor competente para ler autônoma e criticamente no suporte digital.

A quarta conferência coube à professora Tania Rösing, intitulada “Leitura entre nós: 30 anos de Jornada”, a qual fez uma retomada da trajetória das Jornadas Literárias, seus desdobramentos exitosos pela formação de leitores.

Os palcos de debates realizados no turno da tarde, também no Circo da Cultura, reuniram convidados a partir de subtemas relacionados com o tema central. O primeiro – “Literatura e arte na era dos bits” – revelou as experiências, as ideias, as considerações críticas dos convidados Giselle Beiguelman, Marcia Tiburi, Mauricio de Sousa, Peter Hunt e Luisa Geisler (Prêmio Sesc de Literatura 2010), problematizando a experiência da instauração de uma nova realidade, nesse momento de transição histórica e social em que se vive, realidade essa que pode ser entendida como uma realidade virtual, em contraposição a uma “realidade real”. O segundo – “Identidade, literatura e cultura na globalização” – contou com a contribuição significativa de Gonçalo Tavares, Luiz Costa Lima, Maria Esther Maciel, Nilson Luiz May e Tatiana Salem Levy, debatendo as formas de sobrevivência da identidade diante da globalização e sua cultura de massa, assim como os benefícios e contribuições positivas desta para a construção daquela. Na sequência, as discussões giraram em torno de “Diálogo, mídias e convergências”, investigando as possibilidades de um diálogo entre o surgimento de mídias novas e da expressão literária tradicional. Essa possibilidade de convergência entre mídias tão díspares foi desenvolvida pelos convidados Edney Silvestre, Eliane Brum e Nick Montfort. Para encerrar esses palcos de debates, o quarto palco orientou-se pelo subtema “Formação do leitor contemporâneo”, desenvolvido fervorosamente, por meio de suas experiências de formação leitora desse novo leitor que transita entre o suporte livro e digital, buscando sempre uma leitura multimidiática, pelos

convidados Affonso Romano de Sant'Anna, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo e Kate Wilson.

Na 14ª Jornada Nacional de Literatura, o cartunista Paulo Caruso, que já participara de diferentes edições das Jornadas, juntamente com seu irmão Paulo Caruso, tanto como conferencistas como artistas, com apresentações da banda Conjunto Nacional, criou caricaturas ao vivo dos conferencistas e dos assuntos discutidos. Durante os debates no Circo da Cultura, os telões mostravam, a todo instante, os desenhos do cartunista, revelando seu olhar sobre os participantes e as temáticas abordadas.

Para as pessoas portadoras de necessidades especiais foram realizados três *workshops*: dois para cegos – Tecnologia assistiva: NVDA conexões sem limites –, desenvolvido por Carlos Fernando Petry, e para crianças – Contação de histórias, por Cibele da Costa Hubner; o terceiro – Representações sobre as identidades e a diferença surda no cinema – desenvolvido por Adriana da Silva Thoma.

Estão registradas, nesta obra, as falas de abertura, momento de se dar voz às representações dos distintos poderes públicos nas esferas municipal, estadual e federal, devendo-se destacar a presença da ministra de Estado da Cultura, senhora Anna de Hollanda. As fotografias permitem que se tenha uma noção da grandiosidade do evento em sua preparação na Pré-Jornada, no Festerê Literário, que desafia a população a receber os convidados de forma fidalga, hospitaleira, por sua multiplicidade e complexidade durante sua realização, nas exposições de arte, nos shows musicais, nos espetáculos teatrais, nas sessões de autógrafos, nos lançamentos de livros, nas sessões do Café Literário, todas essas ações como culminância bienal de uma movimentação cultural permanente que sintoniza educação, cultura e tecnologia.

A 14ª Jornada atingiu um público massivo, heterogêneo, entusiasmado pela leitura, proveniente de diferentes estados pertencentes, mais uma vez, a cinco regiões brasileiras, marcando de forma notável e inconfundível trinta anos de trabalho efetivo pela formação de leitores.

O ano de 2011 foi promissor, portanto, não apenas pelo sucesso em que se constituiu a 14ª Jornada Nacional de Literatura, mas também pela inauguração do Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta na Praça Antonino Xavier e Oliveira, enriquecendo esse espaço público como mais um largo da literatura no contexto da Capital Nacional da Literatura (lei nº 1.1267 de 02/01/2006), uma iniciativa do Instituto Roberto Pirovano Zanatta, com a participação de empresários passo-fundenses, da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal.

Assim, finalizamos os primeiros trinta anos das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Desejamos que essa iniciativa tão nobre, tão digna, tão transformadora possa continuar sua caminhada na persecução de propósitos tão elevados.

Os organizadores



Parte I

Abertura



Senhoras e senhores, boa-noite.

Muito boa-noite a todos os participantes desta 14ª Jornada Nacional de Literatura.

O Circo da Cultura engalana-se com a honrosa presença de todos os senhores, senhoras, jovens leitores que acolheram o convite da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal para celebrarmos juntos três décadas de movimentação cultural pela formação de leitores. É a 14ª edição das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Escritores, pesquisadores, contadores de histórias de 14 países, editores, livreiros, artistas plásticos, músicos, atores, patrocinadores e apoiadores culturais, sejam todos muito bem-vindos ao Circo da Cultura.

Esta sessão solene de abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura é ato desencadeador dos debates em torno do tema “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”. No terceiro milênio, as Jornadas de Passo Fundo se integram conscientemente a uma era, na qual o saber, o trabalho, a leitura,

a imaginação, tudo passa por experiências interpessoais e pela inteligência coletiva.

Toda movimentação cultural, que confere identidade às Jornadas, resulta do desenvolvimento de ações que harmonizam, em sua primeira fase, no binômio educação-cultura. Entretanto, os apelos cada vez mais desafiadores da tecnologia impõem que o binômio sustentador das ações das Jornadas tenham se transformado, nos últimos anos, no trinômio educação-cultura e tecnologia, atendendo às características dos neoleitores e dos leitores contemporâneos, da comunicação do impresso ao digital. Da leitura apresentada aos leitores em livros, e em novos suportes, como os *tablets*, esses que se constituem na segunda grande revolução tecnológica, a primeira foi à internet.

Os integrantes da Comissão Organizadora escolheram o tema “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias” para orientar os debates, que, certamente, serão muito profícuos. Ninguém permanece o mesmo ao contribuir com ideias importantes e pertinentes sobre um tema tão pujante, tão contemporâneo e desafiador, ao se apropriar de outras tantas ideias significativas.

Desejamos que todos se sintam protagonistas e não apenas figurantes dessa grande construção em que se constituirá a 14ª Jornada Nacional de Literatura.

Prestigiam esta sessão solene e de abertura da 14ª Jornada as seguintes autoridades nacionais e internacionais: Exma. Sra. ministra da Cultura, Ana de Hollanda, neste ato representando sua excelência a presidenta da República Dilma Rousseff; Exmo. Sr. secretário de Estado da Cultura, Sr. Luiz Antonio de Assis Brasil, neste ato representando o Exmo. Sr. governador do Estado Tarso Genro; magnífico reitor da Universidade de Passo Fundo, professor José Carlos Carles de Souza; Exmo. Sr. prefeito Municipal de Passo Fundo, Sr. Airton Lângaro Dipp; Exmo. Sr. presidente da Câmara

de Deputados, deputado Marco Maia; Exmo. Sr. presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Adão Villaverde; Ilmo. Sr. secretário executivo do Ministério da Cultura, Sr. Victor Ortiz; Exmo. Sr. presidente da Câmara Municipal, vereador Luiz Miguel Scheis; Exma. Sra. diretora do Fórum de Passo Fundo, juíza Lizandra Cericatto Villarroel; Exmo. Sr. secretário de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, Sr. Clóvis de Azevedo; Exmo. Sr. secretário de Estado de Infraestrutura e Logística, deputado Beto Albuquerque; Ilmo. Sr. vice-presidente da Academia Brasileira de Letras, acadêmico Domício Proença Filho; Sr. Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional; Sr. Flávio Lammer, vice-presidente do Banrisul; Ilmo. Sr. vice-prefeito de Passo Fundo, Rene Cecconello; Sr. comandante da CRPO do Planalto, coronel João Darci Gonçalves da Rosa; Sra. vice-reitora de Graduação da Universidade de Passo Fundo, professora Neuza Maria Henriques Rocha; Sr. vice-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, professor Leonardo José Gil Barcellos; Sra. vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, professora Lorena Terezinha Consalter Geib; Sr. vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro, Vitor Tavares da Silva Filho; Exmo. Sr. deputado federal Luiz Noé; Exmo. Sr. deputado federal Giovanni Chierini; Exmo. Sr. deputado federal Carlos Eduardo Vieira da Cunha; Exmo. Sr. deputado estadual Diógenes Bassegio; Exmo. Sr. deputado estadual Luciano Azevedo; Exmo. Sr. deputado estadual Gilmar Socella; Sr. Valdir da Silveira, representante do Conselho Estadual de Cultura; Sr. Ricardo Silvestrin, diretor do Instituto Estadual do Livro; senhores juízes, senhores prefeitos, senhores promotores. Senhores escritores, senhores diretores e professores, senhores representantes da imprensa. Queremos também agradecer a presença do Sr. Paulo Villela Ruschel, delegado regional de Polícia. E recebemos também mensagens de congratulações das pessoas e instituições a seguir relacionadas: Exma. Sra. presiden-

ta da República, Dilma Rousseff; Exma. Sra. senadora Ana Amélia Lemos; Exmo. Sr. ministro de Estado das Comunicações, Paulo Bernardo Silva; Sra. Karine Pansa, presidente da Câmara Brasileira do Livro; e ainda da Sra. Renilda Perez de Lima, diretora de programa do FNDE.

Esta festa da leitura e da literatura não teria sido realizada sem o apoio do Governo Federal, por meio da Lei de Incentivo à Leitura – mecenato, dos ministérios da Educação e da Cultura; do governo estadual, com o financiamento da Lei de Incentivo à Cultura, com o apoio das secretarias de Estado da Educação, da Cultura e de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. A Lei de Incentivo à Cultura – mecenato, viabilizou o patrocínio cultural da Petrobras, Eletrobras, Banrisul, Grupo Ceee, Sesi – Conselho Nacional, Eletrobras, BNDES, OI, Anbev, Braskem, Coca-Cola, Fonte Ijuí, Colombo, RGE, Companhia Zaffari & Bourbon, Hospital São Vicente de Paulo, BS Bios, Farmácia São João, Banco do Brasil, Grupo Grazziotin, Unimed Rio Grande do Sul, Italac, Clínica Kozma, Hospital da Cidade, Oniz Distribuidora, Comercial Azambuja.

E de apoiadores, como Cioff, Oi Futuro, Correios, Sesc/RS Sistema Fecomércio, Sesc SP, Capes, Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Sindicato Nacional dos Editores dos Livros, Trevisan Part, Fapergs, Câmara Brasileira do Livro, Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), Câmara Rio-Grandense do Livro, Cexeci, Guaracar, São Silvestre Pálace Hotel, Maitá Pálace Hotel.

Foi fundamental também a parceria desenvolvida com as editoras Agir, Arquipélago, Artes e Ofícios, Atual, Ática, Companhia das Letras, Cállis, Cosac Naify, Record, Edelbra, UPF Editora, Galera Record, Global, Maneco, Melhoramentos, Moderna, Nova Fronteira, Paulinas, Paulus, Saraiva, Sipiione e Edições SM, Corag.

Queremos ainda registrar a presença do Sr. Everton Delavecchia, diretor regional do Sesc/RS.

Tanja Rösing



“Pelo espaço-tempo, viaja a palavra deletando os vácuos do esquecimento nas placas de barro de antigos sumérios chega ao livro impresso, salta pra internet.”

É nessa condição de leitores que circulam entre o livro impresso e os textos apresentados em distintos suportes eletrônicos, chegando ao *tablet*, a revolução na leitura, o novo jeito de ler, que saudamos a todos os senhores e senhoras aqui presentes, em nome da mulher, ministra da Cultura, Ana de Hollanda, a quem eu peço o maior aplauso desta noite. Estamos aqui mais uma vez porque acreditamos no poder da palavra, da palavra que transforma, da palavra que modifica, da palavra que torna melhor as nossas vidas, as nossas famílias, os lugares onde trabalhamos e o compromisso que temos de transformar o nosso país. Em nome dos integrantes da Comissão Organizadora e da Comissão Executiva Interinstitucional, desejamos saudar a todas as autoridades internacionais e nacionais aqui presentes nesta sessão solene e de forma especial

o representante do governo do estado do Rio Grande do Sul, secretário da Cultura, Luiz Antonio de Assis Brasil, pelo apoio à realização do evento; ao governador Tarso Genro, pelo empenho de viabilizar essa Jornada. O secretário de Educação professor José Clóvis de Azevedo, que retoma o caminho de respeito aos professores estaduais, liberando-os do ponto para estarem aqui nesta noite. Estavam proibidos de participar da Jornada e de outros eventos, agora estão podendo participar de todos, para aprimorarem-se pessoal e profissionalmente. Queremos agradecer ao querido, muito querido, secretário de Estado de Infraestrutura e Logística do Rio Grande do Sul, Beto Albuquerque, amigo de muitos anos, amigo de todas as horas, amigo de muitas Jornadas Literárias. Ele que tem se empenhado na árdua tarefa de convencer empresários, dirigentes governamentais, empresas estatais, responsáveis por instituições de distintas naturezas, a destinarem, não apenas apoio moral, precisamos de apoio financeiro, para fazer a festa da literatura. Ele tem feito isso e nós agradecemos publicamente todo esse esforço. O deputado estadual Luciano Azevedo, que também não mediu esforços para conseguir o apoio da Assembleia Legislativa, juntamente com o presidente Adão Villaverde. De forma muito especial, ao presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Sr. Galeno Amorim; ao competente e sensível secretário executivo do Ministério da Cultura, Victor Ortiz, que, junto com sua excelência a ministra Ana de Hollanda, viabilizou o apoio financeiro, proveniente do Fundo Nacional de Cultura, para a 14ª Jornada de Literatura. Em trinta anos de Jornadas, senhora ministra, nunca tivemos nenhum ministro da Cultura aqui. Ninguém se dignou a prestigiar os professores, precisou uma mulher grandiosa de berço, de berço da erudição, para apoiar a cultura, a literatura e as artes em geral. Queremos agradecer também ao ministro da Educação, Dr. Fernando Addad, que, ao lado do então diretor

do FNDE, Dr. Daniel Balaban, e do secretário executivo do MEC, Sr. José Henrique Paim, viabilizou recursos volumosos para, inclusive, a gratuidade de inscrições neste evento. Queremos agradecer aos deputados Luiz Noé e Carlos Eduardo Vieira da Cunha e às suas valorosas equipes, seus assessores, que nos aguentaram, que nos levaram de porta em porta para conseguirmos apoio. Estimados escritores, a presença de vocês me enche de esperança, a presença dos senhores editores me enche de certeza, a presença dos senhores livreiros me enche mais de sensibilidade, a presença dos pesquisadores me dá a certeza da continuidade dos estudos na área da leitura, a presença dos empresários, dos representantes das estatais, das instituições não governamentais, que viabilizaram este evento para que fosse inesquecível. Vocês são muito maravilhosos. Muito obrigada pela sensibilidade. E agora, não trabalhamos para nós, não trabalhamos para dentro, trabalhamos para fora, trabalhamos para os leitores, para os que já são leitores e para os que se transformarão em leitores. Esse é o trabalho interinstitucional de uma equipe valorosa, séria, que põe o seu trabalho a serviço da comunidade. Estamos tendo, após seis anos, o apoio da Lei de Incentivo à Cultura Estadual. Após seis anos! Obrigada, Luiz Antonio, obrigada, Valdir. Estamos tendo esse apoio para a Jornada e continuamos com a Lei de Incentivo à Cultura Mecenato. Obrigada, ministra, obrigada, Vitor Ortiz, por esse presente às Jornadas. Agradecemos às pessoas que levantaram este circo, que montaram toda a estrutura, que enfrentaram o frio, a chuva, o vento e permitiram que nós estivéssemos aqui nesta noite. Muitos não estão aqui. Eu quero homenagear o Sr. Chandito, que é o homem que entende da montagem da lona, em nome de todos os operários que construíram este momento. Nada melhor do que o frio para contrastar com o calor da nossa emoção dos nossos corações. Estamos vivendo essa atmosfera diferente em meio à

interconexão entre diferentes manifestações culturais, artísticas, literárias e tecnológicas. Continuamos a trilhar o mesmo caminho de há trinta anos, formar leitores multimídiais, críticos, cidadãos. Nosso compromisso é com as crianças, com os jovens, com os professores, com os bibliotecários, com os agentes culturais. Estamos batalhando e trabalhando juntos pela melhoria do nosso país. A seleção do tema norteador pela Comissão Organizadora, “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”, permitiu que déssemos um passo seguro em direção à consolidação da Jornada. Precisamos debater quais os rumos da literatura, do teatro, do grafite, da dança, da arquitetura, da fotografia, da escultura, no contexto das imposições da tecnologia. Precisamos nos conscientizar, enquanto professores, que não é mais possível trabalhar sozinhos. Gente amiga do livro, da leitura, da literatura, das artes, das ferramentas tecnológicas, nada, nada, nenhum obstáculo foi maior do que realizarmos este encontro literário. Estamos aqui porque enfrentamos juntos, a comissão, toda sorte de problemas, mas nenhum deles, jamais, em trinta anos, foi maior do que o valor da leitura e da literatura. Temos o dever de sair daqui mais transformadores. Vivemos tempos felizes, mas precisamos trabalhar com muita seriedade para conseguirmos melhorar a educação, a alfabetização cultural das diferentes classes e a alfabetização tecnológica de que necessitamos. Estamos felizes com a honrosa presença de todos e todas. Muito obrigada pelo compromisso de cada um com o nosso país. Respeitável público, o circo da cultura se abre e o espetáculo das letras, das artes e da tecnologia vai começar.

Mestre de cerimônias – Já começamos a viver as emoções da 14^a Jornada Nacional de Literatura. Celebramos os escritores, os artistas, os pesquisadores, a leitura, a literatura, os leitores, a música, a dança, o teatro, a fotografia, a pintura, a escultura, a arquitetura, as artes em geral. Que-

remos vivenciar também o clima de diálogo no contexto da convergência das mídias. O Circo da Cultura se amplia para acolher a todos com muita alegria. Aproveitamos o momento para informar que a música, tema da 14ª edição das Jornadas Literárias de Passo Fundo, é de autoria de Paulo Becker e de Humberto Gessinger. Que a equipe responsável pelo palco integra o Conselho Internacional das Organizações de Festivais Folclóricos (Cioff) – e Artes Tradicionais. Convidamos as seguintes autoridades para ocuparem os seus lugares no palco: magnífico reitor da Universidade de Passo Fundo, Exmo. Sr. prefeito municipal de Passo Fundo, Sra. Ana de Hollanda, ministra de Estado da Cultura. Convidamos também o Exmo. Sr. Luiz Antonio de Assis Brasil, secretário de estado da Cultura; Exmo. Sr. deputado Marco Maia, presidente da Câmara de Deputados; Exmo. Sr. deputado Adão Villaverde, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul; Exmo. Sr. vereador Luiz Miguel Scheis, presidente da Câmara Municipal de Passo Fundo; Exma. Sra. juíza Lizandra Cericatto Villarroel, diretora do Fórum de Passo Fundo; professora Dr^a Tania Rösing, coordenadora das Jornadas Literárias; Exmo. Sr. José Clóvis de Azevedo, secretário de Estado da Educação do Rio Grande do Sul; Exmo. Sr. Beto Albuquerque, secretário de Estado de Infraestrutura e Logística; acadêmico Domício Proença Filho, vice-presidente da Academia Brasileira de Letras, representando o Sr. Marcos Vinícios Rodrigues Vilaça, presidente da Academia Brasileira de Letras; Sr. Galeão Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional; Sr. Manuel José de Lara Ródenas, vice-reitor da Universidade de Huelva, Espanha; Sr. Victor Ortiz, secretário executivo do Ministério da Cultura; Sra. Maria Delmar Campos Fernandes, representante da Red de Universidades Leitoras, Espanha.

José Carlos Carles de Souza



Exma. Sra. ministra de Estado da Cultura, Ana de Hollanda, neste ato representando a Exma. Sra. presidenta da República, Dilma Rousseff; Exmo. Sr. secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, Luiz Antonio de Assis Brasil, neste ato representando o Exmo. Sr. governador do Estado, Tarso Genro; estendemos esta saudação aos demais secretários de Estado aqui presentes, secretário de Estado da Educação, José Clóvis de Azevedo; secretário de Estado de Infraestrutura e Logística, deputado Beto Albuquerque; Exmo. Sr. prefeito municipal de Passo Fundo, engenheiro Airtton Lângaro Dipp; Exmo. Sr. presidente da Câmara de Deputados, deputado Marco Maia e em seu nome também saudamos os deputados federais, Luiz Noé, Giovani Chierini e Carlos Eduardo Vieira da Cunha. Exmo. Sr. presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Adão Villaverde, estendemos essa saudação ao deputado Luciano Azevedo; Exmo. Sr. presidente da Câmara Municipal de Vereadores, vereador Luiz Miguel Scheis. Saudamos os vice-reitores, os diretores de unidades e os funcionários da UPF. Sr.

vice-presidente da Academia Brasileira de Letras, acadêmico Domício Proença Filho. Saudamos ainda as demais autoridades já destacadas pelo protocolo, que dão um brilho especial e atestam a importância deste movimento cultural, no cenário nacional e internacional. Senhores escritores, senhores professores, senhores representantes da imprensa. Senhoras e senhores. A história do povo gaúcho possui inúmeras passagens heroicas, cujos personagens, cada um ao seu tempo e ao seu modo, demonstraram coragem e tenacidade para defender com muita garra, ideais e propostas que se revelavam avançadas e emancipatórias para os cidadãos. Ao longo dos tempos, o Rio Grande do Sul contou com expressivos líderes, que, conscientes das aspirações do seu tempo e espaço, defenderam os seus ideais com convicção, sempre prontos a iniciar uma revolução, caso fosse necessária. Foram movimentos que envolveram a todos e sempre estiveram vinculados à defesa dos valores democráticos e da liberdade. Essas lutas não acabaram. De fato, em cada época surgem pessoas idealistas, visionárias, inconformadas com o cotidiano, e dispostas a enfrentarem novos desafios, sobretudo aqueles ligados à educação e à cultura da sociedade. Esse binômio, que deveria estar ao alcance de todos na sociedade, de modo geral, foi e ainda é, propositalmente, esquecido pela classe dirigente. Por consequência, poucos cidadãos alcançam os benefícios do acesso à educação e à cultura, enquanto a maioria permanece, praticamente, alienada. Particularmente no Rio Grande do Sul, durante muito tempo, essa realidade inquietava professores e intelectuais, pois os raros encontros culturais que permitiriam uma reflexão crítica sobre nossa realidade ficavam restritos aos grandes centros. No início da década de 1980, entretanto, em Passo Fundo, na região do Planalto Médio rio-grandense, mais precisamente na Universidade de Passo

Fundo, emergiu a ideia de promover uma movimentação cultural, que envolvesse professores e alunos de todos os níveis de ensino, bem como a comunidade da região, num processo de reflexão crítica, por meio da leitura. Esse desejo foi tema da conversa da professora Tania com o escritor Josué Guimarães. Com o respaldo desse nosso grande escritor, nascia então a proposta de realização, no interior do Rio Grande do Sul, de um movimento diferente, que incentivasse a leitura de obras literárias e possibilitasse a interação dos leitores com os escritores. Era aquela também uma ideia revolucionária, visto que daria início a um extraordinário movimento cultural no Rio Grande do Sul e trazia no seu fundamento os mesmos valores democráticos e libertários, que sustentaram tantas outras lutas bem sucedidas no nosso Estado. A novidade, que atrevidamente chamamos de “revolução das letras”, consistia na democratização da educação e da cultura, mais precisamente fundava-se na proposta das Jornadas Literárias de Passo Fundo, ou seja, a defesa do livro e da literatura para todos. Essa revolução tem na sua gênese a disposição e a coragem de seus protagonistas e idealizadores, o pertinaz Josué Guimarães e a obstinada Tania Rösing. Contando com toda a equipe de voluntários e colaboradores abnegados, que souberam arremeter ao longo dessa trajetória de trinta anos, formando um verdadeiro exército em defesa do direito de todo o cidadão de ter acesso à leitura e à cultura. Com essa ousada proposta, imaginava-se que, aproximando os leitores dos livros e dos escritores, seria possível estabelecer uma estratégia para a formação de uma sociedade leitora e crítica. O projeto foi acolhido pela Universidade de Passo Fundo e já, quando da realização da primeira Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, percebeu-se que a iniciativa fora acertada. Assim, com destemor partiu-se para a Jornada Nacional de

Literatura. Relembrar o início das atividades é também relembrar as dificuldades, entretanto, a proposta foi sendo reconhecida e concretizada a cada edição. Ao longo da caminhada, muitos foram os benfeitores que se agregaram ao movimento. Primeiramente, reiteramos a participação da Universidade de Passo Fundo, instituição de ensino superior, comunitária e filantrópica, mas que encontrou na parceria com setores públicos e a iniciativa privada a fonte de recursos para viabilizar a realização das Jornadas Literárias como promotora. A partir do momento em que passou a integrar o evento, o município de Passo Fundo teve participação destacada, figurando também como promotor das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Merece ser salientado aqui, de modo especial, o empenho pessoal do prefeito Airton Lângaro Dipp, ao acompanhar os contatos mantidos pela Coordenação Geral, os órgãos federais e estaduais, visando angariar os recursos necessários para viabilizar a realização deste evento. Ainda, a Prefeitura Municipal, por intermédio de suas respectivas secretarias, participou de todas as ações programadas na cidade e região ao longo do ano, envolvendo alunos e professores, bem como a comunidade em geral, como no Largo da Literatura e nos diversos quiosques de leitura espalhados nas praças públicas da nossa cidade. O envolvimento municipal, nesses vários espaços culturais, Sr. prefeito, torna concreta a proposta das Jornadas Literárias de democratizar o acesso ao livro e à leitura. Somos gratos por tudo, prefeito Dipp, na certeza de que juntos estamos ampliando o número de leitores e construindo uma sociedade leitora, livre, crítica e emancipada. Reconhecimento desse trabalho cultural e de expressivos resultados proporcionou ao nosso município os títulos de Capital Nacional da Literatura e Capital Estadual da Literatura, decorrentes de iniciativa dos deputados Beto Albuquerque

na esfera federal e Luciano Azevedo no Rio Grande do Sul. A ilustre presença da Exma. Sra. Ana de Hollanda, ministra da Cultura, aqui representando também sua excelência a presidenta da República Sra. Dilma Rousseff, na solenidade de abertura, distingue e honra a organização e todos os participantes desse evento. Do mesmo modo, a presença destacada do deputado Marco Maia, presidente da Câmara de Deputados, e dos demais deputados que prestigiam esta sessão, demonstra a sensibilidade dos parlamentares para as questões educacionais e culturais do nosso país. Saudamos também a presença do secretário de Estado da Cultura, Luiz Antonio de Assis Brasil, aqui também representando o governador de estado do Rio Grande do Sul, Sr. Tarso Genro, e do secretário de Estado de Educação, José Clóvis de Azevedo, pois ambos são titulares de secretarias diretamente vinculadas com os propósitos deste movimento cultural. De modo muito especial, saudamos a presença do secretário de Estado da Infraestrutura, deputado Federal Beto Albuquerque, figura ilustre no cenário das Jornadas Literárias de Passo Fundo. O deputado Beto sempre foi um colaborador e entusiasta do movimento cultural. A sua dedicação nas iniciativas das Jornadas e as constantes gestões junto aos órgãos federais e estaduais são motivo de orgulho para todos nós. Somos gratos pelo seu empenho pessoal e reconhecemos o seu trabalho em prol desta atividade e de nossa comunidade. Saudamos efusivamente a presença do presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, deputado Adão Villaverde, que empresta o prestígio do parlamento gaúcho. Estendemos essa saudação, ao deputado estadual Luciano Azevedo aqui presente, a quem rendemos também os nossos agradecimentos pelo trabalho e as nossas homenagens. Queremos saudar ainda, novamente, o Sr. prefeito municipal de Passo Fundo, o engenheiro Airton Lângaro

Dipp, aproveitando essa oportunidade para destacar sua colaboração e enaltecer a sua liderança no cenário político local, estadual e nacional. Identificamos nas atitudes de vossa excelência um exemplo de homem público, cioso de suas obrigações e extremamente sensível aos anseios da comunidade. Pela sua constante participação nas atividades das Jornadas Literárias e pela parceria nas questões de interesse da Universidade de Passo Fundo. Receba, prefeito, o nosso reconhecimento e o nosso abraço. Passadas três décadas de seu início, esse magnífico movimento se apresenta vigoroso, atualizado e em franca evolução, permitindo a participação dos diferentes públicos, interagindo com as mais variadas linguagens e mídias, a fim de cumprir com o seu propósito: formar leitores críticos numa sociedade em constante transformação. Por certo, sentimentos magnânimos envolvem essa ação cultural e enobrecem a todos que dela participam, alunos, professores, escritores e o público em geral. São os agentes das Jornadas Literárias, que a cada edição amplia o número de presenças no Circo da Cultura. Todavia, o movimento cultural ganha expressiva dimensão quando computadas as participações de milhares de pessoas, adultos e crianças, nas várias atividades desenvolvidas entre as edições, priorizando a democratização do acesso ao livro e à literatura. Aquele sonho de outrora, acalentado por vários autores, ao longo desses trinta anos, proporcionou significativo sucesso não só para a Universidade de Passo Fundo, mas, sobretudo, para a sociedade passo-fundense, uma vez que essa revolução cultural concretizou a formação de uma comunidade leitora em multimeios. Somos gratos a Josué Guimarães, à equipe de professores e funcionários da Universidade de Passo Fundo e, especialmente, à coordenadora geral das Jornadas Literárias, professora Tania Rösing, a quem manifestamos o nosso reconhecimento e a

nossa gratidão. E é com este sentimento e com esta motivação que em nome da Universidade de Passo Fundo, agradecemos a presença de todas as autoridades, aos patrocinadores, aos escritores e aos participantes do maior movimento cultural e literário da América Latina. Sejam todos bem-vindos à Universidade de Passo Fundo. Sejam todos bem-vindos à Jornada Nacional de Literatura. Muito obrigado.

Adão Villaverde



Boa-noite a todos. Queria, em nome da ministra Ana de Hollanda, em nome da professora Tania e toda a coordenação do evento, em nome do prefeito Dipp, em nome do presidente da Câmara, Marco Maia, do meu amigo Beto Albuquerque, pedir para saudar a todas as autoridades e dizer para todos vocês que a Assembleia Legislativa tem uma honra enorme, mais uma vez, em estar apoiando mais uma Jornada de Literatura de Passo Fundo, mais uma Jornada nacional, uma Jornada internacional como vimos aqui. Estar aqui, Tania, mais uma vez é como estarmos frente a uma daquelas literaturas que nós gostamos, quando nós a pegamos, baixamos a cabeça e só largamos depois que a concluímos e nos sentimos com aquela vontade clássica de logo sair procurando alguém, professor Assis Brasil, para poder comentar, para poder conversar, para poder debater, enfim, socializar com as pessoas aquele sentimento. A Jornada de Literatura em breves trinta anos, muito pouco tempo no ponto de vista histórico, tenho certeza, acumulou um capital enorme para o futuro da nossa

juventude, para a nossa geração, para as que vão nos seguir, mas sobretudo para este país e para o mundo. Ministra, sua presença aqui coroa este extraordinário momento e esse enorme significado que tem a Jornada para todos nós. Boa-noite e uma grande Jornada para todos.

Marco Maia



Boa-noite, gente. Como dizem, a gente tem que falar de pé para ser visto, alto para ser ouvido e pouco para ser aplaudido. Então, vamos falar pouco aqui. Eu queria, na verdade, saudar a Ana de Hollanda, nossa ministra e, ao saudá-la, saudar a todas as autoridades que aqui estão presentes. Queria também saudar de forma muito carinhosa, como homenagem, ao nosso querido Luiz Antonio Assis Brasil, escritor e talvez o nosso escritor mais nobre deste estado do Rio Grande e que tem obras belíssimas, como *Cães da província*, *Videiras de cristal*, *O castelo no pampa*. Então, queria te saudar, Luiz Antonio Assis Brasil, porque acho que você representa um pouco da cultura e da literatura do nosso Estado. Eu podia falar aqui de várias coisas, da minha experiência enquanto leitor. Eu comecei lendo *Tio Patinhas*, depois passei para o Monteiro Lobato, até chegar no Luiz Antonio Assis Brasil. Tania, como tu mesmo disseste, de louco todos nós temos um pouco, e na literatura é preciso muita loucura para poder escrever, para poder expressar em atos, em gestos de escrita, aquilo que é

a nossa vida. Eu acho que nós não poderíamos, de forma alguma, deixar de prestar uma homenagem a uma pessoa que tem ajudado muito estas Jornadas Literárias e que na verdade é quem merece aqui falar em nome, ele estava me dizendo no ouvido o que eu devia dizer aqui. Eu quero chamar então, como um gesto de loucura literária, o meu colega e amigo Beto Albuquerque para falar aqui em nome da Câmara de Deputados, você que tem contribuído tanto com as Jornadas Literárias. Viva a literatura, viva a Jornada Literária.

Beto Albuquerque



Uma boa-noite para todos e todas. Na realidade, o Marco Maia é o meu presidente da Câmara de Deputados. Tania, estamos dando a grande oportunidade de dizermos, nós precisamos, meu querido Marco Maia, que esta Jornada passe a integrar o calendário permanente de eventos do Ministério da Educação, em homenagem à sua tradição e também como forma de financiar este grande desafio maravilhoso, este entrevero cultural que nós fazemos aqui em Passo Fundo. Muito obrigado, ministra, por estar aqui, de coração, uma honra, a todos vocês que são a razão da realização desta nossa 14ª Jornada Nacional de Literatura. Não fossem tantos, homens e mulheres, apaixonados pelos livros e pela leitura, como a Tania, não estaríamos hoje celebrando trinta anos. Viva a Jornada Nacional de Literatura.

Luiz Antonio de Assis Brasil



Boa-noite. Senhora ministra da Cultura, em nome de quem saúdo a todas as autoridades aqui presentes. Trago a palavra do governador Tarso Genro, essa não é uma palavra vazia, porque Tarso Genro é um escritor, é um poeta de livro publicado, é um contista de livro ainda não publicado, mas eu creio que, com a minha insistência, ele vai publicar o livro de contos. É uma pessoa, portanto, do ramo, inteiramente conhecedor da literatura e tudo o que ocorre na área do livro no nosso estado, no nosso país e internacionalmente. É um grande interlocutor, é uma pessoa que realmente merece a melhor consideração, e foi aquele homem que, Tania, recorda na nossa reunião, estava o secretário José Clóvis, em que foi pedido ao governador que a Secretaria de Educação liberasse o ponto dos professores. O governador ficou absolutamente pasmo com a interdição que havia para os professores poderem vir à Jornada de Passo Fundo. E, na mesma hora, o secretário José Clóvis tomou as providências necessárias para que isso acontecesse. Portanto, trago esta mensagem do governador

de afeto, de carinho pela literatura e, principalmente, Tania, por este trabalho que tu fazes junto com a comunidade, junto com a Prefeitura Municipal, junto com a Universidade, junto com a Câmara de Vereadores e junto com todas as entidades de Passo Fundo, que sabem valorizar o livro, que tornaram Passo Fundo a Capital Nacional da Literatura. Parabéns, trinta anos, vamos comemorar. Muito obrigado.

Ana de Hollanda



Exmo. Sr. Marco Maia, presidente da Câmara dos Deputados do Rio Grande do Sul; Sr. Luiz Antonio Assis Brasil, secretário de Estado da Cultura; Exmo. Sr. Airton Lângaro Dipp, prefeito Municipal; magnífico reitor professor José Carlos Carles de Souza; Exmo. Sr. Adão Villaverde, presidente da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul; Sr. Vitor Ortiz, secretário executivo do Ministério da Cultura; Sr. vereador Luiz Miguel Scheis, presidente da Câmara Municipal; Exma. juíza Lizandra Cericatto Villarroel, diretora do Fórum de Passo Fundo; Sr. acadêmico Domício Proença Filho, vice-presidente da Academia Brasileira de Letras; Sr. Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional; minha querida professora Tania Rösing, vice-reitores, diretores, professores, prefeitos regionais, deputados, vereadores, escritores, leitores, amantes do livro, artistas, enfim, senhoras e senhores. Eu estou muito contente de estar aqui, muito lisonjeada por tudo que foi dito, estou também muito feliz por estar aqui representando a presidenta Dilma Rousseff. Ela,

com certeza, pediu-me que viesse representá-la também, porque reconhece a importância desta Jornada Literária, que está comemorando trinta anos. É um momento especial aqui no Rio Grande do Sul, terra onde ela tem, teve uma vivência muito grande, muito próxima dela e por tudo o que representa, por tudo o que esta Jornada existe há trinta anos. Nasceu de um movimento da Universidade, da professora Tania e do nosso homenageado, o escritor Josué Guimarães, que deveria estar aqui, mas está de certa forma junto com todos nós, no coração de todos nós, porque estamos falando de palavras, estamos falando de livro, de literatura. Quando penso na literatura, começo lembrar também esta Jornada. Comecei a lembrar, agora, que eu conheci o Rio Grande do Sul, na verdade, através da literatura. Eu, garota, em São Paulo, senti o Rio Grande do Sul, visualizei o Rio Grande do Sul, senti esse frio daqui, os costumes deste povo através da literatura. Através da literatura a gente consegue ampliar os horizontes mesmo, isso não é só no sentido figurado, porque a gente começa a compreender muito mais o que pensam ou como vivem os outros povos. A gente consegue também desenvolver a capacidade de avaliação, de questionamento, a capacidade crítica, o imaginário; a gente se envolve nisso tudo. Mas o fato é que, depois deste espetáculo fantástico a que a gente assistiu, eu fico completamente sem graça de estar falando, não porque fiquei sem palavras depois do espetáculo, mas porque sei que vocês estão aqui não para ouvir nossas palavras, a palavra aqui está com os escritores, os escritores que têm vindo para as Jornadas nesses trinta anos, nessas edições todas. Escritores do Brasil todo, os grandes nomes da nossa literatura e também escritores de outros países da América, da Europa e até da África têm vindo para cá, para Passo Fundo, que é agora a Capital Nacional da Literatura. Então, eu só queria

cumprimentar e dizer que a palavra mesmo está com eles, está com vocês que vão usar da palavra, vão dissecar a palavra, vão discutir a palavra, a construção das frases, a construção das palavras, e vão buscar o sentido de palavras. Então, eu acho que a minha palavra neste momento é mais do que dispensável. Eu agradeço a vocês a atenção e desejo muita boa sorte e sucesso para esta e todas as próximas Jornadas Literárias de Passo Fundo. Obrigada.

Luiz Miguel Scheis



Muito boa-noite a todos os senhores e senhoras. Quero saudar, neste momento, a ministra Ana de Hollanda. Eu até tomei uma aula de português antes de me dirigir à nossa ministra Ana de Hollanda, que representa, nesta oportunidade, a presidenta Dilma Rousseff, e para quem não sabe, eu quero repartir com os senhores, a nossa ministra é irmã de um ídolo de todos nós, Chico Buarque de Hollanda, o qual eu gostaria de saudar, e dizer da satisfação, ministra, de recebê-la em nossa cidade. Saudar também nosso prefeito Airton Dipp, em nome dele e da secretária Vera Vieira, saudar a todos os secretários municipais, saudação muito especial ao deputado Marco Maia, que representa aqui o Congresso Nacional; deputado Adão Villaverde, que representa a Assembleia Legislativa; o nosso reitor da universidade José Carlos Carles de Souza; o representante e escritor secretário Luiz Antonio de Assis Brasil, que representa aqui o nosso governador do Estado, e agradecer à professora Tania Rösing, pelo que faz

há muitos anos, e o faz com maestria. Quero, em teu nome, Tania, cumprimentar a toda a Comissão Organizadora desta 14ª edição da Jornada Nacional de Literatura e cumprimentar a cada um e a cada uma dos artistas que proporcionaram a todos nós, nesta noite, um momento indescritível, dizendo da satisfação, em nome da comunidade de Passo Fundo, em nome da população, em nome dos vereadores do Poder Legislativo de Passo Fundo, desejar a todos, Beto Albuquerque, parabenizar a você, não poderia deixar de agradecer, por ter proporcionado a nós, passo-fundenses, esse título Capital Nacional da Literatura. Muito obrigado, em nome do Legislativo de Passo Fundo.

Airton Lângaro Dipp



Saudando a ministra da Cultura Ana de Hollanda, o presidente da Câmara Federal deputado Marco Maia e o presidente da Assembleia Legislativa deputado Adão Villaverde, eu quero cumprimentar a todas as autoridades que compõem aqui o palco desta nossa Jornada. Saudando o reitor José Carlos Carles de Souza, da nossa Universidade de Passo Fundo, e a coordenadora da Jornada Nacional, professora Tania Rösing, eu quero cumprimentar a todos os presentes, de forma muito especial os escritores, os professores e leitores de um modo geral. Como prefeito Municipal de Passo Fundo, eu quero dar as boas-vindas às nossas autoridades, aos escritores, aos professores da nossa região. É uma satisfação imensa, ministra, recebê-la no município de Passo Fundo, juntamente com o presidente da Câmara Federal e o presidente da Assembleia Legislativa. Nós queremos, quando comemoramos trinta anos da Jornada Nacional de Literatura, fazer dois registros. O primeiro é em relação à nossa universidade co-

munitária, Universidade de Passo Fundo, que, sediada em nossa cidade, atua em toda a região Norte do Estado, levando educação, cultura, formação profissional à nossa gente. E esta universidade teve a capacidade de inovar, lançando as Jornadas Literárias, uma movimentação cultural. Com muita dedicação e muita intensidade, representa de fato a própria universidade e a própria cidade para o Brasil inteiro. Da mesma maneira, registrar, parabenizar e homenagear a nossa coordenadora professora Tania Rösing. Ela de fato é a grande criadora, grande trabalhadora, com muita qualidade e com muita inteligência e que significa para Passo Fundo muito em termos culturais. Eu tenho dito que a Jornada confunde-se, permanentemente, com a nossa universidade, mas muito com a professora Tania Rösing. Homenageando a nossa universidade e a professora Tania Rösing, eu quero agradecer a presença de todas as autoridades e dizer que Passo Fundo de fato está de parabéns, porque é a Capital Nacional da Literatura, com muita justiça, por tudo aquilo que a nossa universidade está fazendo em termos de fomento à leitura no nosso país. Muito obrigado.

ENTREGA DO LIVRO 30 ANOS DE JORNADAS LITERÁRIAS



Entrega do livro 30 anos de Jornadas Literárias. Da esquerda para a direita: Solange Lopes Brezolin , Tania Rösing e Miguel Rettenmaier

Tania Rösing – Eu quero chamar o colega professor Miguel Rettenmaier e a colega professora Solange Lopes Brezolin para subirem ao palco, a fim de que participemos deste momento de homenagem.

Pensamos muito, o que seria o troféu para comemorar trinta anos de Jornadas. Temos já o troféu Vasco Prado, entregue a todos os escritores que participam das Jornadas. Escolhemos o melhor troféu para homenagear as autoridades que estão aqui, os patrocinadores. Miguel, Solange e Liana Lângaro, construímos, junto com mais professores e a partir

de um projeto gráfico, coordenado por Fábio Vieira, o livro dos *30 anos das Jornadas Literárias*, edição comemorativa que tem dois volumes. O primeiro – *Estudos* –, diz respeito a uma abordagem teórica do que representam esses trinta anos da Jornada; o segundo – *Flagrantes* –, fotos e depoimentos de 184 escritores que por aqui passaram. Eu convido, então, o Miguel a iniciar a entrega à ministra Ana de Hollanda e a Solange a continuar a entrega às autoridades aqui presentes. O melhor para todos, o melhor troféu, são livros.



Livro *30 anos de Jornadas Literárias*

HOMENAGEM A JOSUÉ GUIMARÃES (IN MEMORIAM)

Josué Guimarães



O escritor homenageado desta 14ª Jornada Nacional de Literatura é Josué Guimarães *in memoriam*.

Nascido em 1921, em São Jerônimo, Josué Guimarães foi um dos jornalistas mais atuantes do Brasil. Sua morte foi em 1986. Integrou-se à imprensa ainda muito jovem, exercendo múltiplas funções, de repórter a cronista, de ilustrador a correspondente internacional. Suas convicções políticas foram responsáveis por grande parte de sua energia profissional e, por força de tais convicções, denunciou e discutiu, no jornalismo, os problemas de seu tempo. Da mesma forma como exerceu no curto espaço de um mandato a função de vereador, em Porto Alegre, pelo PTB, em 1951, chegando à vice-presidência da Câmara.

O panorama político de um país, repetidamente convulsionado por crises, impôs a Josué uma vida de muitas tensões, principalmente após o golpe militar. A partir de 1964, quando ainda exercia a direção da Agência Nacional do governo João Goulart, passou a ser perseguido, o que o obrigou a viver na clandestinidade até 1969, quando foi descoberto pelos órgãos de segurança da ditadura. O silenciamento imposto pelo regime não suprimiu a visão combativa de Josué. Em plena década de 1970, nos anos de maior repressão, produziu literatura, escrevendo romances e contos de forte conteúdo social. Escreveu, entre outras obras, *A ferro e fogo*, *Os tambores silenciosos*, *Enquanto a noite não chega* e o já clássico *Camilo Mortágua*. Sua literatura, influenciada pelo jornalismo e pela crítica política, agregou à estética dos textos uma grande habilidade. Josué, sobretudo, foi um contador de histórias, um escritor com uma notável capacidade de seduzir os leitores. Nesse sentido, produzindo uma obra que, em si, formava leitores, Josué enveredou por dois outros caminhos: primeiro, na última fase de sua produção literária, publicou várias obras para os jovens leitores; segundo, engajou-se à ideia proposta pela Tania Rösing de trazer a uma cidade do interior escritores de renome para dialogar com os leitores. Estava, em 1981, sendo inaugurada a maior movimentação em torno da leitura da América Latina, as Jornadas Literárias de Passo Fundo.

Vamos homenagear Josué Guimarães, seus familiares e amigos, seus editores, por meio da voz da poetisa e atriz Elisa Lucinda, lembrando os escritos de Josué sobre o amor.

Elisa Lucinda



Boa-noite, Passo Fundo; boa-noite, Rio Grande do Sul; boa-noite, Brasil; boa-noite, mundo. Parabéns, Tania, você é realmente a sonhadora mais prática que eu já conheci.

Josué Guimarães é um dos escritores mais queridos da literatura dos gaúchos. Apesar de não ter sido completamente reconhecida sua importância pela crítica literária, fez uma literatura que deixou marcas profundas em milhares de leitores. Aos ataques e às perseguições, Josué reagia com a palavra e com amor. Para ele, escrever era um ato de amor, como ele mesmo dizia. O amor é fundamental na vida das pessoas na medida em que só através dele os povos se entendem e os homens convivem. Escrever é também um ato de amor, porque algo para ser bom deve ter uma carga muito grande de afetividade, de envolvimento.

O amor foi tema de muitos de seus livros. No conto “A visita”, no livro *O cavalo cego*, foi associado, contaminado pela presença dos livros, nas palavras não ditas, no desejo ardente pelo outro.

“Gostaria muito de ler esses livros, diz Heloísa acariciando as capas. Eles também são teus, diz sem muita convicção. Será que eu poderia levá-los e trazer de volta um dia. Mas claro, eu disse. E logo mudei de ideia, tentando um estratégia, que a obrigasse a voltar mais seguidamente nos meus sonhos. Mas porque tu levas primeiro um, depois outro, e assim vais lendo aos poucos e tornas a voltar, podemos conversar novamente. Ela virou-se, ficou séria, disse que eu não deveria temer pelo desaparecimento dos livros, ergueu a mão com todos eles, anote bem, são seis volumes ao todo. Pode levá-los, querida. Vou ter leitura por muito tempo, não há distração melhor. Eu não quis dizer que aquilo era o que eu mais temia. Por mim, Heloísa, levaria livro por livro, e assim retornaria à sua casa.”

O amor também implicou compromissos e promessas cumpridas. Mesmo acima da morte e da ausência, é o que faz Mariana de *É tarde para saber*.

“Mariana chegou ao rés do chão, caminhou resoluta para a porta envidraçada que dava para a rua, e que era como um fim de túnel, que se abria para a tarde dourada, desceu os poucos degraus, ajoelhou-se no mosaico da calçada, junto à soleira, e riscou com lápis cera, que trouxera preso entre os dedos crespados, uma cruz. E abraçando a cruz, um círculo trêmulo. Ergueu-se em paz consigo mesma, olhou em redor e viu que muitas pessoas haviam parado, curiosas. Entrou, chamou o elevador, subiu. Enquanto subia tratava de cerrar os dentes e, assim, reencontrou a mãe que ainda lá estava, busto ereto, muda, uma sombra recortada na porta.

– Deixei para ele o último aviso, mãe. Foi o combinado.”

O amor é eterno, como foi o de Manuela e de Garibaldi, de *Amor de perdição*.

“Jamais alguém a via olhando para um homem, para os pretendentes que de início acreditavam fazê-la voltar à vida. Não. Ninguém mais no mundo tomaria o lugar de Giuseppe Garibaldi. Aquele mesmo que a enchera de calor e de vida, a Estância da Barra. As suas aparições na porteira, atravessando o pomar de laranjeiras frondosas, o renque de jerivás altaneiros e esguios, a peonada lidando com os animais. O curral, as aves domésticas e, de vez em quando, os tímidos e vigiados banhos na lagoa.”

E o amor às pessoas faz com que se denunciem as arbitrariedades do poder, quando os mais fracos pouco podem fazer por si, quando a sociedade faz da velhice, abandono:

“Foi quando dois camburões do exército frearam barulhentos na porta do café e dele saltou meia dúzia de soldados com fardamento de campanha e metralhadora nas mãos, obstruíram as portas, e o silêncio caiu no salão como uma pesada manta. Não se ouviu mais um garfo roçar num prato. Os soldados começaram a pedir os documentos dos primeiros e um sargento gritou que ninguém saísse dos seus lugares e que fossem botando na mão seus documentos. Seu Camilo não se mexeu e Ernesto, subgerente da autopeças Ultramar, recomendou baixinho que ele tratasse de tirar os documentos do bolso. O velho olhou para ele, mansamente, e notou que ele ainda não tocara na comida do prato. Pegou o garfo de folha e começou a misturar o arroz com feijão e na hora de provar sentiu que uma forte mão o agarrava pelo cachaço exigindo-lhe os documentos. Seu Antonio correu. O senhor tenha paciência. Seu Camilo é um bom homem, já foi coisa nessa vida, é meio desligado. Em resposta, recebeu um safanão, foi cair sobre a mesa, onde Vicentina estava, quebrando um copo.

O soldado mesmo revirava os bolsos de Camilo, examinava um sujo entulho de coisas guardadas sem motivo, até que achou uma arruinada e obsoleta carteira de identidade, jogando-a a seguir, bem no meio de seu prato. O velho não

disse uma palavra. Retirou a carteira com cuidado e começou a limpá-lo com o guardanapo de papel, retomou o trabalho de misturar a comida como sempre fazia. E dali para frente comeu olhando para o estrupício do soldado.”

O amor vence a noite, vence a morte, faz da vida encontro, faz da literatura esperança como a história de um casal de idosos, que se prepara para uma nova e longa viagem, enquanto a noite não chega. “Entrelaçaram as mãos envelhecidas pelo sol, pelo vento, por todos os gestos de carinho de um para o outro, para com seus filhos e netos e sentiram juntos que a noite já havia chegado.”

As noites chegam todos os dias, Josué Guimarães, mas há pessoas que sabem que existem renascimentos diários na vida que recomeça, nas lembranças que progridem. Hoje é mais um dia para te lembrar no palco que está aqui também, graças a ti, Josué, graças a ti.

Eu vou falar um poema chamado “Credo”, do livro *A fúria da beleza* e que é uma maneira de homenagear o homem para quem a literatura é a vida e a nós todos.

De tal modo é,
que eu jamais negá-lo poderia:
sou agarrada na saia da poesia!
Para dar um passeio que seja,
uma viagem de carro avião ou trem,
à montanha, à praia, ao campo,
uma ida a um consultório
com qualquer possibilidade,
ínfima que seja, de espera,
passo logo a mão nela pra sair.
É um Quintana, uma Adélia, uma Cecília, uma Pessoa
ou qualquer outro a quem eu ame me unir.
Porque sou humano e creio no divino da palavra,
pra mim é um oráculo a poesia!
É meu tarô, meu baralho, meu *tricot*,

meu *i ching*, meu dicionário, meu cristal clarividente,
meus búzios,
meu copo d'água, meu conselho, meu colo de avô,
a explicação ambulante para tudo o que pulsa e arde.
A poesia é síntese filosófica, fonte de sabedoria,
e bíblia dos que,
como eu, creem na eternidade do verbo,
na ressurreição da tarde
e na vida bela.
Amém!

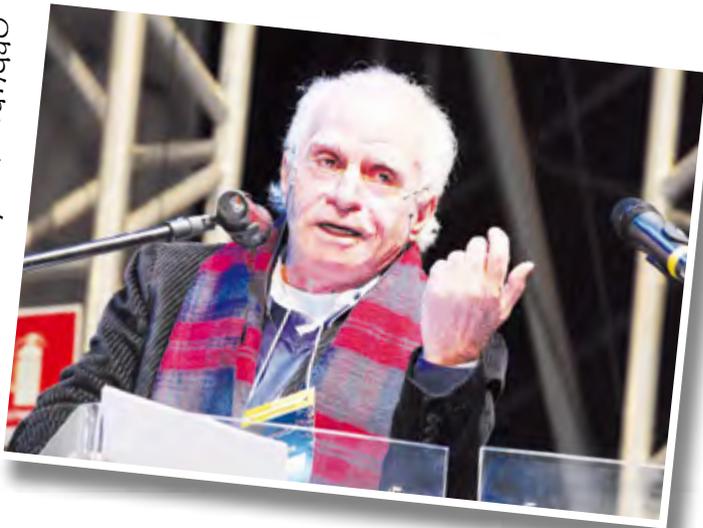
Bom, para terminar geral, vou fazer uma homenagem ao Rio Grande do Sul, que mora muito no meu coração, e essa música que vou cantar é uma música que o Vitor Ramil musicou do poema de João da Cunha Vargas. Impressionante o poder da poesia, vocês não imaginam o que é para mim, que sou uma capixaba, cantar essa canção. Canto essa canção, para mim conta a minha história também, porque eu deixei o meu pago. Então, este que é o poder de uma cultura forte, uma cultura forte que consegue representar as outras.



Rodrigo Guimarães, Adriana Guimarães e Miguel Rettenmaier. Entrega do documentário *A Jornada de Josué* aos herdeiros do escritor Josué Guimarães.

HOMENAGEM À TANIA RÖSING

Ignácio de Loyola Brandão



Em primeiro lugar, boa-noite a todos e a todas. Ultimamente se convencionou dizer a todos e a todas. E eu ficava curioso porque, pela gramática, todos já significava todos. E uma amiga me contou e me explicou, assim como tem ministro e ministra, que o certo é todos e todas e que a gramática tem sido machista. Outra coisa que me deixa intrigado é que quando você agradece alguém e você diz muito obrigado, imediatamente a pessoa diz, imagina. Imagina o quê? Eu estou atrás dessa explicação.

Eu estou aqui, porque eu só não estive na primeira Jornada, porque eu ainda não tinha nascido, assisti a todas as outras. Então, de alguma forma, sou um escritor que viu todas as Jornadas. Um pouco nessa condição, me convidaram. Quem me convidou? A Comissão Organizadora, a Comissão de Apoio, as voluntárias todas que pediram que eu falasse em

nome delas e de nós todos os escritores, professores, leitores e tudo mais.

Então, nesses trinta anos conheci duas mulheres excepcionais. Essas duas, na verdade, são uma. É que uma era grande, gorda e espaçosa, a outra é magra como modelo de passarela. Essas duas, uma, são duas, uma das pessoas mais arrojadas, loucas, corajosas, idealistas, lutadoras, apaixonadas, sonhadoras extraordinárias que conheço. Aliás, que conhecemos. Eu já repeti dezenas de vezes uma frase do Otto Lara Rezende, “quem não foi a Passo Fundo, não é escritor consagrado”. Não tem fotografia, não tem filme, não tem vídeo, não tem nada que possa reproduzir com exatidão o que acontece aqui a cada dois anos. Aliás, eu quero dizer que adorei a fala inicial da Tania, porque ela estava completamente alucinada, aquela é a Tania que a gente conhece. Quando vi esse pessoal da Intrépida Trupe, para mim Intrépida Trupe é o pessoal da organização e para mim é a Tania saltando perigosamente naquelas cordas todas, subindo, descendo, caindo. Essa é a Tania para mim.

Eu duvido que a Tania tivesse um minuto de premonição de que aquele primeiro encontro de escritores pudesse ser no futuro. Entre aquele primeiro, que era regional, que era pequeno, e esse de hoje, internacional, nacional, gaúcho, avassalador, o Brasil já viveu uma transformação enorme na história. Eu repito sempre gaúcho, porque tem gente que fica preocupada, e depois vai por aí dizer porque não é só de gaúcho. A Tania é uma pessoa que conhece todas as salas de todos os ministérios, autarquias, repartições, empresas financiadoras, prefeituras, secretarias e seja lá o que for. Que conhece todos os chefes de gabinete e todas as salas de espera, e sempre em busca do quê? Fazer a próxima Jornada. Eu não conheço uma pessoa mais focada, mais obsessiva, centrada, furiosa, tenaz, resoluta quando se trata de colocar a Jornada de pé. Ela é um

trator Bulldozer 500, 500 quer dizer 500 toneladas, ela é um boeing sete mil, setecentos e quarenta e sete. É uma mulher sólida. A Tania é indomável. Ela emagreceu, sim, mas a força continua descomunal quando se trata da Jornada.

No entanto, quantas vezes ouvimos a Tania, nós mais próximos, dizer, porque ela de vez em quando fica chateada, tem desilusões, decepções, tem desânimos, depressões, tem vontade de desaparecer. Porque ela também tem os boicotes, tem alguma sabotagem, tem algumas rejeições, e aí ela diz, “chega, é a última”. Só que de repente você começa a ouvir a Tania, quando se aproxima o momento de levantar essa lona, de trazer essa gente, formatar a Jornada, de arrebanhar as crianças, que é uma coisa que ela adora, é paixão, aí começa, “vamos, vamos, vamos, mexa o rabo minha gente, que desânimo. Tem muita coisa a fazer, vocês querem que a Jornada não saia?” E ela vai em frente de novo, trombando com deputados, secretários, ministros da Fazenda, ou quem quer que tenha a chave do cofre, ou a senha da conta. Esses que não dão dinheiro, esses que dizem “não” e esses que criticam, eles deveriam vir a Passo Fundo, eu pago a passagem deles, do meu bolso, para que venham aqui para olhar e se ajoelhar diante dessa Jornada, e da Tania, e dizer, obrigado em nome do Brasil.

Trinta anos em 2011, sessenta anos em 2041, cem anos em 2081. Eu acredito que na hora que aquela danada chega para nos levar para o lado de lá, vai encontrar uma Tania que vai expulsá-la furiosamente e dizer: “Vai embora, suma, que eu ainda tenho Jornada para fazer”. E a danada vai embora. Eu, pessoalmente, já liguei ao Oscar Niemeyer e pedi a fórmula para ele. Em 2041, vou ter 105 anos. A Tania eu não sei, ainda é nova, ainda que muito vivida. Com essa magreza ela vai chegar ao centenário da Jornada de Passo Fundo, resoluta, impertinente, aflita, gozadora, audaz, enérgica, chata, louca, doce, áspera e afetuosa. Um beijo, Tania.

12º CONCURSO NACIONAL DE CONTOS JOSUÉ GUIMARÃES

Mestre de cerimônias – Como é do conhecimento de todos, Josué Guimarães colocou seus ouvidos sensíveis para ouvir a proposta da professora Tania, de realizar uma Jornada de Literatura diferenciada, em que os participantes fariam a leitura prévia dos livros dos autores convidados. Diante do ineditismo da proposta, Josué dispôs-se, junto com sua esposa Nídia, a viabilizar a primeira Jornada, convidando escritores gaúchos e comprometendo-os a comparecer ao evento. O ano 1981. O número de participantes nos encontros da pré-jornada, 250 professores de distintas áreas do conhecimento. Os participantes da Jornada propriamente dita, 750 pessoas. Os escritores convidados Armindo Trevisan, Antonio Carlos Rezende, Carlos Nejar, Cyro Martins, o próprio Josué Guimarães, Mário Quintana, Moacyr Seliar e os jovens Deonísio da Silva e Sérgio Capparelli.

Nesta noite especial, convidamos o diretor do Instituto Estadual do Livro, professor e poeta Ricardo Silvestrin, para anunciar os vencedores do 12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães. O participante selecionado, como segundo lugar, recebe a importância de três mil reais e o troféu Vasco Prado. O vencedor receberá a importância de cinco mil reais, o troféu Vasco Prado e uma passagem aérea para Santiago de Compostela, na Espanha, onde permanecerá por dez dias durante o mês de outubro, como hóspede da Universidad de Santiago de Compostela. Lá ele irá participar de seminários, ministrando palestras, convivendo com o meio cultural santiaguense. Esse concurso nacional de contos foi instituído em 1988, logo após a morte de Josué Guimarães.

Ricardo Silvestrin



Boa-noite. É uma alegria estar aqui, é a quarta Jornada da qual eu participo, em todas participei como escritor e agora estou aqui como diretor do Instituto Estadual do Livro. Como disse o poeta João Cabral de Melo Neto, já que não se conseguia civilizar o mundo, ele queria pelo menos “sevilhizar” o mundo. Tornar o mundo uma grande Sevilha. E eu uso essa comparação pelo modelo da Jornada. É um modelo para ser estendido para todo o país, como política pública para a leitura. A Jornada não é só nacional porque para cá vêm os principais escritores do Rio Grande do Sul, mas porque é um modelo concreto, com parâmetros de formação de leitores, e isso tem de ser estendido como política pública para todo o Brasil. Quem vai fazer uma feira de livro na sua cidade deve lembrar o seguinte, quem sabe eu vou falar com a Tania para saber o que mais eu posso fazer, além de ter a feira, além de ter a programação, como é que eu posso estender, envolver a

comunidade, envolver as escolas, envolver as universidades, para que isso realmente se torne, além de venda de livros, leitura concreta, formação de leitores. Bom, eu estou aqui para divulgar então os vencedores do 12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, que é apoiado pelo Instituto Estadual do Livro. Este prêmio, que teve mais de oitocentos escritores inscritos, cada um com três contos, então, teve um número enorme de textos a serem lidos pela Comissão Julgadora que chegou a esses nomes: menção honrosa, conferida pelo júri ao Sr. Paulo Cesar Pimentel, pelos contos apresentados “Corpo e alma”, “A verdadeira dor” e “O cão sem plumas”; a segunda menção honrosa, conferida ao Sr. Guilherme Gigliani, pelos contos apresentados “O pranto”, “A pescaria” e “Dias de futebol”. Agora, o segundo lugar conferido ao Sr. Gilmar Penteado, pelos contos apresentados “Os filhos de Leila”, “O velório” e “O marido feliz”. E o primeiro lugar, conferido ao Sr. João Goulart de Souza Gomes, pelos contos apresentados “A invasão bárbara em Paris”, “Socorro” e “Moira a lenda”. Nós convidamos os filhos de Josué Guimarães para que façam a entrega do cheque e do troféu Vasco Prado.



Rodrigo Guimarães, Tania Rösing, Adriana Guimarães, João Goulart de Souza Gomes, Ricardo Silvestrin



Gilmar Penteadó e Ricardo Silvestrin

7º PRÊMIO PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA

Luiz Coronel



Que frio, que frio. Da boca de quem fala sai fumaça, mostrando desse jeito que o calor que vai no peito não há geada que desfaça. Já no apagar das luzes, sejam as primeiras palavras uma homenagem aos permanentes, depois dessa longa jornada. Sr. prefeito, anfitrião desta cidade acolhedora e núcleo cultural do país, trago a mensagem do grupo Zaffari e, quando digo grupo Zaffari, quero representar as empresas privadas que comparecem e desempenham o seu papel de apoiar a cultura, dentro de uma visão de que desenvolvimento econômico e desenvolvimento cultural são processos inseparáveis, únicos. Peço esse reconhecimento não apenas dos órgãos públicos, mas também das empresas que formam essa parceria notável e indispensável. A literatura do Rio Grande

do Sul vive um lindo momento. O Prêmio Moacyr Scliar estende prêmio à poesia e ao conto. A Jornada de Literatura, o romance. A poesia, dizia Portinari, é a essência de todas as artes. Quando chega a poesia, acontece o quadro, a escultura, o cinema, porque a poesia, a ourivesaria da literatura, é a essência de todas as artes. O conto, esse instante da vida, maravilhoso. Guy De Maupassant, Machado de Assis, todos esses contistas, pegando instantes surpreendentes da vida. E o romance, como dizia Carlos Drummond de Andrade, destelhando as casas, sem que os moradores percebam. A arte e a literatura constroem o mais digno e persistente depoimento sobre a experiência humana. Caem muralhas, desabam templos e permanecem poemas e esculturas, e permanece o pensamento dos filósofos, dos teatrólogos, dos trágicos, da Grécia. Considerar a arte, premiar a arte, pedestralizar o livro é colaborar, essencialmente, com o crescimento da dignidade humana. O grupo Zaffari tem a profunda honra de participar deste movimento cultural, estabelecendo, junto com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, a 7ª edição do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura.

Os livros, com seu poder de consciência e encantamento, disse Victor Hugo, construíram, constroem a mais profunda revolução que se tenha notícia. São eles, em todos os tempos, os democratizadores do conhecimento. O conhecimento sai dos mosteiros e se democratiza no mundo. Façamos uma saudação a todos os que se empenham, aos escritores, aos operários da palavra. Dizia Borges, a espada e o arado são extensões do braço humano, o livro é uma extensão da memória e da imaginação. Parabéns aos escritores, e viva o livro. Premiar os concursos de literatura são verdadeiros estímulos, apoio, para que se sintam motivados, para que se sintam reconhecidos como escritores. Muito obrigado.

Regina Zilberman

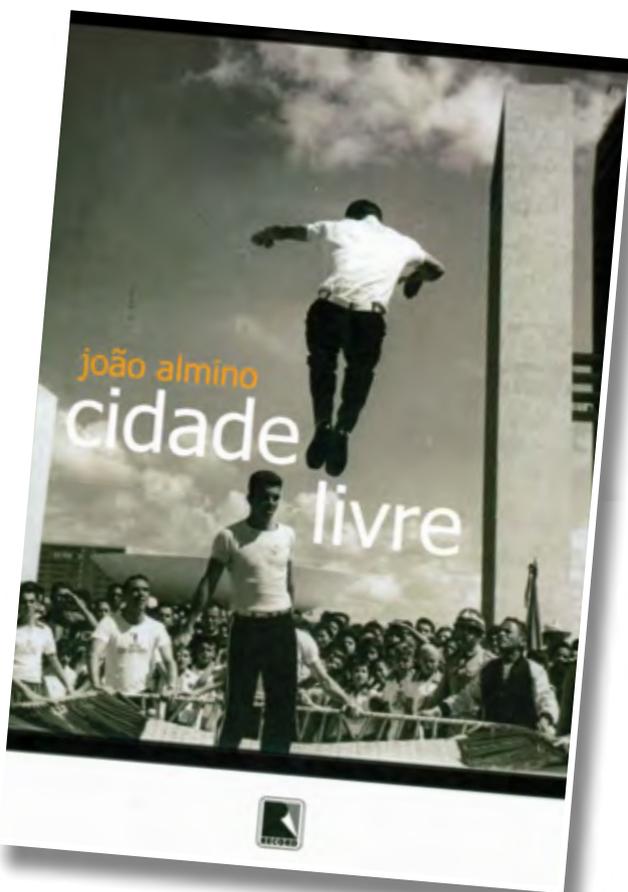


Em nome da Comissão Julgadora, divulgo o vencedor da 7ª edição do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, João Almino, com a obra *Cidade livre*.



Adiane Dal Mas, Airton Dipp, João Almino, José Carlos Carles de Sousa e Luiz Coronel

João Almino – Eu gostaria de dizer que atravessei o Atlântico, desde Madri, para vir aqui especialmente receber este prêmio. É o melhor momento, na verdade, para um filho do Rio Grande do Norte, vir pela primeira vez ao Rio Grande do Sul, essa terra que tem uma longa e forte tradição literária e a essa cidade de Passo Fundo, que é a Capital Literária do Brasil e que teve a ousadia de criar essas Jornadas Literárias, únicas no país. E, tanto mais, vir aqui para receber um prêmio, cujo prestígio é reconhecido, eu diria, além das fronteiras brasileiras, um prêmio que foi concedido por um júri altamente conceituado, composto por alguns dos melhores escritores e críticos literários do Brasil. Então, realmente para mim é uma grande honra, também me sinto muito contente de estar em excelente companhia, refiro-me não apenas àqueles que aqui receberam prêmio antes de mim, àqueles que me precederam, tendo a honra e a alegria de receber este prêmio, mas eu penso também naqueles com quem eu corri, porque eu sou muito sincero ao dizer que os dez finalistas são todos excelentes escritores, todos com ótimos livros. Então, para mim é uma grande alegria também estar nesta companhia. E aproveito, finalmente, uma oportunidade para felicitar, na pessoa da Tania Rösing, os organizadores dessa Jornada e felicitar Passo Fundo por estes trinta anos de Jornadas Literárias. Então, que viva Passo Fundo e suas Jornadas Literárias. Muito obrigado.



HOMENAGEM À DALVA BISOGNIN E LURDES CANELLES



Lurdes Canelles e Tania Rösing



Parte II

**Palcos de
debates e
conferências**

APRESENTAÇÃO DOS COORDENADORES DO DEBATE

Ignácio e Alcione



Ignácio de Loyola Brandão – Boa-tarde a todas. É que ultimamente, já falei isto ontem, quando tem um público e alguém vem fazer uma apresentação diz, boa-tarde a todos e a todas. Eu acho que aqui é a todas as 4.880 e aos 20 homens.

Alcione Araújo – Nós formamos a dupla caipira mais conhecida da literatura brasileira, Loyola e Araújo, do sertão de Passo Fundo para o Brasil.

Ignácio de Loyola Brandão – Na verdade, vocês se lembram que tinha um trio, que era os três tenores, que fez muito sucesso, inclusive gravou discos, em Jornadas anteriores. E aí os tenores eram Julio Diniz, Alcione Araújo e eu. No meio do caminho o Júlio Diniz precisou se retirar, compromissos e tal, o Alcione até vai falar sobre isso, e ficamos apenas

eu e o Alcione. E criamos um novo conjunto. Infelizmente, a jovem que nos acompanhava nesse conjunto, a Amy Winehouse, morreu, e nós ficamos de novo reduzidos a dois, solidários.

Alcione Araújo – Eu vou explicar agora o que aconteceu com o terceiro tenor. Ele foi convocado para a seleção brasileira, do Mano Menezes, e na viagem para São Paulo, para a concentração, tropeçou, teve um ferimento no joelho e agora está lá no Rio de Janeiro, tirando a água do joelho. Então, nesse período que estivemos sós, um período de dois anos, foi uma vida conjugal de dois anos, entre dois homens, não foi muito agradável para nós e a gente resolveu dar uma guinada na nossa relação.

A dificuldade de convivermos só nós dois e, com apenas dois, fazermos um trio, nos levou à premência de encontrar uma outra pessoa que completasse essa lacuna. É impossível que dois cumpram três. E matutamos, matutamos, observamos nossas carências, consultamos psicanalistas, consultamos muito a Tania para saber o que ela queria e chegamos à conclusão de que era melhor termos aqui aquilo que mais nos falta. O que eu mais sinto é o que me falta, e chegamos à definição ontem de que precisávamos de uma mulher.

Ignácio de Loyola Brandão – Na verdade, eu acho que durante muito tempo era muito estranho, três homens apresentando a Jornada, e uma Jornada que é composta essencialmente por mulheres. A plateia. Agora faltava sempre uma mulher no palco, como coordenadora ao nosso lado. Eu acho que é isso que começa a ter, nesse momento, aos trinta anos, na 14ª Jornada.

Alcione – Então, a Jornada sendo balzaquiana, cumprindo essa idade difícil para as mulheres, em que embora já não haja mais ilusões, também não se perdeu a esperança, nós convocamos uma terceira pessoa para trabalhar conosco.

Então, agora, nós teremos um trio, que são dois tenores e uma soprano. E para que vocês conheçam, nós chamamos aqui ao palco, neste momento, Luciana Savaget.

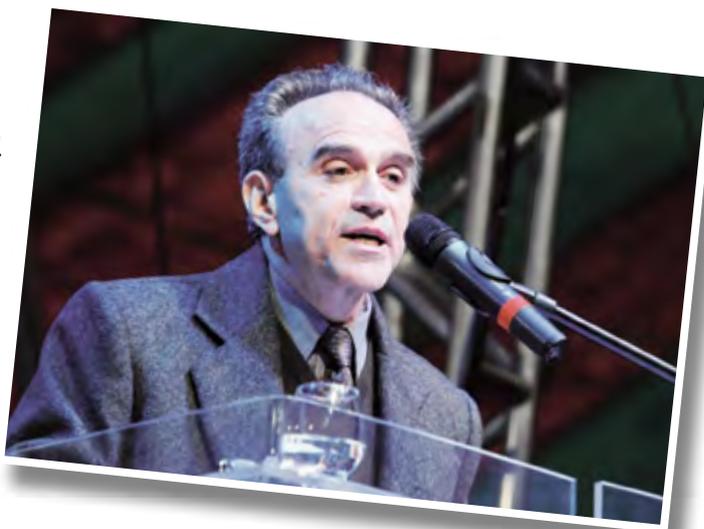
Luciana Savaget – Para mim, o maior prêmio é estar aqui na Jornada de Passo Fundo, do lado de vocês dois e a convite da Tania, porque eu acho que a Jornada de Passo Fundo é um dos maiores, senão o maior, eventos no nosso país de literatura brasileira. Saber que a gente canta o Hino Nacional para a literatura, quer coisa mais bonita e emocionante que isso? Não tem, então é um prêmio para mim, este é o prêmio que eu vou colocar no meu currículo, de estar aqui com vocês e na Jornada, participando desse momento tão importante.



Ignácio de Loyola Brandão, Luciana Savaget e Alcione Araújo

PRONUNCIAMENTO DO VENCEDOR DO 7º PRÊMIO PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA

João Almino



João Almino – Bom, para mim é uma emoção muito grande estar aqui. Como disse ontem à noite, atravessei o Atlântico para vir especialmente receber este prêmio, desde Madri, e ele me permitiu, eu que sou filho do Rio Grande do Norte, vir pela primeira vez ao Rio Grande do Sul, melhor momento, portanto, para vir a esta terra, que tem uma enorme e longa tradição literária, e à cidade de Passo Fundo, que é a Capital Literária do Brasil, e que teve a ousadia de criar essas Jornadas Literárias únicas. Realmente, uma experiência

ímpar, e que não se esgota aqui com a concessão do prêmio, nem com a realização das Jornadas, mas é algo que existe durante o ano inteiro, que tem uma existência já de vários anos e que tornou esta cidade o maior número percentual de leitores em todo o Brasil. Então, é uma enorme alegria para mim, uma enorme satisfação estar aqui.

Alegrou-me também muito que este prêmio seja concedido por um júri altamente conceituado, de que participam alguns dos melhores escritores e críticos literários do Brasil, e também o fato de que concorri com um time excelente de escritores. Isso me dá uma satisfação realmente muito grande. Qualquer um deles poderia, eventualmente, ter sido o vencedor. Eu mesmo li vários dos livros com os quais o meu romance *Cidade livre* concorreu, e todos os dez finalistas, eu diria, são ótimos escritores, com ótimos livros. Além disso, aqueles que me precederam são também ótimos escritores, o que fala muito sobre os critérios para a premiação aqui em Passo Fundo.

Então, em primeiro lugar, este meu reconhecimento. Queria também fazer um reconhecimento todo especial à professora Tania Rösing, que está por trás de todo este projeto. Ela e toda a sua equipe, sem eles, obviamente, estas Jornadas não teriam essa expressão que têm.

A professora Tania me mandou um *e-mail*, quando eu ainda estava lá em Madrid, a semana passada, pedindo-me para que fizesse este pronunciamento, assim ela chamou, e que fosse um pronunciamento de 20 minutos. Tendo, se não tenho um texto escrito, a falar e ir falando, perco um pouco o tempo. Então, preferi naquele momento ir ao computador e escrever o texto de 20 minutos, e vou ler para vocês. É um pronunciamento, basicamente, em torno desse romance que foi premiado, mas a partir dele falo um pouquinho mais da literatura, do que penso da literatura.

Esse romance, *Cidade livre*, se passa num lugarejo para onde afluíram comerciantes, trabalhadores, construtores, engenheiros, que chegavam para a construção de Brasília, entre 1956 e 1960, e que deveria ser destruído quando a nova capital fosse inaugurada. Apesar de conter informações de uma história não oficial, não se trata de um romance histórico, tampouco de uma literatura regional, ou de Brasília. Tenho dito que o lugar onde se passa o enredo de um romance tem importância secundária em relação aos temas de que trata, sobretudo em relação à sua forma e à sua expressão estética. Houve quem lesse esse romance *Cidade livre* como um livro de memórias. Fico feliz quando me dizem que são memórias convincentes e quando me confundem com o narrador. Algumas pessoas me procuraram para dizer, também conheci fulano, também vivi em tal situação, vivi lá na mesma época que você. A verdade é que eu não cresci na cidade livre, nunca estive lá naqueles anos e as memórias do narrador são puramente inventadas e em parte pesquisadas, pois escrevi este livro quando morava em Chicago e recorri a mapas, relatórios, depoimentos e crônicas.

A história e as descrições do meio físico estão apenas na superfície do livro. O que me interessa é a criação dos personagens, aos quais tenho que dar vida, colocando uns em confronto com os outros, explorando suas contradições, seus amores, ódios, desavenças, sua esperança e desespero. Em suma, é explorar as profundezas da alma humana em sua complexidade. Não quero apenas que esses personagens sejam portadores de uma clara e inequívoca mensagem minha; se fosse assim, escreveria um artigo de opinião. Quando se trata de opiniões e pontos de vista dos personagens, os bons romances, a meu ver, em vez de exprimirem visões unívocas, unidimensionais, muitas vezes exprimem ambiguidades, in-

coerências e perspectivas conflitantes, pondo lado a lado personagens radicalmente distintos, ou explorando personagens em toda a sua complexidade, em sua mistura de bem e de mal.

Mais fundamental ainda, para mim, é a experiência da própria linguagem. Ainda que não houvesse enredo, meu objetivo seria que o texto se sustentasse pela escolha mesma das palavras, umas se juntando as outras de forma inesperada, evitando os lugares comuns, criando novas formas de expressão e espaços amplos para a imaginação. Palavras nunca são suficientes para descrever a vida e suas emoções e, no entanto, a literatura tenta agrupá-las de tal maneira a se aproximar da expressão de momentos e sentimentos únicos. O fato de eu ter situado cinco romances em Brasília, curiosamente causa surpresa. Ninguém se surpreende com livros cujas histórias se passam nos lugares mais recônditos do mundo, como, aliás, deve ser, mas ouço frequentemente a pergunta, por que Brasília? Por que não Brasília? Além de ser uma cidade como qualquer outra, onde seres humanos vivem suas histórias e inspiram outras tantas, é uma ideia que acompanhou toda a história do Brasil independente, prestando-se a uma leitura do país. Pode-se dizer que a ideia da construção da nova capital corresponde a uma utopia elaborada ao longo de toda a história do Brasil, e essa utopia pode ser contrastada criticamente com a experiência.

Nesse sentido, Brasília é um mito e suas características podem inspirar uma poética ou ideário estético literário. É um território novo para a ficção, caracterizado por um enorme poder simbólico. Pode simbolizar, por exemplo, o desenraizamento, a hibridização e a transculturalidade, temas centrais de *Cidade livre*. Prefiro pensá-la como local de identidades múltiplas, cambiantes e, principalmente, em aberto, sendo esse um dos sentidos que se pode dar ao próprio título

do romance, *Cidade livre*. Sem falar das consequências políticas nefastas, do apego às raízes, elas de fato raramente existem. As migrações culturais são fenômenos não apenas de hoje, têm ocorrido mais ou menos em toda a parte e tornam difícil isolar de qualquer influência o autenticamente autôctone. Na América, somos nações bastardas ou órfãs, condição que implica mais liberdade e também mais responsabilidade na construção de uma ética e de um destino. O fato de minhas histórias se situarem num lugar que foi ou é relativamente vazio, também me ajudou na tomada de partido contra o este-reótipo e o pitoresco.

A liberdade para criar no território vazio não implica, contudo, o apagamento da memória. Naquele relativo vazio, os vários brasis se encontram e se entrecruzam, trazendo toda a carga de seus passados. Para ele posso trazer, portanto, histórias de todo Brasil, inclusive do nordeste, onde nasci e cresci. Se não estou preocupado com puras raízes, ou identidades, por outro lado, minha literatura tem uma obsessão pelo tema da fundação, no novo. Na fundação, na criação e no novo, há uma questão de fundo religioso, místico e também filosófico, científico e literário, outro bom material para a ficção. Em *Cidade livre*, trata-se da história, de um lugar sem história, da fundação de uma cidade, que é também na cabeça de muitos a fundação de um país, de uma nova civilização, de um novo mundo e de uma nova humanidade.

Um tema recorrente que perpassa da fundação é a reflexão sobre o tempo ou, mais precisamente, sobre o instante de sua relação com o eterno. Há também a questão da vontade e do livre arbítrio. Diferentemente da maioria das cidades que resultam do acaso, do encontro fortuito e da necessidade, Brasília é fruto do espírito e da vontade. Os controles exercidos por seu plano racional e quase matemático são, por sua

vez, subvertidos pelos movimentos espontâneos da história de seus habitantes. Brasília é, além disso, uma boa metáfora para as contradições do mundo moderno, convida a pensar sobre a ideia do moderno que a fundou, uma ideia que envelheceu com ela e que pode ser analisada em retrospectiva, como um futuro que já é passado, mas ainda habita a imaginação dos brasileiros.

Mais do que os ideais modernistas, ou as inspirações modernizadoras, são os processos de desmodernização que minha literatura vai explorar. Os impulsos vanguardistas são ali colocados lado a lado com a antimodernidade e o que é percebido como atrasado e arcaico. A racionalidade do plano contrasta, por exemplo, com o misticismo que tem acompanhado a história da cidade, desde o frequentemente citado sonho profético de dom Bosco, as preleções do mestre Iocanaan ou de tia Neiva, místicos citados em *Cidade livre*. Iris Quelemém, minha personagem do ficcional *Jardim da salvação*, algo aprendeu com eles e com a explicação milenarista da fundação da cidade, que transforma a história num capítulo de múltiplas teologias ou de um amplo movimento cósmico. Tanto nos projetos e análises que se baseiam em pressupostos racionais quanto nas expressões irracionais, existiu um ideal de grandeza, que acompanhava o entusiasmo dos fundadores. No primeiro caso, Brasília deveria exprimir a grandeza da vontade nacional, fundar um novo país, moderno como a arquitetura de sua capital e ser a base de uma nova e mais justa sociedade. André Moreau, também citado em *Cidade livre*, definia Brasília como a primeira das capitais da nova civilização e a cidade mais audaciosa que o Ocidente já concebeu. Os místicos, à sua maneira, imaginaram algo semelhante. Para alguns deles, existiria um triângulo, localizado no Planalto Central, que sobreviveria à grande catástrofe e seria o berço

de uma nova era, uma nova civilização e uma nova humanidade. Tudo isto, claro, contrasta com o dia a dia de Brasília, onde não faltam os engarrafamentos de trânsito, a violência, a pobreza e a desigualdade social, visível na expansão das suas cidades satélites. Está assim exacerbada, ali a tensão entre o moderno e o arcaico que está no coração do mundo contemporâneo.

Como o mito de Brasília me atraiu mais do que sua história, criei em meus romances meu próprio mundo ficcional. O historiador registra, ao passo que o romancista deve criar, já dizia E. M. Forster em *Aspectos do romance*. No mais das vezes, não se trata de transpor para a ficção personagens de carne e osso, mas, ao contrário, de fazer com que personagens imaginários sejam absolutamente verossímeis. E essa verossimilhança existe quando os colocamos lado a lado com personagens conhecidos do grande público, e que tiveram existência real.

Em *Cidade livre* misturei, propositadamente, memórias inventadas e a ficção propriamente dita, que é sempre um aspecto definidor de um romance, com uma pesquisa sobre as origens históricas da cidade, ao tentar captar o clima de euforia da época da construção, uma euforia que, em alguns aspectos, se assemelha à que vivemos hoje, pois também JK acreditava que o Brasil seria a quinta maior economia do mundo dentro de dez anos. Não foi apenas no Brasil que a construção de Brasília atraiu as atenções, de um lado, sendo vista com ceticismo, e de outro, produzindo espanto e admiração. Fotos da cidade em construção vinham estampadas em jornais e revistas em várias partes do mundo. Muitos foram seus visitantes ilustres, ainda antes da inauguração, vários deles presentes ou evocados em *Cidade livre*.

Como em outros romances meus, existe, igualmente, descrições do espaço com referências a fatos conhecidos dos brasilienses; no entanto, nenhum desses personagens ilustres, nem JK e nem mesmo o mitológico Bernardo Sayão, engenheiro responsável pelos primeiros trabalhos da construção, ocupam posição de destaque na trama do romance. As personagens centrais que transmitem as emoções e paixões – tristezas, alegrias e sonhos – são todas puras criações literárias: o narrador órfão, seu pai adotivo, suas duas tias e, principalmente, um homem muito simples, um candango que ajuda na construção de Brasília em razão de sua história do próprio romance.

Essa Brasília que mistura mito, história, ideais de modernidade e processos de desmodernização, utopia e a mais crua realidade pós-utópica será a Brasília real? Ou a Brasília real é apenas a cidade goiana, interiorana, de caráter regional forte? Ou não será essa, sobretudo, um Brasil profundo, presente nas cidades satélites, construídas espontaneamente à revelia dos arquitetos e urbanistas, nas suas primeiras histórias? Certamente, há espaço para muitas Brasília, o que pode ser dito também ao contrário. Nas muitas Brasília, há espaço para todo o tipo de literatura. Não pretendo, portanto, que Brasília seja a minha literatura, nem mesmo que a minha literatura exprima a Brasília real e verdadeira. Ela exprime apenas um ponto de vista, o da minha própria Brasília ficcional. Por mais que um texto de ficção queira parecer nada mais do que a fotografia do que existe, as escolhas feitas pelo autor têm a ver com ideias, às vezes pré-concebidas e, noutras vezes, com a emoção sentida ao contato com determinada cena ou situação.

A realidade tem muitas dimensões e algumas delas são subjetivas e simbólicas. A literatura, a meu ver, deve se liber-

tar da mera descrição jornalística, deve ir além da narração de fatos conhecidos. Ela é, às vezes, mais eficaz, não quando expressa o que foi visto ou dito, mas, sim, o que está escondido e foi silenciado. Não o que aconteceu, mas o que não pôde acontecer. Não o que é conclusivo, mas o que é incompleto, fragmentário, oblíquo. Não o que traz respostas, mas o que propõe perguntas. Devemos, portanto, matizar o sentido do que seja o conhecimento transmitido pela literatura. Há romances, sim, que apresentam discussões morais e filosóficas ou que transmitem informações históricas ou de outra natureza. Mas não devemos entender o conhecimento nesse sentido estreito de transmissão dos saberes quando falamos de literatura. Frequentemente, a criação literária nasce das incertezas, da busca e da aventura. Muitas das grandes obras literárias não enfocam temas específicos, mas, ao contrário, tratam de algo tão amplo e complexo como a própria vida.

Eu diria que, como regra geral, os bons escritores entram no território da ficção quando todas as outras formas de linguagem são insuficientes para exprimir o que querem, e é por isso que sua ficção resiste às simplificações e comporta múltiplas interpretações que variam com o tempo. O escritor coleta ou suga informações, experiências e histórias das mais diferentes fontes e depois trata de dar forma à desordem e ao caos, criando uma estrutura e uma arquitetura feita de palavras. A literatura pode esclarecer e trazer ao primeiro plano aquilo que estava escondido e parecia obscuro. *Aleteia*, em grego, verdade, memória, é a negação de *leter*, noite, escuridão, esquecimento. Mas a verdade com a qual o escritor trabalha, aqui, ele traz à luz dos fundos da escuridão, a que estava relegada ao esquecimento, e ele recupera pela memória, é a verdade da própria ficção. Mais do que ser real ou verdadeira, no sentido de corresponder ao que de fato existe, a história narrada pelo escritor deve pertencer a si, à rea-

lidade da própria ficção, na qual a verossimilhança é mais importante do que a realidade entendida como de fato aconteceu. E não cabe ao escritor apenas retratar ou representar a realidade. Em suma, o realismo não basta. Mas a solução literária tampouco passa pela idealização dos fatos ou situações. Não adianta pintar de cor de rosa o que é negro. Acho que a literatura não deve se desviar do desafio de revelar os subterrâneos da mente e o lado escuro da vida, o que pode ser feito até mesmo com humor. Para nada serve a literatura em particular, no entanto sua leitura é necessária e não é sem consequência.

Para mim, a literatura tem que ter ambição. Prefiro, pessoalmente, ler textos inquietos, que buscam caminhos novos, sobretudo na linguagem e propõe uma visão do mundo. A boa literatura deve ter essa ambição não necessariamente para edificar ou instruir o leitor, mas para inquietá-lo, causar-lhe surpresa e fazê-lo ver algo inesperado. A literatura pode avançar o conhecimento, mas é pobre quando se limita a uma função didática e ao universo da mera opinião. Ela deve revelar, interrogar, tornar óbvio o que parecia escuro e problematizar o que parecia claro. Para mim, a literatura não é sobre a realidade, é a realidade mesma, realidade da própria linguagem. Não é sobre a experiência, é experiência e aventura. Deve ser criativa, portanto, livre e criadora ou, vista de outra forma, vai além da realidade da experiência, porque sua natureza é essencialmente inconformista, sobretudo, com isso concluo as minhas palavras, ela resiste a todas as positivities, resiste ao conhecimento já adquirido e às formas conhecidas, liberando a própria liberdade dos sentidos já adquiridos. Está sempre em busca de uma nova expressão não necessariamente para explicar ou para descobrir os sentidos do mundo, mas para criar emoção, dúvida e vertigem. Muito obrigado.

PALCO DE DEBATES: LITERATURA E ARTE NA ERA DOS BITS

Conferencistas: Giselle Beiguelman, Marcia Tiburi, Mauricio de Sousa, Peter Hunt e Luisa Geisler. Coordenação: Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo e Luciana Savaget.

Alcione Araújo



Alcione Araújo – Vou tentar fazer a síntese possível das razões que instituíram e constituíram esta mesa. Trata-se de uma discussão que tenta contemplar uma circunstân-

cia histórica na qual estamos metidos e que problematiza a experiência de estar no mundo tal qual conhecíamos até agora. Ela se chama “A literatura e a arte na era dos *bits*”. Esses *bits*, como são conhecidos, instauram uma nova realidade no mundo, a qual pode ser entendida como uma realidade virtual, em contraposição a uma realidade real, digamos assim. O que quer que se divida, na verdade, tem-se ambas as realidades, que, nesse momento de transição histórica e social, nós estamos vivendo, ao mesmo tempo um mundo real e um virtual, e muitas vezes não sabemos distinguir em qual dessas realidades estamos.

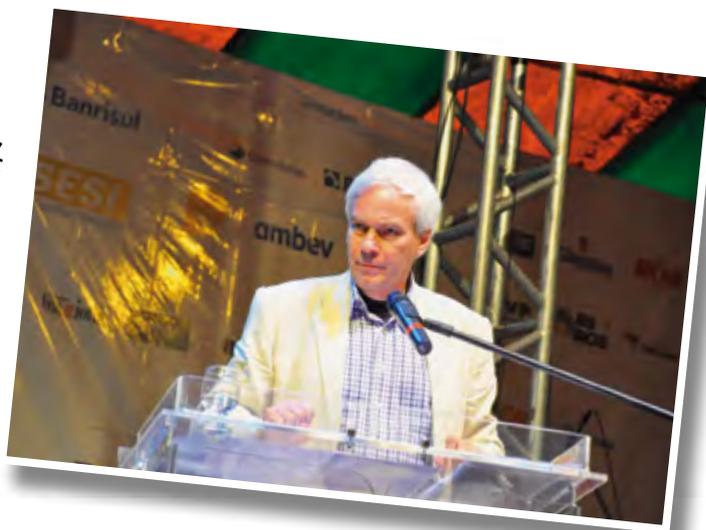
Há uma simultaneidade e uma interpenetração dessas duas instâncias de percepção do mundo. Não é muita novidade, no sentido mais amplo, à medida que a tradição inglesa narra os fantasmas medievais, que também eram realidades virtuais, que poderiam ser realidades virtuais ou percepções virtuais se ninguém sabe dizer se os fantasmas existem ou não existem. De qualquer forma, hoje, nós temos fantasmas que são produzidos pela tecnologia. E a tecnologia é a instauradora dessa nova realidade que problematiza toda a articulação do pensamento e da linguagem. Evidentemente que a arte é feita para sua época, em relação à sua época, para artistas dessa época, para um público dessa época. Portanto, a arte é criada e produzida para a contemporaneidade e, por isso, não se problematiza.

Aqui, então, vão aparecer depoimentos e narrativas acerca de trabalhos de artistas ligados às artes visuais, ligados à nova criação, utilizando a tecnologia. Algo que já se chamou, em algum momento, de videoarte, e que hoje vai tendo novos nomes na medida em que os próprios artistas as nominam, tendo em vista que é uma visão pessoal. Os artistas dessa área, aqui há exemplos disso, criam como se fosse um

novo mundo, cujo saber acumulado ainda não o contempla. Portanto, é uma terra a ser desbravada, tendo em vista que essa experiência não tem história, ela se inaugura quando a tecnologia disponibiliza os recursos para sua expressão. Há aqui também o depoimento ou uma reflexão que é a partir de um novo olhar sobre o olhar, quer dizer, na medida em que você poderia fazer, buscar uma referência no Da Vinci que entendia o olho como o lugar do corpo humano onde se podia contemplar a beleza do mundo. Então, é desse lugar, desse pequeno olho que se contemplava a dimensão enorme do mundo, do globo, da terra, da beleza de suas misérias, também a gente tem uma reflexão diante, tem um olhar diante desse mundo virtual, que é um mundo produzido pelo olhar e não pela experiência real da convivência, uma nova realidade.

Portanto, a filosofia já elaborou isto a partir de Merleau-Ponty e de outros olhares e que, atualmente, há uma discussão filosófica em torno dessa questão da existência dupla do real e do virtual. Agora, há, aqui, também nesta mesa pensadores e realizadores de obras para o mundo da infância, e interessa isso por quê? Esta Jornada contempla uma relação fundamental, que é entre a arte e a cultura e a educação. Ela está instalada no âmbito de uma universidade preocupada com as pedagogias contemporâneas e que, portanto, tenta pensar essa produção estética em relação à educação e à nossa experiência de estar no mundo diante dessa nova realidade real e virtual. Portanto, ela se justifica e se explica na medida em que pedagogos ou pensadores do mundo infantil e da percepção estética da infância, ou realizadores de obras destinadas à infância, estão dentro de um interesse da Jornada de pedagogizar nossas experiências para pensar sobre a arte e a cultura. Eu penso que resumi em grossas palavras do que se trata.

Peter Hunt



Nasceu em 1945, na Inglaterra. É fundador e professor emérito de Literatura Infantil da Cardiff University, o primeiro curso do gênero na Grã-Bretanha. Hunt é um dos críticos mais importantes de literatura infantil e obteve reconhecimento internacional que lhe rendeu os prêmios International Brothers Grimm Award (Japão) e o Distinguished Scholarship Award (Estados Unidos). É autor de obras importantes, como *Uma introdução à literatura para crianças* (1994), *Literatura para crianças, uma obra ilustrada* (1995), *Compreendendo literatura para crianças* (1999), bem como editor de diversos números da *Children's Literature: a Blackwell Guide*. *Crítica, teoria e literatura infantil* é o seu primeiro livro traduzido para o português e publicado no Brasil.

É muito bom estar aqui, muito obrigado. Nos últimos trinta anos, fiz duas coisas muito interessantes: a primeira, é que tive quatro filhas, na verdade a minha esposa teve, e eu as observei crescer com livros e com a mídia eletrônica; a segunda, aconteceu o mesmo com os livros infantis, também os observei crescer nos últimos trinta anos do papel até a mídia eletrônica. Cheguei a duas conclusões: uma é que, como adultos, os professores ou pais, nós estamos vivenciando a maior revolução do pensamento nos últimos trinta anos; outra, a

maneira como a informação é coletada, processada e organizada mudou completamente, e a maneira como as crianças pensam agora e como pensavam há trinta anos também mudou completamente. Se você é um pai ou professor, está vivenciando o momento mais empolgante para a literatura, porque essas mudanças não são apenas nas formas, são mudanças na maneira de como nós vemos a literatura.

Há um grande intervalo, um grande vazio entre as pessoas da minha geração e as pessoas mais jovens, na maneira de como elas veem, de como elas pensam sobre os textos e de como os valorizam. O que eu quero dizer é que há uma mudança na maneira de como nós compreendemos a história. E o poder do escritor, o poder do texto, está sendo substituído pelo poder do leitor. Há uma grande mudança na localização do poder e a maneira de como nós professores temos de ver isso. A primeira coisa que temos de ver a esse respeito é que, no passado, as histórias eram lineares. A maneira como nós compreendíamos a informação também era linear. Mas agora, se você observar uma criança no computador e navegando na internet, vai observar que a história na qual está interessada é formada de vários pedaços em diferentes direções. Isso significa que o livro já não é a coisa mais importante na vida de uma criança. Eu quero dar apenas três exemplos bem simples sobre isso.

Vocês, provavelmente, são familiarizados com este livro, é um dos mais vendidos nos Estados Unidos e na Europa, trata sobre vampiros e sobre meninas se sentido atraídas por vampiros. Algo que nunca entendi. Uma coisa interessante em observar minha filha mais nova lendo este livro, e o livro é apenas o começo, se você virar o livro e olhar a última página, há uma propaganda para vender o DVD, para o *site* e as músicas, os CDs do filme, e agora, então, a gente compreende

que o livro é apenas o centro de um grande universo, de uma experiência, e isso é uma maneira de a gente compreender que o leitor está se tornando um escritor.

Há muito material revolucionário sendo publicado hoje em dia. Eu poderia passar três horas aqui só mostrando esse material, mas gostaria de mostrar dois exemplos de trinta anos atrás, que mostram como as coisas mudaram e se desenvolveram. O primeiro é de 1982 e se chama o *Bruxo da montanha de fogo*. É um livro que se baseia no jogo *Dungeons & Dragons*, ficando, então, entre o jogo e o livro tradicional. Se você olhar para uma página desse livro, por exemplo, à direita você vai ver que há uma escolha, você pode decidir para onde você vai no livro, pela primeira vez, então, o leitor pode modificar o final. O leitor agora se torna mais poderoso do que o autor. Mas há mais duas coisas acontecendo nesse livro também.

Se você olhar para a figura à esquerda, essa é uma caricatura bem simplificada, um tipo de criatura má, não há nada sutil a respeito dessa ilustração. A outra coisa que a gente pode notar é que cada parágrafo tem um número, e que o texto, o número de palavras também foi reduzido. Eu não sei como é em português, mas na língua inglesa, nos últimos anos, a complexidade da linguagem usada nos livros tem decrescido, tem diminuído. Então, essa mudança do livro linear para o jogo que pode ir para várias direções também modificou a maneira de como os livros são escritos e são lidos. O que a gente vê é que muitos adultos tentam manter essa estrutura linear e preservar a complexidade da linguagem. Enquanto que os livros estão ficando menos complexos, mas mais difíceis na sua estrutura.

Eu gostaria, então, dar mais um exemplo de um livro que foi pioneiro neste problema. É um livro muito revolucio-

nário, que se chama *Eu odeio o meu ursinho de pelúcia*, de 1982. Gostaria que vocês vissem algumas ilustrações desse livro e dissessem de alguma forma o que está acontecendo. Na primeira página, nós temos a história acontecendo na parte inferior da página. “Na quinta-feira a mãe de Brenda veio visitar a mãe de John”. Porque eu sou velho, eu olho para a figura que vai me dizer o que as palavras estão me dizendo também. Se você olhar na parte superior direita, você vai ver que é isto que está acontecendo. Mas o que está acontecendo no resto da ilustração? Há quatro ou cinco pequenas histórias acontecendo ali, e quanto mais você avançar no livro, mais difícil isso se torna.

Então, você ainda tem uma história na parte inferior. “Porque que você não sai, você não vai lá fora e brinca com seus ursinhos?”, disse a mãe de John”. Você vê que agora o artista está distorcendo a nossa visão costumeira de enxergar o mundo. Então, as crianças saem e veem mais coisas estranhas. Nós temos um pouco de diálogo, um pouco de história. “Eu odeio o meu ursinho, disse o John”. Se você perguntar a uma criança o que está acontecendo, ela vai dizer: muita coisa está acontecendo. Se você perguntar para um adulto de certa idade, ele vai desesperadamente tentar fazer uma história. Nós temos um conflito aqui entre os adultos, tentando fazer uma história linear, e as crianças, aceitando que a história pode ir em diferentes direções.

Essa é a última página. Nós descobrimos, finalmente, para onde todas essas mãos estão indo, mas as outras histórias que estão acontecendo não terminaram. Este livro tem trinta anos de idade e, nos últimos trinta anos, a parte eletrônica tem tornado possível que isso se torne cada vez mais sofisticado.

A minha pergunta hoje, aqui, é para vocês. Como é que nós, na condição de adultos, professores e pais, vamos enfrentar este problema? O problema é que nós estamos julgando esses livros e essas ilustrações, usando um padrão diferente daquele usado pelas crianças, pelos leitores. Nós temos um problema na Inglaterra, e eu sei que também nos Estados Unidos, que as crianças não conseguem mais escrever narrativas muito longas, porque estão mais acostumadas em pedacinhos, em direções diferentes. É por isso que eu acho que nós estamos vivenciando um momento muito desafiador. Então, por isso, nós, professores e pais, temos de trabalhar no sentido de cruzar o intervalo que está nos separando das crianças.

Eu gostaria, então, de deixá-los com uma figura, que para mim resume todo nosso problema, porque, com frequência, nos é dito que temos de julgar as coisas da mesma forma. Aqui temos a imagem de uma professora, cercada de alunos, de crianças, e ela está dizendo: não há resposta errada; entretanto, se houvesse uma resposta errada, seria a sua. Muito obrigado.

Maurício de Sousa



Primeiro desenhista e autor de histórias infantis que entrou para uma Academia de Letras. Em 2011 tomou posse na Academia Paulista de Letras. Nasceu no interior de São Paulo, em Santa Isabel, em 1935. Veio de uma família muito humilde. Começou a trabalhar no jornal *Folha de São Paulo* e foi fazendo quadrinhos até o momento em que criou Bidu, Franjinha, Cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, Horácio, Raposão, Astronauta. Esses personagens foram invadindo e tomando centenas de publicações. Maurício de Sousa tornou-se a primeira pessoa da história do Brasil, da literatura brasileira, do desenho brasileiro, a montar uma equipe e um império de desenho animado, que já tem mais de quarenta anos.

Muito boa-tarde. Efetivamente fiquei muito entre satisfeito, alegre, comovido e admirado por ter sido aceito na Academia Paulista de Letras. Na semana passada, o presidente da academia me disse que uma repórter tinha lhe perguntado como que entra um quadrinista? Ele falou: Isto é uma Academia de Letras, não é Academia de Literatura, e está cheio de letrinhas na história em quadrinhos. Eu acho que respondeu bem para a repórter e me deu uma pista de como é que entrei lá, afinal, a gente tem de fazer o texto nosso nos balõezinhos das histórias em quadrinhos. Mas, efetivamente, quando comecei a desenhar, queria fazer histórias em quadrinhos, desde cedo. Preparei-me bem, estudei como é que funcionava a indústria da história em quadrinhos, como é que os americanos invadiam o mundo com essas histórias, distribuídas a preço de banana em qualquer lugar, até esmagando a cultura, os desenhistas de todos os locais. Eu queria enfrentar a barra, queria criar os personagens e fazer tudo o que os via fazerem. Via-os fazerem tiras de jornal, tabloides, revistas, produtos, parques temáticos, desenhos animados. Ué, por que não fazer também?

Planejei desde o início esse tipo de atividade. Estava num país onde as coisas acontecem mais lentamente, às vezes são um pouquinho mais difíceis. Esbarramos em alguns problemas sérios, às vezes com situações econômicas adversas no país, por falta de tecnologia, de computadores em algum momento para fazer os desenhos animados, mas sentia, sabia, intuía que ia dar certo, como tem dado nos últimos 52 anos. Demorou, mas estamos conseguindo. Eu acho que estou no meio do caminho ainda, com tudo o que nós fazemos, embora já estejamos em vários países do mundo, com diversos personagens falando mais de trinta idiomas. Inclusive o nosso personagem, a título de esclarecimento aqui e até para

vocês se admirarem, mais vendido no mundo é Ronaldinho Gaúcho, não é a Mônica. A Mônica sai em vinte idiomas diferentes e o Ronaldinho, em 32 idiomas pelo mundo, com expressões gaúchas, “bah”, “tri legal”, essas coisas todas. Como não há tradução nos locais onde sai a história, sai do jeito que a gente manda. Nós estamos criando algumas expressões, algumas palavras e espalhando pelo mundo, que estão criando, assim, certa comoção. O difícil, e hoje na hora do almoço estava falando sobre isto com os colegas da mesa, foi explicar para o pessoal que faz as traduções pelo mundo o que quer dizer “bah”. Tem diversas teorias, mas como não sei direitinho, talvez um dia vocês me expliquem, algum de vocês, algum filólogo, daí vou mandar um recadinho para os nossos tradutores do mundo inteiro. De qualquer maneira, estamos universalizando a expressão “bah”, bem gaúcha.

Mas voltando, queria fazer tudo isso, queria fazer histórias em quadrinhos, queria fazer desenhos animados. No começo da carreira fazia sozinho, desenhava a tirinha do jornal sozinho, quando estava na *Folha de São Paulo*, jornalista, antes repórter policial. Depois vi que fazer uma tirinha, duas tirinhas não dava para enfrentar a barra da concorrência estrangeira. Eu queria crescer, e para isso tive de montar uma equipe. Então, fui me cercando, orientando o pessoal, ajudando a fazer a arte final, depois desenho, roteiros. Hoje, somos mais ou menos duzentos artistas, trabalhando nos diversos estúdios nossos, de *merchandising*, de história em quadrinho e desenhos animados. É pouco.

Há uma demanda mundial pelo nosso material, principalmente para a área educacional. Isso senti quando, quatro anos atrás, fui procurado numa feira de livros de Bologna, na Itália, por um grupo de Hong Kong, que tinha sido contratado pelo governo da China para fazer um trabalho de alfabetiza-

ção junto às escolas, para atingir 180 milhões de crianças com esse projeto, e eles convidaram a turma da Mônica para participar desse projeto, para a pré-escola da criançada chinesa. Até perguntei por que eu? Por que não Disney, os japoneses, alguns outros grupos aí? “Por causa da natureza da sua história, a filosofia da turma da Mônica, de seus personagens. Eles não são dinheiristas, não vivem falando em dinheiro, há uma preocupação com uma proposta familiar. Uma formação interessante em seus personagens, há coleguismo, há boas mensagens e, principalmente, há ética, sendo traduzida ali nas histórias em quadrinhos”. Então, fiquei muito satisfeito, estava criando esse material com esse cuidado mesmo, para a gente preservar, pelo menos o meu lado, o que para nós é bem brasileiro, bem importante, que é o lado família, respeito, camaradagem, brincar na rua etc., etc., como vocês veem na turma da Mônica. Isso foi notado pelas autoridades de ensino da China, e que nos contrataram. Começamos então a trabalhar com essa empresa de Hong Kong, contratada pelo governo da China, para essa pré-alfabetização. Detalhe, na área de Shangai, onde fica um dos estúdios que trabalha conosco, o material saiu em álbuns, em papel. Esse papel foi patrocinado por uma das áreas do governo, que tem contribuído de alguma maneira com a nossa cultura, com nossa imagem no exterior. Talvez a área que tem contribuído mais firmemente é o Itamarati. Sem nunca me pedirem nada, nem terem conversa esquisita nenhuma, sempre, nos últimos anos, o Itamarati nos abriu caminhos e indicou caminhos no exterior. Não digo o mesmo no resto do governo, mas deve ter alguém de boa vontade por lá.

Como falei, em Shangai saiu no papel, no resto da China tudo foi pela web. Cada escola recebe o material pela web para não se gastar papel, para economizarem, no mínimo uma flo-

restazinha por dia, para quase duzentas milhões de crianças recebendo o material em papel e é uma experiência superinteressante. Tenho visitado a China, ido a escolas, faculdades, escolas chamadas “primárias” também, e a criançada fica maravilhada com os nossos personagens, tanto quanto qualquer criança do Brasil, de Portugal e de qualquer dos outros países que estamos entrando. Ou seja, criamos nos nossos estúdios e somos nós mesmos, eu e a equipe, que criamos um material universal, que fala com todas as crianças, porque os nossos personagens se parecem com muitas crianças, que vocês têm em suas casas. Quem não conhece alguém igual à Mônica, parecida com a Mônica? Quem não conhece ou teve alguém na casa falando errado de vez em quando, igual ao Cebolinha? Quem não tem alguém na família que não gosta de tomar banho? Isso é normal. Quem não deseja comer igual à Magali e não engordar como ela? Quem não gostaria de viver a vida do Chico Bento? Lá na campanha, beleza.

Então, tudo isso são momentos do personagem que transmigra, se identifica com diversos tipos de leitores. Isso tem nos ajudado bastante, primeiro na China, agora estamos entrando no Vietnã, também com projetos de educação. Estamos muitos anos já na Indonésia, com uma revista *Mônika*, com k, porque as donas das editoras que lançam são mulheres. Nós temos várias editoras, uma conduzida por mulheres que acha na Mônica um excelente exemplo de independência, de firmeza, às vezes de dureza, para o país deles ou delas. Não se esqueçam de que é um grande país super-habitado, o maior país muçulmano do mundo. E a Mônica lá, tranquilamente, faz 17 anos, mostrando como é que se trata homem. A mesma coisa não aconteceu no Japão, até agora, pelo menos, está se abrindo, porque nos últimos vinte e tantos anos eu tentei colocar a Mônica no Japão, e foi impossível atravess-

sar a barreira dos editores, por quê? Pelo mesmo motivo, ela bate no Cebolinha, e no Japão isso é inadmissível. Como é que uma mulher vai bater num homem, isso é revolucionário. Agora, deve estar havendo alguma mudança no Japão, porque eles estão aceitando e estão falando em botar a Mônica nas editoras. O mundo muda mesmo.

De qualquer maneira, estamos aí, usando a turminha de personagens como porta-bandeira de alegria, diversão, lazer, entretenimento. No miolinho da história há uma coisa ligada à ética, comportamento, uma orientaçãozinha qualquer, que passa até despercebida conscientemente. Mas faltava para mim, livro. E hoje, sem querer ofender ninguém, vou contar aqui que fiquei quase vinte anos impossibilitado de fazer livros, que queria ardentemente, mas não podia. Por quê? Porque, no meu primeiro contrato com a editora, eu queria fazer livros e o pessoal falava: “Maurício, gibi vende mais, rende mais. Fica nessa, fica calmo. Livro não vende. O que você vai fazer? Se você vende milhões de gibi, por que fazer livros? Vão vender 5-10 mil, se for um grande sucesso!” Eu ficava doente com isso, porque ia nas livrarias e via, às vezes, fazerem dois livros por ano, depois que chorava e brigava muito, via até o meu livrinho lá e via o concorrente, Disney.

Uma vez, fiz uma pesquisa com 130 livros, do lado do meu livrinho, ficava doido. Mas o meu contrato dizia que era de exclusividade do Maurício para revistas e livros. Se a editora não tivesse a proposta do livro, não fazia, e eu precisava ficar só choramingando. Daí, fui para outra editora, Globo, e não tive a malícia de mudar o contrato nesse particular, fiquei mais vinte anos querendo fazer livro, quase quarenta anos. Até que agora, recentemente, no novo contrato com a editora Panini, finalmente desgarrei, descolei livro de revista e estamos fazendo livros a mãos-cheias, como diria o poe-

ta, 174 livros nos últimos três anos, e isso vai crescer mais, porque não estou fazendo livro meu só, estou fazendo livro onde eu ilustro, outro desenha, eu desenho outro ilustra. Por exemplo, neste momento estamos preparando o lançamento de um livro, é uma coisa inédita também, mas, embora tenha feito parceria com diversos outros autores, com o Ziraldo, eu escrevo, ele desenha, ele escreve, eu desenho. Vamos lançar o livro assim, nosso. O primeiro que vai sair é o livro que ele escreveu e eu illustrei. O segundo, eu escrevi e ele ilustrou. Então, essas brincadeiras de eu escrever e o outro desenhar, outros desenhistas fazerem experiências como estamos realizando no *MSP +50*, que vocês devem ver aí na livraria, é onde convidei cinquenta dos maiores artistas brasileiros para escreverem e desenharem, à moda deles, historinhas da turma da Mônica do jeito que quisessem. A Mônica criança, adulta e velhota, menos com coisas, assim, impublisháveis, porque a revista vai para a família e vai para a criança. O pessoal fez maravilhas, tantas que nós fizemos já, vamos lançar o terceiro número, totalizando 150 dos melhores desenhistas de todos os tempos, dos novos tempos do Brasil. A maioria deles publica no exterior, desenha o Batman, Mulher Maravilha, Super-Homem, são os melhores. Alguns dos melhores do mundo estão fazendo a turma da Mônica porque aprenderam a ler com a história da Mônica, começaram a curtir desenho com a turma da Mônica. Esses mesmos ilustradores já estão escolhidos para começarem a ilustrar os nossos futuros livros e esses álbuns nossos estão servindo de catálogo para as editoras todas irem buscar no nosso livrão o desenho e o estilo que eles querem usar para seus próprios livros. Ou seja, nós estamos dando uma revolucionada, usando o desenho primeiro, depois o texto, depois essa universalização do nosso material e, ao mesmo tempo, da proposta turma da Mônica,

para que possa sair dos meus quarenta anos de cativo, sem poder escrever os meus próprios livros. Livros e em seguida educação, aonde eu quero entrar.

Nos próximos dez anos, temos uma proposta de em tudo o que nós fizemos no nosso estúdio, que pegam todas essas plataformas que estão sendo mencionadas aqui, desde *games*, desenhos animados, 3D, jogos por telefone e tudo mais, tudo vai ter o viés educação. Estou fazendo contatos com pedagogas, com estudiosos, o pessoal ligado à educação formal e informal, para que a gente possa continuar a vir até aqui, Passo Fundo, a eventos como este, para que a gente possa falar de gibi, almanaque, filme, tudo o que nós estamos fazendo, mas também a gente sentir que está falando de alguma maneira com objetivos educacionais. Estamos brigando bastante para podermos chegar à educação. Como os ministérios brasileiros querem, ou não querem, espalhar pelo Brasil, acho que vamos conseguir fazer isso.

Sou teimoso, tenho mais de cinquenta anos de história, tenho uma grande equipe maravilhosa trabalhando comigo e temos uma proposta que tem agradado boa parte de vocês, principalmente a criançada que estava aqui hoje cedo, pedindo uma coisa, que eu acho que vou estudar. Criei a turma da Mônica criança, que foi um sucesso, criei a turma da Mônica jovem, no mês passado saiu a edição, onde o Cebolinha começa a namorar com a Mônica, com uma tiragem de quinhentos mil exemplares. Isso não existe no mundo de publicação com esse número de tiragem, e vendendo, que é o mais importante. Hoje uma menina chamada Júlia, das 4.500 crianças que estavam aqui, falou, por que você não cria a turma da Mônica adulta? Ai, meu Deus. Então, nós vamos estudar, sim, a terceira plataforma, a terceira odisséia, a terceira saga, não sei

como é que vamos chamar e tenho pensado que talvez essa série deva ser cronológica, deva acompanhar a idade.

Parte da turma da Mônica jovem, que continua saindo, vai descolar dos jovens, porque os jovens estão aqui e, em algum tempo também, estão descolando, vão entrando na idade adulta, e vão viver outras emoções, outras situações, vão encontrar novidades pelo mundo. O mundo está mudando e a Mônica vai fazer vinte anos, junto com os leitores e vai sofrer, ou sentir, se maravilhar com tudo o que vier por aí. Então, moças, vai ter para as crianças, para os jovens e para o adulto em mutação, é o que vamos, a partir de agora, assistir, principalmente como o nosso amigo inglês falou aí, tudo está mudando. Em trinta anos houve essa mudança toda. E daqui a quarenta anos? Como é que vocês serão? Onde estarão? Vocês estarão maravilhados como agora com a maravilha de inteligência, esperteza de multifacetações, muito de facetas da criançada que dá um banho na gente com um simples telefone celular, ou numa máquina fotográfica. A gente vai apanhar deles, mas eu acho que nós devemos correr atrás, porque se nós ficarmos muito fora... E o jeito é vocês manterem-nos dentro do carro de viagem, num piquenique, entrar no quarto deles de vez em quando, tentar fazer com que não tranquem a porta.

Meu Deus do céu! É um desafio, para mim foi, eu tenho dez filhos, eu sei disso. Dez filhos, de 52 a 13 anos, pensem, aprendi a falar com todas as tribos. Isso me ajuda bastante, senão eu não estava fazendo tudo isso aí. Muito obrigado.

Giselle Beiguelman



Tem formação em História e um trabalho sobre redes, que envolve desde a literatura até o que se chama *web art*, até *mobile art*, abrangendo pesquisa teórica associada à produção poética. Sua produção é reconhecida internacionalmente, tendo sido citada por inúmeros artigos e livros nas temáticas da cibercultura. É autora de livros e artigos de destaque, colaborando com revistas nacionais e internacionais. O trabalho com comunicação móvel faz parte de suas atividades desde 2001, o que a torna uma das pioneiras no Brasil nesse tipo de desenvolvimento.

Boa-tarde. É mais do que uma felicidade estar aqui com vocês. De fato, é emocionante daqui de cima ver tantas pessoas reunidas num espaço só e todas, de alguma forma, compartilhando algum tipo de tributo à literatura. Para mim, é um privilégio especial não só por estar diante de uma plateia deste porte, dessa qualidade, mas também pela responsabi-

lidade de dividir o palco com autores, escritores de renome e fundamentais para a cultura brasileira como um todo, alguns dos quais marcaram a minha experiência pessoal. Maurício de Sousa, como todos, praticamente aqui, que são da minha geração, que cresceram com a Mônica e o Cebolinha, tenho a minha filha educada, também letrada a partir da leitura do Cebolinha; e o Ignácio de Loyola Brandão, que passou a adolescência, a pré-adolescência, como eu, na época do regime militar, sabe o quanto para nós foi importante a leitura, a publicação do *Zero* e, especialmente, a sua interdição, que mobilizou uma geração inteira, que, até então, na melhor das hipóteses, o que já não era ruim, lia Monteiro Lobato, e passou a se confrontar com a sua realidade concreta, histórica e contemporânea, talvez na primeira obra intertextual multimídia da literatura brasileira como um todo.

Então, nesse sentido, queria agradecer imensamente o convite da professora Tania, de que eu participasse da Jornada. Ontem tive um imprevisto, uma falha de comunicação geral, não pude estar presente na abertura da exposição que a professora Mariane coordenou com tanta categoria, rigor curatorial. Fiquei muito constrangida pelo fato de ter chegado atrasada e, depois, entre muito feliz e muito triste, ao saber, me dar conta, de que a professora Tania me preparava uma surpresa. Era uma homenagem dada à minha presença no Jurassic Park da internet, da criação literária artística nos meios *on-line*. Então, eu me desculpo com todos pelo fato, incidentes acontecem. Mas gostaria de frisar que, talvez, a maior homenagem que eu pudesse receber é de fato ter sido convidada, não só para participar da Jornada, mas especialmente para participar desta mesa com os autores que estão aqui presentes.

Enfim, vou situar um pouco a minha conversa em torno de um certo ponto de vista, dando continuidade à apresentação que me precedeu do Peter Hunt e, talvez, terminando com algumas considerações que o Maurício fez ao final da dele, de um ponto de partida talvez inusitado.

O que vocês estão vendo na tela é um QR code, um Quick response code, código de resposta rápida. É um código de barras bidimensional, criado já há alguns anos por uma empresa japonesa, a DoCoMo. A particularidade desse código de barras, na verdade, são duas: uma, é lido exclusivamente pela câmera do celular, qualquer celular com câmera; outra, adere-se a qualquer tipo de superfície e carrega uma quantidade de informações infinitamente superiores ao código de barras do tipo que nós convivemos no cotidiano, quando vamos ao supermercado, quando vamos pagar uma conta de luz. Esses são códigos de barras muito precários, porque a quantidade de informações que podem carregar é muito pequena., Só para dar uma ideia do que estou chamando de pequeno e de grande: um código de barras do tipo uma conta corrente, uma conta de consumo, tem, em média, 25 kbits de informação. Traduzindo, é uma página de texto do Word, no máximo. Isso equivale ao que estou chamando de 25 kbits de informação. Um código de barras desse tipo é capaz de transportar até 5 megabits de informação. O que estou querendo dizer com 5 megabits de informação? É um vídeo de 3 a 5 minutos, bem compactado, que vocês veem no *Youtube*. A diferença de carga, de potencial de transmissão de informação é enorme. E acrescentando-se ao fato de que a única funcionalidade desse é poder ser usado para ser lido com o celular. Nós podemos pensar que estamos aqui diante de uma forma de escrita pensada exclusivamente para leitores que estão em trânsito. Por quê? Qual é a funcionalidade de um código de barras que eu leio

com a câmera do celular? É poder ter textos, informações, endereços de *sites*, números telefônicos, enquanto me desloco no espaço urbano como um todo, sem ter que digitar nada, essa informação já está armazenada no meu celular.

Ora, nós sabemos que um dos principais problemas, do ponto de vista do *design* no que tange à mobilidade, é pensar como equacionar o problema do teclado no celular. Ou nós vamos ter de andar com um celular desse tamanho, ou vamos ter de criar instrumentos para, de alguma forma, suprimir a necessidade do teclado. Poderia passar aqui horas falando sobre a tecnologia da Arcode, mas o meu objetivo, na verdade, é dado o contexto que nós estamos, inclusive da obra que está em exposição aqui durante a Jornada, é pensar a historicidade de uma escritura desenhada, concebida para leitores que estão em trânsito. Isso nos confirma mais uma vez uma velha hipótese, que não é minha, na verdade é da professora Marisa Lajolo, de que não se fala de um mundo da leitura sem pressupor uma leitura de mundo. Isso quer dizer que ao nos abrirmos à possibilidade, não só de discutir uma literatura e uma arte pensada para os ambientes de rede, nós estamos também apostando na necessidade de repensar o universo da leitura num contexto em que as interfaces se multiplicam, e que nós, pela primeira vez, somos desafiados a ler, enquanto fazemos outras coisas.

Cada vez é mais comum a cena, para quem tem filhos adolescentes ou convive com adolescentes, de entrar no quarto e aí estar o *videogame*, a televisão, som, o computador, celular, tocando tudo ao mesmo tempo. Agora, se você pergunta: o que você está fazendo? Eu estou estudando. E geralmente está. Nós lidamos, hoje, com uma geração cuja marca principal é ser capaz de distribuir a sua atenção entre coisas. Talvez o nosso grande desafio não seja mais como controlar essa

atenção, mas como de fato estimular uma atenção distribuída em interfaces múltiplas. É muito recorrente a discussão sobre o fim do livro, e já o mataram tantas vezes que já demonstrou sua capacidade de ressurreição. Essa aposta parte de uma visão escatológica da cultura, onde o novo sempre tende a se fazer a partir da supressão do velho, e essa é uma hipótese totalmente incorreta. Nem o cinema acabou com o teatro, nem a televisão acabou com o cinema e nem a internet acabará com a literatura, a televisão, o teatro e todas as outras formas de criação. Essas perdurarão e seus formatos mediáticos continuarão até que forem encontradas novas formas mais adequadas. De outro modo, estaríamos com os pergaminhos quilométricos até hoje.

É preciso dizer também que, da mesma maneira como temos de recusar essa abordagem escatológica da cultura, devemos recusar apostar numa recorrente nostalgia pelo que nunca fomos, nem nunca tivemos. A nostalgia antecipada do livro é um sofrimento que ainda não se justifica, porque não foi encontrada forma melhor. É possível que em breve se encontre, porque os nossos futuros leitores e a atual geração de crianças e adolescentes já leem de forma diferente, especialmente já escrevem de forma diferente. É essa mutação em processo que nos cabe repensar e onde, dada a qualidade dos outros autores que me precederem e que vão me suceder, preferiria me concentrar, nessas questões, das estratégias, por um lado, de codificação, e também insistir nessa mutabilidade das interfaces, que vai permitir cada vez mais leituras em trânsito e para além da tela do computador ou do celular, ou do *tablet*.

Vou passar um vídeo, muito curto, de 2 minutos, e aí, logo na sequência, falo mais algumas palavras e prometo que encerro. O que tem de interessante neste vídeo é que esse é

um protótipo já em teste e, dada à evolução geral das tecnologias, é bem viável que, em 2014, nós estejamos manipulando já telas que se adequam não só ao tamanho necessário, mas às funções de leitura, as quais são demandadas. Com isso, gostaria de assinalar mais uma grande clivagem cultural. Um dos grandes méritos do livro foi ter feito com que o discurso e a obra coincidissem. De certa forma, foi dentro do livro que a ideia de que o meio é a mensagem começou. Essa multiplicação de interfaces à nossa disposição cada vez mais vai fazer com que nós atualizemos McLuhan. Enfim, pensemos que a interface é a mensagem que se recompõe conforme a necessidade dos contextos de leitura, os quais são primordiais. Aí é que talvez faça a passagem da fala para o final da do Maurício de Sousa, contextos de leitura e autoria compartilhada, onde o que justifica a escritura é de fato poder ser transmitida em tempo real a outros pares e, com isso, talvez, inaugurar um dos processos mais em aberto da nossa era.

Se o livro impresso foi capaz de engendrar um complexo de gestos de objetos e práticas que vão das bibliotecas à leitura silenciosa, é bem provável que o livro eletrônico, ou livro distribuído, o livro do futuro, seja o da leitura socializada. Todas essas experiências que já, de alguma forma, estamos vivenciando, especialmente no campo da música, ou no nosso cotidiano nas redes sociais, tendem a ser transportadas. Isso seria muito interessante de pensar: como pensar uma literatura que só será autenticada, legitimada, pelo seu processo de leitura coletiva, simultânea e distribuída? Acho que essas são algumas questões que vêm embutidas e que, de alguma forma, me inspiraram a produção das obras que estão aqui, e que passado aqui, depois do nosso debate, a quem quiser me acompanhar, terei o maior prazer em mostrar e interagir com vocês. Mas o fundamental aqui não são essas obras em si, ou

a partir dessas obras, porque, na verdade, essas foram o ponto de chegada, ou o ponto de transição de uma reflexão que venho fazendo já há alguns anos, tentando fugir desse ponto de vista, ora escatológico com relação à cultura, ora extremamente técnico-utópico e que deposita nas tecnologias em si uma capacidade de retenção que ela jamais alcançará. Mas, fundamentalmente, tentando aqui frisar esse ponto no qual pensar a arte e a literatura no contexto das redes é pensar uma nova máquina de ler que pressuponha a leitura distribuída, a atenção entre diversos objetos simultâneos e, essencialmente, um leitor em trânsito e em deslocamento contínuo e, portanto, demandando uma população de novos artefatos e dispositivos, por onde a literatura, a arte, a informação, a cultura e o entretenimento vão migrar e escorrer constantemente ao sabor das conexões das redes.

Isso tudo é que me desafia e desafia a todos nós a pensar uma experiência de produção e criação já voltada para ambientes compartilhados, ambientes de leitores em deslocamento e que, certamente, estarão com a sua atenção distribuída entre outras atividades e que potencialmente serão os nossos coautores em tempo real. Com isso, agradeço a vocês a atenção dispensada e a oportunidade de dividir a mesa com vocês.

Marcia Tiburi



Gaúcha de Vacaria, é artista plástica, professora de Filosofia e escritora. É graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com ênfase em Filosofia Contemporânea. Seus principais temas são ética, estética e filosofia do conhecimento. É autora, entre outros, dos livros *As mulheres e a filosofia*, *O corpo torturado*, *Uma outra história da razão*, *Filosofia cinza: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita*, *Metamorfoses do conceito*, *Magnólia*, *A mulher de costas* e *O manto: ornitomança das Berenices*, que compõem a trilogia íntima. Em 2008, publicou *Filosofia em comum: para ler junto*. Também integrou *Saia justa*, programa semanal do GNT.

Quero agradecer a todo mundo. Estou achando tudo lindo, estou muito emocionada. Sempre quis vir na Jornada, que é óbvio, não é, gente? Que é tipo incrível, óbvio que todo mundo que está aqui está muito feliz, emocionado, contente, achando o máximo.

Queria falar o seguinte, quando estava vindo para cá, esqueci de trazer o meu computador, daí ocorreu-me aquela questão existencial: o que vou fazer numa mesa sobre arte e literatura na era dos *bits* sem computador? Aí, dei-me conta, olhei na bolsa, tinha mais ou menos uns cinco caderninhos cheios de anotações, muitos lápis para desenhar. Não sou artista plástica de verdade, formei-me em desenho e gosto de desenhar, e fiquei pensando, isso certamente é uma questão que tenho que pensar. Até porque, como faço filosofia, só faço isso na vida, só penso. Pensar é muito doloroso, é muito trabalhoso, muito complicado. Para a gente pensar, precisa ler muitos livros, porque pensar não pode se dar sozinho, então é realmente uma tarefa das mais práticas que existem. Vocês todas que pensam, sabem muito bem como são movidas. As ações que praticam no cotidiano derivam de seus pensamentos e também sabem que, quando não pensam o que estão fazendo, outras pessoas estão pensando por vocês. Então, é urgente que cada um encontre um jeito de pensar por sua própria conta. Quero comentar sobre essa questão para que possam pensar sobre isso.

Fiquei preocupada em tentar responder o que significa arte e literatura na era dos *bits*. É claro que essa é uma questão genérica para que esta mesa pudesse ser realizada, para mim, isso se tornou uma pergunta. Fiquei pensando: o que será que é arte? Tem um grupo de *facebook* que fica lá escrevendo assim: literatura é arte. Arte é um assunto muito antigo, muito velho, mais ou menos inventado no século XVII.

É óbvio que é um conceito que a gente pode usar ou não e que, às vezes, se aplica a determinadas coisas, caso isso ainda seja um valor para nós. É uma questão estética, mas que carrega também esse aspecto de ser uma questão, às vezes, política, às vezes uma questão do conhecimento.

Literatura, o que é literatura? Chamo de literatura tudo aquilo que vem por escrito. Está escrito, para mim é literatura. Está escrito, claro, com a preocupação, com que significa a forma da escrita. Então, por exemplo, jornal não é literatura, histórias em quadrinhos, dependendo, podem ou não ser literatura. Mas digamos, quando há preocupação formal, um trabalho em torno disso, é literatura. Gostei muito do pronunciamento de João Almino, porque ele falou, a meu ver, justamente o que pode ser literatura. Concordo e assino em baixo do seu discurso. Bom, então, depende, mas aí a gente pode entrar numa outra discussão. Para mim, isso se tornou muito mais sério, ficar pensando o que significa essa era dos *bits*, e fiquei pensando o que será que significa na cabeça das pessoas essa convivência toda, esse campo de relações e esse contexto sociocultural histórico que a gente tem chamado de “digital”. Muitas pessoas falam hoje “era digital”.

Fiquei pensando o que são *bits*. São unidades, dá para dizer assim, medidas de informação. A Giselle colocou muito bem, aliás acho que ela virou uma medida de informação, acabou de voltar, ela podia ter se transformado numa medida de informação e ter ido passear no *cyberspace*, mas voltou e deixou de ser uma medida de informação, transformou-se num corpo de novo, num corpo que para a gente poder carregar, a gente pode pegar no colo, pôr numa cadeira, num carro, num avião. Mas, independentemente de tudo isso, nós também podemos transformar a Giselle numa medida de informação, podemos transformá-la em *bits* e transportá-la por aí na forma

de imagem, enfim, naquilo que possa ser acessado num outro ambiente, num ambiente digital. Não vou ficar falando assim, digamos, da formulação teórica que implica a possibilidade de uma medida de informação dessas, porque no lugar de onde vejo as coisas, todo mundo só pode ver de seu próprio lugar. Sou filósofa, aquilo que me fissa, me pega, me faz viver e ao mesmo tempo é capaz de me matar, é uma questão chamada “existência”. Aí que estou muito preocupada com esse negócio.

Fico pensando, assim, o que significa uma vida digital? No campo da experiência das pessoas, onde podem dizer que vivem, que experimentam, afinal de contas, isso que se chama “existência”. Acho que a era digital ou esse tempo digital é justamente um tempo em que a gente vira informação, esquece da formação, pode ser, não pode? É um tempo em que a gente vive, vamos dizer assim, dos *bits* e esquece-se dos átomos. É um tempo em que a gente é bem capaz de viver das simulações, que, aliás, é um termo muito clássico para quem estuda, enfim, os teóricos do mundo da vida digital. A gente vive da simulação, esquece-se da verossimilhança, de qual é a nossa relação com esse mundo, daquilo que poderia ser e que a gente precisa construir para que pudesse ser. E ao mesmo tempo, para mim, dá a sensação de ser um mundo em que a gente vai perdendo a conexão com o nosso próprio corpo e que a gente começa a tratar esse mundo como se fosse onde tudo se resolve pela ponta dos dedos. Para mim, o melhor exemplo do que é o digital hoje não está simplesmente na nossa relação com as telas, com os computadores. As telas estão por aí, não é gente, desde a tela do fundo da caverna. Para mim isso é uma questão muito séria, porque nós estamos hoje envolvidos nessas práticas, nessas experiências estéticas, nesse universo de telas e, ao mesmo tempo, que vivemos isso, é como se nós nos

desinteressássemos da nossa vida, que antigamente a gente chamava de “real”. Aí fiquei pensando em muitas coisas.

Este contexto todo aqui, ou esta questão aqui colocada, nos obrigaria a pensar um pouco na ética que vai acompanhar essa hiperestetização do mundo que está dada por essa nossa relação com as telas. Eu acho que vou regredir, que vou me tornar cada vez mais anacrônica, e esse é o meu movimento enquanto pessoa que vive de pensar. Não uso mais BlackBerry, não tenho televisão há muito tempo, não vou mais ao cinema e, se uso alguma tela, uso-a para desenhar. Por que estou pensando isso? E por que eu estou falando isso? Queria propor para vocês, que pensassem na possibilidade de a gente pensar essa, digamos, ética do passo atrás. Quando o Maurício falou que passou quarenta anos querendo escrever livros, Maurício, você fez um negócio muito legal na sua vida, você sabe? Todo mundo sabe. Mas realmente você pode ficar bem triste, que escrever livros é demais e lê-los também. Então, tomara que você consiga nos próximos vinte anos ter essa felicidade, que implica, isso que ele falou, um passo atrás. Acho que a gente tem de dar esse passo atrás. Pensando no passo atrás escrevi *O olho de vidro*.

Escrevi outros livros que a Luciana não conhece, que algumas pessoas aqui conhecem, um se chama *Filosofia brincante*. É um livro para crianças, até gosto de chamar com crianças. É um livro ilustrado de filosofia, em que eu e o meu parceiro de desenho e de texto ficamos pensando assim: como que a imagem pode ser pensamento? Como que a imagem pode ser crítica? Escrevendo e fazendo este livro, desenhando essas imagens, trabalhando sempre com essa ideia que a imagem está carregando, ela mesma já carrega teoria, conceito e crítica, a todo o momento eu percebia que não era possível ficar só com a imagem, era preciso a palavra, e a palavra não

se transformava em imagem. Daí o livro vai brincando com isso, o livro para criança pequena, que ia trabalhando esse tipo de coisas através de dois personagens, um que se chama Clara e outro, Peri. E fui, um dia, a um encontro com crianças e, falando para elas sobre esse livro, perguntei para as crianças: o que a gente precisa para pensar? Aí um menino muito esperto disse: o cérebro. Outro, também superesperto, disse: a mente. E aí uma garotinha, que as meninas, como em *Dona Flor e seus dois maridos*, são sempre mais espertas, respondeu: as palavras. E é verdade, a gente precisa das palavras.

Então, a gente precisa voltar às palavras. A partir de um reconhecimento das palavras, de uma ambientalização e de um convívio com estas é que a gente vai poder pensar. Mas, e aí vem a história do desenho e porque este livro de filosofia tem desenho. As palavras precisam ser observadas como se fossem traços. Quando era criança, aprendi a escrever com o meu irmão. Na verdade, a gente ficava desenhando as palavras e acho que nunca deixei de desenhar. Quando as pessoas me perguntam quando comecei a escrever, respondo, quando eu fui alfabetizada. Depois a gente segue escrevendo, o resto da vida fica escrevendo. Mas, para mim, estava muito conectado isso tudo. Ao mesmo tempo a palavra nunca se rendia a ser simplesmente uma imagem, por quê? Porque ela é uma linearidade da qual depende o universo das coisas escritas. Por mais que a gente vá para todo esse universo de hipermissão, por mais que a gente faça todas as reviravoltas, formas com as palavras, a narrativa é o campo próprio, digamos, o país, onde as palavras encontram o seu ser mais próprio. É na diferença das imagens, justamente porque uma imagem, a imagem está ali na tela, a imagem está na tela e, para que a gente possa compreendê-la, não basta vê-la, nós precisamos desenrolar esta imagem por meio de palavras. É como se a

imagem fosse um novelo fechado e as palavras fossem esse deslindar, essa abertura, esse desenovelamento dessa coisa que a gente vê simplesmente pronta. Mas a gente colocou lá no livro, *Filosofia brincante*, que era muito importante também que existisse essa relação com o desenho. E acho que aquilo que a gente devia, primeiro, ensinar para as nossas crianças, não a mexer num computador. Acho que a gente não precisa nem sair correndo para ensinar que as crianças aprendam a ler. As crianças vão aprender a ler, mas vão se tornar muito mais interessadas para aprender a ler se elas aprenderem a observar os desenhos, se aprenderem a reconhecer e construir um traço.

Por que o traço, gente? Vocês já desenharam? Desenhar é assim, se vou fazer um desenho de observação, não tem conceito aqui do Ignácio de Loyola Brandão. Eu olho para ele e começo a construir, a pôr nele um traço que não existe. Esse traço é um elemento primário, primeiro de abstração, é o primeiro pensamento que a gente pode ter. Por isso, uma criança, quando pega uma caneta na mão pela primeira vez, inventa lá um círculo, um risco. Faz hipóteses e logo, imediatamente, já está tentando comparar o mundo com esse traço que ela reconhece. Então, queria falar isso, porque acho que o traço nos ensina a pensar, por ele ser uma expressão primitiva do nosso corpo, e também porque ele implica um dado de experiência inteligente, que é poder observar as coisas, e ao observá-las, aprender a olhar, aprender a ver.

O nosso mundo está cheio de telas, cheio de informação, todo mundo pode acessar tudo a todo momento, todo mundo não, porque as pessoas pobres não têm acesso nem a isso. É bom a gente também lembrar que é importante cada um promover esse acesso, mas é óbvio que as pessoas estão total-

mente relacionadas com informações a todo momento e não sabem o que fazer com isso.

Para finalizar, queria contar uma historinha bem pessoal, mas acho que tem sentido também, já que comecei contando uma historinha pessoal. Tenho uma filha de 14 anos. Alfabetizou-se ansiosamente lendo turma da Mônica. A minha cachorra se chama Mônica, porque chegou para mim e disse: mãe, por que eu não me chamo Mônica? Olha que forte. No ano passado, quando fez 13 anos, dei para ela de presente *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir. E ela: "Mãe, esse livro é muito grande, eu tenho que ler esse negócio, que é isso?" Você não leu turma da Mônica? Você leu milhares de páginas da turma da Mônica, a Mônica tem tudo a ver com o que está escrito neste livro da Simone de Beauvoir. Brinquei com ela, assim, para que ficasse convencida. Estou falando isso porque ontem ela me mandou um *e-mail*, à noite. Ela brinca de escrever livros desde pequena, já escreveu vários, e eu sempre, claro, incentivo, acho divertido. Ontem ela escreveu assim: "Eu terminei o terceiro capítulo do livro, avancei e terminei o quarto capítulo e só consegui fazer isso porque as pessoas ontem estavam muito chatas na internet. Os meus amigos ontem estavam muito chatos. E aí eu percebi aquilo que você sempre me fala, que a internet atrapalha a imaginação." Acho que a gente tem de chamar as nossas crianças para a imaginação. Se há alguma coisa que a gente ainda possa dar para as nossas crianças, fora do universo da informação, da vida digital que não depende de nós, é o encontro com isso, que só depende, enfim, da nossa capacidade de estabelecer linguagem, afeto e sonho para que nosso futuro não se reduza, não seja eliminado simplesmente, pelas alternativas dadas na ficção científica. Aliás, o que tem de bonito na ficção científica é que também é feita de sonhos. O problema é que

a indústria cultural também coopta a imaginação da própria ficção científica.

Era isso que queria dizer para vocês. Queria dizer que a gente precisa voltar e dar esse passo atrás e pensar que nós estamos ganhando muita coisa, mas ganhar tudo isso, essa hipersuperação de um mundo cheio de dificuldades, porque a informação é difícil, porque, enfim, minha vida tem tantos problemas, não pode ser simplesmente um abandono da riqueza humana, da riqueza do contato da convivência da linguagem, que não vai poder ser simplesmente reduzida àquilo que está dado na internet. Esse é o meu chamado, então, para que vocês não deixem de existir. Muito obrigada.

Luisa Geisler



É gaúcha de Canoas e estudante de Relações Internacionais. Foi a vencedora do Prêmio Sesc de Literatura 2010, na categoria contos, com a obra *Contos de mentira*. Participou da oficina de criação literária do escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, na faculdade de Letras da PUCRS.

Acredito que o jovem, hoje, produz uma literatura, uma arte diferente. Estudo Relações Internacionais e também trabalho com pesquisa em economia. Então, não tem nada a ver com literatura e escrevo, continuo escrevendo. O jovem produz muita coisa, pode fazer muitas coisas paralelamente. Ele pode trabalhar com diversas mídias, com diversos interesses.

Comecei a planejar hoje o que ia dizer e daí eu, “ah, eu vou só olhar o meu e-mail”, e quando vi, tinha perdido duas

horas do meu dia. Então, como é que vais pensar em literatura e arte quando tens uma ferramenta que nem sentes que está respirando, estás ali no computador e não vês o tempo passar. Então, não tens que concorrer com isso. Vejo como se tivesses que usar isso a teu favor, porque tens uma ampliação tão grande das tuas possibilidades.

Concordo muito com o que a Marcia falou, no sentido de que tens de aprender a lidar com isso, porque tens de te obrigar, muitas vezes, a não se distrair com esse tipo de tema, mas, ao mesmo tempo, a arte está incluída na própria internet, na própria produção literária, nas próprias mídias digitais. Tens, muitas vezes, os blogs, esse tipo de produção que permite muitas possibilidades e muitos meios de divulgar novos autores. O Carlos Henrique Schroeder, que é um escritor de Santa Catarina, até comenta que o que importa mesmo são as histórias, não tanto a maneira como vão ser trazidas ao público, porque podes lê-las no Kindle, podes ouvi-las num audiobook, podes lê-las num livro; o que importa é que as histórias vão permanecer. A gente está nessa geração de hiperinformação, que tem muita coisa, muita informação ao mesmo tempo. É muito simplificado o que é dito. Então, ainda tem as histórias a serem ditas, tem muita coisa que é divulgada... Mas, quando escrevo num blog, estou escrevendo história, estou participando de uma produção maior. Então, a internet, sim, tem uma produção literária, um papel de incentivo.

QUESTÕES LEVANTADAS

João Almino – Tomei algumas notas à medida que ouvia meus companheiros de mesa, e achei várias ideias muito interessantes. Organizei um pouco o meu pensamento aqui da seguinte maneira. Acho de fato que a forma digital dá uma possibilidade nova para a gente em alguns aspectos, por exemplo: a simultaneidade do mundo contemporâneo pode ser mais bem percebida através da forma digital. Esta permite, isso foi mencionado aqui, as múltiplas tarefas; as possibilidades de acesso às fontes, como uma pesquisa; a leitura em trânsito, que é uma coisa que foi mencionada pela Giselle; pode implicar esse caráter de dispersão, também mencionado aqui. Entretanto, queria levantar também outra questão: por outro lado, parece-me que apesar desses novos meios permitirem algo específico são todos esses aspectos que nós mencionamos aqui, alguns que acabei de mencionar. Pessoalmente não acredito que a internet e o meio digital em si tenham conteúdo propriamente, quer dizer, ao contrário daquela ideia do McLuhan de que o meio é a mensagem, acho que em grande medida não é. Acho que nós podemos usar esses meios num sentido ou noutro, dar a ele diferentes conteúdos, diferentes substâncias.

Então, é de fato possível que esse meio digital leve alguém a não se concentrar numa leitura, mas não impede absolutamente que alguém que queira se concentrar numa leitura, se concentre. Pode levar à leitura coletiva, mas não é obrigatório isso. Alguém que queira fazer a leitura solitária, continuará podendo fazê-lo, apesar de existir esse novo suporte. Não acho, por exemplo, que essa forma nova digital leve, necessariamente, à produção de textos fragmentários. Quando são textos fragmentários, não têm a ver com a forma digital. Machado de Assis fez textos fragmentários. Grandes

autores contemporâneos, que têm usado a forma digital e que têm impressos seus livros de forma digital, têm escrito textos lineares também. Então, a forma digital não impõe, necessariamente, essa fragmentação. É uma escolha, vai ser sempre uma escolha do autor. O autor poderá continuar optando pela linearidade se assim desejar.

Por exemplo, a questão que a forma digital pode levar à produção de livros em que o leitor possa interagir com o texto, em que o leitor possa interferir, escolher o final da história. Isso é possível, a forma digital introduz essa possibilidade e a torna mais fácil. No entanto, por exemplo, Cortázar fez isso n'*O jogo da amarelinha*, sem forma digital, e, como dizia, haverá autores e há autores contemporâneos utilizando a forma digital que não necessariamente produzem textos com esse objetivo, em que fatos finais fiquem em aberto, em que o leitor pode ler de uma forma ou de outra. Há autores que escrevem do começo ao fim usando a forma digital e, portanto, diria que o meio em si não impõe essa forma, o autor sempre poderá escolher.

A ideia é de que essa forma nova, a digital, pode levar a uma multiplicidade de fontes, portanto, há certa dispersão, há uma pesquisa que é feita em diferentes lugares, em diferentes meios etc., não é uma novidade. Um escritor, mesmo no século XIX, fazia suas pesquisas, em diferentes livros, em diferentes textos, buscava artigos de jornal. Alguns grandes romances foram feitos a partir de recortes de jornal, como, por exemplo, *O vermelho e o negro*, de Stendhal. O grande livro de Flaubert veio também a partir de recortes de jornal.

Agora, o que introduz a forma digital? A facilidade da pesquisa. Torna-se mais fácil ter acesso a textos, diferentes fontes, mas isso, a meu ver, apenas dá uma possibilidade nova ao escritor na hora de compor seu texto. Em resumo diria o seguinte: essa forma introduz novas possibilidades, mas

não impõe, necessariamente, essas novas formas. Na verdade, no limite, diria o seguinte: um livro em forma digital pode ser igual a um livro impresso em papel, pode ser igualzinho, sem tirar, nem pôr, depende única e exclusivamente do autor. Portanto, diria que existem possibilidades que se abrem pelo digital, mas são apenas possibilidades novas para a escrita.

Comparto plenamente com uma ideia que foi transmitida aqui, de que, na verdade, sobretudo para o escritor, para quem preza a literatura, deve haver para o escritor, pelo menos, essa escolha, a opção pela palavra. Cabe ao escritor optar se vai querer colocar a imagem na frente da palavra ou vice-versa, mas acho que para a literatura é a palavra que conta finalmente, mesmo quando a palavra dialoga com esses meios novos. Digo isso, inclusive, porque essa é uma preocupação que pessoalmente tive na minha literatura, nos meus romances em geral, que dialogaram com essas novas formas. Há um romance que dialoga com o cinema, outro que dialoga com a fotografia. Mas, por exemplo, ao dialogar com a fotografia, todas as imagens presentes no romance *O livro das emoções* somente são apreensíveis através da palavra. É uma opção feita pelo autor. Assim como nesse romance mais recente existe um blog, existem blogueiros, mas não é o formato do blog que finalmente está lá, mas, sim, uma transposição literária desse diálogo. Digamos, assim, com o blog que é um meio novo, contemporâneo. Então, essas são algumas das ideias que queria transmitir aqui.

Pergunta: O Jostein Gaarder já esteve presente numa edição da Jornada no passado. Você, como filósofa, Marcia, pensa que sua obra *O mundo de Sofia* auxilia ou confunde os jovens leitores a pensar sobre a existência, neste mundo cibernético e cada vez mais evoluído?

Qual seria teu olhar filosófico para a filosofia da arte, relacionando o belo e o gosto em nosso cotidiano dominado pela tecnologia?

Marcia Tiburi – Em primeiro lugar, não gosto de manual de filosofia, não gosto de livro de história da filosofia e acho que *O mundo de Sofia*, dentro do seu contexto, é um bom romance, bem escrito e conta muitas coisas que são boas. A minha iniciação com a filosofia foi selvagem e fascinante. Eu descobri Schopenhauer, Nietzsche, Kierkegaard, Marx, Hegel quando tinha 17 anos e achei os livros de lascar de difíceis, e, olha, que eu era a “caxias” da escola. Só tirava dez em física e química, era fissurada em tirar dez, e filosofia era muito mais difícil. Achava muito mais legal quando descobri, não descobri na escola, porque na minha época a gente não tinha filosofia, quer dizer, teve um padre dando filosofia no colégio, que a gente expulsou. Mas eu fui descobrir filosofia na biblioteca da minha cidade, aqui perto, Vacaria, e fiquei fascinada como os textos eram difíceis. E até hoje continuo gostando de ler livros muito difíceis.

Acho que, às vezes, quando a gente tenta iniciar as pessoas com coisas muito fáceis, elas se sentem ofendidas na sua inteligência. Então, não tenham medo de dar pedreira para os alunos de vocês, de dar livros difíceis, isso é uma coisa muito boa. Não pensem que as pessoas vão se apaixonar por alguma coisa porque ela é fácil. Se a pessoa se apaixonar muito só porque é fácil, deve ser convidada a experiências mais complexas para que a inteligência dela seja despertada. Assim é como eu penso, vocês não precisam pensar como eu penso.

Eu acho que belo é um conceito muito antigo. A gente só pode pensar o belo dialeticamente em relação à construção histórica também da feiura. Vocês sabem muito bem que belo é um conceito aristocrático, fundado pelos gregos, que passou à história da filosofia inteira e à história da cultura, tendo

uma função de determinar qual é o gosto que vale e o gosto que não vale, o gosto que tem o direito de existir e aquele que não. Vocês sabem muito bem que a feiura está ligada à pobreza. Então, se liguem nisso. Não pensem que o belo é bom só porque ele foi positivado, enquanto que o feio foi negativado. É preciso pensar nisso.

Acho que são conceitos ultrapassados para a gente pensar a era das novas tecnologias e pensar também qual possa ser o significado da arte nos dias de hoje. Arte, como eu também falei antes, é um conceito muito antigo, muito ultrapassado, e hoje em dia prefiro pensar no mundo das coisas. Existem coisas expressivas e significativas que as pessoas fazem. E o mundo, aliás, da informação é o mundo das não coisas. Então, arte é uma coisa que a gente pode pegar, que a gente pode ver, que pode atuar sobre a nossa percepção e, em geral, a gente pode chamar de arte aquilo que vai atuar na nossa percepção, abrindo nossa percepção. Então, o poema da Giselle, é um poema Giselle, digamos. A gente pode dizer aquilo é arte e mexe com nossa percepção por mais que seja digital também, mas está ali e no meio do caminho.

O que eu acho muito complicado é a gente simplesmente querer encaixar as coisas dentro de um conceito antigo de arte. Então é melhor nem pensar em arte. É melhor pensar nas coisas que as pessoas estão fazendo e as coisas que carregam significados, que pretendem, que podem, talvez, abrir a nossa percepção. Aliás, coisa bacana a gente pensar, diante do que o João Almino acabou de falar, é que arte é aquilo justamente que nos coloca numa relação com a percepção, que vai na contramão dessa distração concentrada, que é promovida, hoje, pelos meios de comunicação, pela propaganda com raras exceções, que confirmam justamente que existe aí uma regra. E acho que a nossa grande luta como escritores, professores, educadores e pessoas que têm ética e decência neste

planeta, ainda é lutar contra esse tipo de heterodeterminação do nosso pensamento, da nossa sensibilidade. Nós temos de libertar a sensibilidade das pessoas e ela acontece por meio de uma libertação da percepção que é a grande colonizada dos nossos dias. Obrigada.

Pergunta: As mudanças que vêm ocorrendo no pensamento, na forma de pensar do ser humano moderno, não vêm tornando mais superficial e suscetível as imposições da sociedade econômica?

Peter Hunt – Acho que a tecnologia vai nos tornar, na verdade, seres humanos mais complexos. É muito importante distinguir a literatura como um sistema de valor e a literatura como uma oportunidade para crescimento e desenvolvimento. Uma das coisas mais interessantes a respeito dos livros infantis no momento é que os autores adultos têm uma visão muito pessimista do futuro. Acham que a ciência é um inimigo e que nós estamos destruindo o planeta. O que eu acho é que é uma mensagem muito infeliz que a gente tem a transmitir para as crianças que vão ter de viver nesse futuro. Sou otimista nessa ideia de que nós podemos trabalhar com a tecnologia para nos tornar seres humanos melhores e também tornar as nossas crianças melhores.

Pergunta: Os livros mais vendidos no Brasil são de autoajuda, que representam a procura de algo que soluciona conflitos internos do ser humano. Diante das tantas disparidades sociais pode até, de certa forma, ser entendido. Mas nos Estados Unidos, um país evoluído e que viveu um 11 de setembro, a maior ameaça à sua pujança, daí, então, a busca de uma mutação ou fuga para a figura fantasiosa de vampiros. Esse tipo de literatura de ficção representa uma geração de leitores jovens, os quais não desejam se comprometer com a realidade?

Peter Hunt – É uma boa pergunta a respeito de para onde a nova geração deseja escapar. Eu acho que todas as gerações tentam escapar e nós temos que ser muito cuidadosos com o que a gente deseja para os nossos filhos. E nós temos que lembrar que até o próximo ano os adultos também estão escrevendo livros.

Marcia Tiburi – A gente tem que lembrar que o que a gente chama de infância é uma projeção histórica de cada tempo e que a infância pode ser tratada também como uma experiência de linguagem, e por isso que tem adultos que conseguem escrever livros para crianças e outros adultos que não têm competência, porque não são capazes de entrar na experiência de linguagem das crianças. Mas isso é muito perigoso porque, de qualquer maneira, sempre há uma projeção sobre essas pessoas que estão no início de suas vidas, sempre há uma projeção dos nossos desejos.

Alcione Araújo – Proposto o tema “Arte e cultura na era dos bits”, como vocês viram, há controvérsias acerca da atitude perante à internet, o acolhimento criando estratégias de defesa, ou a renúncia absoluta a ela. Como aconteceu aqui, há um ponto de vista de que a criança faz expandir a percepção do mundo pela sua própria natureza, que é algo autônomo à existência da internet e, portanto, ficamos com este painel sem ter uma convergência para um ponto único de interpretação. O que quer dizer que os integrantes deste palco também não conseguem refletir o que está acontecendo com o mundo e ter um ponto de convergência acerca disso que está nos atormentando pela dificuldade de termos unanimidade sobre como conviver com a evolução da tecnologia que nos traz benefícios, mas ao mesmo tempo, inúmeros dilemas. Obrigado.



Da esquerda para a direita: Marcia Tiburi, Marlene Silvestrin, Luisa Geisler, Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo, Luciana Savaget, João Almino e Peter Hunt



Da esquerda para a direita: Maurício de Sousa, Luisa Geisler, Marcia Tiburi, Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo, Luciana Savaget, João Almino, Giselle Beiguelman, Luciana Rosa e Peter Hunt

CONFERÊNCIA: HORIZONTES DO CONHECIMENTO NA ERA DIGITAL

Conferencista: Pierre Lévy. Debatedor: Adriano Teixeira.

Pierre Lévy



Nasceu em 1956, na cidade de Túnis (Tunísia). Realizou seus estudos na França, doutorou-se em Sociologia e em Ciências da Informação e da Comunicação. As pesquisas de Lévy concentram-se especialmente na área da cibernética e da inteligência artificial, abordando o papel fundamental das tecnologias na esfera da comunicação e a performance dos sistemas de signos na evolução da cultura em geral. Lévy é autor de uma dezena de obras filosóficas que tratam da comunicação na atualidade, entre as quais *O que é virtual*, *As tecnologias da inteligência*, *O futuro do pensamento na era da informática*, *Inteligência coletiva*, *Por uma antropologia do ciberespaço* e *Cibercultura*. É um dos mais importantes defensores do uso do computador, sobretudo da internet, para a ampliação e democratização do conhecimento humano. É filósofo da cibercultura do ciberespaço, da inteligência coletiva, do aprendizado cooperativo e da árvore do conhecimento.

Boa-noite, Passo Fundo, boa-noite Jornada de Literatura, boa-noite a todos vocês. A literatura é o uso criativo da linguagem e está no *corpus* da contação de histórias. O que vou falar agora é uma espécie de metaprojeto literário, é uma espécie de utopia linguística, mas uma utopia linguística que pode se tornar real e transformar a maneira como lemos e escrevemos. Penso que é uma grande transformação cultural que está acontecendo, que é tão importante quanto a transformação que ocorreu da cultura oral para a cultura escrita. E nos dias de hoje, nós estamos vivenciando a transformação da cultura escrita para a cultura da computação, algo do gênero.

Primeiro gostaria de desenhar o mapa da nossa experiência humana para que possamos entender o que é cultura, quais são as mídias da cultura e a relação entre mídia e cultura. Como vocês podem ver na imagem, o que está no centro da experiência humana é a presença, eu estou presente aqui e vocês também estão presentes. Isto está dividido em duas partes diferentes: uma é material e outra, espiritual; uma é atual e outra, virtual. A parte inferior da imagem representa o atual e a parte superior, o virtual. Primeiro, vamos olhar o atual. Nós temos um corpo e esse nosso corpo está situado num ambiente material. Prédios, tecnologia, tecidos, roupas. Nosso corpo está no mundo material, num espaço tridimensional e também num tempo sequencial, quando tem um momento depois do outro. Uma cultura material está no espaço intermediário entre este espaço tridimensional e o espaço sequencial unidimensional. O universo material, o espaço-tempo é algo universal. Nosso corpo é singular, é um ponto, e a nossa cultura material é o intermediário entre esse corpo singular e esse corpo espaço-tempo universal. Mas há outro aspecto da experiência humana, o virtual.

Nós temos uma mente, temos inteligência, estamos engajados num processo de aprendizagem, ou ensino para os professores. Isso não é algo material, isso é uma aventura no universo da mente. Uma ideia é algo que você não pode tocar. Nós temos este aspecto impossível de tocar em nós mesmos, que é a nossa personalidade interna. Mas também há aspectos coletivos no mundo da mente. E isso é a cultura. Claro que a cultura não é sempre a mesma, a cultura era diferente há séculos atrás e, no futuro, também será diferente. Então, a cultura material depende do tempo e do lugar, mas a cultura simbólica também.

E há, finalmente, um aspecto universal para nossa experiência humana virtual, algo que não muda, que é sempre o mesmo, e que é característico da espécie humana. É a habilidade de manipulação simbólica, de manipular símbolos, jogar com símbolos. Por exemplo, nós podemos fazer perguntas, contar histórias, conversar, podemos nos preparar para o que vamos fazer nas próximas três semanas. Todas essas coisas não podem ser feitas pelos outros animais, só os seres humanos podem fazer isto, perguntar, contar histórias e assim por diante.

Vocês podem notar que há dois universos, dois ecossistemas universais, vamos dizer assim. Um que é material e um que é espiritual. Talvez a história da humanidade seja a exploração através da cultura, a exploração desses dois ecossistemas universais, porque nossa relação com o universo material, hoje em dia, já não é a mesma da que nós tínhamos séculos atrás. Assimetricamente, a nossa relação com o mundo das ideias com o mundo do conhecimento também é diferente da que nós tínhamos há séculos atrás e a história da humanidade é, talvez, a exploração de todas essas possibilidades da mente. Seria impensável para as pessoas de

vários séculos atrás ter acesso ao conteúdo de todas as bibliotecas do mundo sem sair do lugar. Isso, para mim, é o aspecto mais interessante da revolução da comunicação que estamos vivenciando hoje em dia. Parece-me que estamos explorando um novo relacionamento com a nossa mente, com a mente da humanidade. Não é que tudo vá se tornar virtual e que o corpo, o atual, vá desaparecer, não. A mente humana sempre foi virtual, desde o início, e nós sempre vamos ter o corpo material, isso não vai mudar, mas o que vai mudar é a cultura simbólica e a cultura material.

Depois dessa apresentação geral da situação humana, vou falar o que considero um dos maiores problemas filosóficos hoje em dia. Nessa sala, nesse espaço, há muitas pessoas que são estudantes ou professores. Estamos envolvidos, portanto, num processo de recepção e transmissão de cultura. Todos nós somos parte da geração presente. E esta geração presente está entre a geração prévia e a próxima geração. Isso também é universal, nunca vai mudar, porque nós somos mortais, então há uma geração prévia e uma geração futura. E há esse processo contínuo de transmissão de cultura. Quando digo transmissão, claro que é um processo ativo do ponto de vista da recepção e do ponto de vista da transmissão, é sempre ativo, está sempre trabalhando.

O problema é que a cultura geralmente está inserida na mídia. Você tem um suporte para a escrita, você tem os registros, os discos, para a música, temos cinema, filmes, e assim por diante. Todo conteúdo cultural, todos os artefatos culturais são relacionados a uma mídia específica. O problema é que a geração prévia, anterior, está acostumada a um tipo específico, um tipo particular de mídia, a mídia de trinta anos atrás, e a geração futura usará mídia daqui a trinta anos e há

uma aceleração na mudança da mídia. Isso é uma das razões principais, porque é tão difícil transmitir cultura.

A mídia tem dois aspectos, um que é material, que transforma nossa relação com o espaço e o tempo, por exemplo, o telefone, que criou uma relação diferente entre o espaço e o tempo; outro, não relacionado ao espaço tempo-físico, mas relacionado à memória, uma organização da mente, e esse é o aspecto simbólico da mídia. Você não consegue separar esses dois aspectos. Há o aspecto virtual e o atual. A mídia, que está se tornando dominante hoje em dia, é a mídia digital, e a minha previsão é que essa está aqui para ficar. Essa mídia se caracteriza por três aspectos importantes. O primeiro é um crescimento no poder da computação. Isso é importante porque se relaciona com a especificidade da humanidade. Lembrem-se de que a especificidade da humanidade é a manipulação simbólica, o jogo simbólico. Então, o poder da computação está em aumentar e transformar a nossa maior habilidade cognitiva. O aumento do poder da computação e o aumento da capacidade de registros, o tamanho da mente está crescendo, crescendo cada vez mais. O terceiro aspecto é o crescimento da habilidade de comunicação através da largura de banda e a obliquidade. Isso significa que cada vez mais estaremos capazes de transmitir informação de qualquer lugar para qualquer lugar.

Nós temos que pensar juntos esses três aspectos: o aumento da comunicação, a memória e o poder de computação. E não se esqueçam de que nós estamos apenas no começo de tudo isso e que isso vai acelerar na próxima geração. Minha ideia é que, hoje, nós temos essa mídia técnica, esse meio técnico, mas nós ainda não temos a parte simbólica que é adaptada a essa mídia técnica. Ainda não sabemos direito como explorar todo esse potencial de comunicação e computação.

Ainda usamos os sistemas de escrita que herdamos da mídia estática. Agora, posso colocar a minha questão filosófica, dado o meio técnico atual e futuro. Qual é o meio simbólico que cumpre com as duas restrições seguintes, os dois limites seguintes: a exploração máxima do meio técnico e o crescimento do potencial do poder de computação da comunicação e da memória? Mas essa exploração do meio técnico deve ser feita a serviço do máximo fortalecimento no processo de transmissão e recepção de cultura. Esse é o problema que estou colocando.

Nós ouvimos muito a respeito do uso dos computadores para os negócios, os desempenhos técnicos e todos esses aparelhinhos que nós compramos, mas o que é mais importante para nós aqui nesse espaço é a cultura. Significado, literatura, arte, essa é a nossa preocupação maior. É na direção de criar e transformar o significado que nós devemos seguir. Eu falo aqui a respeito do significado da mente humana e de ideias. Mas o que são ideias exatamente? Por que queremos nos tornar capazes de absorver ideias com essas novas ferramentas? Nós temos que entender o que é uma ideia.

Minha proposição é que uma ideia tem três partes: a primeira é o aspecto perceptual. Há uma imagem, uma imagem visual, uma imagem auditiva, uma imagem tátil, uma imagem fenomenal, fenômeno, fenomenológica. O fenômeno-númeno. Quando vejo vocês, isso é um fenômeno, mas quando estava sozinho no quarto do hotel, duas horas atrás, estava imaginando vocês, e isso também era uma percepção. Sempre há uma imagem. A segunda é a emoção, o afeto. Eu gosto ou não gosto. Eu gosto um pouco ou gosto muito. Eu não gosto muito ou eu odeio. Sempre há este aspecto energético envolvido em qualquer ideia. Finalmente, a terceira é o conceito. Essa é uma parte especificamente humana, claro que os outros animais têm percepção e afeto, mas eles não têm concei-

tos, claro que categorizam suas percepções, mas não fazem isso de forma reflexiva. Eles não conseguem nomear as categorias da qual fazem uso para as suas percepções. Nós conseguimos fazer isso, temos esse aspecto reflexivo do pensamento porque usamos a linguagem, porque usamos símbolos.

Essa é a estrutura das ideias, e o que digo é que, se queremos computadorizar ideias, nós temos de formalizar esses três aspectos. No que toca à percepção, é relativamente fácil. O que podemos dizer, por exemplo, é que qualquer tipo de imagem multimídia pode ter um endereço na web. A parte afetiva também é algo fácil, porque é um aspecto intensivo, a quantidade de afeto, e há um aspecto polarizado, que é o gostar ou não gostar. A parte mais difícil realmente é a do conceito, porque nós o manipulamos com a linguagem, línguas naturais, e essas nossas línguas naturais não evoluíram ao ponto de serem manipuladas automaticamente, elas são irregulares. É por isso que eu inventei uma língua que pode ser manipulada automaticamente. Não estou apenas falando sobre o valor verdadeiro das proposições, mas estou falando sobre o significado das proposições, porque a computação, a respeito da verdade ou da falsidade de um conceito, já está sendo feito pela lógica. Isso é o que a ciência da computação e a inteligência artificial já fazem.

Então, qual seria a linguagem cujo significado pudesse ser transparente para a computação? Vocês lembram da percepção, do afeto e do conceito. Vamos representar ou formalizar a percepção pelo URL, só para lembrar o URL é o endereço. Vamos representar o afeto por um tipo de corrente semântica, com uma intensidade e uma polaridade em particular. Então, essa aqui é a URL e estes podem ser representados por números. Esses não são originais, o que é original é a USL. USL significa localizador semântico uniforme, e é construído,

é feito da mesma forma que a URL. O URL é o endereço dos dados, ao passo que o USL é o endereço dos metadados, ou seja, do conceito que categoriza a percepção. Este modo de abordar o conceito é parte da linguagem. A USL é então um texto na língua que eu inventei e o nome dessa língua é IEML, traduzido fica metalinguagem da economia da informação. Então, o texto, nessa linguagem, nessa língua, é o endereço que pode ser manipulado automaticamente e você pode medir as distâncias entre este endereço e entre outros endereços, podendo você também gerar esses textos automaticamente. Você pode traduzi-los automaticamente em qualquer língua natural. Eles funcionam como uma espécie de coordenadas semânticas dos dados.

Vamos, então, tomar uma proposição em IEML. Dessa proposição você pode computar automaticamente o significado da proposição. Mas qual é o significado? Dizem que você não pode separar o significado do contexto, como você vai poder computar o significado então, já que você não pode separar o significado do contexto? O que digo é que o significado é o contexto e que você pode representar o contexto através de uma rede, uma rede complexa. Então há dois aspectos neste contexto, o natural e o virtual. O contexto atual é feito de uma rede sintagmática, isso significa que, quando eu estou pronunciando uma frase em particular, há um sujeito, um verbo, um complemento ou objeto e todas essas palavras estão relacionadas. Então, uma rede sintagmática não é nada mais do que uma rede de palavras que está conectada através de relações gramaticais. Numa língua você pode reconstituir automaticamente esta rede.

Mas, então, qual o significado das palavras? Essas são as conexões paradigmáticas. Quando você procura por uma palavra no dicionário, a palavra é definida em termos de outras

palavras; de fato, qualquer palavra é um tipo de nó dentro de uma rede de outras palavras, então há um tipo de interdefinição de todas as palavras. Sei que há muitos professores por aqui e eu também sou um professor, e tento estimular os meus alunos a usarem um dicionário. É muito importante, você não pode ler nenhum texto em profundidade se você não utilizar o dicionário.

Quando você lê, qualquer palavra é um nó na rede sintagmática. Mas também é um nó na rede paradigmática. Então há uma espécie de interface entre a rede da frase e a rede do dicionário. Esse é um aspecto a mais, porque qualquer proposição volta ao texto. Então, qualquer proposição de um texto também está relacionada às outras proposições do mesmo texto. Por exemplo, claro que vocês vão entender a frase que estou pronunciado agora, mas vocês entendem realmente quando ligam essa frase que estou falando às outras frases que venho falando desde o início dessa conferência. Esse é o contexto. Pior ainda, todo o texto está em relação com outros textos. Essa é a intertextualidade. Um texto pode citar outros textos ou ser citado por outro texto, ou fazer uma alusão a outro texto.

Todas essas coisas geralmente não são computáveis, mas com a minha língua, ou com qualquer outra língua que tivesse o mesmo propósito, o significado vai ser computável. Quando digo que posso manipular automaticamente o significado de uma proposição, quero dizer que posso manipular automaticamente todas essas redes sintagmáticas, paradigmáticas, intratextuais e intertextuais. Tudo isso é o intertexto, é claro. A linguagem do sistema do futuro vai ser hipotética inerentemente e vamos ser capazes de explorar explicitamente todos os aspectos do significado. Que ferramenta maravilhosa para a literatura e para a pedagogia!

Vou terminar aqui, em um minuto vou descrever a arquitetura do hipercórtex. Qual é a diferença entre o cérebro global e o hipercórtex? Eu diria que o cérebro global já existe, é a internet e todas as pessoas que estão conectadas a esta. O que falta hoje em dia é um tipo de flexibilidade desse cérebro global. Nós não temos as ferramentas simbólicas que nos auxiliam a entender a maneira como pensamos juntos. Quando nós estamos explorando a memória global no *Google*, por exemplo, nos perdemos no labirinto, não há listas e não há possibilidade de uma visão geral, não podemos nos aproximar ou nos distanciar em relação à memória global. Não podemos computar distâncias semânticas. O que estou propondo é que o hipercórtex vai agregar aspectos virtuais à internet atual que já existe.

Vamos começar com o atual. Primeiro, nós temos circuitos eletrônicos, que estão fazendo a computação atual, real, nos *bits*. E depois nós temos o endereço dos dados, essas são as URL, é a web e, finalmente, nós temos ecossistemas particulares de dados, como *Facebook*, *Twitter*, *Youtube*, plataformas para troca e transformação dos dados. Agora, o aspecto virtual. A ideia é mapear esses dados, usando conceitos, mas não expressões das línguas naturais opacas e não computáveis. Conceitos expressos em língua especial que são transferíveis para a computação. Tudo isso é manipulado pela máquina virtual que é capaz de criar e transformar e atravessar todos esses significados.

E de que maneira nós vamos categorizar os dados usando esses conceitos? Isso é muito importante, nós vamos fazer isso de uma forma completamente livre. Qualquer indivíduo, grupo ou instituição, vai ser capaz de categorizar seus dados da forma que quiser, da sua forma. Eu chamo esses aplicativos de jogos de interpretação coletiva, porque, claro, não há

um significado absoluto de um dado ou de uma coletânea de dados. Então, de cada ponto de vista haverá um mapa de dados diferentes, mas todos os mapas serão compatíveis e todos esses conceitos expressos na IEMML vão ser traduzidos automaticamente para as línguas naturais.

Vocês viram que aqui escrevi a perspectiva das humanidades, nós não estamos falando apenas de dados, estamos falando também em ideias, sobre significados, e o atual que vai conectar os conceitos e os dados serão as conversas criativas. Vocês lembram dessa mariposa que estava aqui no chão, vocês considerem essa imagem como aquela mariposa, com duas asas, uma asa com os dados e a outra asa com os metadados. E a conexão entre os dados e os metadados é feita pelas conversas criativas que acontecem hoje em dia no ciberespaço. Você vê que a direção na qual essa mariposa está voando é a inteligência coletiva, não uma inteligência coletiva simples, mas uma inteligência coletiva refletiva, complexa. Essa será a direção do futuro. Obrigado.

QUESTÕES LEVANTADAS

Adriano Teixeira – Enquanto o professor Lévy falava, não só eu, mas outras pessoas tuitávamos algumas frases. Enquanto eu tuitava, via que outras pessoas da plateia também faziam menção a algumas questões colocadas pelo professor Lévy. E algumas pessoas que não estão presentes aqui do ponto de vista do atual. Mas, sem dúvida alguma, quando nós começamos a nos voltar para o potencial do virtual essas pessoas participavam conosco.

Uma das questões que gostaria, para a gente começar essa conversa, de solicitar é que falasse um pouco mais sobre esse potencial do virtual, para esse processo, desculpe a redundância, para o potencial dessa estrutura que possibilita a construção da inteligência coletiva, para esse processo essencialmente criativo que é a literatura e também para a obrigatoriedade de que no ciberespaço cada leitor seja também um autor.

Pierre Lévy – Acho que, já é óbvio, há um tipo de leitura criativa, hoje, que explora as possibilidades da leitura hipotética. Gostaria de dizer também que os *videogames* são um tipo novo de narrativa interativa nos quais é muito difícil isolar o papel do autor, do leitor, do expectador, do jogador, porque o autor ou *designer* de um jogo de *videogame* multiusuários vão lá, criam uma espécie de matrix e desta todos os usuários estão criando narrativas juntos, isso já está acontecendo. O que estava falando é algo que é mais incrível ainda. Não sou um sociólogo, então não fico observando o que está acontecendo, sou participante como todo mundo, meu trabalho específico é predizer o futuro.

Eu não tenho certeza se a nossa percepção estética é linear (analógica). Vamos pensar na arquitetura, por exemplo, nós exploramos um prédio pelo lado de fora, nós exploramos por dentro, não é algo linear. Essa é a minha primeira observação. A segunda observação, é claro que a linguagem se apresenta de uma forma linear, há uma palavra depois da outra. Mas se nós entendemos o que é dito, nós reconstituímos uma rede na nossa mente, então não é apenas unidimensional, mas é tridimensional, quadridimensional, infinitamente dimensional na nossa mente. Outro exemplo é a arte da memória na antiguidade. Uma imagem de uma grande arquitetura de um prédio até de uma cidade é uma ideia colocada em cada parte, em cada lugar específico dessa arquitetura. É a ideia sendo representada pela imagem. Essas são tecnologias virtuais muito antigas, que não são lineares.

Alcione Araújo – Vou insistir na pergunta, porque ele respondeu, mas respondeu a partir de uma arquitetura, e arquitetura é tridimensional, e possibilita sempre uma visão mais próxima do que seria digital e mais afastada do que seria analógica. Então, vou voltar ao texto literário que interessa aqui. Por exemplo, lê-se uma palavra, outra palavra e lê-se uma frase no processo de acumulação linear de informação. Essa frase lida dessa maneira produz sinapses. Eu pergunto se num processo que não seja analógico, se essas emoções, que são a questão da estética, serão de naturezas diferentes, ou seja, será uma experiência estética de natureza completamente diferente? É porque todos os teóricos que mencionam as questões da utilização digital sempre se referem às crianças, supostamente por ainda não terem uma acumulação analógica, como nós acumulamos toda a cultura ocidental linear. Como se dará essa acumulação num adulto que cresceu com

uma formação analógica e vai ter que conviver com emoções de origem digital?

Pierre Levy – Para mim não é a emoção digital. Para mim as emoções não são digitais, elas estão criadas num corpo. E a minha resposta é que serão as mesmas emoções. Porque uma emoção não é relacionada especificamente a uma mídia, é mais relacionada à estrutura do nosso sistema nervoso. A transformação das emoções está mais relacionada à farmacologia do que à mídia da linguagem. As nossas emoções, posso estar errado, vão ser as mesmas, vão ser do mesmo tipo.

No final do século XX, havia uma pessoa para toda a população global que estava conectada. Hoje em dia, 35% da população global estão conectadas todos os dias, antes era 1%. E essa transformação ocorreu, digamos, em menos de vinte anos. Nunca houve na história da humanidade tamanha distribuição de sistemas de comunicação. É muito rápido. Nós podemos dizer, sem erro, que antes da metade do século XXI, mais de 50% da população mundial vão estar conectadas. O que é importante é o índice dessa conexão.

A exclusão ou a divisão digital é algo que está desaparecendo rapidamente, mas esta não é a minha resposta mais importante. A mais importante é que você não pode usar todas essas ferramentas se você não sabe ler e escrever, a razão maior da exclusão é o analfabetismo. Este não é só uma exclusão digital, mas também uma exclusão econômica, cultural e política. Não é uma questão de acesso à tecnologia, e é bom lembrar que ter acesso à internet é muito menos caro do que pagar professores, construir escolas ou organizar um sistema educacional. O grande esforço deve ser colocado na educação tradicional.



Da esquerda para a direita: Ignácio de Loyola Brandão, Al-
cione Araújo, Adriano Teixeira, Pierre Levy, Luciana Rosa e
Edson Trescastro

PALCO DE DEBATES: IDENTIDADE, LITERATURA E CULTURA NA GLOBALIZAÇÃO

Conferencistas: Luiz Costa Lima, Gonçalo Tavares, Maria Esther Maciel, Nilson Luiz May, Arthur Martins Cecim, Tatiana Salem Levy. Debatedora: Telisa Furlanetto Graeff.

Gonçalo Tavares



Nasceu em 1970, em Luanda, Angola. Estão em curso cerca de 190 traduções de sua obra, com edição em quarenta países. Os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, peças radiofônicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, vídeos de arte, óperas, performances e projetos de arquitetura, teses acadêmicas, entre outros. Em Portugal, recebeu vários prêmios, entre os quais o prêmio José Saramago, em 2005, o prêmio LER/Millénium BCP, 2004, com o romance *Jerusalém*. Recebeu também prêmios com

Uma viagem à Índia, como de melhor narrativa ficcional de 2010, da Sociedade Portuguesa de Autores, e prêmios internacionais, como o Prêmio Portugal, Telecom, 2007 (Brasil); Prêmio Internazionale, Trieste, 2008 (Itália); Prêmio Belgrado, poesia, 2009 (Sérvia); Prêmio de melhor livro estrangeiro de 2010 (França). Recebeu ainda o Prêmio literário Europeu, 2011, para estudantes francófonos, com *O senhor Kraus e a política*. Com *Jerusalém* foi indicado para o Prêmio Cévennes, 2009, Prêmio para o melhor romance europeu (França).

Antes de mais nada, boa-tarde. É sempre complicado começar, mas queria começar por agradecer o convite da Jornada de Passo Fundo, das várias pessoas envolvidas, e também agradecer o apoio que estou tendo das minhas editoras e dizer que é com muito prazer que estou aqui em Passo Fundo, a partilhar esta conversa com vários colegas. Há um tema da mesa, tomei algumas notas que têm a ver com a questão da identidade. Queria dizer, até antes de começar, que é muito estranho para um escritor começar a falar para tanta gente, a sensação é sempre, eu acho, um bocado assustadora, mas ao mesmo tempo é a sensação que alguém se enganou, provavelmente vocês estão aqui para ver outra coisa, e houve aqui um engano qualquer. Bem, se estão para ver e ouvir escritores, eu acho que é raro e nós todos agradecemos.

Há uma história ligada um pouco a um povo nômade, os ciganos, que tem a ver com a forma como diferentes famílias deixavam sinais nos cruzamentos. Há uma tradição cigana de em cada cruzamento deixar, quando eles viram, por exemplo, à direita, uma maçã como sinal de que a primeira carroça virou à direita e deixou essa maçã. Normalmente, os cortejos entre famílias ciganas têm intervalos entre as carroças, que podem ser de duas horas, ou às vezes de dias. Então, o que acontecia há um século atrás é que a segunda carroça da família, quando chegava ao cruzamento, passado às vezes um dia, olhava para o cruzamento e via onde estava a maçã e

percebia para onde é que sua família tinha virado. A maçã, então, era um sinal especial que dava informação sobre o espaço, mas ao mesmo tempo, e o que parece interessante nessa forma de deixar um vestígio, é que a maçã também dava uma informação sobre o tempo, porque a maçã ia se degradando. Portanto, a segunda carroça, quando chegava ao mesmo cruzamento, pela degradação da maçã, percebia se a maçã tinha sido deixada há duas horas, há um dia ou há uma semana e, por isso, as várias carroças que iam passando com dias de diferença sabiam sempre onde deviam virar e há quanto tempo a carroça anterior virara.

Se nós pensarmos essas carroças como gerações, de certa maneira a identidade de um país, ou, por exemplo, de uma literatura, depende muito dessa transmissão de sinais, através das maçãs, para usarmos essa imagem. Se considerarmos que cada carroça é uma geração, cada geração quando chegar a um cruzamento e virar à direita, por exemplo, tem a obrigação de deixar uma maçã, para a geração posterior saber onde é que eles viraram. Quando a segunda geração chega ao cruzamento, tem um direito e um dever. O direito é de ter uma maçã que lhe indique o que a geração anterior fez, para onde é que virou, e tem um dever que é deixar também uma maçã para a geração que vem a seguir. A segunda geração pode virar à esquerda, enquanto a primeira geração virou à direita, mas é fundamental também deixar um sinal para a terceira geração.

Eu diria que, por exemplo, pensando em identidade literária de um país, ela é muito dada por isto. Cada geração recebe um conjunto de sinais da geração anterior e tem o dever de conhecer esses sinais. Porque a grande questão é que, para alguém que não está dentro da tradição cigana, uma maçã é apenas uma maçã, não tem informação nenhuma. Para quem

está dentro da tradição, uma maçã dá muita informação, ou seja, o dever de qualquer escritor, por exemplo, com trinta a quarenta anos, é saber interpretar os sinais dados pela geração anterior, ou seja, nós não temos apenas direitos, temos deveres: o dever de conhecer.

O segundo tema que queria falar tem a ver com essa questão da globalização como uma espécie de acidente. Há um pequeno livro que recomendo a todos, de Thomas Mann, que se chama *As cabeças trocadas*. Este toma uma lenda clássica, que relata um acidente em que dois amigos, através do acidente, trocam de cabeças, daí o título *As cabeças trocadas*, portanto, uma pessoa fica com sua cabeça e o corpo do outro e vice-versa. O que acontece na lenda é que, a certa altura, entram, vamos dar nomes a esses dois amigos, o João e o Antonio. A cabeça do João fica com o corpo do Antonio e a cabeça do Antonio tem o corpo do João. A certa altura o que acontece é que a mulher do João entra na sala e a primeira questão é para quem é que vira a mulher do João? E no livro e na lenda, a mulher do João vira-se para a cabeça do João, para o corpo do Antonio, ou seja, identifica o marido não pelo tronco e pelas pernas, pelo resto do corpo, mas pela cabeça, única e exclusivamente. Isto é muito interessante porque se nós pensarmos em termos de quantidade, de metro quadrado, se quiserem, há mais João do outro lado, há mais corpo do marido do outro lado, do que do lado que só tem a cabeça. Mas o fato de ela identificar o João, o seu marido, apenas pela cabeça já nos dá muita coisa.

A lenda, o que diz a seguir, o que conta Thomas Mann, é que a mulher do João está grávida, está à espera de um bebê, e a questão que se põe em termos de identidade a certa altura é de saber de quem é o filho? É da pessoa que tem a cabeça do João e o corpo do Antonio ou da pessoa que tem a cabeça do

Antonio no corpo do João? Depois há ali uma discussão a certa altura. A cabeça do João diz, o filho é meu, porque eu sou o João, a minha cabeça é do João. Mas a cabeça do Antonio também reclama o filho e diz, não, o filho é meu porque a parte do corpo que gerou o filho pertence-me. E há aqui também uma discussão muito interessante sobre realmente a quem pertence o filho, que digamos, ilustra a questão de identidade.

Conto esta história porque, para mim, claramente a globalização é uma espécie de acidente que gerou cabeças trocadas, em que as cabeças trocaram com corpos. O que se vê muitas vezes é que há uma cabeça brasileira com um corpo americano, às vezes um tronco português com uma cabeça alemã. Há uma espécie de acidentes, vários, que fazem com que nós, a certa altura, não saibamos a quem pertencem os filhos. E o que podem ser os filhos? Podemos falar de criação, e isto é, talvez, uma das coisas mais interessantes, a criação atual, muitas vezes nasce de influências que podem vir da Alemanha, da Suécia, do Brasil, da Itália. Isso é uma grandeza. Não saber de quem são os filhos tem por vez uma qualidade que eu acho muito interessante. De certa maneira, a globalização está a dar isto. Nós não sabemos o que gera as criações literárias, qual é a origem das criações artísticas, tudo está de certa maneira misturado.

O outro ponto que gostaria de falar tem a ver com associar a identidade não à anatomia, mas à vontade, ao desejo comum. Há um filósofo que fala de uma distinção muito interessante, que é a distinção entre, por exemplo, se nós pensarmos um cão doméstico e um cavalo doméstico e compararmos com um cavalo selvagem e um cão normal. O que ele diz é que em termos de identidade, se nós dermos mais importância à anatomia, em termos de identidade, nós diremos que um cão doméstico está mais próximo de um cão normal, e que um ca-

valo doméstico também está próximo de um cavalo selvagem. Mas se nós olharmos para os hábitos, o que nós devemos dizer, diz esse filósofo, é que o cão doméstico está mais próximo do cavalo doméstico, do que o cavalo doméstico do cavalo selvagem. Ou seja, o cão doméstico e o cavalo doméstico têm hábitos comuns e isso faz deles uma identidade muito própria e, portanto, ele diz, o cavalo doméstico pertence mais à família do cão doméstico do que a família do cavalo selvagem, porque têm desejos completamente diferentes, o cavalo doméstico e o cavalo selvagem.

Eu acho essa definição de identidade muito rica. Acho que nós devemos nos identificar não com as pessoas que são parecidas conosco, mas com as pessoas que têm desejos semelhantes aos nossos, que é algo completamente diferente. E também de certa maneira, falando, por exemplo, da Europa. O que é interessante na Europa, e provavelmente vai ser trágico na unificação da Europa, é que são anatomias completamente diferentes, por exemplo, línguas completamente diferentes. O que se tentou fazer na Europa, o que se tente ainda, é juntar anatomias diferentes com o mesmo desejo, com os mesmos hábitos. Se a Europa falhar, a meu ver, é o falhar precisamente essa definição de identidade, como juntar pessoas diferentes, com o mesmo desejo. No meu entender, seria uma derrota trágica. A grande qualidade da identidade é precisamente as nossas vontades, os nossos desejos.

Mais duas ou três coisas. Só dizer que a identidade, para mim, é uma marca que está muito ligada à memória. Se nós perdermos a memória, perdemos a identidade, e a memória é uma marca humana claramente e, nesse particular, da memória, a língua é talvez o mais forte. E a proposta, esta da questão da memória e do desejo. Para terminar, gostaria de falar de uma personagem inventada por um escritor alemão

chamado Tucholsky, que é uma personagem que ele descreve como tão vesga, que a quarta-feira olhava ao mesmo tempo para os dois domingos, ou seja, a quarta-feira olhava para o domingo anterior e para o domingo seguinte. Esta personagem vesga, eu acho que é exemplar, de certa maneira, do que nós gostaríamos de ser, quer como país, quer como pessoalmente. Ou seja, nós temos os nossos pés na quarta-feira e estamos a olhar para o domingo anterior, isto é, temos a noção clara da história do nosso país, ou da história da nossa família. Por outro lado, temos os pés na quarta-feira e estamos a olhar para o domingo seguinte, ou seja, temos desejos, temos um projeto.

E diria então, para terminar, que a identidade, como parece mais estimulante, poderia ser distribuída por uma personagem desse tipo, um vesgo, que a quarta-feira olha ao mesmo tempo para os dois domingos e que transporta uma maçã, ou seja, transporta a marca que vai deixar no cruzamento para que a geração seguinte tenha um sinal sobre aquilo que nós fizemos. Seria um pouco isto a identidade que queria contribuir na minha geração. Muito obrigado.

Tatiana Salem Levy



Escritora, nasceu em Lisboa em 1979, mas aos nove meses mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. É portuguesa, com ascendência judia e turca, mas se considera brasileira. Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é também tradutora e doutora em Estudos de Literatura. Seu livro *A chave da casa* conquistou o prêmio São Paulo de Literatura de 2008, como melhor livro estreante, e no mesmo ano foi finalista dos prêmios Jabuti e Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura. Essa mesma obra foi publicada em Portugal e na Espanha e sairá em breve na Itália, na França e na Turquia. Juntamente com Adriana Armony, organizou o livro *Primos: histórias da herança árabe e judaica*.

Eu queria, em primeiro lugar, agradecer à Organização da Jornada de Passo Fundo pelo convite. Há anos que ouço falar muito bem da Jornada, todos os meus amigos escritores que vêm aqui voltam sempre muito bem impressionados. Então, é com alegria que venho para cá. Com alegria, mas

também com muita timidez, com muito medo. Quando estava entrando aqui, estava justamente comentando com o Gonçalo, que quando escolhi ser escritora era justamente para eu não ter que falar, porque achava que tudo o que quisesse dizer eu ia escrever. E hoje em dia, cada vez mais, o escritor fala.

Como a mesa é sobre identidade e globalização, só queria fazer uns ajustezinhos com o que a professora acabou de dizer, que está escrito na minha apresentação. Não é que eu me considere brasileira, nem minha família se mudou para o Brasil, eu sou brasileira. Eu nasci em Portugal porque meus pais estavam exilados lá, eles eram brasileiros, enfim, é só esse pequeno ajuste, e a minha família é de judeus turcos. A questão da identidade foi uma questão que me moveu muito ao escrever o primeiro livro, porque identidade não é uma coisa pronta, que a gente nasce e já recebe ali. Ela não é simplesmente um pedaço de papel, que diz onde você nasceu, em que ano você nasceu, mas é algo que a gente constrói, que a gente escolhe, num determinado sentido. Por exemplo, essa questão de eu ter nascido em Portugal, poderia não dar a menor importância para isto, porque foi mera casualidade, depois vim para cá pequena e nunca fui educada com a cultura portuguesa, mas num determinado momento da minha vida quis dar um sentido para isto, então, fui estudar literatura portuguesa.

Eu sempre, de alguma forma, fui me ligando a Portugal, à cultura portuguesa, principalmente à literatura, e quis no meu primeiro livro, *A chave de casa*, trabalhar com essa construção da identidade. É um personagem que busca não de uma identidade pronta, definida, mas de uma construção. E essa construção da identidade tem sempre muito a ver com a herança, é um pouco do que o Gonçalo estava falando aqui, aquilo que a gente recebe, que, num certo sentido, já nasce

com aquilo. Então, se você nasce no Brasil, se você nasce com toda uma história, uma cultura por trás de você. O que você vai escolher dessa cultura para sua identidade, para o seu trabalho, o trabalho de escritor, para sua literatura? Esse foi o percurso que fiz no meu primeiro livro e também nesse livro que organizei junto com a Adriana Armony, sobre a herança árabe-judaica. É uma questão que, de certa forma, ainda persiste no meu trabalho. A gente procurou reunir escritores brasileiros que tivessem ascendência árabe ou judaica.

Agora, a questão da globalização, que nunca sei muito do que falar sobre isto, porque acho que estou cada vez menos, num momento, globalizada. Eu me sinto cada vez mais velha nesse mundo. Quando penso em globalização, sempre me dá um pouco a ideia que o mundo está ficando igual, a gente vai para qualquer lugar do mundo e está lá o McDonalds, *shoppings*, as mesmas lojas. Você tem a sensação de que está sempre no mesmo lugar, e é falso isso, num certo sentido. Quer dizer, é verdadeiro na coisa do consumo, mas é falso na questão do sentimento, na questão da tradição, na questão cultural. E aí, quando penso em globalização, sempre penso nessa rede que está se formando hoje no mundo, com essa ideia justamente de que não há mais fronteiras, com a internet, com o *Twitter*, *Facebook*.

Não sei se estou ficando velha, ou estou ficando pessimista. Tenho certa nostalgia de um tempo sem internet, sem essa possibilidade de contato com todo mundo, a qualquer instante. Sei que a internet traz muitos benefícios, não questiono isso, mas também acho que as coisas negativas são muito essenciais, uma coisa de perder a relação com o tempo, de perder a relação com o silêncio, que a gente está perdendo cada vez mais. Quando escrevo, busco justamente essa relação que a gente está perdendo, e acho que a literatura, num

certo sentido, já é uma resistência a isso. Porque fazer alguém parar uma hora no dia, duas, três, meia hora que seja, para ficar ali com um texto, em silêncio, já é uma resistência, já leva a pessoa para uma atitude que não é a desse desespero de estar em contato o tempo todo com todo o mundo. Imagino que, mesmo aqui, agora tem um monte de gente já mandando alguma coisa para o *Facebook*, para o *Twitter*. Essa necessidade de estar sempre conectado me angustia.

Walter Benjamin, um filósofo do início do século XX, já falava dessa questão da passagem do tempo, que a gente estava perdendo essa capacidade de viver a passagem do tempo e, hoje em dia, é cada vez pior nesse sentido. Até tenho certa ilusão de que a gente vive muito mais, a gente pode viver 110 anos, mas ao mesmo tempo vive-se muito menos na questão da experiência com o tempo. Eu acho que é um pouco o que busco quando escrevo. Agora vou lançar um romance novo em outubro, chamado *Dois rios*. Busquei trabalhar muito essa questão da lentidão do tempo que a gente vê passar.

Moro sozinha, escrevo sempre em casa, então, passo muito tempo sozinha. É muito estranho quando de repente vejo várias pessoas, mas uma vez por semana vem uma pessoa fazer faxina na minha casa e aí já sei que é o dia em que praticamente não trabalho, porque só de ter alguém em casa fico meio... Enfim, estou aprendendo a conviver com isto, trabalhar com uma pessoa ali. Sei que quando estou na frente do computador, ela acha que estou trabalhando. Duas semanas atrás eu estava na frente do computador tentando escrever alguma coisa que não estava conseguindo. Então falei: vou levantar, vou para o sofá pensar um pouco. Aí estava no sofá pensando, de repente ela passava e perguntava “É para trocar o lençol?” Eu falava para fazer o que quisesse. Depois passava de novo, “é para trocar a toalha?” “Você quer isto, você

quer aquilo”. Aí eu virei: “Pode não parecer, mas eu estou trabalhando”. De fato, era isto, era eu deitada no sofá, quem via de fora parecia não estar trabalhando. É uma relação com o trabalho, ou com o tempo, que a literatura proporciona, que eu acho que vai na contramão do que é o mundo hoje.

Nilson Luiz May



Médico, tem na literatura o seu segundo ofício. Estudioso e crítico, vem publicando sistematicamente em revistas literárias desde a década de 1960. Premiado no concurso Apesul – Revelação Literária (1980), é autor de contos e crônicas publicados em 11 antologias. Em 1989 publicou o romance *Terra da boa esperança*. Em 1994, saiu o livro de contos *Inquéritos em preto-e-branco*. Pouco depois, lançou *Pelos (des) caminhos da medicina assistencial brasileira*, uma apreciação crítica sobre a nossa realidade na área da saúde. Em 2010, lançou *Misterioso caso na repartição pública*. O médico e escritor ocupa a cadeira nº 7 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.

Coincidentemente, não fui eu que pedi esse silêncio, mas assopraram daqui e caiu na minha vez. O tema dessa apresentação, vou procurar não me afastar dele, nos foi posto como a identidade, a cultura e a literatura na globalização. Num primeiro momento, nos vem à mente uma necessidade. Tudo sobre o que se fala aqui são conceitos pessoais, são opi-

niões, baseadas, logicamente, no conhecimento que a gente tem, cada um na sua área. Mas começaria num sentido, assim, de globalização. O que é globalização? Tenho a impressão de que a globalização é econômica, tecnológica, é de evolução de povos que se aproximaram no decorrer dos últimos anos e que tentam formar alguma coisa mundializada, como dizem os franceses, significando também o mesmo termo de mundialização.

Dentro dessa visão, desse enfoque, onde nós vamos incluir a cultura e a literatura? Acho que, como sendo aqui uma Jornada de Literatura, nós vamos ter que dar uma prioridade a esse tema, mas temos que passar pelos outros. Então, quanto à identidade, acredito que nós estamos aqui para trazer dúvidas, problemas, muito mais do que trazer soluções, porque, com esse plenário aqui de quatro a cinco mil pessoas, as cabeças pensantes que têm aí, certamente, utilizarão o que aqui ouvirem para concordar, discordar, mas, principalmente, como diz a nossa Tatiana, para pensar. Portanto, como promover uma identidade num mundo que se igualiza? Se nós pensarmos em questão de globalização via rede social, via internet, nós vamos estar, de certa forma, identificando todas as pessoas numa determinada linha, num determinado conceito. Outro dia, ouvi, num colégio, que o professor anulou todas as provas que foram dadas numa determinada matéria para os alunos, porque todos eles, daquela aula, trouxeram o mesmo texto, as mesmas imagens, os mesmos conceitos. Um passou para o outro, você busca lá no *Google*, que nós vamos encontrar essa resposta. E todos vieram com pequenas diferenças, com a mesma fala, o mesmo que eles viram lá.

Então, no aspecto cultural de identidade, nós ainda não estamos devidamente preparados para dizer: a partir de agora o mundo está na internet, a partir de agora a globalização

cultural vai se fazer por esse meio. Umberto Eco tem uma expressão fantástica. Nós sabemos que hoje, em se falando de discussões literárias, de autores, de textos, de análises, temos, para mim, além de outros, que são importantes, Harold Bloom, que vocês conhecem, e Umberto Eco. Então, Umberto Eco, num de seus tantos livros a respeito dessa matéria, diz assim: “A informação está ao alcance da mão, podemos entender do mouse, mas onde está a sabedoria? Isso é fundamental.” A informação nós a temos a todo o momento, a toda hora, em todos os meios de comunicação, mas onde está a sabedoria? Quando, nos meus contatos familiares com jovens, me apresentam algum tema de aula para fazer, ou alguma pesquisa, Napoleão Bonaparte, Ilha de Elba, Ilha de Santa Helena, toda aquela história do francês, pós-revolução, vou à minha biblioteca, que tem quase três mil volumes, toda a literatura ocidental importante está lá, além de enciclopédias. Pego um, procuro, marco direitinho lá, olha, que maravilha isto aqui! Não, eu não quero ver isso aí, não quero olhar isso, não quero perder tempo, ficar circulando dez páginas. Eu vou no *Google* e lá tiro as informações, mas onde está a sabedoria?

Certamente, o império do lucro, que vem dos países que nós conhecemos, sobejo, propugna cada vez mais também a globalização na área da sabedoria, da informação, tentando ganhar corpo com isso. Lógico, isso precisa ficar bem claro aqui, nós estamos num mundo “globalizado”, onde todas as informações são possíveis a qualquer momento. É evidente que não sou contra isso. Seria um raciocínio dinossáurico, voltando-se ao passado, mas não vejo ainda, no momento atual, nem leitura de livro, muito menos leitura na rede. Pode ser que evolua, pode ser que seja o caminho, pode ser que seja o futuro, pode ser que seja, sim, mas hoje não é.

Vocês perguntem, percebam, busquem e vejam. Consulto frequentemente a estante virtual. É uma coisa fantástica, 10 a 11 milhões de livros na estante virtual. Então, vou lá buscar. Outro dia estava procurando *Actuelles I e II*, de Albert Camus, Encontrei um deles lá, uma coisa rara, publicado lá por 1950 e poucos. Camus morreu em 1960, num acidente de automóvel. Três anos antes de sua morte, em 1957, ele ganhou o prêmio Nobel. Isso é raro de se encontrar. Encontrei, mas deixei lá e quando fui viajar a serviço nessa cidade que tinha na estante virtual esse livro à disposição, procurei, fui ao sebo para pegar o livro, olhar, ver como é que era a capa, como é que era por dentro, qual era o estado dele, se aquilo me agradava. Então, o amor pelo livro, a dedicação, o cheiro, o mofo do sebo, ele ainda tem, ele ainda representa alguma coisa para aqueles que se criaram essa paixão pelo livro e, conseqüentemente, pela literatura.

Quanto à cultura, nossa velha e conhecida frase de Tolstoi, “canta a tua aldeia e cantarás o mundo”, pode ser traduzida da forma que se quiser, ou pinta a tua aldeia, para seres universal. Cada um vai transformando, mas todos têm o mesmo significado, todos têm o mesmo sentido. Hoje ainda temos essa possibilidade, cem anos de McLuhan, agora falando em aldeia global, de cantar a nossa aldeia, de cantar o mundo. Pode ser Gonçalo Tavares, angolano, português, está aqui, que tem, como se viu na sua apresentação, cantado a sua aldeia de forma universal, espalhado com suas traduções pelo mundo todo, via literatura, via editoras, via edição, seus livros nas livrarias. E vamos cair um pouco agora na literatura, que é o que mais nos interessa dentro desse espaço. Como médico, formado há alguns anos, trabalhei durante muito tempo no interior do interior. Talvez aqui, dentre vocês, tem alguém que seja até de Vila Progresso, hoje município Mar-

ques de Souza. Naquela região atendia, isso não é no século 19, partos a cavalo, ou de jipe, à noite. Vocês não vão acreditar, mas foi assim. E essa vivência médica, quando a gente consegue transformá-la em literatura, dá um substrato literário deveras importante. Não é traduzir. Scliar renegava o seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação*, quando era ainda estudante de medicina, porque ele não queria que essa obra aparecesse. Por que a gente não gosta que apareça depois que os anos passam? Porque relatar a história que foi atendida num jipe à noite na casa de alguém e que aí o parto foi muito difícil, isso é ata de condomínio, é um relatório que se faz quando vai prestar conta para alguém, mas não é literatura. Então, o que a gente tem que usar na literatura é o embasamento da vivência pessoal, do sofrimento da gente e dos outros, das alegrias, das questões que se enfrentam e transformá-las em narrativas de ficção. Transformá-las numa expressão literária comum, em ficção romanesca. E o escritor que consegue fazer isso atinge uma maior idade.

Trabalhar em literatura à beira do lugar comum é a coisa mais difícil que tem, ou se trabalha acima ou abaixo do lugar comum. Exemplo fantástico, muitos escritores trabalham à beira do lugar comum. Vou citar um só, hoje relativamente valorizado na nossa América, Juan Rulfo, *O planalto em chamas*, só escreveu uma novela e 10, 12, 15 contos. É nosso exemplo de quem trabalha nessa altura. Então, essa vivência que se tem, e essa vivência é individual, é, de certa forma, do escritor que a transformando em literatura, que consegue passar ao leitor, e aí, talvez, esteja aquela questão: canta a tua aldeia e cantarás o mundo. Onde estão, para lançar também para vocês, dentro do tema, globalização e literatura, os grandes romances da modernidade? Onde estão os grandes personagens do século 20? Quais são os romances do sécu-

lo 20 que nós temos como modelo e como exemplo, que iguam ou se assemelham? Julien Soriel, *d'O vermelho e o negro*. Onde está Raskólnikov, de *Crime e castigo*, do século 20? Onde estão os irmãos Karamazov? O século 19, hoje e sempre será a nossa referência, a nossa volta, a nossa leitura para os grandes romances. Talvez Marceau, *d'O estrangeiro*, fantástico; Camus, excepcional; talvez o professor Costa Lima, *O limite da voz*, Kafka, possam representar alguma situação que nos remeta à valorização. Os romances atuais dos americanos estão sempre à espera do Nobel de literatura, três ou quatro escritores americanos, mas o romance está no século 19 e os grandes personagens estão lá, Balzac, Flaubert, Eça de Queirós e assim vai.

Para encerrar, para manter essa equidade da globalização, da identidade na cultura, na literatura, acho que nós ainda temos muitos passos a dar, nesse sentido em que se possa dizer que há uma globalização cultural verdadeira. Quero, não me estendendo, deixar uma citação de homenagem aqui a alguns participantes desta mesa, que não poderia deixar de citar. Não conhecia pessoalmente Gonçalo Tavares, que não era conhecido no Brasil. Então, a literatura africana de língua portuguesa, lá com o Pepetela, Moçambique, com o pessoal de Angola, *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, o Luandino Vieira. Esse pessoal, pós as revoluções de libertação, o MPLA, o Movimento de Libertação de Angola, todas essas coisas. Não sei porque me fixei naquela época. Então, hoje vendo um escritor português, com origem em Angola, me traz muita satisfação de ver que essa juventude que ressurgue lá, baseada, certamente, naqueles que escreviam em Moçambique, principalmente no lado das folhas que estavam escritas num dos versos, porque não tinha papel no tempo do Samora,

em Moçambique. Então, esse pessoal, pelas revoluções, criou essa possibilidade literária que eles podem desenvolver hoje.

Quanto à Tatiana, à medida que era apresentada, lembrou-me de toda essa situação, judia, com ascendência árabe, Portugal-Brasil, tu ganhaste do Kafka, que era judeu, no império austro-húngaro e que escreveu em alemão. Era complicado, então a gente entende esse teu sentimento, de certa forma, até de isolamento para poder produzir. E isso também me faz lembrar o seguinte: quando as pessoas não entendem o que se faz na literatura, o que se escreve, não compreendem o que a gente faz tanto tempo sentado em casa, na biblioteca, ou na mesa, e dizer assim, eu estou trabalhando. As pessoas pensam: isso é trabalho? Pensar é trabalho? Escrever, pesquisar. E o professor Luiz Costa Lima, que não conheço, estou vendo agora pela primeira vez, *Os limites da voz*, onde ele trata de toda essa problemática relacionada ao Franz Kafka, também foi um dos livros que estão na minha biblioteca, e está aqui agora para seu autógrafo.

Então, agradeço essa oportunidade, e continuemos nessa luta que se tem pela frente, tentando aqui no Rio Grande do Sul o que vocês demais não enfrentam: ultrapassar os limites do Mampituba. Mampituba é um rio que tem aqui, que divide com Santa Catarina. Então, tem essa coisa, escritores do Rio Grande do Sul, com raras exceções, ficam só aqui, e as editoras dos outros estados não nos consideram. Quem sabe, lenta e progressivamente, a gente consiga, com esse movimento todo, chegar a algum tipo de reconhecimento, os outros, não eu, têm tantos aqui, com essa capacidade, como em todo Brasil. Obrigado.

Arthur Martins Cecim



Paraense, criado numa família de escritores, o tradutor e professor de inglês Arthur Cecim já traçava suas primeiras linhas aos oito anos. Por meio dos contos e pequenos textos que escrevia, foi se aprimorando, e há oito anos decidiu investir nos romances. O resultado foi o primeiro lugar na categoria no Prêmio SESC de Literatura, 2010, com *Habeas asas, sertão do céu*.

Boa-tarde. Primeiro vou falar da minha literatura, o que é que tenho de concepção de literatura, e vou fazer um gancho com esta questão da identidade e da globalização. Minha literatura busca realidades ocultas, busca realidades que estão subjacentes, que estão escondidas. Diria que a minha busca na literatura seria pelo irrealismo, não é, a gente tem um termo realismo fantástico, cunhado na América Latina. Sempre nutri certa, apesar de eu ter muita admiração pelo realismo fantástico, nesgazinha de insatisfação, porque sempre

achei que o realismo fantástico poderia ir mais longe e ser um pouco mais surreal. Então, em minha busca pelo que chamo de irrealismo fantástico, busco realidades que estão ocultas e realismo não é uma negação à realidade, não é uma não realidade. É a realidade, mas uma realidade subjacente.

Meu conto que aborda a vida dos urubus tem essa questão de uma interface entre vida dos urubus como sertão, a vida dos homens como sertão, a nossa eterna saga de buscar a imortalidade, e a gente sabe que nunca vai conseguir isso. Esse é o grande calo no pé da humanidade. Deu-me vontade de fazer uma literatura que não caísse no senso comum, de buscar formas psicológicas, de transcender a nossa não mortalidade. Então, sempre tentei fazer uma literatura que buscasse outros caminhos. Acredito que está na própria realidade, como uma espécie de sumo, um caminho para a imortalidade. Isso é uma concepção que repousa numa concepção que tenho de que existe a realidade que a gente conhece, normal, como todos nós vemos a realidade com luz, não é? Essa nossa realidade que estamos vendo aqui. E acredito ter outra realidade, que tem uma sombra. A realidade é luz e sombra. Essa realidade da sombra é a realidade que me interessa muito retratar. Então, a minha busca é pelo irrealismo, como acredito nessa realidade suprarreal, que habita as coisas terrenas, e sempre pretendo fazer um laço entre o mundano e o supramundano, não negar a condição finita, mas tentar descobrir na própria condição finita algo de infinito.

A questão da globalização acena para mim como um dilema que já foi resolvido. Nunca tive esse dilema. Foi citada a questão de “canta a tua aldeia”. Meu conto tem um substrato regional, os urubus, pássaros muito comuns na minha terra, e não é um tema que almeja ser reconhecido como tema regional, regionalista. Almejo levá-lo a um universalismo, quer

dizer, quero que as minhas imagens sejam imagens de todos nós, que a gente consiga compartilhar. Mas é uma imagem da minha terra. A questão da globalização, eu acho, pode trazer muitos benefícios, de aproximar, aproximar culturas, a digitalização e, na era da informática, preciso de um computador para escrever minhas coisas. Até dez anos atrás, escrevia tudo em manuscrito, tinha resistência. De repente, um dia, parei para pensar: não tenho paciência para digitar tudo, vou tentar o computador.

Então, existem benefícios com a globalização. Mas tem alguma coisa que é mais importante falar do que a globalização: uma literatura mais empírica, mais pragmática. A minha literatura é mais onírica e busco o que considero literatura pura, literatura com verossimilhança. Fujo o máximo possível da descrição, do relato, do psicologismo acessível, do antropocentrismo, que está muito impregnado na literatura, para poder dar voz para essa outra realidade que acredito, subjacente. Então, a globalização, que, num certo aspecto, aproxima e tem benefícios, não é um jogo, vendido à ideia de que é um jogo justo, democrático, que todos podem falar. A gente vive uma era de multiperspectivismo, onde liberdades de expressões são possíveis nas mais fragmentadas formas, mas acho que esse jogo esconde uma faceta. A globalização é vendida como uma coisa positiva, mas, para mim, tem o lado perverso da coisa, que é mais ou menos assim: na abertura da globalização, a gente sabe que existem os etnocídios, existem vários tipos de cídios, os esteticocídios, coisa assim. A gente sabe que na globalização a lei do mais forte acaba dominando. Os povos, que são ricos em crença, misticismos, que não têm nada a ver com esoterismo; lendas, imagens oníricas, tendem a ser engolidos pelas tecnoculturas mais fortalecidas. E o que percebo, a parte tecnológica da globalização vai desautorizan-

do, vai descaracterizando certos tipos de discursos. Na Idade Média, vivemos uma época em que a nossa grande escravidão era por conta da imaginação, da crença. A gente tem que ficar de olho, porque tem um inimigo, é um amigo. A globalização, a tecnologia, a era da informática são coisas, que nunca vou negar, de benefícios, mas são também um inimigo que está silencioso, que ameaça desenraizar.

Então, acredito que a globalização e a tecnologia podem desenraizar o homem do naturalismo, podem ser a nossa nova escravidão. Assim como as pessoas faziam para a Igreja na Idade Média, mística, tudo isso era muito ameaçador, opressor. A gente não pode fazer também assim para a tecnologia. A gente tem que tentar não se desenraizar, tentar acreditar nas outras formas de realidade, nas formas espontâneas de captação da realidade, para que a gente não fique um ser humano cibernético. Tem que tomar muito cuidado com isto.

Acho que a literatura, essa parte da literatura pura, que tem a ver com verossimilhança, nunca vai ser tocada pela globalização, nunca vai ser tocada pela informática. Nunca a globalização e a digitalização vão conseguir tocar nessa esfera mais sensível da literatura. Estou falando isso porque na minha literatura busco o oculto, a irrealidade, a realidade subjacente, que é tudo do lado da crença, do místico. A globalização é justamente o discurso que todos podem falar, mas, no fundo, a tecnologia tende a espremer o homem até um ponto de vista que ele não consegue mais ter direito a respirar, ter o seu lado mais místico. Pode ter uma aldeia lá no Maranhão, com toda a sua riqueza de expressão, ela vai ser engolida pela globalização. Então, essa ideia de cantar a aldeia acho hiperimportante, porque a literatura é uma resistência, de certa maneira, a isso. Busco trazer literatura pura, literatura onírica de realidades que estão para além o antropocentrismo, para além da

tecnocracia humana, busco revelar algumas coisas que percebo, que acho que são enriquecedores para a natureza humana. A gente vive numa época, foi bem citado isso, em que a gente não tem mais o autor, não é mais a própria obra dele. Isso tem reflexos muito grandes, assim como a gente pode dizer, onde é que está mesmo, o Karamazov, onde está o Raskólnikov? Pretendo fazer uma literatura onde o autor é igual ao que ele escreve. Hoje está se escrevendo muito, o que o autor escreve é muito diferente dele. Ele é uma unidade, mas a gente está vivendo uma época do fragmento pelo fragmento. Tem que tomar cuidado porque até certo ponto isto pode encobrir ao invés de revelar. O fragmento tem que servir para revelar alguma coisa. Não tem porque a gente santificar o múltiplo, o perspectivismo do fragmento por si só, ele não se justifica. Acho que a literatura que proponho é essa de uma volta à origem, literatura de encantamento. Pretendo uma literatura de retorno, uma literatura da vida para aquilo que está fora mesmo do âmbito humano e escapar um pouco do antropocentrismo, que se manifesta muito na tecnologia, onde parece que a gente tem a nossa identidade, mas a crença, o oculto e as super-realidades devem ser decantadas ainda.

Maria Esther Maciel



Escritora e professora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutora em Literatura Comparada pela mesma instituição, com pós-doutorado em Cinema pela Universidade de Londres. Integra o projeto internacional “Problematizando conhecimento global”, projeto “Nova Enciclopédia do Centro de Teoria, Cultura e Sociedade”, da Nottingham Trent University, Inglaterra. Suas publicações incluem os livros *As vertigens da lucidez: poesia e crítica em Octavio Paz*, *Voo transversal: poesia, modernidade e fim do século XX*, *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*, *O cinema enciclopédico de Peter Greenaway*, como organizadora, *O livro de Zenóbia*, *O livro dos nomes* e *O animal escrito*.

Uma boa-tarde a todos. Quero agradecer aos organizadores a gentileza do convite para participar desta Jornada, um evento impressionante, capaz de mobilizar um enorme número de pessoas, mobilizar uma cidade, uma região em torno da

literatura. Um evento único, singular no Brasil em termos de abrangência e mobilização de leitores, professores e alunos. É realmente uma honra estar aqui com vocês, hoje, para falar de um tema complexo, identidade, globalização, literatura e que suscita uma série de questões.

Sempre que se fala em globalização, pensa-se imediatamente nessa noção de rede. Uma rede capaz de aproximar, de promover um intercâmbio de povos, de culturas, informações e, por outro lado, com a sua dimensão econômica, política, enfim, um conceito bastante intrincado. Agora, antes de falar mais especificamente da relação entre identidade e globalização, gostaria de lembrar que a literatura sempre teve uma vocação de rede. Sempre teve essa vocação, a multiplicidade, a abertura aos outros, várias referências literárias, esculturais de tempos e espaços distintos. Desde Homero, nós encontramos obras literárias que se apresentam como uma confluência de saberes e de leituras de outros, de mitos, de lendas, leituras de outras obras. Enfim, a literatura já está em estado de globalização, desde os seus inícios. Vale lembrar que uma obra como *As mil e uma noites*, já tinha essa estrutura incluída de rede. Encaixes de narrativas, de histórias de tradição oral, de diferentes tipos. Em Dante, nós encontramos essa proliferação de saberes, esses cruzamentos de referências, de áreas mais distintas e esse diálogo com autores, vozes literárias do presente de outras temporalidades.

No século 20 encontramos nos autores mais interessantes essa prática da multiplicidade. Vale aqui lembrar a figura de Jorge Luis Borges, que criou a sua fantástica biblioteca de Babel, que criou mundos imaginários capazes de englobar todo o conhecimento do mundo. Compôs uma obra que de alguma forma prefigurou este estado de coisas da contemporaneidade, pré-configurou a rede concreta, efetiva, que nos envolve no mundo contemporâneo. Vale lembrar também autores como Italo Calvino e Guimarães Rosa. O que é *O gran-*

de sertão veredas senão essa rede de múltiplos saberes, fragmentos de várias línguas, de várias referências culturais?

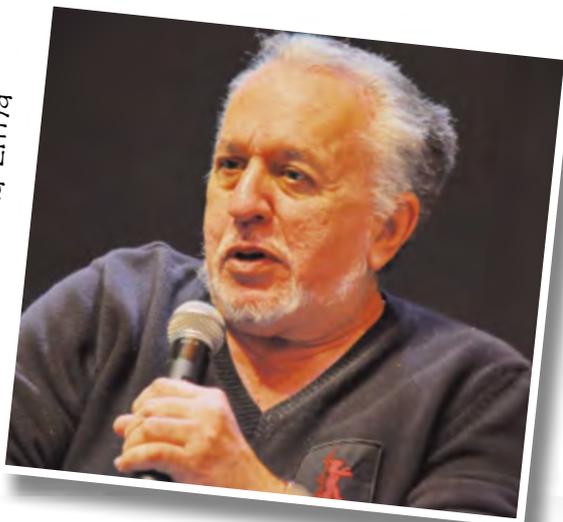
Enfim, a literatura oferece essa multiplicidade, oferece esse modelo que hoje chamamos hipertextual, mas de forma mais mediatizada. A globalização, ao concretizar esse projeto literário do grande livro, da grande rede, vem potencializar essa vocação da literatura, de possibilitar uma circulação maior de obras, de autores, de possibilitar o intercâmbio, o diálogo imediato entre autores, entre línguas, quer dizer, o número de traduções que hoje existe no mundo e que possibilita essas trocas. Enfim, a globalização tem o seu papel de tornar possível, sobretudo no âmbito da internet, o acesso à grande biblioteca de Babel. Eu acho fascinante a ideia de você, sentada no seu escritório, poder consultar, ler livros de bibliotecas do mundo inteiro. Agora, sem dúvida, isso tudo oferece também riscos, e um dos maiores riscos é exatamente o da homogeneização, o da pasteurização. Mas creio que, mais do que nunca, os escritores devem estar atentos a isso, a esses riscos, e não se renderem ao fascínio desse grande monstro sem rosto, que é o mercado. Claro que creio que os escritores têm de aproveitar o máximo possível aquilo que o nosso tempo oferece, inclusive as benesses do mercado, mas sem se render às exigências de homogeneização e de padronização, enfim, de esterilização do poder imaginativo da literatura, poder crítico. Então, vejo que para a literatura são importantes, hoje, dois ingredientes na sua relação, mesmo com esse processo já irrefreável: a lucidez crítica e a vertigem da imaginação, ou seja, no final das contas, uma vertigem da lucidez. Por isso, aproveitar ao máximo o que o nosso tempo oferece, mas por uma via crítica, criativa, sem abandonar todo um legado literário que nós temos aí à disposição.

Eu acho que cada vez mais a leitura oferece essa possibilidade do exercício, da crítica, da imaginação. Então, escritores de hoje podem potencializar isso e incorporar às

linguagens tecnológicas, incorporar tudo o que resulta desse processo todo, desse estado de coisas do mundo contemporâneo, mas marcando a sua presença, deixando o seu traço. Vou usar a palavra digital, mas um digital que tem mais a ver com os dedos, com a pele. E nesse sentido, vejo a identidade não como a identidade, não existe uma identidade que se possa construir, perder ou recuperar, porque a própria noção de identidade, para mim, se oferece com uma combinatória de saberes, de genes, de leituras, de experiências, de tudo. Agora cabe nesse processo de construção dessa combinatória que podemos chamar de “identidade”, entre aspas, não abrir mão mesmo desses elementos, que mencionei, porque a identidade é múltipla, é híbrida, não se deixa capturar enquanto um conceito único e bastante.

Bom, eu acho que é isso que tenho a dizer. O Gonçalo mencionou o livro do Thomas Mann, das *Cabeças cortadas*, e eu me lembrei que essa novela tem a ver com toda uma tradição anterior, um diálogo com várias vozes de culturas diferentes, inclusive. Basta dizer que é uma lenda indiana, da tradição oral indiana, e que depois foi incorporada num livro de autoria anônima, chamado *Contos do vampiro*. Não é esse vampiro que todos nós conhecemos, mas o espírito maligno que ocupa determinados cadáveres e, nesse livro, que encarna num determinado cadáver, pendurado no cemitério e conta histórias para a pessoa que vai lá buscar, a pedido do rei, esse corpo. Então, o vampiro sempre propõe um enigma para essa pessoa que recebe o desafio do rei. Aliás, é o próprio rei que vai lá buscar esse cadáver como uma tarefa, e esse espírito, esse vampiro conta histórias, que se misturam, elas compõem uma rede. Portanto, nós temos uma história dentro da história, e isso é, a meu ver, a rede da literatura, prefigura para o mundo contemporâneo. Obrigado.

Luiz Costa Lima



Nasceu em São Luís do Maranhão, em 1937. É graduado em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco e tem doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Em 1979, foi professor Visitante na Ruhr-Universität, Alemanha. Atualmente é professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e membro de corpo editorial da *Eutomia* – Revista *on-line* de literatura e linguística. Tem experiência na área de história, com ênfase em teoria e filosofia da história. Pesquisa sobre os temas: teoria da literatura, romances nos séculos 19 e 20 e poesia moderna. É autor de mais de vinte livros dedicados à teoria e à crítica literária, como *Limites da voz* e *Mímesis: desafio ao pensamento*, vários deles traduzidos para o inglês e para o alemão.

Para não agradecer outra vez, como tantas vezes já foi feito, ao evento que aqui me chamou, agradeço à coordenadora por me deixar em último lugar por algumas razões precisas. A primeira poder-se-ia formular assim: os atores de teatro, sobretudo, ao menos alguns que conheço, costumam chamar atenção para a proximidade que há entre o que eles fazem e o que nós, por alguma razão, que frequentamos o palco, fazemos. Isso significa simplesmente dizer o seguinte: an-

tes de começar uma peça, o ator ou aquele que fala não sabe o que vai sair exatamente. Havia um maestro de música, um mestre de orquestra, que costumava dizer, bem germanicamente, não sei por que pianistas e violinistas costumam ficar nervosos antes da apresentação, porque é muito simples, se eles treinaram bem a peça, não têm porque ficarem nervosos. Mas isso é cabeça dura de prussiano. Na verdade, antes de começar uma fala, a gente não sabe o que vai suceder. Essa é a primeira razão do agradecimento: permitir-me fazer essa observação.

Duas seguintes: primeira, enquanto ouvia a fala dos meus colegas, lembrava-me de uma frase de um escritor que admiro muito, que diz simplesmente, quer dizer, estou traduzindo de memória, coloquei aqui as três possibilidades para ver qual delas sairia melhor. Diz o poeta, escrever é, e aí que entra a dúvida, qual é o verbo que seria melhor em português, escrever é borrar, cancelar, extinguir o eu. O que vale dizer vocês só irão ouvir falar a palavra eu quando for absolutamente inevitável, e essa inevitabilidade suponho que vai encerrar o que vou dizer de imediato. Antes de chegar aqui em Passo Fundo, tinha preparado um roteiro do que deveria dizer, falar mal da globalização, mostrar que a literatura é contra a globalização, e por aí vai. Feliz ou infelizmente, ontem a noite vim aqui, cheguei ao hotel e só consegui dormir, por isso que estou com sono. Depois de me dizer: não, o que fiz não tem sentido, tenho que fazer algo completamente oposto ao que tinha me proposto a fazer. Então, em vez de pensar em velocidade eletrônica, quero pensar para trás, quero pensar a literatura em relação para trás e não para diante.

Feitas as recomendações prévias, vamos ao pouco do que escrevi ontem à noite. O primeiro elemento, creio que fundamentalmente o que vou dizer serão voltas em torno dessa pe-

quena epígrafe. Lembrava-me de uma passagem de Ítalo Calvino, “Seis propostas para o próximo milênio”, ou seja, para o nosso milênio, porque ele escreveu isso no final do século XX. Dizia ele que, muito jovem, tomou como lema uma frase latina cuja tradução seria, apressa-te lentamente. Apressate lentamente. Toda a volta, toda a fuga, que quero fazer em torno da frase, seria dizer esse lema, apressa-te lentamente, suponho não serviria simplesmente para o que Calvino fez, mas serviria como lema para a literatura. A literatura é um tipo de discurso, como o discurso precisaria de uma explicação técnica, vamos dizer, é um tipo de texto que supõe um movimento contraditório. Ela exige velocidade, velocidade em forma de intuição, de metáfora inesperada, e ao mesmo tempo de lentidão, a lentidão de tartaruga, na elaboração dessa intuição. É esse o dilema do apressa-te vagarosamente. Por que esse “apressa-te lentamente” teria tal caráter de meta-lema, de lema, de toda a literatura? Diria, primeira reflexão, primeira razão dada para isso seria, pode-se pensar desde Homero, pelo menos, que não existiria literatura, se não houvesse descontentes com o mundo como ele é. A literatura supõe um descontentamento com o mundo como ele é, o que dá lugar, por sua vez, a uma contradição. Se a literatura supõe esse descontentamento como um gesto fundamental, por outro lado, não tem força alguma em relação ao que é. Ninguém derruba nenhum regime fazendo literatura, ou pensando em literatura, ou exercendo alguma atividade literária. Apesar dessa sua fragilidade em relação ao poder, a literatura se caracteriza por esse enfrentamento. Nesse sentido, como alguém aqui já lembrou, literatura é uma forma de resistência. Então, essa seria a primeira reflexão que eu tirava ontem à noite do “apressa-te lentamente”. Daí, dessa marca inicial, a literatura exigir a existência de um leitor descontente com o

mundo existente, daí a sua função atual. E aí exatamente estou pensando no reverso do que ouvia ontem à noite. Que função seria essa? Nós tendemos, queiramos ou não, a um mundo cada vez mais homogeneizado. O desenvolvimento tecnológico dos media, supõe um desenvolvimento de mídia cada vez mais homogeneizantes, mais homogeneizante significa, simplesmente, dizer cada vez mais pasteurizados. Poderia dar “n” exemplos práticos disso, mas não vou fazê-lo. Então, para que vocês tenham as linhas do raciocínio, estou me perguntando: qual é a função da literatura hoje? E digo, essa função a de ser pensada tendo em conta que temos, progressivamente, um mundo de tecnologias cada vez mais avançadas, cada vez mais velozes e que essa velocidade se dá no sentido de criação de uma homogeneização progressiva.

Para que se veja como isso não se dá nos últimos dez anos, lembro do último texto escrito por uma figura que admiro muito e que seguramente muitos de vocês saberão quem é, chamado Erich Auerbach. No começo dos anos de 1950, antes de morrer, lamentavelmente muito jovem, com cinquenta e poucos anos, Auerbach dizia, pelo que via no correr do mundo, que teríamos cada vez maior redução de línguas que se expressariam literariamente. Cada vez mais se tenderia a um monobloco linguístico como meio de expressão literária. Isso no começo dos anos 50. Então, imaginem, nós temos aí, portanto, sessenta e tantos anos. Em sessenta e tantos anos essa formação desse monobloco, escreveria em inglês, no caso, se não tivermos o pesadelo de pensar que o monobloco dentro de algumas décadas pode ser um mandarim. Se inglês é relativamente fácil, imaginem que o monobloco signifique você ter de escrever em mandarim, fazer um soneto em mandarim.

Bom, talvez o mundo caminhe para lá, talvez a grande maioria dos que estão aqui presentes não corram esse risco,

mas alguém há de chegar lá. Então, se a função da literatura é a de se opor, se a função da literatura, esse tipo de discurso sem poder, sem capacidade de derrubar ditador algum, se a função da literatura é essa, por outro lado, o adversário se torna cada vez mais potente e cada vez mais veloz. Então, em poucas palavras, eu diria, o dilema que se apresenta é: ou optamos por um mundo de velocidade eletrônica em que se repete indefinidamente como “a”, “a linha”, “dois a”, “an”, “a ao infinito”, ou isso, ou uma combinação de intensidade com caráter de compacto. Literatura, no fundo, o que eu quero dizer é, supõem essa junção de intensidade, e é difícil dizer assim em português, compactualidade, intensidade com compactualidade, face contra face da mesma unidade mínima do texto. Em suma, é o que tirava da minha noite maldormida de ontem. Muito obrigado.

QUESTÕES LEVANTADAS

Ignácio de Loyola Brandão – A gente sempre acredita que o coração dita um pouco de emoção, apesar de vir do cérebro. Como é que fica? Já é parte da globalização, ou a gente está formando um novo homem? Essa é uma questão que deixo aqui. Outra coisa, é muito curioso, é um episódio pitoresco: nos anos 80, estávamos na Alemanha, numa série de palestras, eu, o João Ubaldo Ribeiro e o Márcio Souza, e era uma época que tinha muito exilado latino-americano pela Alemanha. Em todas as nossas palestras havia um monte de latino-americanos, e a preocupação deles, fundamental, era que o tempo inteiro queriam que nós definíssemos *la identidad cultural*. Era uma coisa difícilima, porque eram alguns brasileiros em frente a chilenos, em frente a argentinos, em frente a mexicanos, enfim, e definir o que, se aquilo tudo era uma imensa argamassa?

E um dia, o Márcio Souza, estava um pouco de mau humor, falou: não aguento mais essa pergunta. Quando veio a pergunta, ele enfiou a mão no bolso, tirou o RG e mostrou, olha a identidade cultural. Era uma brincadeira, mas, no fundo, o que é que ele queria dizer: a identidade nossa anda com a gente o tempo inteiro e ela permanece. Eu acredito que a globalização é irreversível, a menos que aconteça um grande acidente, pode ser até um acidente econômico. A Europa já pensa em modificar alguns processos, algumas leis em relação ao mundo financeiro, porque não está dando certo. Mas, no fundo, nós já estamos globalizados. Na linguagem, nós já estamos globalizados. O tanto de palavras estrangeiras que têm dentro da língua portuguesa. Você anda no dia a dia na rua, quando passa no comércio, já não existe mais a palavra

liquidação, é *sale*, é *off*, é tudo, xisburger, que, inclusive, é uma palavra que aportuguesamos, pois é o X e o burger, essas palavras já estão incorporadas. Então, acredito até que novas línguas surgirão dessa mistura de línguas. Estou falando essas coisas, depois aí vocês respondam, se é que possam responder. Estou aqui só para confundir, não para explicar.

Uma coisa que tinha anotado, muito real e concreta: andamos pelo Brasil inteiro e, quando ando pelo Brasil, de norte a sul, o que vejo? As pessoas falando como as que falam nas novelas da TV Globo. As gírias regionais, as palavras regionais, as expressões estão desaparecendo, porque as pessoas, às vezes, têm vergonha de falar a língua própria, local, porque é uma gíria do Leblon. As pessoas se vestem como nas novelas do Rio de Janeiro. As pessoas estão comendo o que se come nas novelas. O folclore, o regionalismo, lentamente vem desaparecendo. A televisão pode matar um tipo de identidade? Pode fazer desaparecer isso? Isso é uma pergunta que deixo para vocês. É um assunto tão complexo, que, eu acho, merecia uma Jornada inteira e várias mesas.

Então, nós já estamos mais ou menos de cabeça trocada. A gente pensa às vezes como americano, a gente pensa como filme. Agora, a literatura, de qualquer forma, na minha cabeça, é universal, sempre foi. Nós sempre lemos todos os autores de todas as línguas possíveis, traduzidos, é claro. Esses autores permanecem. Agora, quanto à função que o Costa Lima, que respeito imensamente, fala, da função da literatura, não sei se a literatura tem função, não sei se a literatura tem uma missão. Na minha cabeça, o que a literatura tem de fazer é retratar o homem e seu tempo. Todos os grandes autores fizeram isto, desde Shakespeare, Cervantes, Camões, Jorge Amado, Garcia Marques. Nós estamos aqui retratando este momento que a gente vive, esta época. Então, essa literatura,

diante da globalização, vai refletir o efeito dessa globalização, e aí, ao mesmo tempo, vai estar discutindo a identidade, vai estar discutindo esses assuntos.

Já tenho duas perguntas na mão: Qual é o papel exercido pela globalização na construção da identidade do sujeito?

Maria Esther Maciel - Não vou responder a essa pergunta, mas eu acho a globalização genial. Olha só que incrível, eu acho que vou contra todos vocês. Olha só que incrível, estamos aqui Portugal, de alguma maneira Tunísia, Pará, Minas, Rio, Maranhão, todos juntos aqui na globalização. E quando se fala muito em identidade e futuro, a gente está aqui, futuro da literatura. Eu acho que a gente não tem mais que discutir o futuro. Não é um futuro, são vários futuros. Até ontem, na palestra do Pierre Lévy, estava pensando nisso. Não é um futuro, futuro da internet, são vários futuros, a gente não sabe o que vai acontecer, então a gente está aqui e agora.

Estava pensando o seguinte: a gente fala muito da língua portuguesa, a gente tem a língua portuguesa agora unificada, por exemplo, Portugal, os livros já não são mais traduzidos, não tem tradução, nem nada, a gente segue à risca. Nós temos pouquíssimos países, ao mesmo tempo, temos muitos países que falam língua portuguesa, tem até na China, as colônias e tudo. Com essas, que o senhor falou, do mandarim, da “globalização”, porque tenho, confesso que tenho, meio arrepio com a palavra “globalização”. Como fica nossa língua portuguesa?

Luiz Costa Lima – Primeiro, uma retificação, achei que não era importante, mas eu faço agora, não tenho nada a ver com o Maranhão. Costumo dizer, num ato de arrogância, eu nasci em; não, eu fui nascido em São Luiz do Maranhão, e fui

levado de lá bem pequenininho, me socializei com o nordeste até que o golpe de 64 me tirou do nordeste e me levou para o estrangeiro. Como é que fica o português nessa história? Eu acho que fica muito mal. O português não é uma língua metropolitana, ao contrário do castelhano, quer dizer, essa história de falar em espanhol é absurda. Existe uma que nós a chamamos de espanhol; é a língua que era falada em Castilla, que ganhou das outras, do valenciano, do castelão, ou basco etc., etc., perderam o nome. Português já existiu. Existe uma língua portuguesa. Agora, qual é o destino dessa língua? Dou apenas um exemplo muito pequeno, as traduções do Guimarães Rosa. A tradução do *Grande sertão* para o inglês, já o título é de doer, parece um título de *far west* – *The devil to pay in the backlands*, é uma expressão que parece filme de *far west*. Não sei se tem tradução para o francês, mas sei que várias novelas do *Corpo de baile*, conheci o tradutor, que se queixava do editor francês, porque ele reescreveu o *Corpo de baile* para o francês normal, ou seja, você não tem Guimarães aí. Nunca me atrevi a ler o *Grande sertão* em alemão, é uma tradução do Meyer-Clason, que viveu muito tempo no Brasil. Dizem que é muito boa a tradução, não sei, não sei como você dá em alemão a ideia de sertão, nunca tentei.

Em poucas palavras, com a minha experiência de autor, muitas vezes, há um ano, aproximadamente, tinha recebido uma proposta de tradução de um determinado livro meu – *Mimesis: ao desafio do pensamento* – e o organizador da coleção me disse, eu estou lhe propondo isso porque minha ajudante viu uma resenha do seu livro em inglês, que eu não conhecia. Por quê? Se não houvesse essa resenha em inglês, o livro não existiria. Não sei se escrevi vinte livros, aproximadamente 15, sempre de reflexão teórica, ou, então, de literatura comparada. O que é conhecido lá fora é o pouco que foi traduzido em

inglês, quando ensinei nos Estados Unidos, o resto, em português, simplesmente não existe. João Cabral, que considero um dos grandes poetas contemporâneos, é bem conhecido na Espanha, porque viveu muito tempo lá, e a tradução é muito boa. Cabral não é conhecido em francês, tem uma tradução em alemão que também é boa, e por aí vai. Quer dizer, uns poucos autores nossos são conhecidos por acaso, o acaso de terem encontrado um bom tradutor. Então, em poucas palavras, que destino se há de esperar para a nossa língua. Espero que esteja completamente errado, tenho impressão ao contrário, que ela entra no naufrágio das línguas.

Gonçalo Tavares – Julgo que a palavra “resistência” é uma palavra interessante, cada vez mais interessante. E eu, pessoalmente, talvez há 15 anos, reagisse de uma forma muito negativa quando escutava a ideia de função da literatura. Eu, cada vez mais e à medida que vou tentando perceber as coisas, recupero esta palavra que, de certa maneira, muitos a associam a um engajamento ultrapassado. Eu acho, precisamente porque falamos muito da questão da tecnologia e da velocidade, que há aqui mesmo uma questão de velocidade. O Costa Lima falou disso, a Tatiana também, quase toda mesa falou disso, a Maria Esther também. Eu acho que há um conflito claro entre a velocidade e a lentidão. Um carro muito rápido e um carro com uma senhora que vai andar muito lentamente. A senhora que anda muito lentamente vai ser atropelada, isto é a lógica da matéria. Nós temos, e eu julgo que, talvez, marque a globalização, uma associação que acho estúpida, ignorante e pouco inteligente, que é a associação entre a velocidade e algo bom e a lentidão e algo negativo, ou seja, diria que o século XXI põe à frente da velocidade o sinal mais (+) e põe à frente da lentidão o sinal menos (-). Isto, resumido,

é a filosofia da estupidez. Porque a velocidade em relação à lentidão só é mais rápida e a lentidão em relação à velocidade tem uma vantagem de que é mais lenta, e às vezes nós precisamos da velocidade, outras vezes precisamos da lentidão. Quando nos pedem velocidade, ou quando a situação exige velocidade da ação e nós respondemos com lentidão, a lentidão é negativa. Quando os acontecimentos nos exigem lentidão, paciência, e nós respondermos com velocidade, a velocidade é negativa. E neste particular eu acho que a função da literatura, neste momento, já que há uma ideologia da velocidade, que está associada à pressa, à tecnologia etc., seria difícil falar aqui sobre isto. Mas já que há uma ideologia da velocidade como uma espécie de novo Deus, parece-me que a função da literatura é recuperar esta palavra, aparentemente ultrapassada. Deve se dizer algo como mais devagar, mais devagar, ou seja, é como se quando nós abríssemos um livro, tivéssemos de dizer: “mais devagar, mais devagar”. E, precisamente, porque tudo, quase tudo, nos diz mais depressa, mais depressa. Eu acho que essa função deve ser cada vez mais lembrada, e, pessoalmente, me orgulho de participar nesta tentativa de, em determinados momentos, desacelerar.

Ignácio de Loyola Brandão – Deixe-me lembrar uma coisa, já existe no mundo, que começou na Inglaterra e passou pela Itália, um movimento que se chama exatamente Devagar, esse devagar em relação a tudo na vida, à velocidade na rua, nos carros etc., etc. Já existe um novo movimento ligado a esse em oposição à *fast food* americana, das lanchonetes *slow food*, ou seja, comer devagar. Eu acho que lentamente as coisas começam a aparecer subterraneamente.

Tatiana Salem Levy – Enquanto o Costa Lima estava falando das *Seis propostas para o próximo milênio*, do Calvino, lembrei-me que conta nesse livro uma anedota de um imperador chinês que encomenda para um grande desenhista o desenho de um caranguejo, e dá para ele as melhores condições para fazer este desenho. Aí, um ano depois o imperador chega para o desenhista e pergunta se o caranguejo já está pronto. E ele diz que não, que precisa de mais tempo. Aí, três anos depois o caranguejo não está pronto. Cinco anos depois... “Não, calma, preciso de mais tempo”. Finalmente, dez anos depois, o imperador pergunta para o desenhista do caranguejo, aí, ele diz, agora sim. Ele pega um papel, uma caneta e faz um caranguejo em menos de um minuto.

Então, tem essa questão do tempo da arte: ele fez o caranguejo em menos de cinco minutos, ou ele fez o caranguejo em dez anos? Só para acrescentar um pouco a essa questão. E também essa situação dos movimentos que você estava falando agora, do *slow food*, do devagar, esses movimentos contrários. Falou-se aqui na mesa de uma possível irreversibilidade do avanço tecnológico, eu não sei, não gosto tanto de pensar que agora vai tudo sempre para frente. Porque, por exemplo, quando era criança, a gente via *Os Jetsons* e imaginava que nos anos 2 mil estaria todo mundo andando de carro voador, e tenho vários amigos vendendo o carro para andar de bicicleta. Então, eu acho que tem de se encontrar um meio termo, e a literatura é um pouco esse movimento de resistência, que a gente está insistindo aqui de desacelerar.

Nilson Luiz May – Essa questão, como vocês podem observar, nós aqui, com o grupo todo, estamos falando tudo misturado – identidade, globalização, devagar, rápido. Então, na realidade, cada um de nós tem uma ideia a respeito desse

assunto. E quanto a essa questão da rapidez, eu me lembrava do Concord. Teve esse período em que a grande vantagem do Concord, em relação aos outros aviões que estavam comercialmente no mercado, é de que para ir aos Estados Unidos ou Europa eu levaria três horas a menos. E a gente pensava e hoje mais ainda: sim, e daí? O que interessa levar três horas a menos para ir aos Estados Unidos ou Europa. A não ser um grande negócio bilionário, internacional, que um grande executivo de uma empresa chinesa, de preferência, fosse fazer, e se chegasse duas horas depois ia perder esse negócio. Fora isso, qual é a vantagem de levar três horas a menos quem não está nesse vai e vem?

Então, nessa questão da literatura, qual é a função da literatura? Múltiplos, dezenas, quiçá mais do que isso de autores que se encarregaram de dar a sua opinião. *Qu'est-ce que la littérature*. Num período do existencialismo, para o Nelson Sodré, o ofício de escritor era completamente diferente daquilo que nós discutimos hoje. A fun o da literatura para Maiakovski era diferente da que nós estamos vendo hoje. Então,   uma mistura de coisas.

Eu acho que a fun o da literatura é escrever uma história de forma adequada, de uma forma literária, de uma forma que se conte uma história, baseada em pano de fundo real, uma realidade histórica, com fic o romanesca por cima. Seja como for, não tem muito mais do que isto, o resto nós vamos enfeitando no meio de toda esta problemática.

Luiz Costa Lima – Para começar, eu acho que há um grande equívoco por aqui em torno da palavra resistência. Resistência não   sin nimo de literatura engajada, meu Deus do céu, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Basta de CPC. CPC era literatura vagabund sima, diante de uma ditadura

mais vagabunda ainda. O que foi que o CPC adiantou? Pensemos num exemplo internacional, um autor da qualidade, Brecht, completamente jogado para escanteio por ter se tornado um autor engajado. Para que a literatura tenha qualidade de resistência, voltamos à história, ao exemplo do caranguejo que é perfeito, “apressa-te lentamente”. A resistência na literatura está exatamente nesse apressar-se lentamente, em passar dez anos para a solução, que, entretanto, surge de repente. Não é que surgiu de repente por acaso, durante esses dez anos o caranguejo foi sendo elaborado, agora elaborado, sei lá por que meios lá dentro da cabeça da gente.

Outra coisa, eu acho que o grande desafio para a mesa toda, e para vocês, está na tal questão da identidade. Por quê? Não acredito que a gente vai ter tempo aqui de discutir a sério a questão da identidade. Eu lançaria como provocação o seguinte elemento: toda vez que se propõe uma questão de identidade, simultaneamente com isso se cria a questão do marginal. Digamos, a identidade do tipo brasileiro é o moreno, como dizia o Fernando Henrique, com um pé na cozinha, sei lá o que mais. A partir disso, a maioria de Passo Fundo não seria identificada como brasileira, porque é de ascendência polonesa, ou italiana, ou alemã. Em suma, para que a questão da identidade tenha algum peso, é preciso que se limite quais são as suas fronteiras. A identidade é importante como critério político, mas não como critério cultural. A identidade cultural por excelência é a mistura. Diria, a grande vocação que nós temos, mesmo pela mistura de raças, é criar culturalmente uma identidade mestiça. Uma identidade mestiça significa dizer, aí, no caso, não importa se o fulano de tal é um filósofo indu ou alemão, se o senhor cicrano de tal é um poeta neozelandês ou peruano. Entretanto, ou esse filósofo, ou esse poeta, isso e aquilo, me interessa, eu os integro. Então, os

íntegro, os íntegros como? Mestiçamente. Isso é muito pouco comum na Europa. Eu tenho uma orientanda que está em Paris e que me escrevia há poucos dias e me dizia: é muito interessante verificar como os professores franceses se saem da esteira de autores franceses, é por algum alemão que eles se nacionalizaram. Quer dizer, sabe-se, há muito tempo, que Heidi virou Heidegger, Hegel há muito tempo virou Hegele, se tornaram franceses. Isso é o pior exemplo possível de identidade cultural.

Uma última observação em relação à resistência. Quando preparava a minha intervenção, me perguntava: será que vou ser um bom autor ou não? A dúvida surgia porque sabia que aquilo que ia dizer ia de encontro àquilo que se espera normalmente quando um grande público se reúne. Então, a minha fala era uma resistência ao que suponho que era a expectativa de vocês.

Arthur Martins Cecim – Falando sobre a questão da identidade. Um filósofo alemão, Walter Benjamin, que com relação à arte já tinha detectado a questão da aura da arte, isto também toca a literatura. A ideia de experiência seria aquele componente que seria marcante na passagem da modernidade, da pós-modernidade. Então, a ideia de experiência, que implica a perda da aura, perda do aqui e agora da arte, que a reprodutibilidade técnica traz, sem dúvida, tem uma quebra na identidade, uma quebra na autenticidade da arte. E essa questão da temporalidade, está aí à força da literatura. A literatura te puxa para uma temporalidade onde tu podes descobrir tua autonomia. E autonomia está na contemplação.

Eu estava conversando com um amigo, a questão da opressão política, mas acho que o nosso problema não é um problema político-econômico, acho que o problema é estético.

As pessoas são escravizadas esteticamente. Estética requer contemplação, e a temporalidade e a contemplação são coisas muito íntimas. Então, dentro disso, a gente tem de ser, viver no tempo que está vivendo. Tudo bem, mas tentar pular um pouco fora desse trem, sem pular fora dele, pular e não pular, para a gente poder exercitar o ósseo, no sentido que está dentro dessa temporalidade própria a recuperação da identidade. Acho que a literatura puxa para essa identidade própria quando te tira do turbilhão, para te emergir na temporalidade dela. Isso é importantíssimo.

Maria Esther Maciel – Subjetividade é outro conceito complicadíssimo. Na literatura, torna-se mais complexo ainda. Ao falar sobre isso, tendo sempre a me afinar com escritores que julgaram, que brincaram com a ideia de identidade, de subjetividade, inventando vários eus para si mesmos. Quer dizer, criando subjetividades fictícias, construídas, e acho que é isso que compõe a literatura. É esse processo que chamaria de “outorização”, de entrar no outro, na pele do outro, incorporar essa experiência imaginada na literatura. O que é construir um personagem senão imaginar eus distintos daqueles que nos atravessam, tentar entrar no corpo, na mente de alguém que existe ou não existe, mas que passa a existir a partir do momento em que se torna linguagem, se torna um ser de papel, de palavras? Não se pode mais falar em papel, mas uma criatura feita de palavras. Fernando Pessoa mostrou isso muito bem ao encenar, ao dramatizar os vários eus de si mesmo, os vários outros de si mesmo, e Borges também.

Mais do que nunca, hoje, nós temos essa experiência de estar em sintonia com várias pessoas, de incorporar essas múltiplas identidades. Então, eu vejo por aí. A subjetividade, hoje, não é algo que se possa também uniformizar num con-

ceito preciso, definitivo, porque é muito escorregadio, muito fluido, é muito subjetivo.

Só mais um detalhe. No outro lado da coisa, percebo, na literatura contemporânea, certa tendência à encenação de um eu, um eu, assim, bem circunscrito, a uma pessoa, uma pessoa civil biográfica. Quer dizer, essa emergência do eu como algo relacionado, ligado diretamente à figura do autor. Surpreende-me isso, considerando que a literatura já, de alguma forma, desconstruiu essa ideia, já minou essa ideia, de que o eu que diz, o eu que se manifesta na literatura possa ser identificado *ipsis litteris*, com aquele que escreve. Então, é só o outro lado da coisa. É uma questão complicada.

Gonçalo Tavares – Só uma pequena nota. Na questão anterior, eu não a respondi, só falei da velocidade e da lentidão. Mas há uma segunda parte, que é a questão que estava aqui a falar. A mim, pessoalmente, não agradam os textos muito centrados na própria vida, muito eu, muito pessoais, porque, precisamente, esses textos dizem muito da pessoa que escreveu, mas, normalmente, pouco para a pessoa que vai ler. E queria só dizer em relação a esta questão da subjetividade *versus* identidade. Já que se falou tanto de filósofo Walter Benjamin, ele tem uma frase que é decisiva, e esta palavra faz todo sentido na situação. Ele diz a certa altura, mais ou menos assim, o golpe decisivo será dado com a mão esquerda. Uma das interpretações possíveis é que se nós pensarmos que a nossa mão direita é a mão mais hábil, o que ele está a dizer é que o que vai realmente resolver, o que vai trazer alguma coisa de novo, vai ser dado pela nossa mão menos hábil. Aquilo que nos vai surpreender é aquilo que vai surgir da parte que nós esperaríamos menos. E quando se fala dessa questão da identidade e da subjetividade na literatura, julgo

que todos nós tentamos muitas vezes encontrar a nossa mão esquerda e não sermos seduzidos pelo que faz a nossa mão direita, porque todo o nosso crescimento é um crescimento que quer mostrar uma espécie de capacidade para fazer bem, e precisamente, quando nós passamos a caneta para a mão esquerda e começamos a escrever, as letras saem tortas. Mas essa capacidade de se pôr em causa e, de certa maneira, de assumir as suas fragilidades muitas vezes permite que saiam realmente coisas novas e isso não é apenas uma palavra politicamente correta.

Por exemplo, eu sinto muito na escrita, quando detecto uma falha no meu processo de escrita, claramente, se eu desenvolver essa falha, sinto que o mais interessante vai surgir daí. Quando, pelo contrário, desenvolvo qualidade, que eventualmente tenha, sinto que isto que vai aparecer não é realmente surpreendente. Essa ideia de que o golpe decisivo deveria ser dado pela mão esquerda parece uma ideia interessante, tanto literariamente como, às vezes, no próprio processo de existência.

Nilson Luiz May – Um exemplo prático de toda essa questão identidade-subjetividade, principalmente para os alunos que estão aqui, do curso de Letras, é melhor vocês irem lá buscar estudar, o exemplo máximo já foi citado, Fernando Pessoa, e os seus heterônimos. A isso aí não tem nada que, talvez, na literatura ocidental possa se comparar à questão de subjetividade, senão vocês vão buscar em Virginia Woolf, principalmente *Rumo ao farol*, e aqui no Brasil Clarice Lispector, é a questão intimista da subjetividade, na forma de escrever, assim com outro aspecto, com outro caminho.

Luiz Costa Lima – Rapidamente, duas pequenas observações. Em primeiro lugar, a questão do sujeito não começa com literatura. O problema do sujeito começa com o questionamento da concepção do sujeito que vem lá de Descartes, que supõe um sujeito central, o eu, o fio da minha barba, eis a minha palavra, isso tudo dançou há muito tempo, meu Deus do céu, isso não tem nada a ver com literatura. Quer dizer, tem a ver com literatura, simplesmente, porque os programas de literatura são tão autocentrados em literatura que os alunos de literatura não têm informação mínima necessária para discussão de coisas centrais.

Segunda coisa, se eu conseguisse ser um pouco mais lido, no meu próprio país, vocês encontrariam num livro *História, ficção e literatura*, de 2006, uma enorme discussão do que chamo de sujeito fraturado. O sujeito fraturado, que não tem nada a ver com literatura, quer dizer, passa a ter por decorrência. O sujeito fraturado diz respeito a cada um de nós que não precisa ser escritor, ou seja, quando estou aqui, o meu sujeito se manifesta de uma maneira X, que será diferente se nós nos encontrarmos ali fora, vai se manifestar de maneira distinta. Se nós nos encontrarmos mais adiante numa mesa de bar, outra vez distinta. Então, em vez dessa ideia do sujeito como uno, fechado, você deveria desenvolver a ideia do sujeito polifacético. É isso que chamo de sujeito fraturado.

Tatiana Salem Levy – Estava pensando um pouco, já que o público é formado muito por professores, como deve ser difícil ser professor hoje em época de internet e qual o exercício que se pode fazer para levar os alunos ao pensamento. Lembro-me quando era aluna, o que mais gostava, quando estava na faculdade, era quando tinha que fazer um trabalho em casa, porque podia pesquisar, refletir, e eu acho que

hoje em dia isso é impossível. O trabalho para casa vem tudo igual, vem tudo da internet. Então, eu acho que é um desafio grande propor coisas que não levem à alienação, para conseguir fazer um uso positivo das informações que a gente tem de redes, que a gente tem das facilidades. Porque, de certa forma, a gente tem uma tendência, eu não preciso aprender nada, quando quiser saber uma coisa, vou lá no Google, e tem na hora, e depois você esquece no minuto seguinte.



Da direita para a esquerda: Maria Esther Maciel, Luiz Costa Lima, Telisa Furlanetto Graeff, Arthur Martins Cecim, Nilson Luiz May, Gonçalo Tavares, Tatiana Salem Levy



Da direita para a esquerda: Telisa Furlanetto Graeff, Ignácio de Loyola Brandão, Luciana Savaget, Nilson Luiz May, Henrique Luiz Oliani, Maria Esther Maciel, Gonçalo Tavares, Tatiana Salem Levy e Luiz Costa Lima.

CONFERÊNCIA: UM PERCURSO MUSICAL ATRAVÉS DO DESIGN SONORO DIGITAL

Conferencista: Cid Campos. Debatedores: Ignácio de Loyola Brandão e Luciana Savaget



Luciana Savaget e Ignácio de Loyola Brandão

Ignácio de Loyola Brandão – Boa-noite. Eu e a Luciana vamos contar dois episódios ligados a professores nossos. O meu episódio é um dos momentos mais importantes da minha vida, um momento decisivo e um momento que me marcou. Eu devo a esse professor de matemática, de Araraquara, onde eu nasci, o último empurrão que eu precisava.

Araraquara, interior de São Paulo, em novembro de 1956. Estava terminando o 3º científico. Não sei por que fui fazer o científico, acho que a fila era menor. Naquela época você fazia ou o clássico, ou o científico. O clássico, quem ia fazer as exatas, e o científico, quem ia fazer humanas. Eu sempre gostei de letras, de filosofia, enfim, porque o clássico tinha inglês, francês, espanhol e latim, e o científico tinha matemática, física e química. Serial Killers, me matavam. Gosto de fazer as coisas com perfeição, faço e refaço, e o científico, que era feito em três anos, fiz muito bem feito em cinco. No último ano, novembro de 1956, tinha vinte anos, queria ir embora de Araraquara, que era uma cidade pequena, sufocante. Queria ir para São Paulo, onde tinha livraria, teatro, cinema, tinha tudo e aí dependia apenas do último exame oral de matemática. O exame oral era feito num salão nobre e era uma sala inteira rodeada de quadros-negros.

Entrei, fui para a mesa no mesmo momento, o professor Ulisses Ribeiro, magro, severo, rigorosíssimo, me olhou e sorriu. Ele me conhecia, minhas notas eram um, um e meio, dois. Um dia, tirei dois e meio, fiz uma festa. Cheguei diante do professor, e o oral, eu acho que nem tem mais exame oral, era considerada a hora da verdade. Pergunta, sabe, não sabe, vai embora. No exame escrito, claro, sempre tinha uma maneira de dar uma colada. A minha classe era mista, do meu lado sentava uma moça que levava a cola na coxa, porque quando o professor chegava ela baixava, ele não ia levantar o vestido, eu olhava lá. Acho que olhei mais a coxa do que a cola. Aí, Ulisses falou: “Terminou tudo, só falta esse?” Sim. “Vai embora?” Vou. “É teu sonho, você precisa ir embora. Você precisa muito para passar?” Eu falei pouco. “Quanto?” 9,7. Aí ele olhou e falou: “Então vou fazer um acordo, tudo ou nada. Você topa?” Quem não tem nada a perder... Topo.

A vida é um risco o tempo inteiro. Aqui em cima desse palco é um risco, mas sem risco que graça tem? Cada momento que você decide, é um risco e aí você tem que ir.

Está bom, professor, o que quer dizer? “Zero ou dez. Eu vou te dar uma equação facilíma e você vai resolver. Resolveu, vai embora”. E ele que era um gozador, meio malandro, olhou e me chamou lá para um canto do salão. Cheguei lá e ele colocou a equação na lousa, chamava lousa, só os mais velhos sabem. Aí veio no meu ouvido baixinho e falou, “olha para trás”, olhei e tremi. Atrás de mim estava uma classe do Normal, quarenta das mulheres mais bonitas da cidade. Vocês não têm ideia o que era viver nos anos 50, sendo uma mulher. Os pais não deixavam ir para São Paulo para fazer faculdade. A faculdade era um antro que podia perder aquelas jovens donzelas, e elas iam fazer o Normal. Para o exame oral não precisava ir de uniforme, então olhei, e a cidade é muito quente, e elas estavam naqueles vestidos decotados, curtinhos, pernas cruzadas, levemente suadas, cheirosas, banhadas, perfumadas, chapinha no cabelo. Bom, aí as meninas olhavam para aquela equação, abismadas e eu também, e falei, e agora o que faço. Peguei o giz, também nem sei se existe mais giz, e comecei a colocar na lousa todos os símbolos matemáticos que me vinham à cabeça. Raiz quadrada de X elevado à potência N , isso era bonito, e o N elevado à potência W , sobre 0,001 e aí abre uma chave. Matemática tinha chave, tinha parênteses, tudo. Abri uma chave e pus logaritmo D , 14 mais, aí veio uma palavra linda, seno sobre cosseno. E aí me veio à cabeça uma coisa linda, o π , dois tracinhos com um til em cima, que equivale a 3,14, não sei do que, até hoje eu não sei. Eu pus uma reta, aí veio uma outra coisa, o infinito, que é um oito deitado. Eu segui, segui, e tinha um cara do lado que era um “cu de ferro famoso”, fazendo exame de física. Eu falei, vai para lá

que eu preciso da lousa. Olhou-me com uma cara. Continuei até chegar ao fim da equação, igual 546. CQD – Como queríamos demonstrar. Toda equação terminava com isto.

Aí olhei as meninas. Eu vou a Araraquara de vez em quando, e elas já são avós, encontro algumas e elas falam: aquela tarde foi inesquecível. Eu falei, eu também acho. Mas já contei essa história lá. Contei porque um dia, no colégio onde estudei, e diante do professor Ulisses, contei a coisa no ginásio cheio, e eu e ele choramos. Aí o professor Ulisses foi até a lousa e começou. Foi, foi e pôs a nota. Dez.

Fui para a mesa, sentei e falei: Professor, é só o lado direito da nota que vale, mas eu não podia fazer outra coisa. Já não sou bonito, já não tenho cartaz nenhum e ainda vou fazer uma besteira. Ele falou: não, é dez. Como dez? Dez por quê? “Dez pelo delírio, dez pela loucura, dez pela fantasia e dez pela imaginação. Vai embora, Ignácio, o teu mundo é o da imaginação.”

Daquela tarde em Araraquara, em novembro de 1956, até esta noite aqui em Passo Fundo, eu também sou de Passo Fundo, vivi flutuando na imaginação, com muitos toques de realidade. Ele me jogou nisso que eu faço hoje. Rendo homenagem a Ulisses Ribeiro.

Luciana Savaget – E a minha história com professor, é uma história também que tem um professor de matemática que eu tive uma infância, mas esse eu não posso dizer o nome, porque ele ainda leciona, e o que ele fez comigo foi maravilhoso. Tive uma infância muito feliz. Aprendi a sonhar, a brincar, a acreditar em lobo mau, essas coisas todas, que hoje em dia as crianças não acreditam mais, e não podem acreditar, porque hoje os medos são reais, medo de sequestro, de bala perdida e tudo, e eu não, tive uma infância na qual aprendi

a sonhar e, graças à minha professora Leonor, nunca vou me esquecer.

Sempre fui muito desligada, sempre vivia no mundo da lua, e um dia a professora Leonor chamou a minha mãe no colégio e disse assim: olha, a Luciana tem um problema sério, ela vive no mundo da lua, não aprende gramática, não aprende nada, mas tem uma imaginação incrível, acho que vai ser escritora. E aí a minha mãe, na época, ficou muito preocupada, deve ser aquela coisa de psicólogo, e a Leonor disse assim: mas olha, não conta para ninguém, eu vou fazer um trabalho especial com ela, vou dar uns livros para ela ler. Porque ela não tem uma coisa burocrática de ter que aprender essa gramática e tudo. Dona Leonor então me deu e me ensinou, me chamou num cantinho e disse, “olha, eu não faço isso com nenhum aluno, mas eu vou fazer com você. Você vai escolher um escritor que você goste, você vai ler e eu vou te avaliar através da obra desse escritor”. Isso eu tinha dez anos de idade, e eu escolhi na época Fernando Sabino. Meu pai dizia que era coisa de adulto, eu tinha que ler escondido, eu sentava no livro.

E nessa brincadeira, li toda a obra dele, e num dia fui procurar o Fernando Sabino, porque o trabalho, no final era uma entrevista com Fernando Sabino. E eu me lembro de que foi a primeira vez na minha vida que andei de ônibus. Nunca tinha andado de ônibus, sozinha, no Rio de Janeiro, e fui com uma prima, com uma peça, que tinha escrito, debaixo do braço, sobre a obra de Fernando Sabino. Olha que pretensão a minha. Cheguei lá, bati à porta. Fernando estava com um cineasta chamado Davi Neves, e disse assim: Luciana, pode sentar aqui. Aí eu fiz a entrevista com ele e deixei com ele “a minha peça que eu queria que você me avaliasse, que eu queria saber se você vai gostar dessa peça, porque eu preciso dessa peça que é o meu trabalho final”. Ele disse: pode dei-

xar. No dia seguinte eu liguei, ele chegou e disse assim, “olha achei sua peça maravilhosa, mas eu só queria saber se você tem recursos para fazer a peça, se você tem dinheiro”.

Daí eu apresentei à dona Leonor, e passei de ano sem saber nada de gramática, e depois ela disse assim: “Olha, não precisa saber, vai ler, que você vai ganhar o mundo lendo.” Com a leitura você vai aprender gramática, você aprende história, você aprende isto tudo. E a dona Leonor, muito velhinha, uma pessoa maravilhosa, morrendo de câncer, me chamou no hospital e disse assim: “Eu tinha certeza, Luciana, de que você ia vencer na vida, porque você tinha tudo para vencer, imaginava muito.” E essa percepção, essa sensibilidade dessa professora me fez ser o que sou hoje.

Passou-se o tempo, um professor de matemática, que eu ia fazer vestibular, e não sabia nada, nada de matemática. Fiquei em recuperação, e o que aconteceu, era eu e uma amiga, só na sala, na recuperação, ele deu um exercício e disse assim: “Você pode fazer.” Aí olhei para ele, não sei nada. Ele chegou e escreveu a resposta no quadro. Aí copiei correndo, ele apagou e disse assim: “Vai, o mundo é seu. O mundo é seu, esquece a matemática, vai para a leitura e para a escrita.” E eu passei no vestibular de jornalismo. Então, eu devo a minha vida literária a esse professor e a sensibilidade dos dois professores que me ensinaram de uma forma, uma outra forma, sem ser a tradicional, a sonhar, a acreditar e a ter autoestima.

Acredito que aqui a maioria seja professor, quero, em nome deles, agradecer a todos vocês também, que são uns lutadores, uns sonhadores, que hoje as crianças só aprendem a sonhar com a ajuda de vocês. Então, essa é a minha homenagem a todos os professores através da Leonor e do professor Alceu, que foram pessoas maravilhosas na minha vida.

Cid Campos



Músico, compositor e produtor musical, nasceu em 1958, em São Paulo. Filho do poeta Augusto de Campos, nos anos 1970, teve atuação intensa como baixista e compositor, assimilando a linguagem da música *pop*, do *rock*, do *jazz* e da MPB. No convívio com o universo da música digital, seu trabalho de compositor e arranjador se abriu para diversas atuações: trilhas sonoras para filmes e vídeos, balés, instalações, espetáculos multimídia, com ênfase na arte experimental. Criou com os poetas Arnaldo Antunes, Walter Silveira, Leonora de Barros e João Bandeira, e o *videomaker* Grima Grimaldi, o espetáculo multimídia *Poemix BR*. Em 2009 lançou o CD infantil *Crianças crionças*. Além das apresentações de espetáculos, vem realizando *work shows* com tecnologias de ponta, como *Poemúsica* (2010), ao lado de Augusto de Campos e Adriana Calcanhotto.

Boa-noite. Mais uma vez, não sei se vocês assistiram ontem ao *show* que a gente fez, talvez alguns, e mais uma vez vou dizer que é um grande prazer estar aqui participando da 14^a Jornada. Trouxe um material, na verdade, o que seria o percurso desde os anos 1990 até agora, de trabalhos que fiz em parceria com vários poetas, artistas plásticos... Então, vou

mostrando para vocês alguns vídeos, algumas coisas que gostaria de colocar para introduzir este trabalho. Antes disso vou ter que passar o som, soltar alguma coisa para ver se o som está bem e aí a gente começa.

Vamos ver. Bom, desde o início da década de 1990 venho acompanhando de perto essa impressionante evolução tecnológica, no âmbito da computação, relacionada às produções, gravações, edições digitais de música, vídeo. Nessa época, montei meu primeiro estúdio digital, o MC2 Studio, onde produzo todos esses trabalhos musicais, não só na área comercial, voltada para a produção de vinhetas e trilhas sonoras, como também na área de criação artística, destacando a concepção de CDs, além de projetos especialmente voltados à intercomunicação entre música e outras artes. Esse estúdio seria o início de todo, um processo de conhecimento não só técnico, mas artístico também, pois ali, paralelamente aos estudos e descobertas tecnológicas, a música fluía dos sintetizadores, e participavam dessas sessões de gravações músicos como Itamar Assunção, Péricles Cavalcanti, Tom Zé; poetas como Augusto Aroldo de Campos, Décio Pignatari, Arnaldo Antunes, Walter Silveira, Leonora de Barros e tantos outros. Foram inúmeras as gravações de áudio feitas num gravador ainda de oito canais, um gravador de rolo, onde pude criar, juntamente com os poetas, as suas oralizações, fazendo uma espécie de cantos canônicos da palavra, onde era possível sobrepôr, enfim, realizar toda uma produção que antes esses próprios poetas não tinham acesso.

Vou mostrar para vocês um trecho do vídeo que se chama *Poetas de campos e espaços*. Esse trabalho, dirigido pela Cristina Fonseca, que já esteve aqui anteriormente, é um documentário sobre a poesia concreta e seus protagonistas. Inclui entrevistas inéditas, intercaladas por videoclipes e, para

mim, foi uma grande oportunidade para criar e desenvolver mais ainda este trabalho que vinha realizando em musicalização e tratamento sonoro dos poemas. Foi através desse documentário que surgiram algumas composições que iriam mais tarde, em 1995, fazer parte do CD *Poesia é risco*, que fiz com Augusto de Campos.

Em 1993, surgiu, a convite do professor de literatura da USP Ricardo Araújo, a oportunidade de finalizar animações por mim musicadas dos poemas “Bomba” e “SOS”, do Augusto de Campos. Como tinham acabado de receber na USP o computador de última geração Silicon Graphics, queriam testar a potencialidade do aparelho em diversas áreas possíveis: literatura, engenharia, medicina etc. O Augusto, que vinha desenvolvendo já os seus projetos de animação no seu próprio *macintosh*, encontrou aí uma oportunidade para dar um acabamento mais aprimorado à animação dos poemas. O projeto se estendeu um pouco porque, na verdade, nem os próprios técnicos da USP sabiam mexer direito no computador. Então a gente acabou levando semanas produzindo esse material e estavam envolvidos também no projeto o Arnaldo Antunes, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Julio Plaza e Wagner Garcia. E o Augusto chamou este trabalho de “Clip poemas”.

As produções iam crescendo a cada dia, ao mesmo tempo em que estava proporcionando aos poetas a realização, de maneira profissional, de suas oralizações. Havia também o prazer e o privilégio de estar participando desse processo com composições. A oralização sempre esteve implícita na poesia concreta e também nas grandes traduções de seus protagonistas, a que o Haroldo chamava de transcrições e o Augusto de tradução arte, como as feitas para textos e poemas de Joyce, Mallarmé, Maiakovski, entre outros. Acabamos montando, assim, o nosso primeiro espetáculo verbivocovisual

chamado *Ouver* apresentado apenas três vezes, em Curitiba, Santo André e Belo Horizonte, e que tinha como elenco Augusto e Aroldo de Campos, Décio Pignatari, Arnaldo Antunes; os músicos Alberto Marsicano, Lívio Tragtenberg, Marcelo Brissac e eu. Esse trabalho demandou uma série de reuniões, é um trabalho instigante e muito proveitoso para nós que podemos ter o convívio bastante intenso com os poetas.

No ano seguinte, intensifiquei o meu trabalho com Augusto, criando diversas composições para seus poemas, que, somadas às feitas anteriormente, no documentário *Poetas de campos e espaços* e para o projeto da Estação Silicon Grafics e, ainda, as do espetáculo *Ouver*, acabaram por finalizar o repertório do CD *Poesia é risco*, lançado pela Poligram em 1995. Esse CD culminou no espetáculo *Poesia é risco*, que víriamos a apresentar entre 1995 e 2003, por mais de vinte vezes, em português, inglês, francês, no Brasil, Estados Unidos, Holanda, França, Suíça. *Poesia é risco* é uma apresentação multimídia que repropõe em novas bases a prática da leitura de poemas. Augusto interpreta poemas seus e de outros autores, através de algumas de suas transcrições, de Rimbaud, Black, Joyce, incluindo também o simbolista baiano Pedro Kilkerry. Um diálogo entre poesia, música e imagem, utilizando tratamento eletrônico de sons, vozes em *playback*, além de baixo, guitarra, mídia ao vivo, feitos por mim, e ainda com a participação de Walter Silveira, que responde pelos vídeos e *slides*, na época em que eram projetados.

Em meados de 1999, Augusto e eu procuramos a Funarte para gravarmos um CD comemorativo sobre o poeta modernista Oswald de Andrade, isso porque Rudá de Andrade, filho de Oswald e de Patrícia Galvão, tinha em seu arquivo uma fita rolo com algumas leituras originais de Oswald, totalizando aproximadamente 12 minutos. Propus que fizés-

semos uma restauração do material, de forma a reduzir os chiados, natural da fita antiga, e Augusto, por sua vez, sugeriu que ampliássemos o repertório, convidando poetas contemporâneos para fazerem oralizações de poemas, de forma a complementar o CD.

Em 1998, o cantor e compositor Tom Zé, que na época fazia umas gravações no estúdio, pediu uma música para fazer parte do seu novo CD *Defeito de fabricação*. Acabei compondo o “Olho do lago” e essa música também foi gravada pelo Chan Lennon, filho do John Lennon, que reelaborou a música numa espécie de remix tecnon. Isso trouxe bastante entusiasmo e me impulsionou a trabalhar em um novo projeto. O resultado foi um CD, *No lago do olho*, lançado em 2001, para o qual contei com a participação de Adriana Calcanhoto, Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, um monte de gente. Nesse CD também musiquei “Apertar o cinto”, de José Lima Brunevaldi, “Velocidade”, de Ronaldo Azeredo. Vou mostrar para vocês, separadamente, as leituras desse poema “Velocidade”.

Essa é a voz que fiz para ser superposta à voz do Augusto. E agora um miniclip, feito por Grima Grimaldi, do trabalho finalizado, já com a participação dos músicos, inclusive do Felipe Ávila, que tocou aqui comigo ontem, um guitarrista que está aqui também conosco.

Bom, assim temos vários poemas. O que a gente não tem é tempo também para mostrar todo o material, é muita coisa, são muitos clips, muitas músicas, muitos poemas. Então, vou agora falar um pouquinho da exposição de poesia concreta que nós fizemos em 2007, em São Paulo. Poesia concreta, o projeto “Verbivocovisual”. O que nos propusemos a realizar foi um enfoque sobre a poesia concreta, seus pressupostos, motivações, antecedentes, propostas, repercussões e conse-

quências até os nossos dias. É tal a qualidade e a quantidade das informações que essa perspectiva deixa entrever que ela, por si só, constitui um panorama de grande amplitude, demandando organização complexa e laboriosa. A exposição é dividida basicamente em cinco sessões, sendo todas dedicadas a diversos aspectos da obra de Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, José Lino Grünwald e Ronaldo Azeredo. Nesse espaço que vocês estão vendo, a gente pode observar alguns poemas que nós selecionamos, superdimensionados, de forma a ocuparem o amplo saguão do Instituto Tomie Ohtake, onde foi feita a primeira montagem. Essa sala histórica, chamamos de “galáxias”, tem um *time line* histórico, abordando os principais momentos do percurso da poesia concreta. Os três espaços restantes foram destinados a eventos multimídias. A sala UV contém a programação de diversos filmes e documentários de poesia concreta. Sala Língua viagem, com uma programação de música e imagem, é voltada às traduções e transcrições feitas pelos poetas. Na terceira sala, Poesias, seriam vistas cinquenta animações de poemas, projetadas nas paredes em sincronia com as leituras. Três paredes, o público ficava no meio e os vídeos passavam no entorno da pessoa, uma coisa muito interessante, tinha um efeito muito interessante.

Essa exposição acabou gerando um CD, um catálogo e foi levada também a Belo Horizonte. Esse é mais ou menos o material que queria mostrar a vocês. Agradeço pela oportunidade.

QUESTÕES LEVANTADAS

Cid Campos – Fiz uma instalação no Museu da Língua Portuguesa de São Paulo, na verdade, fiz junto com o Arnaldo. Produzi uma gravação dele de uma música que toca no elevador, como uma instalação que é exatamente a palavra língua, falada em diversas línguas. Então, quem entra naquele elevador ouve essa produção que a gente fez.

Na verdade, o Augusto, como é meu pai, sempre estava ali, identifiquei-me muito com o trabalho dele. Enfim, a questão do estúdio, de eu tê-lo montado, realmente aglutinou toda essa forma de produção. Quer dizer, a gente começou a desenvolver um trabalho e nos demos bem; a gente se sentiu muito bem trabalhando juntos e aí foi indo, uma coisa bem natural. Eu gosto, na verdade, de trabalhar com poesia. Procuro sempre musicalizar a poesia, mais do que fazer uma letra, seria um pouco diferente. Quando você faz uma letra de música, você pensa num formato, num refrão, e eu gosto muito do desafio do não refrão, de você transformar uma frase no refrão, ou você conseguir tirar de uma coisa que não foi feita para ser musicada, conseguir extrair uma música dali, transformar-se em imagem, que seria justamente esse princípio da intermídia. Você conectar diversas linguagens num trabalho só.

A poesia concreta entrou ali nos anos 1950. Digamos, inspirada naquela questão do modernismo, buscando uma nova linguagem que sintetizasse, de alguma forma, a expressão poética, delineando, usando as palavras também como forma. Como é difícil até para eu dizer, porque não tenho nada pronto, vamos assim dizer, para descrever propriamente a poe-

sia concreta. Agora o trabalho foi esse, um movimento que foi criado e considerado um movimento que veio transformar uma linguagem mais formal de poesia, abrir um caminho diferenciado de um contexto mais formal de poesia, levando isso para outras dimensões. O que realmente aconteceu foi o encontro dos poetas concretos com os músicos contemporâneos nos anos 1960, como Gilberto Mendes e outros que musicaram, que foram os primeiros a musicar a poesia concreta. Então, é um trabalho que realmente propicia a conexão com muitas outras mídias. Hoje a gente pode sentir isso através da elaboração de poemas feitos pelo Augusto, sobretudo no computador diretamente. Antes ele trabalhava com letra 7, com formas, formatos. Então, é um pouco isso.

Eu acho que esse movimento contribui bastante, justamente na questão da intermídia, é uma coisa que, particularmente, acredito muito, que é a conexão. Se você tem as ferramentas dentro do seu computador você pode utilizar isso para compor com música ou com processos de desenho, de, enfim, o que for, de fotografia, colagens, montagens de todo tipo. Mas com isso tem de se ter um cuidado muito grande para não se perder o conceito, um conceito básico, não ficar uma coisa tão democrática, sem conteúdo. Eu acredito que a poesia concreta e a poesia em geral contribuem para a literatura. O conteúdo basicamente com o qual a gente pode produzir, gerar novos produtos, novas finalizações de material artístico.

A poesia concreta foi saindo do papel, até no próprio papel ela já saltava para fora, porque são poemas de *approach* visual muito forte, então aquilo já é um caminho muito natural. É essa coisa de animação dos poemas concretos, de pessoas se envolverem, das letras se mexerem, das leituras bastante sofisticadas de poemas. Então a poesia essa saiu, mas também está no papel.

Eu acho que muita gente se influenciou pela poesia concreta não só aqui no Brasil, mas no exterior. Na minha área, que é mais da música, tanto na música contemporânea como na popular, houve um grande encontro com a poesia concreta. O Caetano Veloso, além de ter musicalizado alguns poemas do Augusto e do Haroldo, também fez trabalhos muito próximos à concepção da poesia concreta, como a gente pode ver no “Araçá azul”, por exemplo, com um disco bastante experimental.

Para o meu próprio trabalho, a poesia concreta é fundamental. Se você falar em Walter Franco, em vanguarda, pessoas que participaram desses movimentos, o próprio tropicalismo, houve um encontro. Foi quando Gilberto Gil, Caetano e todos os baianos conheceram os poetas concretos em São Paulo. Foi um encontro muito interessante, de uma troca muito grande de informações. Então, realmente a poesia concreta teve uma influência muito grande na música popular em geral.

A poesia concreta vem com uma base, uma estrutura, um estudo com conhecimento, não é uma coisa feita ao léu. É diferente a gente pegar e fazer uma brincadeira. Eu acho que meu pai e meu tio sempre responderam às críticas e sempre houve muita polêmica em torno disso. Hoje, eu acho até difícil, porque a poesia concreta passa a ser um movimento histórico brasileiro e internacional. É difícil isso, eu acho que teve muita gente que, talvez enciumada, pessoas mais conservadoras, enfim, querendo provocar algum tipo de coisa. Mas a poesia concreta é forte e ela foi para frente, como a gente pode ver aqui nesses exemplos todos.

Eu não soube do Hermeto Pascoal ter alguma aproximação com o movimento da poesia concreta, mas certamente poderia, ele é fantástico. O tipo de composição que faz cabe-

ria. Agora, tu vês o Arrigo Barnabé, tanta gente que se banhou nesse mar da poesia concreta, é incrível. Novos baianos, Adriana Calcanhoto mais recentemente, tem muita gente. A questão é de haver um encontro.



Da direita pra a esquerda: Ignácio de Loyola Brandão, Luciana Savaget, Cid Campos e Maria Goretti Bittencourt

PALCO DE DEBATES: DIÁLOGO, MÍDIAS E CONVERGÊNCIAS

Conferencistas: Edney Silvestre, Eliane Brum e Nick Montfort
Coordenação: Luciana Savaget, Ignácio de Loyola Brandão e Alcione Araújo

Ignácio de Loyola Brandão – Eu quero primeiro, como é o trigésimo aniversário, contar outra história, já que a gente pode fazer, digamos, uma retrospectiva. Foi ainda no ginásio Play Center do Juvenil, na segunda Jornada, minha primeira. Como já disse na primeira, eu ainda não tinha nascido. Terceira, tanto que a história é verdadeira. Eu estava na mesa e de repente recebi um bilhete de uma mulher, que dizia o seguinte, olhe para a direita, na direção do banheiro feminino, tem uma mulher de lilás. Confirme. Aí eu confirmei. Passou 10, 15, 20 minutos, veio um bilhete: “Essa noite você vai ser meu.” Continua dali a pouco outro bilhete: “Você não sabe o que eu faço com a boca”. E aí foi crescendo. Eu olhava e a mulher de lilás estava lá. Só que tinha um filho de uma mãe, perto dela, o Ziraldo. E eu falei: “Ele está de sacanagem comigo.” E aí foi, vieram vários bilhetes. Acabou, eu desci, a mulher de lilás veio até mim, e disse: “Por que não respondeu a nenhum dos meus bilhetes?” Eu disse: “Mas ainda está em tempo.” “Perdeu a chance.” Agora eu queria que o Alcione contasse uma história muito bonita, a do professor dele.

Alcione Araújo – Eu tinha 12 ou 13 anos. Eu tive essa idade, parece que não. Eu tinha um professor de português, nós éramos uma garotada na escola, chamado professor Luiz Gonzaga. Um homem austero, sério, usava guarda-pó por sobre a roupa, com os livros e a lista de presença. Ele tinha uma característica muito pessoal: levava o seu próprio apagador. Era uma coisa estranha, os professores usavam o apagador da classe, mas havia alguma relação mais afetiva com aquele apagador que ele levava diariamente. Era um homem extraordinário, porque ao invés de nos empanturrar de gramática e coisas chatas, ele depositava os livros e a lista de chamada e sobre aquele guarda-pó branco ele punha as mãos sobre o peito e recitava Drummond para nós. Dizia, “este é um tempo partido, tempo de homens partidos, em vão percorremos volumes, viajamos e nos colorimos”. E assim era a aula. E a garotada ficava muito impressionada, às vezes a gente nem alcançava completamente o que ele queria dizer, mas havia uma atitude poética para a aula dele.

Ao invés daquela imposição, sujeito, predicado, análise sintática e não sei o que, que ele também fazia, mas tinha a sensibilidade de deixar isso para o final da aula. Quando nós já estávamos grávidos de poesia, aí a palavra ficava mais fácil, mais simples, mais bonita, aí a gente entrava na análise gramatical com aquele prazer poético, portanto, quase flutuando e aliviava a dor e acabava usufruindo até algum tipo de prazer de fazer análise sintática.

Então, por incrível que pareça, o professor Luiz Gonzaga era uma espécie de referência na classe. Nós éramos uns endiabrados, e na aula dele ficávamos quietos. Ele falava de Camões, contava histórias, e sempre foi uma referência para nós. Eis que, senão quando, um dia, o professor Luiz Gonzaga entra na sala, durante vários dias ele faltou, e a ausência dele

nos deixava endiabrados, porque faltava controle, sobretudo faltava poesia, então nós estávamos naquela bagunça que os garotos fazem quando não tem professor. Quando de repente alguém olhou para a porta e parou, os outros olharam para a porta, todos olhamos para a porta, estava aquele homem, um homem já maduro, com gazes sobre os óculos e uma bengala branca. E todo mundo ficou pasmo, cada um veio devagarzinho, quieto, sentou na sua cadeira sem fazer barulho e assistimos pasmos ele avançar, batendo a bengala no chão, e o som da bengala dele batendo no chão era uma coisa tão atordoante, que eu me lembro como se fosse hoje. E aquele homem botou os livros sobre a mesa, a lista de chamada, veio para a frente da classe, cruzou as mãos sobre o peito, como fazia sempre e disse: estou cego, eu não posso ver vocês, mas nós vamos continuar muito junto da poesia. “Este é um tempo partido, tempo de homens partidos”.

Ele sabia todos os poemas de cor e continuou a nos dar aula, cego, todo o resto do ano e a nossa turma ficou em absoluto silêncio. Primeiro, a perplexidade de ver que ele sabia tudo, sem precisar escrever e que aquele apagador, quase um prenúncio paradoxal do que viria acontecer, ele continuava a carregar nas mãos. Agora inútil, ele não escrevia. Continuamos até o fim do ano tendo aula com o homem cego, que sabia tudo o que nos queria dizer e não perdeu a nossa atenção, nem ele perdeu o encantamento de falar daquilo. Era uma coisa estupenda. Comoveu-nos, foi até o fim do ano, ele não soube nunca que daquela turma, de vinte e poucos garotos, saíram três escritores, possivelmente motivados por ele.

Passa-se o tempo, passam-se os anos, muitos anos depois eu venho a escrever, vou escrever para um jornal, crônicas. Trinta ou quarenta anos depois, escrevo uma crônica sobre isso. E já no mundo contemporâneo, que tem *e-mail* e essas

coisas, e recebo o jornal e ponho o endereço lá, você recebe muitos *e-mails* dos leitores que leram e se comoveram. E anos depois dessa crônica ser publicada, cinco ou seis anos depois, já tinha me esquecido da crônica, estava em Brasília fazendo uma fala, provavelmente como esta aqui, sobre literatura, e de repente, quando começamos a abrir o diálogo para as perguntas, levanta um senhor e diz: Eu ando atrás de você há mais de dez anos. Queria te encontrar. Eu te mandei *e-mail* algumas vezes e você não quis me dar seu endereço e eu continuei atrás de você. Calhou de eu vir trabalhar em Brasília e vi no jornal que você viria falar. Eu estou aqui. Eu vim aqui para te dizer que eu sou o filho do professor Luiz Gonzaga e que a sua crônica está recortada e posta na parede de nossa casa, porque nós choramos quando lemos essa crônica e até hoje ela tem um enorme significado. Esse homem, maduro, adulto, começou a chorar e contar para nós que também na casa dele, ele recitava os poemas do Drummond e outros poemas para os filhos e dos filhos deles, que eram sete, dois se tornaram escritores.

Isso é para dar um pouco da dimensão para vocês, do que significa um professor na vida de um garoto e como ele pode, embecendo-o da beleza da vida e da poesia, nortear a vida de muitas pessoas, dos seus filhos e não apenas deles, dos escritores, que enquanto crianças, passaram nas mãos deles. Isso é para fazer uma homenagem aos professores que estão aqui, e dizer que tenho a impressão de que sou também fruto da poesia daquele homem que usava um apagador na mão, um guarda-pó e que dizia, “esse é um tempo partido, tempo de homens partidos”. Muito obrigado.

Tania Rösing – Eu quero cumprimentar os nossos visitantes desta tarde e dizer o seguinte. É muito importante que

as pessoas saibam o que a gente defende quando diz que não somos um evento, somos uma movimentação cultural permanente. Em primeiro lugar, nós queremos comunicar a todos os senhores que ao final desta sessão nós teremos a sessão de autógrafos com o Edney Silvestre, o livro *Se eu fechar os olhos agora*; com a Eliane Brum, o livro *A vida que ninguém vê*; com o Alcione, *Cala a boca e me beija*; um do Loyola, *Ruth Cardoso - fragmento de vida*, e os livros infantis, *Menino que vendia palavra* e *Meninos que perguntavam*.

Agora, desejo informar o que preparamos, nossos colegas e a Editora UPF, para esta Jornada. Em primeiro lugar, o livro *30 anos de Jornadas Literárias, estudos e flagrantés*, com 550 páginas, em dois volumes. Preparamos também os *Anais da Jornadinha, conversas com os leitores, arte e tecnologia*, com a organização do Paulo Becker, Eliana Teixeira e Tania Rösing. Outra obra, *Lendo e vivendo, relatos sobre leituras e vivências literárias*, organizado pelo Luiz Augusto Fischer. Como anais do encontro realizado na Jornada de 2009 dos escritores gaúchos, *A pleno vapor*, resultado do segundo encontro de escritores, também organizado pelo escritor Augusto Fischer. Os anais da 13ª Jornada, *Arte e tecnologia: novas interfaces*, preparado por Miguel Rettenmaier e Tania Rösing. *Revisitando os clássicos*, que é exatamente o relato do encontro da Academia Brasileira de Letras, organizado por Fabiane Burlamaque e Tania Rösing. *Questões de literatura na tela*, organizado pelo professor Miguel Rettenmaier, junto com um grupo de escritores brasileiros e por Tania Rösing, que vai ficar pronto até amanhã. *A história fora do papel, da oralidade ao espetáculo*, organizado por Celso Cisto. Também, *Atualizando a tradição, cânone e literatura para leitores de hoje*, que é o envolvimento com o texto clássico e o texto clássico infantil e juvenil, outro livro, *De casa e de fora, de antes*

e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil e ainda o *Caderno de atividades* que distribuímos a cinco mil professores e o *Caderno de leituras* que distribuímos também a cinco mil pessoas. Este é o trabalho de publicação feito nesses dois últimos anos para entregarmos a vocês, leitores, nesta Jornada. Muito obrigado.

Alcione Araújo – Sobre o tema “Diálogo, mídias e convergências”, o sentido desta mesa é tentar investigar, pelas falas que vão ser feitas aqui, a possibilidade ou não de haver um diálogo entre o surgimento de mídias novas e o surgimento da expressão literária tradicional. É possível, não é possível. Há uma convergência, é possível haver uma convergência entre mídias tão díspares, entre um livro escrito e a internet, entre o rádio e o romance, entre um blog e uma coluna de um jornal? Eu quero dizer que, na verdade, esse diálogo, essa convergência, existe desde sempre, independentemente do avanço tecnológico.

Se a gente for pensar a rigor, na verdade Homero escreveu a obra *Ilíada*, *Odisseia* etc. no século VIII a.C., mas só foi publicada depois que havia possibilidade do registro gráfico, no século IV. E o Homero era um poeta cego que cantava os seus versos pelas ruas. Portanto, entre o que o Homero cantou no século VIII, até o seu registro gráfico, que foi eternizado, muitos outros cantores reproduziram aqueles cantos, e vocês sabem, “a cada canto se acrescenta um ponto”. De modo que o que afinal se registrou e o que nós temos hoje, como o que seja *Odisseia* e *Ilíada*, é uma enorme contribuição de quatro séculos de cantadores, entre o cantador original e o que afinal nós lemos. Trata-se, na verdade, de um gigantesco diálogo da literatura oral, enquanto ela é inteiramente oralizada, até o momento em que foi registrada definitivamente, que é essa

que nós temos acesso, sem o qual teria sido perdido. Da mesma forma, muitos escritores, basta falar em Lima Barreto e Machado de Assis, que eram romancistas, eventualmente poetas, como Drummond, que também escreviam crônicas em jornal e que, portanto, se alimentavam do noticiário, faziam esse diálogo ou essa convergência que aqui se vai discutir.

O que há de novo é o surgimento dessa tecnologia da comunicação através da internet, e que é possível surgir um grau enorme de autonomia de um blog pessoal, que dá opiniões pessoais, sem ter toda a estrutura de produção, que implica compromissos econômicos e ideológicos, e que ele pode se manifestar livremente sobre o que quer que seja. Isso significa, na verdade, usar o código gráfico, usar a tecnologia para expressar ideias de uma forma, com entrega a domicílio a qualquer hora, quase gratuitamente. Logo, estamos expandindo a ideia do diálogo e da convergência e abrindo a possibilidade de múltiplas interpretações sobre o que quer que seja. Da mesma forma, como você pode fazer um jornalismo impresso e fazer um jornalismo pela televisão, você pode fazer comentários críticos, ou entrevistas pelo jornal, ou pela televisão, pelo cinema, pelo teatro, o que quer que seja. Portanto, não se trata de uma novidade, trata-se apenas em aprofundar uma experiência histórica, através da utilização de modos, de formas contemporâneas, e que nos dá, com a facilidade da comunicação, acesso ao pensamento daqueles indivíduos. É um grande acréscimo do ponto de vista da comunicação, do pensamento, da distribuição da informação. Mas ela traz outro problema, qual seja, a pulverização das ideias, que leva a que a gente não tenha noção mais de onde está a verdade, onde está o certo. Portanto, são as personalidades hoje que vão confirmar com o tempo o grau de certeza que cada afirmação pode ter em relação à realidade. Assim como, em outros

momentos, a poesia já virou música, a música já virou teatro, o teatro já virou literatura, evidente que eu posso, num espetáculo de teatro, que significa o trabalho do autor que criou o texto, o diretor que concebeu os espetáculos, os atores que representam a uma acumulação de criação, que significam o espetáculo como um todo. Da mesma forma, um texto, pela sua singeleza, pode acumular experiências de diversas pessoas, de diversas origens, e pode levar você a experimentar fazer uma história com a contribuição de muitas pessoas.

Na verdade, nós vamos discutir a enorme, a infinita possibilidade que começa a surgir com a perspectiva de interatividade que surge com os meios tecnológicos que a gente dispõe dentro de casa, numa determinada sala, com computador. Ontem mesmo nós tivemos aqui o depoimento de alguém que faz poesia pelo celular. Portanto, trata-se de uma discussão, e de aprofundar essas relações historicamente conhecidas. É isso que trata a mesa de hoje.

Edney Silvestre



Escritor, jornalista, conferencista, roteirista, produtor e apresentador da televisão brasileira, foi correspondente internacional do jornal *O Globo* e da TV Globo, em Nova York por mais de uma década. Entre suas coberturas marcantes estão os atentados às torres do World Trade Center. Edney Silvestre fez sua estreia na ficção em 2009 com o romance *Se eu fechar os olhos agora*, consagrado com o Prêmio São Paulo de Literatura, na categoria Autor Estreante, e o Jabuti Melhor Romance em 2010. Nessa obra, o autor narra a investigação de um crime brutal durante um dos períodos mais importantes da história brasileira. Na Globonews, desde 2002, entrevista grandes nomes do mundo dos livros no programa *Espaço Aberto*.

Eu vim aqui para partilhar as minhas dúvidas. Não encontrei nenhum caminho melhor para falar do que me parece que é o momento em que nós estamos, de que é um trecho de um belíssimo livro, de um romance, que muitos de vocês seguramente já leram, que é *Reparação*, de Ian McEwan. Há um momento em que ele se baseou na história, nos dados reais que me pareceu da forma como ele descreve aqui. É curto, não vai tomar muito tempo, mas me pareceu que ele descreve, no nosso caso, simbolicamente, o momento que nós atravessamos. Eu vou lê-lo para vocês.

Acontece, assim, em 1940, houve a queda da França, a queda da Bélgica, os nazistas avançam, a Grã-Bretanha está sozinha e Churchill faz discursos sobre isso. Todos sabem que a invasão irá acontecer, assim acreditam que a invasão irá acontecer e com a invasão virá o fim daquela civilização, como chama o autor. E nesse momento a personagem, que é a Briony Tallis, que no momento é uma enfermeira, sai do hospital onde já atendeu vários rapazes que vieram da retirada de Dunkerque, alguns sem parte do rosto, vários moribundos, pessoas que tinham que ser amputadas imediatamente.

Ela tem esse sábado de folga em Londres. Ela não é de Londres. E ela sai, porque ela vai a um lugar específico. E vejam se eu estou exagerando quando eu enxergo símbolos do nosso tempo neste texto. Na manhã de sábado, Briony saiu do hospital, às oito, sem tomar o café da manhã e caminhou com o Tâmesis à sua direita rio acima. Quando estava diante dos portões do palácio de Lambert, três ônibus passaram. Agora, a placa que indicava o itinerário do ônibus estava em branco para confundir os invasores. Para ela, que havia decidido ir a pé, não tinha importância. Também não adiantava ela ter decorado alguns nomes de ruas. Todas as placas haviam sido retiradas ou pintadas de preto.

O plano um tanto vago de Briony era seguir pela margem do rio uns três quilômetros, então sair para a esquerda, ou seja, para o sul. Quase todos os mapas da cidade haviam sido confiscados. E o que a Briony faz? Ela arranja um mapa de 1928, estamos em 1940. Não que Londres tenha mudado tanto, mas o mapa tem uma parte rasgada, que é justamente a parte da área que ela precisa chegar. E assim, me parece, me sinto neste momento. Eu tenho um mapa de duas décadas atrás, falta um pedaço e eu sei aonde eu quero chegar, mas não sei quais são os caminhos, as ruas me parecem que não estão mais indicadas e os itinerários dos ônibus, também agora são ocultos e é assim que eu me vejo.

Eliane Brum



É escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e dez anos na revista *Época*, em São Paulo. Publicou três livros-reportagem. Pelo primeiro, *Coluna Prestes: o avesso da lenda*, conquistou o Prêmio Açorianos de Literatura como Autora Revelação. O segundo, *A vida que ninguém vê*, venceu a 49ª edição do Prêmio Jabuti, em 2007, na categoria Livro de Reportagem. Em 2008 lançou *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. Conquistou mais de quarenta prêmios nacionais e internacionais de reportagem, entre os quais Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rey de Espanha. Também em 2008 conquistou o Troféu Especial da ONU em reconhecimento ao seu trabalho jornalístico na área de direitos humanos e na defesa da democracia.

Boa-tarde, estou muito feliz de estar aqui. Hoje de manhã dei uma entrevista para um documentário e me perguntaram o que era estar na Jornada de Literatura. Eu disse que, às vezes, a gente tem a chance de ter esses raros momentos em que se consegue parar e perceber que a história está em curso. A gente consegue perceber o movimento da história. Eu acho que essa multidão de pessoas aqui para discutir a literatura é isso.

Queria só acrescentar à minha apresentação, porque é uma coisa muito cara para mim, é um sonho muito antigo, uma necessidade muito profunda, que nesse ano, em junho, lancei meu primeiro romance, meu primeiro livro de ficção chamado *Uma duas*, pela editora Leya.

Bom, preparei um texto, porque penso melhor escrevendo, que vou ler para vocês, mas não se preocupem, é um texto rápido, que eu acho que era a minha contribuição que poderia dizer de melhor para vocês sobre esse tema, que é um tema tão amplo e é tão sensível para a gente. Lembro que a minha filha Maira, e acho que os filhos de muita gente, me dizia toda a noite, me conta mãe. Ela queria uma história de livro, da família, do dia. Esse “me conta” tinha pelo menos dois significados, que era um pedido que uma história fosse contada e, ao mesmo tempo, um pedido que ela, Maira, fosse contada como história. Nesse último sentido, o “me conta” era como “me conta de mim mesma”, já que uma criança nasce como um papel em branco.

Desde pequena, Maira, como todas as crianças, já intuía que cada um de nós só existe como narrativa, só existe como história contada. Esse é o extraordinário do humano. O fato de ele não existir apenas na natureza, mas ter se inventado como um ser na cultura, ter se inventado, portanto, como narrativa. Nós somos aquilo que contamos da nossa vida e somos aquilo que os outros contam de nós. Nós somos, portanto, um entrelaçamento de versões e narrativas variadas, um bordado de letras, num efeito harmonioso ou convergente. E ainda que a nossa vida seja constituída de acontecimentos, é de fato tecida por uma diversidade de olhares sobre os mesmos acontecimentos. Assim, toda a vida humana é, em grande medida, uma ficção, uma história inventada. Inventada não como uma mentira, mas como várias verdades possíveis.

O grande risco que todos corremos, portanto, é o risco da história única, de uma única versão sobre a vida de cada um, de uma versão sobre o mundo e sobre os acontecimentos do mundo. Qual é a primeira versão sobre a nossa vida? A versão de nossos pais. O olhar de nossos pais transformado em narrativa. E, às vezes, essa é uma versão que se transforma em prisão. Quando um pai ou uma mãe diz que o filho é mimado, ou não gosta de ler, ou, o que está na moda hoje em dia, que o filho é hiperativo, o que esse pai e essa mãe estão fazendo é construindo uma versão, uma narrativa para seu filho. Não é à toa que a gente ouve tanto coisas como fulano desde pequeno é assim. Ora, se o fulano ouve desde pequeno que ele é assim, para ser diferente vai precisar construir outra narrativa sobre a sua vida. Crescer, afinal, é justamente isto. É ampliar as possibilidades narrativas da vida, ampliar as versões sobre nós mesmos, tornar a ficção que somos, mais complexa e menos maniqueísta. Mas nem todos nós conseguimos superar algumas versões familiares que nos aprisionam. A psicanálise existe, em parte, para nos ajudar a construir outras possibilidades narrativas que nos permitam viver. Ainda que possa parecer contraditório, construir narrativas que nos permitam viver, ao mesmo tempo mais leves e mais inteiros.

Passando da esfera familiar para a esfera pública, especialmente a partir do século XX, é cada vez maior a influência da imprensa na versão sobre as vidas, sobre o indivíduo e sobre o mundo do indivíduo. É a imprensa que faz a narrativa que mais ecoa na dimensão pública de nossas vidas. E qual é a narrativa hegemônica produzida e reproduzida pela imprensa? Nesse ponto, vou contar para vocês sobre um pouco da minha experiência pessoal com esse mundo.

Quando me torno repórter, na década de 1980, deparo-me com uma escolha política, que era vendida como se fosse

um dado da natureza, e esse termo não é casual, era assim mesmo, falava-se da natureza da notícia como se tivesse natureza. Tratava-se como natural aquilo que era político, socioeconômico e cultural. O resultado era que a maioria dos homens e das mulheres, que construíam cotidianamente o país, não era contada na história narrada pela imprensa. E, nesse momento, estou falando de jornal, de rádio e de TV. E o efeito de não ser contado, de ser apagado da história, de ser invisível é devastador. Por esta narrativa, na qual você não está, ou só está se comete um crime, ou só está como personagem folclórico, você passa a acreditar que sua vida não tem valor, que sua vida é comum e que ser comum é desimportante. É só por isso, que a maioria pode compreender o fato de que algumas mortes valem mais do que outras, de que algumas vidas valem mais do que outras e as vidas que valem menos são justamente as vidas da maioria, as vidas que não são contadas. É pela história única, portanto, que se aniquila a vida de milhões, não a vida física, mas a vida simbólica. Até a disseminação massiva da internet só vai acontecer na primeira década deste século XXI.

O objetivo dos repórteres que levavam a sério seu trabalho, de documentar a história cotidiana, era dar voz a quem não tinha voz, incluir personagens marginais na narrativa hegemônica da imprensa. E aqui, quando me refiro à marginal, refiro-me àquele ou àquilo que não é contado. A busca dos bons repórteres era por incluir não só personagens marginais, no caso o homem e a mulher comum, mas também versões marginais sobre o mesmo tema. E, no caso do Brasil, inclui as geografias marginais, já que, quando se falava da imprensa nacional, se falava em São Paulo, Rio e Brasília. E quando se falava em São Paulo e em Brasília, falava-se sobre o centro de São Paulo, Rio e Brasília, e não sobre as periferias. A bus-

ca naquele momento era, portanto, de ampliar o número de versões, aumentar o contraditório e trazer o jornalismo para a zona cinzenta, o que significava manter o maior número de nuances, o maior número de versões na documentação da história contemporânea.

Até a disseminação da internet, o que não era contado pelas mídias tradicionais, não existia para a maior parte das pessoas, era história não registrada, era memória esquecida. Com a internet, isso mudou e até hoje as mídias tradicionais não sabem muito bem como lidar com a enormidade dessa mudança e suas enormes repercussões nas relações de poder. Aqueles personagens que não tinham voz passaram, progressivamente, a ter voz. Eu lembro que em 2007, quando o movimento literário da periferia, encabeçado pela Coperifa, em São Paulo, lançou a semana de arte moderna da periferia, como uma provocação à semana de Arte Moderna de 22, houve apenas uma reportagem na grande imprensa. Mas o evento foi coberto por dezenas e até centenas de blogs, e a história foi registrada. Quatro anos depois, o cenário mudou ainda mais. Nessa segunda feira dessa semana, a Coperifa abriu a primeira amostra de cinema na laje, em cima mesmo da laje de um boteco. Estavam lá vários jornalistas que trabalham na mídia tradicional, porque agora precisam cobrir a notícia que a periferia está produzindo. A notícia se impôs da periferia para o centro. Hoje, o que as mídias tradicionais não contam é contado e amplificado pelas novas mídias, e se a mídia tradicional não cobre aquele acontecimento, azar dela, porque vai perder o público que está atrás daquela notícia e que vai encontrar aquela notícia noutro lugar.

É assim, pela ampliação das possibilidades narrativas, pela ampliação dos narradores, que vários movimentos culturais e políticos se tornaram possíveis, como temos testemu-

nhado tanto no Brasil quanto fora dele. E o papel dos repórteres não é mais dar voz a quem não tem voz, pelo menos no Brasil. Hoje, na minha coluna digital da *Época*, por exemplo, encontro os blogs, vídeos, álbuns e fotos, ou seja, ligo na plataforma digital da *Época*, minha narrativa a outras narrativas, a minha versão a outras versões. E depois tuíto a minha coluna e sou retuitada e alcanço um universo muito maior de pessoas, não só no Brasil como em diversos países do mundo, onde há falantes da língua portuguesa. Os olhares sobre o mesmo tema, portanto, multiplicam-se. E ao comentar o texto que leu, num retorno imediato, o leitor não é apenas mais um leitor, mas para o bem e para o mal, ele também é um escritor, e essa é uma mudança muito importante. O leitor também é autor ao continuar a escrever o texto que comecei. Se escrevo um texto sobre um tema polêmico, como *gays* ou pedofilia, por exemplo, o universo de comentários é uma janela aberta para o mundo, o que, seguidamente, é uma janela aberta para o horror, mas ainda assim uma janela, ainda assim uma janela aberta.

Em 2004 viajei até Altamira, no Pará, e depois passei quatro dias numa voadeira sem telhado, numa viagem por rio, de baixo de sol e de chuva, dormindo na floresta e comendo aquilo que a gente pescava para alcançar a terra do Meio, uma região que poucos alcançavam. Os moradores de lá, o povo do Meio, estavam ameaçados de morte pelos grileiros que passavam armados pelo rio. A maioria deles nunca tinha visto TV e o fotógrafo que me acompanhava, Nilo Clareto, fez as primeiras fotos de família daquela população. Era uma cultura sem imagem, a maioria deles nunca tinha visto uma jogada de Ronaldo. Eles só ouviam e imaginavam pela narração do rádio. Hoje, apenas sete anos depois, o Raimundo Belmiro, a liderança de lá, pode falar comigo pelo *Skype* para

dizer, como ele tem dito, que ele está marcado para morrer, e que sua cabeça vale oitenta mil reais. E sua história vai parar instantaneamente, como parou no mundo inteiro, amplificada pelas redes sociais.

Raimundo Belmiro, hoje, não precisa de mim para ter voz. Eu apenas ajudo com o meu trabalho, com o meu olhar, a amplificar a sua voz. É um mundo novo e é extraordinário. E como tudo o que é novo há uma multidão de pontos de interrogação, o que é ótimo. Agora, quase todos têm voz. E o que as pessoas estão começando a descobrir é que, para ser escutado, é preciso ter o que dizer, isso é muito importante. Não basta ter voz, é preciso ter o que dizer. E, para ter o que dizer, é preciso construir conhecimento. E, para construir conhecimento, é preciso se arriscar à experiência, ou seja, algo de essencial que não mudou. Para contar uma vida, é preciso antes inventar uma vida e, de novo, nós voltamos ao início dessa narrativa. Acho que as novas mídias mudaram as velhas mídias e a interconexão entre novas e velhas mídias diminuíram o risco da história única, pois o desafio de cada homem, de cada mulher, continua sendo o mesmo, que é o de inventar uma vida e não apenas inventar uma vida, mas inventar várias vidas, ou reinventar a mesma vida quantas vezes for preciso. A vida é um traçado irregular de memórias no tempo. Acho que é rico o homem ou a mulher que morre, não como um cristal sem marcas, mas como um vitral composto por todas as suas mortes, quase mortes e renascimentos. Eu, pelo menos, quero que, como inventário do vivido, meu corpo tenha as marcas de todas as histórias que fizeram de mim do que sou. Se meus netos e bisnetos forem me contar, eu espero que eles jamais cheguem a qualquer conclusão fechada sobre a minha identidade. Essa seria a maior prova de que eu vivi. Obrigada.

Nick Montfort



Crítico, teórico e estudioso da arte computacional e meios de comunicação, Nick Montfort é professor associado de mídia digital no programa em Estudos Literários e Humanísticos no Massachusetts Institute of Technology (MIT). Escreve poesia computacional e desenvolve jogos de computador. Com PhD em Informática e Ciências da Informação pela Universidade da Pensilvânia, Montfort, juntamente com Ian Bogost, escreveu *Racing the beam: the atari video computer system*, publicado em 2009. Ele também é autor de *Twisty little passages: an approach to interactive fiction* e, com William Gillespie, *2002: a palindrome story*.

Muito obrigado por me convidarem para esta conversa. Eu não vou falar sobre a convergência tecnológica, ou a convergência sobre as formas de mídia, mas um tipo diferente de convergência oferecida pela mídia digital. Quando penso no que nós queremos ao escrever literatura, eu acho que está tudo explicado no *slogan* da Jornada, uma cabeça enorme, um cabeção. Conheço muitos escritores que têm um cabeção, mas há algo que é bem melhor, cabeças múltiplas, cabeças por toda a parte. A oportunidade de colaborar e trabalhar com outros escritores e autores, sempre existiu na história, mas

nessa era das redes e dos computadores, nós temos essa habilidade especial de escrever juntos. Em 1978, William Burroughs e Brion Gysin escreveram *The third mind*. Não é um livro muito bom, mas uma ideia maravilhosa. Quando dois autores colaboram um com o outro, o livro se torna escrito por uma terceira mente. Vocês conhecem William Burroughs, há livros dele na livraria ali, é um autor muito famoso, americano. Ele veio para o Brasil para se embebedar, mas usando o método de colagem de textos e colaborando com outro escritor, ele continuou o projeto dos surrealistas e ajudou a desenvolver um novo tipo de escrita.

Como um pesquisador, um escritor da academia, um acadêmico, já tentei colaborar e escrever livros com uma terceira mente. Escrevi *Racing the beam*, com Ian Bogost. É sobre o sistema de *videogames* do Atari, que sei que existe no Brasil. Quando trabalhamos juntos, nós não éramos especialistas técnicos ou humanistas, ambos entendemos e trabalhamos com computação. Também conhecemos os métodos de investigação literária e das humanidades. Então, como uma produção colaborativa, nós nos certificamos de que escreveríamos de forma técnica e que as ideias eram ideias bem embasadas. Eu decidi fazer, então, outro livro com colaboração, dessa vez com dez outros autores. É muito difícil achar um instrumento de escrita tão grande, em que dez pessoas possam estar trabalhando ao mesmo tempo. Mas nós usamos uma media week, como é usado na Wikipédia. Nosso projeto era um pouco diferente; entretanto, nós não estávamos escrevendo em público, nós estávamos fazendo uma pesquisa muito original. Nós não estávamos criando uma enciclopédia, mas tentando desvelar o conhecimento juntos. O livro é sobre um programa de computação de uma linha e o título está na linguagem Basic. Quando a gente corre o programa, quando

a gente executa esse programa, aparece na tela um labirinto aleatório. Nós queríamos mostrar tudo o que estava por trás desse programa simples. As ideias culturais daquele labirinto, a linguagem do programa são Basic, a computação Commodore 64 e há ideias de aleatoriedade e regularidade dentro das artes visuais.

Chega de coisas acadêmicas! Vou falar como criar um trabalho de forma rápida com colaboração. Com a poetisa Define Strickland e trabalhando com a linguagem de Emily Dickinson, que é uma poetisa americana do século XIX, nós criamos um oceano de estrofes geradas por computador, trilhões de pequenos poemas. Esse poema se chama “Sea and spar between” e está disponível *on-line* para qualquer um que deseje ler, ou se apropriar e misturá-lo dentro de seu próprio trabalho.

Depois disso também trabalhei em colaboração com Scott Rapport. É um romance em adesivos, que são colocados em lugares públicos pelo mundo inteiro. Não é uma propaganda, e também não tem um endereço eletrônico. Quando você vê isso na rua, pode ler como um texto literário, e as pessoas podem fotografá-lo e postá-lo na internet de vários lugares do mundo. Scott e eu escrevemos e lemos os rascunhos um do outro e os reescrevemos. Então, além da nossa colaboração, também há a participação das pessoas que publicaram esses textos. A última parte, então, com um colega, William Gillespie, nós escrevemos um palíndromo. Palíndromo é um texto que se escreve da mesma forma que se lê, da mesma forma da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda, como o nome Ana. Mas pode ser uma frase, ou uma frase maior, uma oração ou um parágrafo. 2002 é um palíndromo. Escrever isso com o meu colaborador foi muito útil. Quando uma pessoa escreve um palíndromo muito grande, pode ficar um pouco

louca, acreditando que tudo pode ser feito de trás para frente e que isso pode se tornar uma língua bonita e fácil de ser compreendida. Mas se você tem um colaborador, ele pode lhe dizer não e pode lhe ajudar a dizer o que você precisa revisar e o que você precisa descartar.

O palíndromo mais longo escrito foi criado por Georges Perec, em francês. Ele usou muitos métodos de escrita dentro de limites, escrita mais restritiva. Ele escreveu uma novela em francês, *La disparition*, sem usar a letra “e”. Está traduzida para o inglês, também sem a letra “e”, e até aqui em Passo Fundo pude encontrar muitos fãs de Georges Perec. Vejo placas por toda a parte. As pessoas acreditam nessa técnica literária. Poucas vogais.

Os músicos colaboram uns com os outros, trabalham em colaboração todo o tempo. Bandas e grupos musicais tocam juntos e compõem juntos, por que não os escritores? Talvez nas próximas Jornadas, ou, talvez, daqui a seis ou sete anos na Jornada, o melhor livro em língua portuguesa seja escrito por uma banda, vamos tentar.

QUESTÕES LEVANTADAS

Alcione Araújo – Vou fazer um breve comentário à parte em relação às mesas anteriores, onde a questão da tecnologia aflorou, mas tinha um viés diferente, que era um convite para que adentrássemos ao mundo da tecnologia. Esta mesa se põe num outro lugar, que é beneficiar-se da tecnologia, uma vez posta e conhecida, e colocá-la a serviço das questões humanas. Parece-me que fica mais adequada a uma Jornada, que pode manipular os instrumentos da tecnologia, mas que não precisa mais da sua dimensão humana, uma vez que possui e depende apenas disso.

Achei curioso que as falas têm um nível de complementaridade muito rico, fato de o Edney se colocar como alguém que está em busca, que sabe aonde quer chegar, mas os veículos que se destinam até lá estão todos obscuros e ele não consegue identificar como se transportar até lá. Então, tem um estado de solidão que quer se alçar ao outro, quer chegar a um destino, ainda que provisório, mas está em busca. É a atitude de busca, da investigação, da procura. Ela apresenta outra dimensão, eu me proponho como narrativa, eu sou uma narrativa, me disponho com essa narrativa sem perder minha identidade com minha narrativa, além de criar um diálogo com outras narrativas, respeitando-as, enquanto tal, e que me beneficie da tecnologia para chegar até elas. Não apenas como narrativa num sentido estritamente pessoal, mas também como narrativa enquanto percepção do mundo, que informa às outras qual é o seu olhar sobre este mundo e também procura se enriquecer com o olhar alheio. Portanto, ela tenta fazer isso que se chama o diálogo, a interlocução. E o último que nos falou está propondo que criemos juntos não

uma narrativa que passa a ser impessoal, porém colaborativa, beneficiando-se também da tecnologia. Portanto, a obra deixa de ter uma conotação radicalmente autoral, mas ter um significado colaborativo, que na verdade se pode interpretar o resultado dessa obra como sendo a expressão de desejos impessoais, não obstante se manifeste de forma estética. É muito interessante, eu acho que, com o tema abordado nesta mesa, a Jornada chegou a um lugar que nos interessa muito. É como utilizar essas coisas para falar ao coração das pessoas, à angústia, ao pensamento, às ideias.

Luciana Savaget – Como jornalista, sinto que, apesar de hoje a gente ver que uma revolução no Oriente é feita pelo *Facebook*, pelas redes sociais, as redes sociais têm um público ainda engatinhando. A gente, como jornalista, ainda não sabe muito bem o que fazer com essas redes sociais. Por exemplo, no meu *Twitter* vejo que tenho um público diferente do que tenho na televisão, quanto à resposta do que coloco no *Twitter*, o público é diferente do que o público da televisão.

Quando coloco um assunto que vai dar no programa que faço no *Twitter*, às vezes penso: nossa, esse programa vai dar muita audiência, o *Twitter* bombou, recebi milhões de seguidores! Vejo depois que não, que não foi um programa que deu muita audiência. Então, a gente vê que, apesar de tudo, a mídia, a internet ainda é uma coisa fantástica, está se abrindo, mas é uma coisa que a gente ainda não sabe muito bem lidar com isso, com essas novas mídias e os veículos de comunicação ainda estão engatinhando paralelamente com essas redes sociais. Ao mesmo tempo, a gente vê a força que essas têm, a tal ponto que Londres agora quer proibir.

Edney Silvestre – Vou entrar num caminho paralelo, já que não há indicação de qual ônibus tomar, e eu pensava enquanto cada um falava e eu ouvia. Para a composição do meu primeiro romance, fiz, ao longo de vinte anos, ainda nos Estados Unidos, não todo o dia, mas fazia quando eu tinha reportagem. Digamos que fosse em janeiro, no inverno, eu me vestia, cheio de camadas, descia os quatro andares, andava sete quarteirões, pegava o metrô, daí no metrô percorria seis estações, saía na rua 42, subia mais quatro quarteirões, subia as escadas da National Library, mostrava minha carteirinha e ia pesquisar sobre Baía dos Porcos, a invasão da Baía dos Porcos, ou a crise dos mísseis, que são histórias que estão por trás da trama central dos personagens de *Se eu fechar os olhos agora*.

Pois bem, no meu romance novo, esse que sai agora em outubro, tudo é centrado em um dia de 1990, durante, não vou qualificar porque não precisa, o governo Collor, seis meses após a gatunagem da poupança, quando, imagino, muitos daqui passaram situações difíceis. Eu pude fazer pesquisa com uma tal rapidez, pude ver o discurso do Montoro no dia 25 de janeiro de 1985, na Praça da Sé, quando ele sacudiu o braço esquerdo, foi o primeiro grande comício das diretas, ele dizia mais ou menos, que me perguntaram se aqui, aí estão trinta mil pessoas, quarenta a cinquenta mil pessoas, duzentas mil pessoas, ele falou: não, aqui estão os 160 milhões de brasileiros que querem o voto direto. E é muito emocionante rever isso. Para quem é muito jovem talvez não faça diferença, já nasceram numa época em que você elege o presidente, os deputados, os senadores. Para nós que atravessamos isso, e podemos ver agora, eu vi isso na internet. Não podia, em 1994, eu ainda passava as minhas matérias de Nova York para o Rio de Janeiro através de um aparelho chamado fax, que al-

guns aqui devem ter visto em algum museu, ou alguém que guarde esse aparelho. Era uma grande conquista. Nesse ano de 1994, a Globo fez a conexão do escritório onde eu trabalhava em Nova York, com o escritório no Rio, e passei a mandar as matérias clicando em duas teclas. Hoje é ridículo, não era. Na primeira vez, quando fiz isso e o texto sumiu, imediatamente telefonei, olha, aconteceu uma caca, sumiu tudo. Não sumiu, está aqui o texto é claro que estava ali o texto. Hoje, quando vejo assim, tudo o que vem acontecendo, na Tunísia, na Líbia, em Londres, isso começa com essa, desculpe o clichê, revolução da internet, e eu realmente não sei que ônibus tomar, ou em qual rua estou. Eu acho que estou no caminho que eu me lembrava mais ou menos, mas eu, o meu mapa, o mapa do Edney é um mapa antigo.

Eliane Brum – Só queria complementar sobre essa história do mapa. Eu acho que, na verdade, a gente nunca, pelo menos a minha sensação, teve mapa nenhum, a gente só tinha ilusão de que tinha um mapa, e a internet nos arranca essa ilusão. E eu, hoje, às vezes, paro e digo, aliás, paro uma vez por dia, no mínimo, e digo para quem está perto de mim: estou perdida. E estou perdida mesmo. Agora não acho estar perdida uma coisa ruim, o que está perdida é uma coisa boa, a gente não se acha sem estar perdido, e só se acha para se perder de novo. Hoje, para mim, muito mais que ter uma identidade, para mim é importante ter uma desidentidade. Eu acho que é esse o caminho que faço.

No ano passado, deixei o meu emprego para me reapropriar do meu tempo e para fazer valer várias coisas diferentes. Sou uma contadora de histórias; então, vou contar histórias de várias maneiras. E me cobram muito essa questão da identidade. Tu és o quê? Tu és repórter, documentarista, tu és

escritora? Não sei o que sou, não quero ter uma identidade, quero estar neste mundo fluido mesmo. A internet me deu essa percepção. Então, acho que é isso, que a gente nunca teve mapa, é só ilusão o mapa. Só complementando, dando um palpite nessa história.

Não acho que tenha um jornalismo, acho que tem muitos jornalismo, tem muitas narrativas sobre os mesmos acontecimentos, o que tornam vários acontecimentos e acho que a grande vantagem desse nosso mundo novo é que a gente não tem uma narrativa só, não tem a história única. Quer dizer, quando você assiste na TV as tragédias fazem parte do mundo, agora há várias maneiras de olhar para essa tragédia, e hoje há múltiplos olhares sobre essa tragédia, e eu acho que isso é o mais interessante. Só que eu sempre acho muito importante a gente se dar conta, que é algo que a gente está começando a perceber, é que não basta ter voz, a gente precisa ter o que dizer. É nesse sentido que a gente precisa construir o conhecimento para ter o que dizer, se arriscar à experiência. Isso que faz a diferença também na internet, o que você está dizendo.

Edney Silvestre – Recentemente, não sei se vocês tiveram chance de ver, nós, nós que somos uma equipe, fizemos uma série de programas, com o título *Brasileiros*, em cima do que nós, brasileiros, estamos fazendo e que normalmente não se vê na televisão. São atitudes, iniciativas, que transformam a realidade próxima dessas pessoas, que viraram nossos personagens centrais, e vão se alastrando. Uma que me parece extremamente importante surgiu em Santa Catarina. Uma moça bastante rica, a família tinha rede de joalheria e outros negócios, ela fez agronomia, porque queria ter uma loja de flores. Achava chique, bacana, e não queria ser apenas uma

dondoca que se vestia com grifes. E ela foi obrigada a fazer um estágio num sítio no interior de Santa Catarina. Tentou de tudo para não fazer. O quarto que arranjaram para ela, não sei como é aqui, mas os estágios em Santa Catarina são feitos junto às famílias que recebem os estudantes e tal. Ela ficou num quarto próximo ao chiqueiro, foi o primeiro choque. O lençol era de um tecido vagabundo e ela foi ao banheiro, e não havia papel, era jornal. A louça da família estava trincada, então foi aquele choque da dondoca. De repente ela começou a perceber que havia outro mundo além do dela. Puxa, mas este lugar é lindo, a fazenda é maravilhosa, as pessoas são interessantíssimas. Têm aquela sabedoria, que é a sabedoria que vem ao longo de gerações, e ela disse: por que vocês não recebem pessoas aqui para passar o fim de semana?

Enfim, ela falou com os outros colegas. Falou com outras famílias e decidiram fazer o seguinte: vamos começar a fazer essa experiência. Vamos começar na sua, Ignácio. Cada um dá um dinheirinho, compramos lençóis novos, louça não rachada, e tal, e do dinheiro que você ganhar aí a gente divide aqui entre as três ou quatro famílias que aceitaram fazer isso. Foi, deu certo, uma comida gostosa, de roça. Hoje são duzentas famílias, só naquela área, e também esse mesmo sistema vem sendo adotado por algumas comunidades no litoral. Então, é uma ideia simples que permitiu, isso talvez é a parte mais bacana, a algumas pessoas que tinham saído dessa área para trabalhar em São Paulo, Florianópolis, que essas famílias, voltem, morem lá agora, morem na terra delas. Gente, é um lugar lindíssimo. Uma das propriedades tem dez cachoeiras, e eles plantam, colhem e comem aquilo que está ali. Isso está no *Brasileiros*. Agora, a nossa realidade, essa é uma das nossas realidades.

Uma outra que, como repórter, vejo, participo, é, vocês vão me perdoar a palavra, muita coisa escrota. Agora nós não podemos ignorar isso, pode-se não mostrar certos detalhes. Por exemplo, uma jovem violentamente atacada e assassinada. Você não precisa mostrar isso, mas se isso é parte de uma tendência, num certo lugar... É terrível, claro, como um incêndio, a invasão de uma comunidade, de uma favela e, ao mesmo tempo, a ocupação dessa favela, as oportunidades que existem naquela favela. Eu vejo o jornalismo como o nosso espelho. Acho que falta muito mostrar esse prospecto, como o da Taise Guzatti, que foi a pessoa que citei agora. Acho que nos falta e podemos mostrar mais. Mas o outro lado também é o nosso lado, é o nosso lado da sombra, das trevas e que temos.

Alcione Araújo – Agora, uma pergunta para o Nick. O senhor não pensa que talvez escrever um livro em equipe possa dissolver a ideia do autor, sobre o livro que escreverá?

Nick Montfort – Primeiro tenho que dizer algumas coisas sobre colaboração. Não quero aqui sugerir que seja a única maneira de escrever, também tenho uma carreira solo. E algumas formas de colaboração não são boas, não trazem uma escrita produtiva e interessante. Se você pedir para qualquer um que passa escrever uma frase, provavelmente não vai sair um texto muito interessante. Os tais colaboradores não estão nem lendo o que o outro escreve, mas se eles levam um projeto a sério, pensam com mais profundidade em escrever juntos. Se você pede para alguém, por exemplo, sugestões sobre o seu trabalho escrito, ele pode dizer coisas agradáveis ou coisas desagradáveis. Mas quando você senta com seu colaborador e vocês fazem comentários sobre os seus escritos, então vocês sentam juntos e dizem: “Vamos falar sobre o nosso projeto”.

As pessoas são muito sérias quando escrevem dentro desse contexto. Cada um tem responsabilidade sobre o que está escrito.

No que tange à pergunta sobre a intenção do autor, nunca sei qual é a minha, se tenho sorte, algumas vezes, descubro enquanto estou escrevendo, e descubro melhor, em muitos casos, se há colaboradores nessa Jornada comigo.

Alcione Araújo – Eu queria fazer um comentário acerca do trabalho, da proposição e da experiência dele, que tenho alguma, mas completamente distinta, que é escrever telenovela com colaboradores, em que cada um cuida de um determinado *plot*, uma determinada família etc., mas todo mundo colabora, vem para o autor para que ele faça a revisão. E nessa experiência me deparei com coisas curiosas, que são peculiares. Nós somos indivíduos diferentes, portanto temos narrativas diferentes, e alguns não sabem, outros sabem o seu caminho, e aí, evidentemente, nos emocionamos por motivos diferentes. E é comum acontecer em telenovela, é que em determinado *plot*, o que um colaborador escreveu, dá mais importância para a mocinha do que para o mocinho, e quando chega para você, você tem que rever, e dizer, não, mas é legítima a colaboração dele, porque partiu de uma percepção, de uma sensibilidade individual e a riqueza de sermos humanos é termos sensibilidades pessoais, individualidades próprias.

Então, tenho certa confusão, a curiosidade de saber, com dez autores trabalhando num mesmo texto, sem ter aquele quê, ao final, faz a revisão, o que resulta daquilo? Porque a leitura de um texto, você vai se adaptando ao estilo, à sensibilidade etc., certos autores dão valor à luz, aquele aos lábios, passa para outro autor ele dá valor aos sapatos etc. E daí você está lendo o quê? Você é jogado de um lado para o outro...

Eliane, gostaria que você falasse sobre a relação do texto jornalístico, entre parênteses e entre aspas, sério, e o texto ficcional. É possível esta relação e como isto se dá?

Como você consegue separar os fatos que registra e não os separa da sua vida. Você já os divulga, mas pensa que talvez poderia, de outra forma, colaborar para os excluídos ou marginalizados serem vistos?

Eliane Brum – Acabei de escrever minha primeira ficção. Foi a minha primeira experiência, e a ficção para mim, apesar de ser um sonho da infância, me veio quando, em 2008-2009, trabalhei na reportagem sobre a questão da morte. Não a morte que em geral a imprensa cobre, que é a morte violenta, mas a morte que a maioria de nós terá, porque a maioria de nós não vai morrer de bala perdida, de acidente ou de assassinato. Vai morrer de doença, vai morrer de velhice. Isso me deu um profundo confronto com a vida, e a partir daí me veio a necessidade inescapável de escrever ficção, na medida em que passo a entender que há certas realidades que só a ficção suporta. E, para dar conta dessas realidades, que só a ficção suporta, preciso criar outra voz para mim e crio essa outra voz da ficção.

Aí, respondendo à pergunta, como é que eu vejo. Vejo o seguinte, que tanto na reportagem como na ficção a gente tem uma escuta, a gente faz uma apuração. Como é que vejo a reportagem? Na reportagem, a gente se esvazia, se esvazia dos nossos julgamentos, se esvazia da nossa visão de mundo, se esvazia dos nossos preconceitos para poder ser preenchido pelo mundo do outro, a gente se esvazia para ser possuído pela voz do outro. Na ficção, a gente faz o mesmo, só que com o sentido inverso. O nosso desafio na ficção, e eu acho que exige muita coragem, é que a gente precisa se deixar possuir

pela nossa própria voz, pela voz dos nossos abismos, pelas vozes dos nossos subterrâneos. E aí me dei conta, porque sou muito interessada em literatura e cinema de terror e, na literatura e no cinema de terror, o grande pavor é ser possuído por entidades, por demônios, por alienígenas, mais recentemente por vírus. E o que descobri fazendo ficção é que o mais aterrador é ser possuído por si mesmo.

Então, respondendo à pergunta, na reportagem a gente se deixa possuir pela voz do outro, na ficção a gente se deixa possuir pelas nossas vozes interiores. Respondendo à outra pergunta, bom, sempre me perguntam se me envolvo com as histórias que conto. Eu sempre respondo que se não me envolvesse, nem saía de casa, nem acordava de manhã. Eu acho que uma reportagem só acontece quando a gente se transforma. É um encontro. Se a pessoa, cuja história você conta, não se transformou e se você não se transformou com a história que contou, isto não existiu, a reportagem não existiu. Agora, o meu limite é de contadora de histórias, e contar uma história é algo muito profundo, é algo muito forte, muito transformador. Vou exemplificar com um momento que vivi recentemente, que colocou em xeque com essa questão.

Em março fui para a Bolívia, para o sul de Cochabamba, uma região muito pobre, onde há doença de chagas. É um dos lugares de maior prevalência de doença de chagas do mundo. Fui para lá para fazer um livro dos quarenta anos da Organização Internacional Médicos sem Fronteira. Eles convidaram dez escritores de diferentes países do mundo para escrever sobre diferentes projetos no mundo. A gente vai lançar esse livro agora na Itália, no Brasil sai no ano que vem, pela Leya. Acompanhei duas famílias com chagas e acompanhei uma fome, que fazia muito tempo que não via nos meus contatos, se é que alguma vez tive contato com uma fome tão feroz. Por-

que aquelas pessoas não tinham, eu percebi, nunca tiveram a sensação de estarem saciadas. Elas nunca comeram o suficiente para não ter fome. É aquela fome que não mata, mas que tortura. Eles só tinham batatas na água para comer, dia a dia, e havia dias que eles não tinham batatas. E eles têm chagas.

Tive uma conexão muito forte com a menina mais nova da família, que se chamava Sônia. E quando essa menina se despede de mim, ela se agarra no meu braço, e me diz “não me deixa morrer”. Isso para mim foi uma coisa avassaladora, porque o que eu podia responder para ela? Eu disse: “Vou contar tudo isso para o mundo”. E tudo o que podia fazer era contar a história dela para o mundo. Mas eu sabia, como ela sabia, que contar a história dela para o mundo talvez não salvasse a vida dela. E eu volto para o Brasil, destruída por isso, por esse confronto com a minha impotência, por esse confronto com os meus limites e fico paralisada.

Durante mais ou menos vinte dias, emagreci sete quilos, e não conseguia escrever, porque escrever era tão pouco para aquilo que ela tinha me pedido, até o momento que consegui entender que, se continuasse paralisada, a história dela não seria contada e que apesar de ser pouco, apesar de, talvez, não salvar a vida dela, o melhor que podia fazer era contar a história dela para o mundo. Então, saí da minha paralisia, escrevi a história dela. Ser repórter e contar histórias reais é estar sempre lidando com nossa impotência, é estar sempre lidando com os nossos limites, mas sem jamais esquecer que contar história é algo muito poderoso.

Pergunta: Sou professora e tenho a preocupação em ter alunos produtores, sobretudo produções inovadoras. Em sua experiência com produção coletiva e tecnológica, quais as

suas dicas para aplicarmos isso no ambiente escolar. Quais as ferramentas, quais os passos a seguir?

Nick Montfort – É muito difícil ensinar a escrita colaborativa. A sala de aula não é o ambiente preparado para a colaboração. A ideia de escrever é solitária e o sistema é individual. Se nós queremos instruir dois alunos a trabalharem em tarefas colaborativas, naturalmente um vai fazer a primeira parte e o outro vai fazer a segunda e não há colaboração. Se nós queremos, então, que as pessoas se tornem autoras, nós temos que exigir isso, fazendo um teste, uma prova oral. Certifique-se de que cada um dos colaboradores possa lhe responder sobre questões importantes do projeto. Todos devem saber por que as decisões daquele projeto foram tomadas, sobre os personagens, o enredo, o pano de fundo, a linguagem. Há muitos espaços, dentro da educação, nos quais as pessoas trabalham em equipe, em laboratórios de ciências, nas escolas de administração, onde eles desenvolvem projetos juntos. Se você quiser desenvolver o trabalho colaborativo numa sala de aula de redação ou escrita, roube quantas ideias forem possíveis, roube essas ideias de outros lugares, nos quais a colaboração realmente acontece. Traga para a sala de aula ideias que já estão presentes em outros espaços de colaboração.

Pergunta: Sidney Sheldon, ao escrever suas obras, utilizava-se de equipes de trabalho para pesquisar cenários e reinventar histórias, ou seja, os elementos que comporiam os seus romances. Ao falecer, uma escritora continuou sua obra literária publicando mais um livro. Essa já não é uma forma compartilhada de escrever?

Nick Montfort – Muitos autores são bem-sucedidos após a sua morte e muito produtivos, muitas vezes. Esta pergunta me faz pensar em toda colaboração que acontece, da qual a gente não fala a respeito dentro do universo da escrita e da publicação. Os escritores fantasmas, entrevistando celebridades, os editores que ajudam a tornar um romance um sucesso e de muitas outras formas com as quais as pessoas trabalham, ditando ou colaborando com outros. Também me lembro da nossa habilidade de colaborar com os mortos. Nós podemos olhar textos do passado, de autores já falecidos, nós podemos transformá-los fazendo algo novo a partir deles. Os mortos não reclamam, mas eles não são muito divertidos ao conversar. Então, também é bom ter colaboradores vivos, que querem fazer parte de um projeto, que podem trocar ideias e escrever com você e compartilhar a manufatura de um texto novo. Eu acho que faz sentido levar em consideração todas as formas através das quais as pessoas colaboram umas com as outras. E levar em conta todos esses aspectos que nós podemos trazer para a nossa escrita, seja escrevendo sozinho, seja com colaboradores vivos.

Pergunta: Em um suporte digital, é possível abrir várias possibilidades para uma primeira leitura e, consequentemente, uma primeira interpretação. É possível fazer isso dentro do gênero romanesco?

Ignácio de Loyola Brandão – Eu, pessoalmente, como romancista, não consigo trabalhar. Tenho o meu enredo, os meus personagens, a minha maneira de escrever, a minha estrutura. Então, não entra ninguém dentro dela, já é outra cabeça, é outra coisa, que não tem nada a ver com a minha.

Eu escrevi uma crônica no jornal *Estado de São Paulo* sobre a minha empregada. Ela é uma mulher fantástica.

Uma baiana que está há 25 anos em São Paulo e há 15 comigo. Ela é muito engraçada. Tem todas as crendices, superstições, mitologias baianas dentro dela. Por exemplo, cada um que entra em casa e começa a invejar alguma coisa, ela fica junto e vai dizendo: “sangue de Cristo tem poder”, que é para anular o mau olhado. Bom, eu escrevi uma crônica, não vou contar aqui, porque não é o caso, e foi uma crônica de uma enorme repercussão no jornal. Duas semanas depois, eu tinha mais de cem *e-mails* de leitores, dos mais diferentes pontos do país, relatando histórias sobre as empregadas deles, que acabaram dando um painel quase romanesco da situação desse tipo de trabalho. Juntei tudo isso. Eu acho que isso é um livro coletivo bastante curioso. Claro que não vou poder assinar. Mas acho que é bom também no ponto de vista social, para que as pessoas saibam como é que elas trabalham, como funcionam os sonhos, e os objetivos, e o futuro, isso tudo. É a única obra coletiva que eu tenho.

Pergunta: Entre suas tantas coberturas jornalísticas qual foi a mais marcante? Você vive em dois mundos fascinantes, o jornalismo e a literatura. Como você se descobriu escritor de um romance, vivendo sempre em meio à realidade? Qual será sua próxima publicação, estamos aguardando, pois a sua estreia foi um *show*.

Edney Silvestre – *Se eu fechar os olhos agora*, o romance que foi publicado há dois anos, não é a minha estreia. É o primeiro publicado, sim, mas eu tinha escrito outro antes, que foi rejeitado pelo editor, a quem eu tinha mostrado, e escrevi um segundo, que eu mesmo botei no lixo. A história que me perseguia, que era a história dessa mulher, seguramente inspirada em muitas situações que vi como jornalista, estava comigo há 16 anos, quando finalmente encontrei a voz. As

peessoas que entrevistava sempre falavam: vocês, escritores, falam na voz, encontrar a voz. E eu sempre achava que isso era uma balela. Outra balela que achava também, que vocês, escritores, eram assim. Fui tomado pelo personagem, e o personagem faz o que bem entende. Até que descobri que é verdade. Eles fazem, nós somos. A única maneira que vejo é interpretar assim, somos aquilo que chamam de cavalo. Eles existem, estão por aí.

Fernando Sabino falava do mistério. Escrevo, dizia ele, para descobrir o mistério de por que eu escrevo. E eu acho que para nós, que escrevemos, eu gosto de dizer, nós, os escritores, temos essas pessoas. Eu reluto em chamar de personagem, porque nós temos essas pessoas, que nos comovem, que nos tocam. E quando elas falam através de nós, tocam em pontos. Como disse um amigo meu, depois de ler *Se eu fechar os olhos agora*: “eu te conheço há 25 anos, nunca imaginei que você tivesse tanta perversidade dentro de você”. Tenho e porque eu tenho, talvez, possa entender e possa escrever sobre ela. Nunca achei que havia essa completa separação entre Edney jornalista e Edney escritor. Daí, um dia, veio o Edney escritor e tomou a frente, porque eu sempre escrevi, tornei-me jornalista porque eu escrevo. Estou em televisão há 14 anos, a partir do que eu escrevo, sempre escrevi, vivi de escrever, daí, quero compartilhar com vocês, é emocionante estar aqui, porque a primeira geração da minha família, de pessoas que sabiam ler e escrever é dos meus pais. Os meus avós eram analfabetos, a minha avó Maria, que saiu lá do interior de Minas Gerais, era uma lavradora, que foi trabalhar em Valença, porque surgiu essa oportunidade de ela ser tecelã. Depois, mesmo viúva e tendo que trabalhar, fez questão que os filhos estudassem.

O meu tio João, que era também tecelão, estudava com o livro em cima do tear, que, na época, era manual. Ele estudava enquanto trabalhava e, assim, ele se tornou o primeiro conta-

dor. Depois foi para a Faculdade de Economia, tornou-se um economista. Tudo isso na minha vida é muito misturado. Eu já nem sei mais por que estou falando isso. Não me lembro de mais da primeira pergunta, mas me lembro da mais recente, da última, que é sobre o que eu estou lançando. Eu tenho um livro, tenho um romance, que escrevi nesses últimos dois anos e meio. Lanço agora, em outubro, que é esse passado em um dia durante o governo Collor. Acho também que tudo o que escrevo é muito ancorado na realidade, nas coisas que vi, nas coisas que vivi. Tem um momento de um personagem, que foi da polícia militar, que tem um solilóquio, e ele lembra de que sabia quando deveria dialogar, quando deveria negociar com o bandido entocado, ou deveria bater, deveria usar as botinas e rebentar a porta e entrar. Isso eu vi, isso conheci. Eu conversei com pessoas que são dessas forças policiais avançadas. Então, o que escrevo no caso do governo Collor, nós todos estávamos perto, nós todos sofremos, ou, pelo menos, grande parte de nós sofreu. Mas o que faço está junto dessa realidade.

Fiquei muito comovido com a história dessa menina, que pede “não me deixa morrer”. A gente, às vezes, faz isso como jornalista. A gente deixa morrer, porque nós não temos esse poder, nós temos o poder de falar das pessoas. Em janeiro desse ano, estava num lugar no Rio, onde tinha havido aquelas enchentes, aquelas chuvas, e, num dado momento, caminhava por um lugar e percebi que caminhava sobre mortos. As pessoas estavam soterradas ali, com uma camada de lama de dois metros. Elas estavam ali em baixo e não seriam, como não foram, retiradas dali. Aqueles corpos por ali ficaram. Já são parte daquela lama. E essas pessoas, de uma forma ou de outra, como aquela menina, surgirão de uma forma ou de outra, pedindo, não me deixe morrer, como essas pessoas que morreram ali. Elas têm voz através do que somos, como jornalistas, e através do que somos também como romancistas, ou novelistas, ou cronistas.

Eu tenho uma pergunta, se você me permite. Como é trabalhar com colaboradores que têm ideias próprias, e que criam personagens, que você às vezes não quer, ou que de repente pode ser bem mais interessante do que você imaginava. Como é?

Alcione Araújo – É uma questão, porque cada pessoa, quando lê um romance qualquer ou vê um filme, se apega a um determinado personagem, por suas razões, pela sua história pessoal, pela sua narrativa pessoal. Assim como o espectador/leitor, o colaborador vem e diz: eu acho essa menina maravilhosa, essa menina precisa de uma chance na vida. Mas aquele *blot* era para levar o pai a assassinar alguém, e ele fica adiando o assassinato, porque ele quer salvar a menina. E você tem que levar a novela mais ou menos pelo rumo que você combinou com a emissora, você mandou uma sinopse lá, então você tem que impor umas tantas coisas. Mas, às vezes, é possível você acolher. Essa é a dificuldade do trabalho dele: você acolher uma boa ideia, e falar assim, mas eu não posso usar, essa ideia é boa, mas eu não posso usar, porque senão a audiência cai, porque esse *blot* não está indo bem. São condicionantes dessa narrativa muito peculiar.

Muitos salvam a personagem também. O público se apaixonou por ela, porque sabe que ela vai morrer. Então você tem que deixar pendurada a possibilidade de morrer e deixar passar e matar no último capítulo. Porque se você tirar a ameaça, o público não se apaixona. Você tem que manter aquela coisa, porque o que tornou charmoso o personagem é a ameaça.

A dramaturgia é exatamente essa tensão latente. Toda vez que, na dramaturgia, você faz acontecer, acabou, passa para outra. Por exemplo, o beijo no teatro. O beijo só é importante enquanto vai acontecer. Por exemplo, há uma grande discussão no país agora sobre o beijo gay. Vai ter beijo gay,

não vai ter beijo gay. Então, beijou o gay, acabou a graça, inventa outra, porque essa morreu. Então, a dramaturgia vive dessas latências, uma vez que se realiza você tem que inventar outro tipo de coisa.

Mas, voltando à ideia do colaborador, é sempre muito difícil. Às vezes é sutil e certos autores falam, eu não quero mulher, porque mulher arrasta as histórias para outras. Eu não quero gente muito velha, o que quero é um cara em que conheça a vida do presídio. Entendeu? Portanto, depende do autor, depende da história e lá também é preciso entender que é uma narrativa industrial. Eu temo, por exemplo, a experiência dele, escrever romances, por outras razões. É que as sensibilidades são muito diferentes. Na hora em que a gente entra de verdade, concordo um pouco com o Loyola, o romance é uma verdade sua, um desejo seu, não há nenhuma expectativa com aquilo, você só escreve, porque se você não escrever, você está muito mal. E aí como você vai compartilhar com alguém que chegou de Goiás ontem, e não sabe nada da vida, como eu vou escrever junto com ele? Eu acho uma coisa muito difícil. Acho que se tirar do autor essa radical culturalidade, no sentido de que a história nasceu do meu ventre, o romance perde muito, vai ficar com um grau de impessoalidade e vai ficar cerebral, porque a articulação é racional, não é uma articulação visceral.

Ignácio de Loyola Brandão – Aí é uma coisa muito pessoal. Eu, por exemplo, tenho um problema. Se eu escrever um ou dois capítulos de um romance e der para alguém ler, eu brocho. Porque tenho que ir até o fim daquilo, porque, de repente, encontro a pessoa e ela faz uma cara de quem não gostou. Só que é uma obra incompleta, e aí como é que vou fazer? Então, não quero uma crítica, só quero uma crítica total depois. Mas isso de você ir repartindo, repartindo, para mim,

é muito esquisito. Por exemplo, é uma mania, não consigo escrever se alguém estiver atrás de mim lendo o que estou escrevendo no computador, e isso desde o tempo de jornalismo.

Pergunta: Como consegue envolver o internauta nas histórias que conta? Alguma história que você não gostaria de escrever? Em seu livro *A vida que ninguém vê* você coloca, ao reunir crônicas, o foco da notícia naqueles que a imprensa, de certo modo, chama de periferia. Você acha que com a difusão da mídia *on-line* e a expansão dos veículos de notícias para a internet é possível que, de algum modo, o foco da imprensa seja a periferia, de modo que os órgãos do governo passem a olhar para quem realmente necessita?

Eliane Brum – Quando acontecem mudanças do porte desta, da internet, que é uma coisa revolucionária, há sempre arautos assim, que criam dogmas imediatos. Um dos dogmas de que se fala na internet é que esta não aceita textos longos. Eu faço questão de, na minha coluna semanal, na *Época on-line*, desmentir isso, e provo que isso não é verdade. Isso quer dizer muita coisa, porque, pela primeira vez, quem trabalhou no impresso sabe, a internet nos dá uma autonomia enorme. A gente pode escapar da relação da disputa de poder do espelho. Espelho, para quem não é desse meio, é o espaço que vai ter tal matéria, se vai ter duas páginas, se vai ser uma nota ou se não vai ser nada. A internet elimina essa questão da disputa do poder do espelho. Também elimina a questão do papel, quer dizer, não tem espaço. A internet tem todo o espaço. Então, na minha coluna tento fazer experiências de resgate.

Pelo menos uma vez por mês, ou uma vez a cada dois meses, faço uma entrevista, que são as entrevistas como eram feitas antigamente, entrevistas muito longas. E para ter uma

ideia, fiz uma entrevista há pouco tempo, chamada “Minhas raízes são aéreas”, com uma psicóloga do “Médicos sem fronteira”, que tinha 63 mil caracteres. Significa, mais ou menos, trinta páginas de revista, e coloco no texto de abertura que deixei essa entrevista em um terço. Essa entrevista foi a mais lida do *site* da *Época*, durante semanas, mostrando que as pessoas gostam, sim, de ler textos longos. E, até hoje, recebo *e-mails* me perguntando, cadê os dois terços. As pessoas querem continuar lendo. Então, pela primeira vez, a gente tem liberdade de resgatar essa narrativa mais longa, de fazer entrevistas mais longas, de fazer textos longos, que a internet nos dá. E o leitor quer ler, sim. Ele quer ler, desde que você respeite o leitor, desde que você dê a ele algo que sinta que você não está enchendo linguiça. O teu texto tem consistência, ele se identifica com o teu texto. Se ele percebe isto, vai ler até o fim. Como a Isabel Allende falava, tu pegas o teu leitor pelo pescoço, tu o levavas até o fim, mas por quê? Porque tu respeitavas o leitor. Então, desde que tu respeites o leitor, tu podes fazer textos longos, sim. Você não pode perder de jeito nenhum essa oportunidade que a internet dá, que é a oportunidade do espaço, dos textos longos, das entrevistas profundas, dos textos analíticos.

Tem uma pergunta aqui sobre *A vida que ninguém vê*, que é um livro que vou autografar daqui a pouco. Era uma coluna de reportagens, que eu tinha quando trabalhava na *Zero Hora*, em 1999. Às vezes, eu digo que sou uma repórter de desacontecimentos. É o que normalmente não é notícia para a imprensa tradicional. As pessoas que não ganhariam nem uma nota de pé de página. Então, todos os sábados, escrevia sobre os anônimos, sobre as pessoas supostamente comuns, mostrando que todos eles tinham uma história extraordinária. E o mais legal dessa coluna é que no momento em que a vida das pessoas, supostamente comuns, ganha um espaço

nobre no jornal, começo a receber, naquele tempo eram cartas, as pessoas dizendo assim: “Nossa! Lendo o que tu escreveu, eu percebi que a minha vida é importante, eu comecei a ver a minha vida de uma outra maneira”. As pessoas começaram a perceber a singularidade de suas vidas. Enquanto percebem a singularidade de sua vida, tu passas a perceber a singularidade da vida do outro. Então, para mim, foi uma experiência fantástica.

Eu acho que hoje *A vida que ninguém vê*, talvez não seja mais a vida que ninguém vê, porque essas pessoas estão construindo suas próprias narrativas, nos seus *blogs*, nas redes sociais. As pessoas estão se contando, estão transformando sua vida em narrativa. E quando a gente transforma a vida da gente em narrativa, quando a gente passa a se contar, a gente também passa a se reinventar. Então, eu acho isso muito interessante. Eu acho que hoje a vida que ninguém vê é diferente. Hoje, como falava no início, meu trabalho é mais amplificar as vozes, colaborar com o meu olhar do que dar voz a quem não tem voz, pelo menos aqui no Brasil, onde a internet está superdisseminada. Por exemplo, há poucos anos, um morador de rua, lá de São Paulo, me ligou e disse, olha, mataram, eu não me lembro do nome agora, um outro morador de rua, que tinha peregrinado pelo sistema de saúde pública e morreu sem atendimento, e morreu porque o médico disse que também não ia atender alguém que cheirava tão mal. E o Tião estava indignado com isso e disse “Eliane, tu precisa escrever”. Eu disse: “Não, Tião, tu precisas escrever”. E o Tião foi fazer uma reportagem, passou uma noite inteira indo atrás de cada um que tinha se envolvido no atendimento. Entrevistou os órgãos oficiais, entrevistou todas as pessoas envolvidas, e a gente publicou a reportagem do Tião no *site* da *Época*.

Bom, a outra pergunta é sobre a questão da identidade. O que quero dizer, com a identidade, é que percebo essa coisa de te encaixotar, essa exigência de que tu só tens que ser uma coisa, porque isso me aparece muito nesse atual momento da minha vida. Primeiro porque muita gente me pergunta, tu deixaste de ser repórter? Não, eu deixei de ter um emprego. E assim, o que tu és de verdade? Não sei o que eu sou de verdade, eu sou várias coisas. Eu não quero ter uma identidade só, quero poder ser muitas coisas. Contadora de histórias é uma das coisas que eu sou, mas quero poder ser muitas outras coisas. Quero me desinventar e me reinventar o tempo todo, porque eu acho que o que me dá uma angústia é que a vida é muito curta para todas as vezes que eu quero me desinventar e me reinventar. E o que me anima a viver é que não sei o que vou ser daqui a pouco. Eu posso ser tantas coisas ainda.

Agora, a pergunta do Loyola sobre o meu romance. Não é uma história autobiográfica, mas é uma história eu acho que é a de todas as mulheres. Talvez seja a principal. É uma das principais questões femininas. É uma relação entre uma mãe e uma filha, e a questão fundamental do romance é como uma filha se arranca do corpo da mãe. E eu acho que esse como uma filha se arranca do corpo da mãe é uma questão de todas as mulheres em todas as épocas. E como o Edney falava, eu também ria muito dos escritores com aqueles clichês, fui tomada. Não sou eu que estou escrevendo, é outra pessoa. Foi uma experiência incrivelmente assustadora, porque comecei a escrever esse romance pela narração da filha, da Laura, e fui escrevendo. E aí, numa certa altura, numa madrugada acordei com a voz da mãe. Mas aqui não é uma metáfora, acordei com a voz da mãe mesmo. Ela falava dentro da minha cabeça e me dizia mais ou menos assim: “a história que tu estás contando não é verdadeira, eu quero dar a minha versão na história”. E fiquei, primeiro, muito assustada, porque

nunca tinha ouvido vozes antes, e espero nunca mais ouvi-las. Mas fiquei também muito puta, porque pensava assim, cara, essa história é minha, sou eu que estou contando, e eu conto essa história do jeito que eu quiser. Mas a mãe ficava falando na minha cabeça, até o ponto que eu tive que a deixar falar.

Então, a mãe entra na minha narrativa da mesma forma que entra na minha cabeça. Eu acho que foi muito melhor para o livro a mãe ter entrado na história. O livro ganhou uma complexidade, a história ganhou uma complexidade muito maior quando a mãe passa a dar a sua versão. Fiquei feliz em poder lançar um romance em papel, porque as minhas personagens só falavam com um corpo de letra diferente. Tem três narradores no meu romance e cada um só falava, só consegui escrever se eu mudasse o corpo da letra, e isso foi editado dessa maneira, cada um tem um corpo de letra. Como isso, é um romance sobre a questão do corpo, a Laura, a Maria e a Lúcia não poderiam falar se não tivessem um corpo diferente, porque a questão que se dava, o embate que se dava pelas palavras sobre a questão do corpo. E aí fiquei pensando, o livro está meio uma letra laranja, se é um livro digital, o leitor vai intervir no meu romance, que eu acho que é outra camada narrativa, vai botar letra no tamanho que ele quiser, se aquela letra é incômoda, ele vai transformar aquela letra em outra letra, e eu não queria que ninguém interviesse nisso. Então fiquei feliz que fosse de papel. Eu não quero que ninguém se meta com o meu livro. É para incomodar aquela letra mesmo. Então, fiquei feliz que era de papel.



Da esquerda para a direita: Eliane Brum, Alcione Araújo, Ignácio de Loyola Brandão, Edemilson Jorge Ramos Brandão, Edney Silvestre, Luciana Savaget, Luciana Rosa e Nick Montfort



Da esquerda para a direita: Alcione Araújo, Edney Silvestre, Ignácio de Loyola Brandão, Eliane Brum, Luciana Savaget, Anna Rennhack, Nick Montfort e Luciana Rosa

CONFERÊNCIA: A COMUNICAÇÃO DO IMPRESSO AO DIGITAL

Conferencistas: Roberto Dias (*Folha de São Paulo*), Rinaldo Gama (*O Estadão de São Paulo*), Eduardo Diniz (*O Globo*) e Pedro Lopes (*Zero Hora*).

Debatedores: Luiz Carlos Tau Golin e Alcione Araújo

Alcione Araújo



Alcione Araújo – Boa-noite. Nós vínhamos para cá, no início da Jornada, o Loyola em São Paulo e eu do Rio, mas o voo para cá sai de São Paulo e viemos juntos no avião. Já por telefone e nos encontramos no Rio, a Tania tinha me dito, num desses momentos de desassossego, em que o desespero sobrepõe a esperança, que estava prestes a se aposentar e que essa aposentadoria seria uma forma de sair desse sofrimento, que é a cada dois anos parir uma Jornada,

às vezes com pai incerto e inseguro, ausente. Então, isso gerou uma apreensão, em mim especialmente. Eu me perguntei, o que seria essa mulher sem fazer isso, todo esse tempo. Como é que seria se ela se aposentasse? Eu só vou dizer: a Jornada acaba. E meio apreensivo, então conseguimos articular uma reunião que se deu hoje, e conversamos na manhã de hoje. As pessoas foram muito generosas e gentis para nos receber, expusemos essa apreensão, evidentemente, tendo a cautela a todo momento de mencionar que nós somos estranhos. Enfim, não posso dizer estranhos tendo esse tratamento, essa recepção, mas, digamos, não somos institucionalmente engajados, não pertencemos à universidade. E, na verdade, aparecemos aqui de dois em dois anos. Mas a gente vive um pouco esta questão da Jornada durante esses dois anos de intervalo de diversas maneiras, quer seja a Tania ligando a uma hora da manhã para chorar e a gente tem que ficar chorando com ela, quer seja ela ligando de uma antessala de um ministério, xingando, “esse cara, não sei o que, não quer dar o dinheiro, o que eu faço?” O Loyola já deu todos os adjetivos que lhe são peculiares.

Então, com essa cautela de não sermos nem sequer da terra, nós colocamos a questão para as autoridades locais, que são o reitor da Universidade, a vice-reitora de Extensão Universitária, o prefeito da cidade, o seu representante e o secretário estadual de Cultura, e narramos a situação, apreensivos, com a insegurança de ser alguém que podia ser recebido assim, o senhor não tem nada com isso, isso aí é assunto nosso etc. Ao contrário disso, nós fomos muito bem recebidos, entenderam a apreensão, que não significava nenhuma interferência nos processos internos, nem nas decisões internas, apenas a apreensão de escritores que vêm aqui com certa frequência, e que têm um contato com o círculo de escritores do Brasil, que frequentemente está tratando desse assunto.

Quero dizer e anunciar com muita alegria que a acolhida foi absoluta, irrestrita, compreenderam a Reitoria e a Universidade, assumem a Jornada como sua, a despeito da professora Tania querer se aposentar ou não, que é um direito dela. Só ela pode decidir quando, assim como o prefeito, que não apenas apoiou, como assegurou. Estou dizendo isso de público para estender o compromisso à cidadania de Passo Fundo. Ele assegurou que terá mais recursos, assim como o secretário estadual de Cultura assegurou que terá mais recursos, portanto, o Município, o Estado e a Universidade assumiram a continuidade da Jornada, assumiram que a professora Tania escolherá o que será melhor para ela se quiser se aposentar, se não quiser se aposentar. Cogitaram a criação de um staff, que possa facilitar a vida dela, de certa maneira institucionalizaram, quase que de uma maneira à parte, dentro da universidade.

Portanto, estou anunciando que nós, que somos de fora, tivemos a possibilidade de criar essa interlocução e que tivemos todo o apoio da Universidade, do Município e do Estado.

Tau Golin



Luiz Carlos Tau Golin – Boa-noite. Vou dar uma situada no tema da noite através de uma pequena sùmula temática, para depois entrarmos imediatamente nas exposições dos nossos convidados. Desde a origem do processo civilizatório, na duríssima experiência humana, comunicação significou esforço progressivo para o estabelecimento de códigos de linguagens para a apreensão de conteúdos, a compreensão e a formação de sentidos, a organização de memórias e histórias. E estão, neste nexó, as teorias que consideram que sem linguagem o humano não existiria com a complexidade que conhecemos, e que antes de todas as definições é fundamentalmente um ser cultural. Eis o dilema antropológico da existência. O acúmulo do capital cultural dos indivíduos, das nações, as trocas e disputas a respeito do patamar civilizatório contemporâneo e do futuro.

Em cada período histórico, a humanidade destacou grupos ou categorias de especialistas de comunicação, conectan-

do a linguagem com o sentido da existência. Conforme o regime de poder, o controle sobre a comunicação teve gradações diferentes, ao mesmo tempo, todo o ato rebelde dependeu e depende de algum fenômeno comunicativo. Pajés, sacerdotisas, monges, pregadores, filósofos, teólogos, criacionistas, evolucionistas, contratualistas, ideologistas, todos, de alguma forma, estiveram no centro de discursos hegemônicos das sociedades humanas. Agora, chegou a vez da teoria da comunicação.

Nas últimas décadas, a teoria da comunicação expressou uma força convergente para as ciências humanas. O que existe de melhor do cérebro humano formula reflexões sobre a comunicação: antropólogos, historiadores, sociólogos, escritores, políticos, juristas, artistas e muitos outros, e o motivo é relevante. Além de constituir poderoso meio de memória, de acervo de conteúdos, a comunicação, cumprindo a gênese humana de civilizações que se fizeram pela linguagem, se converteu em poderosa força de invenção de realidades. Nunca os modos de vida estiveram tão intimamente relacionados com a cultura. O humano como ser cultural chegou a um outro tempo. Por isso, sempre são tão empolgantes as discussões sobre o fazer comunicativo, o debate com os profissionais que alimentam de conteúdos. Conforme a definição de Dreifus, este sistema capacitador, teleinfocomputrônico satelital, de certa forma, são diálogos sobre as experiências das produções de forças de persuasão, sobre as realidades e seus sentidos humanos.

Pedro Dias Lopes



Está há 11 anos em *Zero Hora*. Em março de 2007 foi convidado para ajudar a montar a operação *on-line* de ZH. Há dois anos assumiu o cargo de editor-chefe de notícias *on-line* do Grupo RBS no Rio Grande do Sul, que inclui os *sites* de *zerohora.com*, *clicEsportes* e todo o portal *clicRBS*. Além de coordenar uma equipe de cerca de sessenta pessoas nas rotinas diárias de coberturas jornalísticas na redação, participa do desenvolvimento de produtos web para as plataformas de *mobile* e *tablet*. Graduiu-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em agosto de 2000, tem pós-graduação em Economia Empresarial pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e duas especializações no Master em Jornalismo – Centro de Extensão Universitária/Universidade de Navarra, uma em Gestão de Empresas de Comunicação e outra em Jornalismo Digital.

Boa-noite, pessoal. Vou me concentrar aqui e falar mais de *tablets*, que eu acho que é o tema relacionado ao jornalismo no momento, mais fascinante. Trouxe aqui uma apresentação que não tem pretensão nenhuma, inclusive traz uma série de dúvidas que quero compartilhar com vocês e demais participantes aqui do evento. Começo a apresentação lembrando do dia que o iPad foi lançado e um dos vice-presidentes da Apple lançou essa frase aqui: “Achamos que capturamos a essência

da leitura de jornais”. E a pergunta que faço é: será? Para os mais otimistas e, digamos digitais, o meu caso, vou dizer: com certeza. Mas para pegar as pessoas mais focadas na leitura impressa, vão dizer que ainda falta muito.

Vou mostrar para vocês uma série de dados aqui, economizados por este japonês aqui, que aparentemente está no jornal, na realidade é só a capa do iPad. Vários dados que dão margem a diversas interpretações. Isso tudo 19 meses depois do lançamento do iPad. As projeções apontam que os *tablets*, no geral, vão superar os computadores normais, os desktop e notebooks. Em 2012, a previsão de venda é de cem milhões de aparelhos nos Estados Unidos e, pelo gráfico, a tendência do computador é ficar estagnado em termos de vendas, e os dispositivos globais celulares tendem a crescer.

Agora vamos ao que interessa, que é a relação do leitor com o meio. Esta aqui é uma pesquisa feita com uma amostra de cinco mil pessoas nos Estados Unidos, em que perguntaram o que as pessoas fazem nos *tablets*, e, embora esteja no top 10 ali, está em último a leitura de livros, jornais e revistas. As pessoas ainda estão usando o *tablet* para coisas mais a ver com computação mesmo, *e-mail*, jogar joguinhos, verem vídeos etc. Mas há um dado interessante que chama a atenção. Elas procuram informação no *tablet* e não associam, necessariamente, jornais e revistas à informação, o que significa, provavelmente, que nós ainda estamos, e estamos mesmo, tateando, nos aventurando, a encontrar a melhor maneira de oferecer conteúdo nesses meios. Nós, eu falo mídia em geral.

Outro dado semelhante, “o que o uso do *tablet* mudou na sua vida?” Aqui eu acho que o melhor gráfico a mostrar, mas não encontrei nada, era da interferência do *tablet* nas relações matrimoniais, que o *tablet* na cama costuma dar muito problema, não achei essa pesquisa. Mas trouxe um que as

pessoas dizem que, mais uma vez, a visão otimista que muitas pessoas não mudaram nada com o uso do *tablet*, 50%, a maioria. Mas a gente encontra ali, para os mais pessimistas em relação ao meio impresso, que percentual significativo abandona os meios impressos para continuar lendo só no *tablet*. Então, a gente tem ali 27% em jornais, 20% em revistas, 25% em leitura de livros. Como disse Graft, a pessoa lê conforme sua formação e bagagem. Aqui tem uma pesquisa semelhante com dados um pouquinho diferente, que é um pouco mais, digamos, radical, que mostra, por exemplo, jornais papel, 32% das pessoas compraram *tablet* para não ler papel, para ler em *tablet*. Aqui, outro dado interessante mostra que 45% das pessoas que usam *tablet* ficam navegando na internet, usam o browser, não necessariamente aplicativos; apenas 16% usam aplicativos. Achei um dado curioso, mas também reflete muito a questão de os aplicativos ainda não estarem, digamos, encontrando o ponto certo para agradar o público.

Uma pesquisa bastante interessante que encontrei, uma consultoria, parece contraditória com a outra, mostra que as pessoas no iPad têm uma leitura mais superficial. Elas se focam mais ainda nos meios impressos, obviamente o iPad tem outras opções, ou o *tablet* tem outras opções, faz com que a pessoa fique mais dispersiva, embora o tempo de leitura seja semelhante. Para você ler um artigo pequeno, tu levas 1min e 11s no iPad, e 1min e 13s no meio impresso. Aqui é um dado de concentração, mostra que o meio impresso é muito mais atrativo, se o objetivo de análise for a questão da concentração e do foco.

Para terminar, perguntado se lembram o que leram, a diferença do iPad para o meio impresso, é 20% favorável ao meio impresso, 90% das pessoas que leram lembram de mais

coisas de que leram no papel do que no iPad. Uma conclusão aqui: primeiro, o tipo de meio não influencia o tempo de leitura, quando o texto é curto, e é mais fácil assimilar e reter uma informação no meio impresso do que no iPad ou num *tablet*. E aqui eu pego outro dado que pode parecer contraditório. Usuários convidados a dar nota para o nível de satisfação da leitura num *tablet*, de 1 a 7, deram 5,8 para o iPad, 5,7 para o kindle, 5,6 para o livro impresso. Então, são muito parecidos. O que isso mostra? Que a gente está bem no meio do caminho. Encontrou um novo meio de leitura, seja para livro, seja para leitura *on-line*, seja para revistas. O que o futuro aponta? Uma livraria no futuro, vendendo livros sem baterias. O que eu acho que aponta? Aponta que o *tablet*, modelo *tablet* sendo rígido como está hoje, se for uma tela flexível, facilita a leitura, independentemente da origem do conteúdo produzido. Ou seja, não importa se é livro, *web* ou revista, no *tablet*, o leitor está apto a ler mais tempo e, no futuro, muito provavelmente, vai encontrar cada vez mais a internet nas coisas, num *tablet*, numa geladeira, numa televisão, enfim, num relógio. Então, os meios de leitura vão transcender muito mais especificamente um *tablet* ou um computador, mas vão estar nas nossas coisas, nos objetos da nossa casa.

Outra tendência importante é que eu acho que aplicativos cada vez mais vão dar lugar a livros, revistas e jornais na nuvem, que serão baixados e lidos em qualquer aplicativo, independentemente de marca ou modelo, são chamados a leitura de *device diagnostic*. Aqui, pegando uns dados de aplicativos da *Zero Hora*, tem uma coisa muito interessante. As pessoas leem muito mais de manhã, interagem muito mais à noite. Elas voltam para o iPad de noite e sentem falta de informação atualizada e optam por ler *on-line*.

Vou falar rapidamente sobre a *Zero Hora* e a experiência com *tablets*. A gente lançou em janeiro um aplicativo que tinha o jornal impresso para ler *on-line*, um aplicativo que não tenho vergonha nenhuma em dizer, estava muito ruim, não funcionava direito, fechava direto na frente do usuário. A gente refez todo esse aplicativo, relançamos nos últimos três meses e está muito bom, funcionando redondinho, mas é um aplicativo ainda, na nossa visão, muito aquém do que o meio oferece e a gente caminha para fazer um aplicativo não que inclua mídia rica nas páginas impressas, mas que reproduza a experiência de ler, tanto notícia impressa como *on-line*, específicas para o meio iPad, meio *tablet*. A rigor, a gente não tem a ideia de que o conteúdo vai ficar só no meio, mas que vai estar espreado por diversas mídias e *device*. A gente também tem um projeto e deve estar sendo lançado em setembro, de revistas, revistas para *tablet*, não só com textos, mas com acréscimo de mídia rica. A gente acredita que essa maneira de ler vem com textos, mais vídeos e fotos integrados, é algo que está mais a ver com a revista, pela necessidade de ter um tempo para editar de forma correta e não queremos fazer um jornal que, no outro dia, pareça uma revista malfeita.

Eduardo Diniz



Jornalista graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio, com especialização em Comunicação e Imagem. Atualmente é editor do *site* do jornal *O Globo*, no Rio, na equipe comandada por Pedro Dória. Integra a equipe responsável pelo projeto “Nova plataforma digital”, do Infoglobo, e está mergulhado no processo Integração das redações. Foi editor do *site* Globo News.com, da Globo.com, experiência pioneira nas organizações Globo, no segmento notícias para a internet, que deu origem ao atual G1. Trabalhou na IBM, na rádio Jornal do Brasil AM, na rádio MEC, no *Jornal do Comércio* do Rio. Especializou-se em Jornalismo Econômico, na área acadêmica também com atuações. Fez estudos sobre economia e mercados e derivativos na USP e no programa Energia e geopolítica, na Universidade da Califórnia em San Diego.

Muito boa-noite. Queria agradecer à Tania, ao Pedro Dória, que me enviou para essa prazerosa missão. Não imaginava encontrar tanta gente, numa festa tão bonita, um encontro realmente e está sendo muito gratificante estar aqui.

Não vou falar especificamente sobre o produto do qual trabalho, que é o *site* do jornal *O Globo*. *O Globo* está num processo de integração das redações, daquilo que era *site* do Globo, *on-line* e o bom e velho jornal, e é sobre esse processo que quero falar. Acho que também está acontecendo em vá-

rios outros jornais do Brasil e do mundo. Como o professor já fez a introdução, a gente está vivendo um mundo novo no jornalismo que a internet trouxe, todo mundo aqui sabe disso. A televisão, o rádio, várias novidades no mundo da comunicação, sempre quando surgiram, apareceram como ameaça para os jornais impressos, e os jornais continuam aí. A internet, por outro lado, trouxe um cenário bem mais radical. A internet trouxe uma verdadeira ecologia nova. Há um tempo você andava pela ecologia da informação. Você conseguia ver árvores frondosas dos grandes veículos de comunicação do mundo, *New York Times*, o jornal *O Globo*, o *Zero Hora*, *A folha de São Paulo*, o *Estado de São Paulo*; jornais de marcas consolidadas, com histórias, com erros e acertos, com histórias consolidadas de sucesso, com um público leitor, jornais com quase cem anos, alguns com mais, de tradição de fazer jornalismo, e bom jornalismo.

A internet trouxe uma nova variedade. Essa floresta, que tinha grandes e frondosas árvores, ganhou uma densidade gigantesca. São muitas pessoas produzindo informação em larga escala e sendo transmitida para quem quiser ver, acessar. Isso trouxe, de fato, um problema para as empresas de jornalismo tradicional. Como se adaptar a esse mundo novo que, ao mesmo tempo, é fascinante, porque trouxe a informação, se democratizou muito mais o acesso das pessoas à informação pelo computador e é percebido, a internet também é percebida, a informação também é percebida de alguma maneira, como de uma baixa qualificação? Há muito ruído na internet, há muita dúvida se aquilo é verdade. Muitas vezes, a gente está dentro de um supermercado de verdades, um monte de coisas que a gente tem de escolher, sobre qual é a verdade. Isso é bom por vários aspectos. Isso é da democracia e todo mundo quer ter essa diversidade de informações. Por outro lado, ficou denso demais, ficou problemático demais para enfrentar. E aí os grandes jornais percebem que têm um

patrimônio, os grandes jornais são marcas consolidadas de informação e fazem jornalismo há muito tempo, e é aí que começa a questão entre produzir um *site*, fazer um *site* do jornal e fazer jornal impresso.

Nos últimos anos, a percepção dentro das redações eram coisas diferentes. A redação do jornal *O Globo* trabalhava no modelo tradicional de fazer jornal e a redação do *site* do *Globo* era outra redação. Carregava muitas vezes a marca e, às vezes, nem carregava a marca daquele jornal. Cada um trabalhava no sentido de, principalmente, descobrir uma nova linguagem, experimentando coisas que são da natureza da internet. E os velhos jornais continuando, trabalhando com qualidade, com afinco, investigação e boa produção de qualidade. Os jornais brasileiros, podemos fazer milhões de críticas aos jornais brasileiros, mas são bons jornais. E aí surge dentro do mundo da comunicação essa verdadeira disputa entre o velho jornalismo, o jornalismo impresso e o jornalismo de internet. Qual é o melhor? Para onde eu vou? Como é que eu me organizo nisso? A tendência hoje é de se integrar.

Eu não costumo fazer esse tipo de apresentação. Fico curioso, porque busquei dentro dessa discussão, qual é a diferença e em que ponto podemos unir essas duas, aparentemente dicotômicas, maneiras de fazer jornalismo? Eu vi que, segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, do Antonio Geraldo da Cunha, “imprimir” vem do latim *imprimere*, marcar, gravar, incutir, infundir, transmitir. Imprimir, já no século XV, é estampar por pressão, é do prelo, aí a gente já está falando de Gutenberg, a revolução da imprensa, dos livros, jornais, o evento que abre o mundo moderno. A disseminação das palavras e ideias que lançam as bases materiais para a aprendizagem em massa, em jornais, livros e textos potencialmente para todos. A economia baseada no conhecimento. Voltando ao chavão etimológico, jornal é imprensa, impresson, press, inpress, na prensa, na pressão. O jornalis-

mo de jornal é isso, mas hoje é mais que isso. A prensa é só um veículo, o que importa é imprimir na verdade, no sentido latino, aquele original do termo, marcar, gravar, embutir, difundir, transmitir, mas agora não apenas em papel, também em pixels. O *tablet* está sendo o melhor exemplo disso, porque, de certa forma, dá também o formato dos jornais antigos. É mais do que isso, é imprimir outra coisa, e aí é que está a questão. Nós temos que dar a esses produtos em pixels a mesma qualidade dos produtos impressos na prensa, que são um sucesso, não são? Acho que todo mundo aqui lê jornal, esses jornais que falei são jornais de sucesso. Como é que a gente consegue colocar nesses produtos em pixels, imprimir essa qualidade? Eu estou falando em mais de cem anos, da velha imprensa consolidada.

O que tem de ser feito dentro das redações? Nós temos de vencer preconceitos e estabelecer novas relações entre o velho, que é novo, e o novo, que, muitas vezes, é velho. O velho jornal é novo no sentido de manter qualidade, do tipo ser rigoroso com o texto, e o que parece novo, como a internet, muitas vezes carece de uma melhor qualificação.

Basicamente é isso que queria dizer, porque, na verdade, o grande desafio que nós, jornalistas, temos nesse mundo novo é o texto. O texto fundamentalmente é, e continuará sendo, o desafio para todos nós, independentemente se vai para o iPad, *sites*. Eu considero isso um ponto fundamental. Há, sem dúvida alguma, uma mudança de percepção dos jovens com relação ao texto. As mensagens, as trocas de mensagens curtas, há uma mudança sensorial, que a internet trouxe também e que não está potencialmente em todo o seu potencial explorado. Nesse momento, acho bom que todos nós, jornalistas, nos debruçemos sobre a questão do texto e com perspectivas de abertura dessas novas linguagens. Eu vou ficar por aqui, acho que já me estendi demais. Obrigado.

Roberto Prata de Lima Dias



Formado em Jornalismo pelo USP, onde cursou também Economia. Concluiu, em 2010, pós-graduação na Universidade de Barcelona. Assumiu a editoria das Novas Plataformas da *Folha de São Paulo*, criada no final de maio. Acumula também interinamente a função de editor de Especiais, que tem como principal atribuição cuidar da edição de domingo. Trabalha há 13 anos na *Folha*. Começou em esporte, onde trabalhou na edição que cobriu a copa de 2002 e duas olimpíadas. Passou também pela editoria de Brasil, onde participou da edição de todas as eleições de 2002 a 2008, e por Mercado, sua editoria anterior. Foi correspondente em Nova York no período da guerra do Iraque.

Vou tentar construir a minha apresentação aproveitando o que os meus colegas disseram. Começo por essa coisa da fusão das redações. Não sei o quanto isso é perceptível para quem não é jornalista, mas é uma revolução para a gente. Isso muda completamente como a gente está acostumado a trabalhar, fazer jornal, nosso sistema de produzir, checar, publicar a informação de interesse público. A *Folha* fez esse processo de fundir as redações, a *on-line* e a de papel, no ano passado. É um processo que ainda está em andamento, envolve até uma mudança física gigantesca da redação, de rotina, de reuniões, enfim, fazer o jornal. Hoje em dia, mudou com-

pletamente, mas é muito legal. E o que está acontecendo na *Folha*, está acontecendo em todos os lugares, está acontecendo no *Globo*, em todo o país, está acontecendo lá fora. Agora o *El País*, na Espanha, fez a fusão, ao mesmo tempo, que a *Folha*, no ano passado. Os problemas são parecidos, mas os desafios, a partir do que você pode aprender com isso, também são muito gratificantes.

A *Folha* criou o TV *Folha* esse ano. É engraçado porque duas semanas atrás estava conversando com um colega do *Clarín*, ele me dizia, “tu não acreditas, tem um estúdio de TV no meio da redação agora”. E isso é superlegal, e ele, mais velho, “as coisas estão ficando loucas, jornal é um jornal, a gente faz outra coisa, não acredito nisso”. Porque as coisas vão cada vez mais se encaminhar para ser a mesma coisa. Você vai ter um fluxo único de informação e, a partir disso, você constata, uma coisa vai ser um vídeo, uma coisa vai interessar ser publicado imediatamente na internet, uma coisa você vai guardar para o jornal impresso do dia seguinte. Acho que mais e mais, de uma maneira geral, a coisa caminha nesse sentido. Em maio, o jornal decidiu criar uma diretoria de novas plataformas. Ele me convidou para pilotar a diretoria, sou responsável pelo conteúdo do jornal em *tablets* e em celulares. Estou acumulando, estou com um pé em cada canoa, acumulo com o papel, fazer a capa de domingo do jornal. O que posso dizer dessa experiência é que é menos difícil do que parece. Há um tempo, quando você falava com uma pessoa, a gente vai fazer internet, a gente não consegue fazer. Você vai mandar a repórter no Ministério da Fazenda, essa pessoa vai acabar com a coletiva do Guido Mantega, vai passar a informação imediatamente para a internet ou vai correr atrás do Mantega para poder achar mais alguma coisa, cavar mais alguma informação, tirar alguma dúvida. Você vai aprender no dia a dia. O repórter aprende a fazer isso, a pessoa chefe de reportagem aprende a fazer isso, o editor aprende a fazer isso.

Você sabe que a cada entrevista tem de ir com duas pessoas, às vezes com uma, enfim, às vezes nem tem de ir, porque sabe que não vai render nada.

Acho que é um desafio, é um choque cultural, dentro da redação também. A partir do momento que você tem uma redação consolidada, você pode publicar a informação que ouviu o outro lado, que contrastou, que tem certeza absoluta que é verdadeira, que ouviu a pessoa que está sendo prejudicada por aquela informação. Você tem a pressão da internet em cima de você, a televisão vai ter aquele vídeo. A polícia cometendo um crime, por exemplo, os seus questionamentos, a maneira como você age muda completamente, mas, ao mesmo tempo, é um desafio não abrir mão, que faz a diferença como jornalista. Ouvir o outro lado, ter certeza no que está publicando, é crucial para a sobrevivência da nossa profissão, mesmo nesse mundo novo.

O terceiro ponto, talvez, que é mais complicado, é o modelo econômico. A gente viveu na internet no Brasil, com um comercial desde final de 1995 se não me engano. O que aconteceu aqui aconteceu no mundo inteiro. É você não conseguir sustentar esse negócio de maneira independente. Você não tem o mesmo tipo de receita em nenhuma empresa na internet que você tem no papel. Isso caminha, está mudando, está mudando rapidamente, mas ainda não chegou a um ponto em que você pode falar. Vamos confiar o nosso negócio nisso apenas. E a questão dos *tablets*, eu acho que embaralhou de vez o jogo. O lançamento do *tablet* volta a nos cobrar mais conteúdo. Acho que, mais e mais, empresas estão se movimentando nesse sentido. O jornal custa caro, o bom jornalismo custa caro, a matéria não cai das nuvens. Um pouco é isso, sou muito otimista. Acho que a gente teve anos e anos de situação muito difícil nos jornais, no começo da década passada, por causa de receita, muita demissão. A gente já passou por uma fase muito ruim; também tem muita coisa boa pela frente, uma enorme oportunidade para quem faz jornalismo.

Rinaldo Gama



Jornalista paulistano, editor do caderno *Sabático* – Um tempo para a leitura, de *O Estado de São Paulo*, tendo participado de sua criação. Antes, no mesmo jornal, editou os suplementos *Cultura* e *Aliás*. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formou-se ainda em Psicanálise, pelo Centro de Estudos Psicanalíticos (SP). Organizou e coordena o curso de pós-graduação em Jornalismo Cultural da Fundação Armando Álvares Penteado. Trabalhou em *Veja* e na *Folha de São Paulo*. Publicou, entre outros livros, *O guardador de signos: caeiro em pessoa*, em 1995.

Boa-noite. Em nome do jornal *Estado de São Paulo*, gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à Organização do evento, que me fez este convite há dois meses para participar desta mesa, cujo tema foi evoluindo e se modificando ligeiramente e, depois de definido, eu, com concordância da Organização do evento, tomei para mim um recorte que busca unir um pouco o que os colegas apresentaram, com tópicos mais propriamente literários, voltado à cobertura da literatura no jornal, no caderno que eu edito, uma vez que não sou uma pessoa de plataforma digital como os colegas. Há uma pessoa no jornal

que cuida mais demoradamente, se detém mais nisso. Também acho importante fazer essa conexão entre a literatura, a comunicação e a era digital. É o que vou rapidamente tentar fazer e, no final, trazer alguns exemplos do que a gente faz no *Sabático*, dentro dessa vertente, dentro dessa perspectiva de uma nova literatura, que exige uma nova forma de se cobrir literatura.

Na verdade, foi mencionado aqui no início essa proximidade entre a comunicação e a cultura. Gostaria de dizer que as leis da comunicação são as da cultura, exatamente pelo que expôs no início o professor. Sem a comunicação, o homem não nasce humano, o que o torna humano é a cultura e esta se realiza através da comunicação. Então, quando discutimos o período que estamos vivendo, da transformação do impresso para o digital, isso tem impacto na comunicação. No fundo, estamos nos referindo aos impactos da cultura de um modo geral. E dentro dessa relação da cultura com a comunicação, é natural a aproximação com a literatura. Eu gosto de brincar que entre a literatura e os meios de comunicação existe uma cumplicidade, vamos dizer, de códigos, o código verbal, que faz com que a literatura e a comunicação, os meios de comunicação, notadamente o jornal, andem muito paralelos. Não deve ser uma coincidência que o termo “literatura”, tal como a gente entende hoje, só se consolidou, de fato, ali pelo século XIX, no mesmo momento em que o jornal passou a influenciar muito a literatura. E digo influenciar não simplesmente no sentido da divulgação, com os folhetins, que eram construídos daquele modo que nós sabemos, somente porque eram publicados em jornais que saíam no dia a dia.

Estou pensando também, por exemplo, em poemas, “Num lance de dados”, um poema que, de algum modo, inaugura a literatura do século XX, ainda no século XIX, o poema

do Mallarmé, cuja inspiração é muito próxima do jornal. Não sou eu quem diz isso, quem dizia isso é o McLuhan. Ele via nesse poema uma inspiração, esse mosaico, esse uso de tipologia diferenciada, essa tentativa de quebrar o tempo e trazer simultaneidade para a página, que a música tem e nós que trabalhamos com a linguagem verbal. Às vezes, nesses cento e tantos anos, tentamos insistentemente conseguir obter essa musicalidade. Não dá para usar outra expressão, que é quase a anulação do tempo. Você tem ali um dia, no caso do jornal, você resume um dia numa página, que é a capa do jornal, na tentativa de que aquilo seja o dia anterior. E você usa recursos, como no nosso caso, tipologias diferenciadas, brancos, os espaços que o poema do Mallarmé também usava. Portanto, na verdade, existe entre a literatura e a comunicação, em primeiro lugar, uma cumplicidade, uma proximidade.

Em segundo lugar, se examinarmos um pouco esse período que falo, do final do século XIX e começo do século XX, notamos que isso que chamamos hoje de uma literatura mais multimídia, na verdade, começa lá atrás, com essa quase que vocação natural a literatura para uma multiplicidade de discursos ou, pelo menos, de usos de discursos diferenciados, da imprensa, da música e assim por diante. Queria a literatura trazer para o seu universo os outros meios. Então, a literatura tinha uma vocação já naquele período, de ser algo multimeio. O que acontece com a era digital é que isso pode ser realizado de um modo como nunca houve, nunca foi possível realizar. A literatura que se produzia no final do século XIX, início do século XX, aspirava algumas das conquistas que hoje nós podemos realizar plenamente com a internet, com os meios que nós temos à disposição. Alguém aqui ressaltou quanto de democrático pode haver nessa era que estamos vivendo, que permite um acesso maior, independentemente da geografia.

Onde quer que você esteja, consegue acessar um jornal, um livro, uma revista. É essa ampliação do acesso para um indivíduo que está do outro lado da linha que nós chamamos de leitor.

É verdade, internet e web permitem essa democratização. Por outro lado, quando você convoca o leitor da maneira como a era digital passa a convocar, você compromete o leitor com outros discursos, os quais ele, um tempo atrás, não tinha tanta necessidade de dominar. Eu não estou dizendo dominar só o aparelho, a ferramenta. Se você inclui no seu *modus operandi* vídeos, uma sonorização etc., você, de algum modo, pede a este leitor que esteja familiarizado com aquilo.

Agora, a literatura eletrônica não é só a aquela que se transporta do papel para uma tela, do mesmo modo que o manuscrito se transpôs para a prensa, para o Gutenberg. É verdade que tudo o que nós temos hoje do texto impresso já passou por alguma etapa de digitalização. Dificilmente tem hoje algo que você vê impresso que em algum momento de sua escalada não passou por um processo de digitalização, mas isso não é literatura digital ainda. A literatura digital seria aquela que é capaz de aproveitar os recursos que o veículo oferece, aproveitar, maximizar, usar ao máximo aquilo que ele oferece. São os textos de ficção interativa, os ciberpoemas, as obras produzidas nesses aparelhos e lidas por esses aparelhos. Quando digo que não é mais lida, é porque o leitor não é mais um leitor tão somente. Seria melhor chamar de receptor, talvez porque ele deixou de ser alguém que apenas lê. Ele está lendo, ouvindo, assistindo, interagindo, em alguns casos, com as experiências que existem no campo da literatura eletrônica. Ele pode participar, interagir com o texto, não é mais só um leitor. É alguém que vai sofrer um impacto de uma nova forma de literatura.

Problema um: continua sendo literatura? Problema dois: se você imaginar que continua sendo literatura ou, mesmo, que não seja, será que essa nova forma de veiculação da ficção, da poesia, não exigiria uma nova crítica, uma nova maneira de avaliar aquilo e de, no nosso caso, fazer a cobertura dessa produção? Um jornal, um caderno, como o nosso, não pode passar ao largo disso nesse momento. É preciso trabalhar em duas direções, o que nós temos tentado fazer.

Em primeiro lugar, mapear, registrar, estar atento a essas novas manifestações da literatura na era digital. E, por outro lado, é importante também que o caderno esteja nesse movimento que os colegas falaram. Esse está dentro de um jornal, dentro dessa complexidade que é a transição do impresso para o digital, que vá aproveitando, e encontrando o seu caminho também dentro dessa área, porque senão ficaria uma coisa cindida, você cobrindo e falando de algo que está acontecendo num terreno, como disse no início, próximo do seu, cúmplice do seu, e você usando a metodologia do velho jornalismo, do tradicional, aquele apego apenas ao papel e pressupondo um leitor que é só leitor. Esse leitor que é só leitor vai desaparecer, esse leitor que “apenas” era capaz de ler. Vai haver uma profusão com a era digital, cada vez mais oferecendo-nos ferramentas diferenciadas. Esse leitor vai cada vez mais se transformar. Ora, se ele está se transformando, nós temos que acompanhar essa movimentação, e também temos que usar os nossos recursos, tal como a literatura digital faz.

A gente tenta isso de algum modo desde o começo do caderno, que é um caderno que tem um ano e meio. O *Sabático* nasceu em março do ano passado. O primeiro número do foi uma entrevista exclusiva com Umberto Eco, falando sobre o lançamento de um livro que tratava exatamente dessa ques-

tão. Será que o livro vai sobreviver? A nossa chamada de capa era assim: “Não contem com o fim do livro”, essa é uma frase de Umberto Eco. O livro não vai acabar. Umberto Eco é até mais radical, porque está falando do livro que nós conhecemos. Esse livro aqui de papel, porque o papel vive mais e toda essa coisa que ele acredita. O que nós dissemos é que o livro não vai desaparecer enquanto conceito de transmissão de cultura, de exercício estético da ficção, da poesia etc. Do mesmo modo que o jornal, esse que nós conhecemos, de papel, pode desaparecer, mas o jornalismo não vai desaparecer, o que vai desaparecer, talvez, seja isso que nós aprendemos a conhecer e convivemos durante tantos séculos, que é o jornal de papel, mas o conceito ficará do mesmo modo que o livro ficará.

O primeiro número do *Sabático* era quase que um manifesto contra o fim do livro. Era um caderno de literatura que estava dizendo isso, de livros, de leituras, falando desse modo. Mas nós também, nesse período, tivemos a preocupação de cobrir, por exemplo, todo esse universo da webpoesia, poesia que é feita e se realiza plenamente, tem sentido completo, quando lida aqui nesse aparelho. As editoras brasileiras, por incrível que pareça, estão se preparando para esse novo cenário, que exigirá não apenas dentro de suas estruturas, de um revisor, de um editor de texto. Dentro de algumas editoras brasileiras já existem cinegrafistas, por exemplo. Nós fizemos também uma matéria sobre isso, mostrando como as editoras já estavam se preparando para esse novo fenômeno, produzir livros para um iPad, por exemplo, que é outra coisa do que nós tínhamos num passado muito próximo de nós.

Ao mesmo tempo, a gente procura, da nossa parte, dentro do caderno, usar o veículo web, ou as plataformas digitais, de um modo que aquilo que vai no impresso, que é uma tendência, uma coisa natural até, ou trabalhando em parceria

com os setores que são de multimídias do jornal possam oferecer algo a mais do que aquilo que nós temos apenas no papel. Um exemplo que acho interessante de mostrar é um programa que nós criamos em dezembro do ano passado, chamado Leituras sabáticas. Nós convidamos um escritor, uma vez por mês, o levamos lá na TV Estadão. Esse escritor lê um trecho de sua obra e comenta porque escreveu aquele texto, aquele romance, aquele conto, e fala um pouco do seu processo de criação. Isso entra no ar na TV Estadão e é tratado da versão impressa, apresentado na versão impressa, chamando para o portal. E a pessoa, então, lê trechos da obra, do romance, do conto etc. e tem sempre esse grife da abertura, explicando um pouco da sua metodologia ou, até mesmo, as condições em que escreveu aquele conto, aquele texto.

Um historiador que trabalha muito com essa questão que estamos discutindo aqui, do livro etc., só para finalizar, o Roger Chartier, ele diz que a era digital vem realizar um sonho antigo do Kant: ele achava que cada pessoa deveria exercer o seu juízo crítico livremente, qualquer pessoa. Um meio como a internet vem transformar o modo de realização da literatura que nós conhecíamos, juntando numa mesma pessoa, o autor, o editor, o distribuidor e até o livreiro. Eram pessoas diferentes. Com a internet você pode ter na mesma figura todos esses elementos da cadeia e mais um, que é o comentador. A internet convida, convoca você a exprimir suas questões e opiniões, realizando, portanto, esse sonho do Kant, que cada pessoa deveria exercer: o seu juízo crítico livremente.

Para a gente pensar: quando todos nós formos escritores, qual será o sentido da literatura? Quando todos nós formos críticos literários, qual será o sentido da literatura, portanto, da nossa atividade?

Eu comentava aqui antes de começar o debate que em algum momento, mesmo que a gente seja escritor, artista plástico, crítico literário, precisaremos de alguém que faça algumas escolhas para nós, um editor, que através de um veículo de comunicação vai trazer para nós, a partir do momento que delegarmos a ele esse poder, alguns recortes, porque não somos capazes de pegar todos os recortes possíveis do mundo. É por isso que eu disse, agora há pouco, acredito que o jornalismo não vai desaparecer, mesmo que o jornal de papel desapareça e, ao mesmo tempo, fico muito otimista também no sentido de imaginar que a potencialização da crítica pode, ao contrário do que se costumava dizer, até muito recentemente, nos ajudar, eu digo à comunicação, a quem trabalha na comunicação, ou, pelo menos, a quem trabalha com a escrita, com o livro. Isso vai formar novos produtores. A pessoa que era apenas uma receptora, já não estou mais chamando de leitora, vai se tornar também uma produtora. Não pode haver cenário mais interessante para quem trabalha com as palavras na comunicação ou na literatura. Obrigado.

QUESTÕES LEVANTADAS

Alcione Araújo – Rapidamente vou repor a questão, não sei, parece que alguém mencionou, talvez essa fosse uma questão para especialistas, se deve ser posta dessa maneira, porque eu também não sou jornalista, mas, até onde entendo, o surgimento de uma nova plataforma, que tinha alcance fácil, na medida em que se popularizou a utilização da internet, os jornais se viram diante de uma nova situação que é: será que nós vamos desaparecer? Como é que nós vamos fazer? Então, os jornais tentaram, estão tentando dar o salto para outro suporte e criaram um enorme problema para eles, que pode também ser uma solução.

O que está posto aqui é a dificuldade que os jornais estão encontrando para dar um salto do que fizeram, que, em princípio, é um desafio do que eles próprios se propuseram, e não sabem até agora, as pesquisas ainda não são definitivas, se esse salto vai resultar em conseguirem mais leitores e de que maneira vão financiar os investimentos nesse novo suporte que está posto. Portanto, é uma questão dos jornais que chega a nós, os leitores, para um esclarecimento de que dificuldades estão tendo, vão conseguir ou não vão conseguir. Mas é um problema que está posto para os jornais, na verdade, estão à procura da nossa reação, da nossa atitude diante dessa nova exploração de um suporte novo. Porque nós não nos queixávamos de ler o jornal impresso, a coisa estava bem posta. Esse novo desafio surgiu com a tecnologia e nós aderimos a ela, lá no computador, e agora vêm os *tablets*, e cada vez vem uma coisa nova, que eles vão sempre saltar, porque a ambição é de abarcar toda a comunicação.

Então, está posto um problema aqui, digamos que, em princípio, não era nosso, e que passou a ser nosso enquanto usuários de jornal. Mas é um problema também interessante, ele tem ramificações. Está no espaço da cultura e, como disse o Rinaldo, de fato tem uma intimidade com a literatura, muito grande. Escritores habitam os jornais e a leitura desses habita o imaginário dos escritores. Isso é natural. É só isso, só para repor o problema.

Luciana Savaget – Toda a mudança realmente assusta, mas a maioria daqui é de uma geração do analógico e a gente está para o lado digital. Eu acho que mais do que discutir as plataformas novas, a gente tem de discutir a ética, porque o que acontece? O que cai na rede é peixe. Então, agora, não tem mais o diploma de jornalista, que é um assunto que se está discutindo muito. Eu, particularmente, sou contra, porque acho que deveria ter. Um médico só opera com um diploma de medicina. Nós jornalistas trabalhamos com a opinião pública, então, mal ou bem, mesmo que as faculdades não sejam tão preparadas, a gente tem que somar e não subtrair, porque tirar um ensino superior de uma profissão, quando no momento a gente tem que preparar. A prova são essas novas plataformas, as novas mídias, que a gente não sabe muito bem como lidar, nem os próprios veículos de comunicação sabem lidar com isso. Provou-se, nesse momento, o seguinte, o momento do conteúdo, o momento da informação. Então isso que é o importante para a gente pensar.

Liberdade é sinônimo de desqualificação, ou seja, a informação livre, contida na internet, é a má informação? Todos nós agora podemos contribuir para a construção da notícia. Nós, leigos, estamos com o manuseio da internet, tendo a possibilidade de atuar na transmissão da informação. O que é mídia rica?

Pedro Dias Lopes – Vou começar pela última. Mídia rica é usar vídeos, galerias de fotos, misturar o texto. Costuma-se dizer que mídia rica é o conteúdo de texto acrescido com esses insumos.

Sobre a questão se essa produção de conteúdo parte dos leitores, de alguma forma prejudica a qualidade do jornalismo. Eu diria que não. Acho que tudo continua muito parecido, a gente continua contando histórias. A diferença é que agora a gente tem um número de *e-mails* muito maior para contar histórias. Antes, no jornal, trabalhava-se com textos, agora se trabalha com muitas outras mídias, mas continua-se a contar histórias, e histórias precisas, histórias que não entrem em nenhuma questão de infringir a ética e o público. A diferença é que o público hoje tem mídia na mão dele, o público é produtor de conteúdo também. Eu acho que isso só reforça a necessidade de um jornalismo de qualidade.

Não sou contra o público produzir conteúdo. Mas é claro quando um conteúdo é produzido por jornalista e quando um conteúdo é produzido pelo público. Não vejo como algo ruim. Acho que a gente está numa época fascinante para fazer jornalismo, uma época de experiência, uma época que não tem modelo pronto, se pode experimentar muito. Eu acho que isso é um momento a se celebrar, apesar de que várias coisas não estão claras ainda, como a questão do modelo econômico etc. Nós estamos numa época, para quem gosta de produzir conteúdo, para quem gosta de jornalismo, maravilhosa.

Roberto Prata de Lima Dias – Concordo com o que você falou em relação ao público, acho que não só há espaço para os dois, como o público melhora o jornalismo como a gente costuma fazer.

Queria enfatizar um ponto, que é sobre a função social da imprensa. Esse debate está muito vivo nos Estados Unidos, nas cidades médias, que perderam um único jornal, perderam dois jornais, pela função de fiscalizar o poder público, fiscalizar de uma maneira sistemática. Nós, jornalistas, não vamos abrir mão dessa função. É uma função nossa e isso eu acho que não vai ser feito pela internet de uma maneira vaga ali.

Rinaldo Gama – De algum modo, essa profusão de colaboradores, de novos colegas a trabalhar com a gente por meio da internet, é muito bem vinda, cheguei a mencionar isso no final. Concordo com os colegas, portanto, e friso, também uma coisa que comentei. Diante dessa profusão, o papel do jornalista, evidentemente, do jornalismo de qualidade, se reforça, porque diante de um universo repleto de produtores de conteúdos, cada vez mais, os produtores com credibilidade, com experiência, com ficha corrida por serviços prestados contra o autoritarismo, a violência, a falta de escrúpulos etc., vai pesar nesse receptor, mesmo que ele também seja um produtor de conteúdo. Ao contrário, quanto mais produtor ele for, mais exigente vai se tornando naquilo que lê, no momento em que muda de posição, no momento em que está do outro lado, sendo apenas o receptor. Então, não vejo nenhuma chance nessa de os jornais, os meios de comunicação, abrirem mão dessa função, que é não só fiscalizadora, mas também um poder que nos é dado, legitimamente, através de uma compra, de um jornal, de uma revista ou de uma assinatura. Eles nos delegam, confiam esse papel.

Costumo brincar que você não compra qualquer produto para pagar na frente, sem tê-lo. E o jornal, quando as pessoas assinam, é o que estão fazendo, compram algo que ainda não têm, tamanha a confiança que elas têm. Daqui a oito meses,

daqui a um ano, ver na frente dela o que a fez assinar, vai se repetir. A qualidade vai ser mantida, você não terá nenhum solavanco. Dali a um ano, você continuará recebendo o mesmo produto que a empolgou na loja, digamos assim, na vitrine, só que você paga na frente.

Então, o nosso papel, o nosso trabalho é nessas duas direções. Primeiro, não vamos abrir mão dessa função que foi comentada, de fiscalizar. Por outro lado, essa função, dentro desse universo, é fazer aquilo que é fundamental, importante, tornar aquilo que é somente interessante, importante para a vida da pessoa, mostrar como aquilo vai influenciar na vida dela, mesmo que seja alguém muito próximo de nós, nesse sentido de também produzir conteúdos.

Eduardo Diniz – Concordo com os meus colegas. Acho que o Rinaldo falou quase tudo o que eu penso. Não há nenhum problema, internet não necessariamente é ruim e jornais são bons, não se trata disto. Há *sites* de notícias ligados a órgãos internacionais de imprensa que são maravilhosos. Vários produtos lançados nos últimos anos de jornalismo, que são bons, têm qualidade. Acontece que tem muita informação que não é de qualidade, não segue os mesmos critérios de avaliação, de decisão, que os jornais tradicionais têm já consolidado. E o que acontece quando um meio de comunicação tradicional perde credibilidade? Vai embora. O leitor rejeita. É o que falei anteriormente da defesa desse patrimônio que os grandes jornais, antigos, porém novos, porque têm na sua essência mecanismos de controle e qualificação, a diferença desses veículos, acho que fica mais gritante nesses tempos de internet, como sendo um patrimônio a ser defendido. Nos últimos tempos, é curioso como o crescimento da internet acontece também um pouco junto com o crescimento da

cultura das celebridades, do jornalismo, da informação mais fácil, mais imediata a respeito da vida dos outros, sem muita importância. O jornalismo de celebridades, o crescimento de um jornalismo de características mais populares não necessariamente é ruim. Não quer dizer que jornal de classe A é bom, e jornal de pobre é ruim. A gente precisa atender a essas demandas de informação com a mesma precisão, com o mesmo interesse, com o mesmo cuidado dos veículos que se consolidaram durante cem anos. É claro que você tem novas linguagens. Rinaldo falou aqui de caderno literário, falou se não sou do mundo da internet, já mostrou seu videozinho, estava querendo falar de fotografia 3D, tridimensionalidade tátil. Há várias coisas novas surgindo no mundo cibernético que, certamente, vão gerar novas maneiras de fazer isso, que a gente tem de fazer como jornalista, que é contar boas histórias, descobrir histórias que ninguém contou ainda, com critérios, com cuidados, cuidados éticos, para que a coisa se dê, jornalisticamente falando.

Ignácio de Loyola Brandão – Estou lembrando do palco de debates de hoje à tarde, onde o Edney Silvestre usou uma imagem muito interessante, que é de uma pessoa, ainda durante a guerra, que apanhou um ônibus para ir a um determinado lugar em Londres, mas que, em algumas partes de Londres, os mapas estavam em branco, porque eram lugares estratégicos. E essa pessoa tinha que ir nesse lugar e não sabia como ir até lá, mas precisava ir a esse lugar. Acho que é exatamente tudo isto aqui. Nós estamos com um mapa em branco aqui na frente. E como é que a gente vai para lá?

Mas eu tenho duas perguntas, e são para o Pedro. A primeira é de ordem prática. Qual o percentual da população brasileira que usa o meio eletrônico *tablet* para se informar?

E a outra, aqui já é mais provocativa, por que há incentivo de interação com o *tablet* se a *Zero Hora* bloqueou acesso à leitura *on-line* para os não assinantes?

Pedro Dias Lopes – O percentual é insipiente ainda. O Rio Grande do Sul tem aquele percentual de 8%. Está se falando em duzentos mil *tablets* em todo o país, 8% disso não é nada, mercado muito pequeno ainda. Mas a grande fissura das empresas de comunicação em todo o país pelo *tablet* é que: 1) cria um novo modelo de negócios sem assinatura; 2) tem novas maneiras de fazer narrativas ali. Na web tu navegas em profundidade, e com o *tablet* tu consegues fazer navegação em profundidade e linear também. Você consegue misturar essas duas coisas e fazer narrativas de histórias. Por isso há tanta empolgação jornalística. Ainda é questão de ter um modelo de negócio implícito.

A questão da *Zero Hora* foi o seguinte. Desde que a gente lançou o aplicativo, a gente dizia que seria gratuito por tempo limitado. Como os colegas falaram aqui, jornalismo custa caro e, no mínimo, por enquanto, a gente vai cobrar. A gente estuda cobrar conteúdo *on-line* também. Qual é o mundo ideal para mim? Gostaria de continuar, que o meu conteúdo fosse aberto, que fosse viabilizado via publicidade, que a minha audiência ia ser muito maior. Só que tenho plena consciência de que em algum momento nós vamos ter de rentabilizar de forma diferente. Minha audiência vai diminuir muito, mas vou ter assinantes; enfim, é o que está pintando aí pela frente. Por enquanto, basta as empresas começarem a anunciar com o mesmo afincio e valor na internet, o que já fazem nos meios convencionais, a internet não precisa ser cobrada.

Eduardo Diniz – A questão, Loyola, para o jornalismo impresso atual, o desafio é também no sentido econômico, e isso tem a ver com a qualidade. Nessa ecologia, ele só vai conseguir se remunerar se entregar qualidade. A qualidade que ele sempre teve e que sempre foi recebida assim. O mercado está amplificado, há vários outros agentes oferecendo notícia. Os jornais, certamente, não ficam oferecendo conteúdo de graça, jornalista bom custa caro. Eu ganho uma fortuna, tenho três Mercedes, 152 hm de terra, mas jornalismo de qualidade custa caro. As novas tecnologias envolvidas também são de investimentos vultuosos. Você mandar um jornalista para sair aqui do Rio Grande do Sul, ou do Rio, São Paulo para estar lá em Tripoli, cobrindo um noticiário, não é uma coisa barata. Só o seguro dele é um negócio caro. Então, a diferença que se está buscando agora é, exatamente, qualificar ainda mais o jornalismo bom, para que seja valorizado, e o público não tenha receio de pagar. E daí esse jornalismo tem também de se diferenciar dos outros, tem de ter melhores histórias, os melhores textos, mais aprofundamento dentro de suas plataformas digitais, com novas experiências, seguindo os critérios de qualidade, que é o que a gente tem de alcançar. Senão, o leitor não vai pagar. Ele vai ler uma enorme quantidade de notícias que está disponível na internet e, bom, vocês sabem.

Luiz Carlos Tau Golin – Quanto a esta questão, já acrescentamos mais um ponto. Tem uma questão fundamental aí, do impresso para o digital, relacionada com o poder do jornalista e do jornal, que é o editar. No jornal impresso, a fonte é preservada, mantém-se em segredo, ou seja, o jornalista pode escrever sobre qualquer história, qualquer reportagem e aquela fonte dificilmente vai falar. Então, quer dizer, a veracidade, a concretude daquele fenômeno está a critério do

jornalista, se for um sujeito ético estará mais perto da verdade, se não for, inventará as suas histórias. Quer dizer, a longa história do jornalismo implica isso. Com a digitalização e com a web, a fonte pode se manifestar também. Como é que vocês trabalham com isso, quer dizer, a fonte, às vezes, também tem página, tem blog, entra na rede social. Parece-me que essa tensão existencial da comunicação e essa diferença entre o impresso e o digital, quer dizer, agora a fonte aparece.

Roberto Prata de Lima Dias – Acho que isso não é nenhum drama. A fonte tem todo o direito de se manifestar. Se a fonte não se sentiu abrigada na primeira versão que foi publicada, na primeira vez, melhora o resultado, a compreensão, a informação para a sociedade. Se o jornalista cometeu algum erro, vai ter que reconhecer e faz a correção, não tem problema nenhum. O digital te permite também preservar a fonte. Vou citar um exemplo de ontem. Ontem, a *Folha* publicou um vídeo, talvez algumas pessoas tenham visto hoje na TV aberta, da polícia em São Paulo dizendo que matou uma pessoa, e dizendo estrebucha etc. A *Folha* não publicou em nenhum momento quem passou aquele vídeo para o jornal, o *modus operandi* foi o mesmo. A matéria que saiu no jornal foi da mesma maneira apurada que a matéria que saiu na internet. Se a pessoa que passou o vídeo quiser aparecer, é bem-vinda, ela tem o mesmo direito como fonte do impresso e como fonte do *on-line* de se manifestar.

Rinaldo Gama – Concordo com esse comentário do Roberto, que o modo de fazer continua tão rigoroso como era antes. A diferença, como o professor frisou, é que a fonte pode nos dizer uma coisa, e no seu blog, no seu *site*, dizer outra, dizer que as suas palavras foram distorcidas de um modo tam-

bém mais expressivo. Vale lembrar que nunca essa fonte que se disse prejudicada renuncia procurar o veículo, querer lá a sua versão, via de regra, a audiência do veículo será maior do que a dele.

Ainda comentando sobre a pergunta que foi feita ao colega da *Zero Hora*, e entramos então na discussão de jornalismo impresso e jornalismo *on-line*, se deve ser pago ou não, sobre como sustentar o jornalismo digital. Tem uma coisa que me faz ser otimista em relação a isso, é o seguinte: a cultura que a internet trouxe, o modo como as pessoas abraçaram a revolução da internet, é irreversível. E isso garantirá, de algum modo, em algum momento, daqui um espaço de tempo, acho até curto, a sobrevivência, por exemplo, dos jornais.

Isso não aconteceu com outra experiência, que talvez os colegas lembrem que foi feita no Brasil, de uma coisa que se chamava “videotexto”. O videotexto é, digamos assim, o avanço da internet. Foi uma experiência no início dos anos 80, começou em São Paulo, e o videotexto era simplesmente uma conexão que havia entre o telefone e um aparelho de televisão, que era usado como uma tela de computador. Esse aparelho que mil famílias, em São Paulo, sorteadas receberam em casa e quinhentas empresas e instituições receberam em suas sedes. Fazia, quando você discava 148, uma conexão com uma central, que seria hoje, digamos, um produtor de conteúdo, um provedor, que ficava na Telesp, que, por sua vez, estava conectada com os fornecedores de serviços, que eram os provedores. Quem eram esses fornecedores de serviço? Por acaso, o Estado de São Paulo foi a primeira empresa a firmar um convênio de videotexto, em 1982. Depois vieram bancos, empresas aéreas, lojas, assim por diante.

O que no *Estadão* era feito? O *Estadão* colocava notícias no ar. A Varig vendia passagens aéreas, os bancos colocavam

seu extrato. Você discava 148, aparecia uma página: bem-vindo ao videotexto. Tecla página seguinte, tinha lá a relação dos fornecedores de serviço, você clicava ali e entrava naquele serviço. O que aconteceu que não deu certo? A mesma coisa que ocorreu nos Estados Unidos, onde não deu certo. Por exemplo: existia uma loja de departamentos, vendendo seus produtos, como você pode comprar hoje pela internet. As pesquisas que foram feitas revelaram que as pessoas preferiam ir à loja, por incrível que pareça. Elas não compravam por aqui, não estavam familiarizadas com aquilo e não quiseram se familiarizar. Isso foi se espalhando de um modo que prejudicou serviços que eram muito acessados, por exemplo, os jornalísticos. Com a resistência do público, do ponto de vista cultural, em não abraçar esta mídia, ela foi se esvaziando e prejudicando até quem dava certo. De maneira que nos anos 90, ela acabou. Essa foi a única razão? Não, mas foi uma razão forte e, por sorte, também em seguida veio a internet, que substituiu a contento e foi abraçada pelo público, coisa que o videotexto não tinha sido capaz de fazer, por mil razões. Começava, por exemplo, na precariedade dos equipamentos, era tudo muito primitivo. Como sempre, o Brasil optou por equipamentos que, naquele momento, já eram defasados. No caso da internet, entrou no Brasil muito rapidamente, o número de pessoas que tinha acesso pulou para quatro milhões, e assim foi indo. Eu acho que é irreversível. Isso me faz imaginar que quando, no momento limite, a pessoa tiver que pagar pelo conteúdo, ela vai pagar.

Alcione Araújo – Aproveitando, vou falar aqui do outro lado, é um depoimento quase inútil, sobre minha experiência com a internet. Sou obrigado, como escritor, a ficar entre dez e quinze horas com a máquina ligada. E aí tenho um provedor

que me dá acesso e que leio as notícias do provedor. Não vou citar nome nenhum, mas sou muito beneficiado pela internet, porque posso acessar *sites* de filosofia, jornais, posso acessar o *El País*. Agora, o meu provedor tem um noticiário em que põe no mesmo patamar de destaque que Tripoli foi invadida e ocupada, e que a cantora Grechten desistiu de ser cantora e mudou para os Estados Unidos. Não há hierarquia editorial alguma. Não tenho o menor interesse na cantora, mas tenho interesse em literatura, em cinema, mas o portal não sabe que eu existo e parece que edita a partir do princípio de que é só garotada que vê a internet. As notícias são completamente desbaratadas.

Ocorreu-me, eu que não tenho compromisso profissional, fico suscetível às ocorrências mais variadas. A grande vantagem de vocês que fazem jornal é fazer um jornal personalizado. Dou a lista dos meus interesses, vocês mandam aquilo para mim. Pagaria bem, não muito bem. Se me desse um clipe, acharia ótimo. É manchete no meu portal o final da novela, não tenho o menor interesse nisso, e estou pagando para ter essa notícia. Bom, é hora de encerrar. Obrigado.



Da direita para a esquerda: Pedro Dias Lopes, Roberto Prata de Lima Dias, Rinaldo Gama, Eduardo Diniz, Luiz Carlos Tau Golin, Luciana Savaget, Alcione Araújo e Ignácio de Loyola Brandão



Da direita para a esquerda: Neusa Maria Henriques Rocha, Roberto Prata de Lima Dias, Rinaldo Gama, Eduardo Diniz, Luciana Savaget, Pedro Dias Lopes, Luiz Carlos Tau Golin, Ignácio de Loyola Brandão e Alcione Araújo

PALCO DE DEBATES: FORMAÇÃO DO LEITOR CONTEMPORÂNEO

Conferencistas: Affonso Romano de Sant'Anna, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo e Kate Wilson. Debatedor: Fabiano dos Santos - diretor do Livro, Leitura e Literatura (MinC).

Fabiano dos Santos



Coordenador de Relações Federativas do Programa Mais Cultura do MinC, tem Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Foi coordenador de Políticas de Livros e de Acervos da Secult-CE, onde concebeu e coordenou o projeto Agentes de Leitura do Ceará. Integra a Diretoria do Livro Leitura e Literatura do Ministério da Cultura. Tem experiência na área de cultura e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas, formação de professores, mediadores de leitura e literatura infantil.

Fabiano dos Santos – Boa-tarde a todos, nossos amigos e amigas do livro, da leitura, da literatura. Queria agradecer o convite da Jornada de Literatura de Passo Fundo, à Tania Rösing. Ontem, na leitura do texto do Ignácio de Loyola

Brandão, quando fui ver, Ignácio, percebi a emoção escorrendo nos meus olhos, que traduz muito bem esses trinta anos da Jornada e do trabalho da Tania e de todas as pessoas envolvidas.

Bom, a formação do leitor contemporâneo nos leva a pensar na dimensão da experiência. A experiência, conforme Jorge Larrosa, um educador espanhol, é a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, e exige de nós uma interrupção, um vagar, um parar para escutar, um parar para pensar, um parar para olhar, um parar para sentir. Mas a experiência só ocorre quando acontece a transformação; portanto, a experiência da leitura só faz sentido quando ela nos atravessa, quando nos toca. A experiência não é aquilo que passa, que atravessa, que toca. A experiência é aquilo que nos passa, nos atravessa e nos toca. Portanto, a experiência da leitura só pode ser uma experiência de transformação.

Quando o leitor entra no universo da leitura do livro, da literatura, ele sai um outro, como entrar nas aventuras de Alice e sair uma outra menina. Como Teseu ao entrar no labirinto de Creta e encontrar-se consigo e deparar-se com o Minotauro, ele sai outro. Sendo assim, a experiência da leitura, a formação do leitor, só faz sentido se for uma viagem aberta de transformação.

Temos aqui quatro leitores, Affonso Romano de Sant'Anna, Beatriz Sarlo, Alberto Manguel e Kate Wilson, todos são escritores, ou ensaístas, ou críticos culturais, ou críticos literários, ou editores. Mas gostaria de instigá-los, aqui, para que vocês possam se posicionar enquanto leitores, interpretadores do mundo, a partir de suas leituras literárias, acadêmicas, políticas, críticas, de preferência da literatura, essa coisa que, segundo Todorov, está em perigo. E o perigo que ronda a literatura, segundo Todorov, é não ter mais poder de participar da formação cultural do indivíduo e do cidadão. E o que seria a formação do leitor senão uma formação cultural no sentido de atribuir sentido de existência?

Alberto Manguel, em seu livro *História da leitura*, diz: “Todos nós lemos a nós próprios e ao mundo à nossa volta, para vislumbrarmos o que somos e onde estamos, o que somos e onde estamos. Lemos para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase tanto como respirar, é uma das nossas funções vitais.”

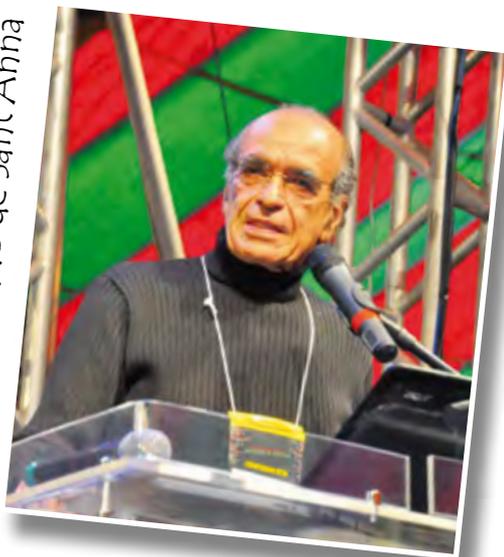
Affonso Romano nos diz, no seu mais recente livro, *Ler o mundo*, que “ler é uma forma de escrever com a mão alheia”. E complementa, “minha vida daria um romance? Daria se bem contado, bem escrevê-lo é um ato da narração. Mas só escreve bem, quem ao escrever sobre si mesmo, lê o mundo também”. O poeta Whitman já nos dizia que nossa tarefa é ler o mundo.

A partir dessas referências, gostaria de saber dos integrantes deste palco, dos nossos convidados, se poderiam narrar suas experiências de formação leitora como a história desse percurso, e se elas fazem sentido com a formação desse leitor contemporâneo, que é o tema de nossa conversa. Aliás, que leitor contemporâneo é esse, é diferente do leitor de outras épocas? Teríamos um conceito de leitor?

Essa é uma primeira questão. A segunda seria em torno dos ambientes de formação do leitor, passando pela família, pela escola e pela biblioteca, três ambientes vitais para a formação do leitor. Como vocês veem esses espaços na formação do leitor contemporâneo? Com isso, podemos entrar aqui na última provocação, podemos entrar no debate das políticas públicas, em torno do que eu estou chamando aqui de letra L. O L de livro, o L de literatura, o L de leitura, o L de leitor e o L de letras. Livros no sentido do acesso, da composição de acervos, do próprio fomento da economia do livro e do mercado editorial. O L da literatura no aspecto da criação, da interpretação de mundo. O L de leitura, da experiência e da formação leitora. O L de leitor, da interpretação, compreensão, atribuição de sentidos e o L de letras na perspectiva da formação do

educador leitor, dos alunos de Letras e de professores. Como vocês pensam essas três dimensões das letras L em torno de políticas educacionais e culturais nos dias de hoje, sobretudo no aspecto de formação de leitores? Muito obrigado.

Affonso Romano de Sant'Anna



Poeta, ensaísta, cronista e professor. É um poeta do nosso tempo, engajado aos problemas e perplexidades atuais. Lançou seu primeiro livro de poesias, *Canto e palavra*, em 1971. Em 1980, publicou o livro de poesias *Que país é este?*, cujo poema título foi publicado com destaque pelo *Jornal do Brasil*, que, numa iniciativa pioneira, publicou seus poemas na página política, não no suplemento literário. Em 1986 publicou seu primeiro livro de crônicas, *A mulher madura*. Conquistou vários prêmios literários, entre os quais o Jabuti, 2006, na categoria Poesia, com a obra *Vestígios*. Suas poesias foram publicadas em diversos países, como Polônia, China, Chile, Alemanha, Portugal e França. Tem vários poemas musicados em CD, na voz de artistas renomados.

Gostaria de, primeiro, cumprimentar e agradecer à Tania e aos seus auxiliares por mais esta oportunidade de estar aqui. Acompanho desde a segunda edição, e sou testemunha do trabalho e, digo, desse êxito que vocês estão vivendo.

Vou colocar aqui algumas questões relacionadas não apenas à minha prática de escritor, à minha prática de professor, mas, sobretudo, à prática de quem tenta pensar o presente, e o presente brasileiro. E começo com três fatos reais, que são

de alguma maneira chocantes, mas que nos conduzem ao entendimento de algumas questões.

Era presidente da Fundação Biblioteca Nacional, quando houve uma reunião no Ministério da Cultura, encabeçada pelo ministro Antonio Ayres, onde ele ouvia de cada presidente das fundações quais eram os seus projetos. Narrava eu, então, os projetos em curso, através do Pró-ler, que estava estabelecido em trezentos municípios brasileiros, e tinha 33 mil voluntários. Narrava o trabalho dos bibliobus, o trabalho dos bibliobarco, que estavam sendo organizados para o rio São Francisco e para a Amazônia. Os projetos do trem biblioteca, que saíria de Porto Alegre até a Bahia, os programas de leitura em hospitais, quartéis, igrejas, parques ecológicos, os sindicatos, enfim, em todas as áreas sociais. Quando ouvi do ministro Antonio Ayres, enciclopedista, humanista, esquerdistista, a seguinte observação: “Leitura não é um assunto prioritário do meu ministério, este é um assunto do Ministério de Educação.” Fiquei, então, na situação constrangedora de explicar ao ministro o que era leitura.

Segunda história. Quando Brasília foi fundada, o bibliotecário Edson N. da Fonseca, examinando a planta da cidade, percebeu que faltava uma biblioteca pública. Chamou Lúcio Costa e lhe perguntou: “Professor, eu não estou vendo, no planejamento da cidade, uma biblioteca pública?” E Lúcio Costa, humanista, um gênio da arquitetura e urbanismo, pessoa que todos admiramos, respondeu simplesmente: “Esse negócio de biblioteca pública nunca deu certo no Brasil.”

Eu poderia narrar aqui uma série de histórias semelhantes, e a Tania tem essa experiência, como, às vezes, conversar com os nossos aliados é a maior dificuldade. Porque, como eu digo às vezes, o Fabiano gosta que eu repita isso, quando falo a palavra leitura, não estou falando leitura, estou falando leitura. A palavra é a mesma, mas o significado é outro. Curio-

samente, a questão da leitura é recente no Brasil. Eu mesmo, quando me debrucei para estudar este assunto, senti certo pasmo e uma surpresa do seguinte. Faço aqui, rapidamente, uma pequena história do livro, das editoras, das bibliotecas e da leitura no século XX.

Em 1918, Monteiro Lobato descobre a editora brasileira. Tendo feito uma enquete, quando trabalhava no estado de São Paulo, sobre o Saci, as diversas histórias do Saci, recolheu essas histórias, publicou um livro que foi um sucesso muito grande. E ele queria fazer uma editora e descobriu que o Brasil, de 1920, tinha trinta pontos de venda de livros, num país de menos de trinta milhões, trinta pontos de venda de livros. Pegou a lista dos correios no Brasil, escreveu para todas as suas chefias, perguntando se naquela cidade não haveria alguém interessado em negociar um objeto estranho, chamado “livro”, e ele botou a palavra livro entre aspas. E dizia para as pessoas: é um negócio irrecusável, você receberá esse objeto chamado livro, você ganhará 30% e se não vender pode devolver que eu pago de volta. Resultado, as edições que eram de quinhentos exemplares pularam para cinco, dez, quinze mil, a tal ponto que ele chegou a vender trezentos mil exemplares de *Narizinho*, quando o Brasil tinha trinta e poucos milhões de habitantes.

Monteiro Lobato fundou a editora brasileira. Nos anos 30, Borba de Moraes reinventa a biblioteca brasileira, quando, ao criar a biblioteca de São Paulo, descobre que tem que haver bibliotecas nos subúrbios, bibliotecas volantes, biblioteca para atender as crianças. Borba de Moraes foi depois diretor da Biblioteca Nacional, da biblioteca da ONU, da Unesco e reinventou a biblioteca no Brasil. Na outra década, a de 1950, aparece Paulo Freire. Se Lobato havia inventado a editora, se Borba de Moraes havia reinventado a biblioteca, Paulo Freire reinventa a alfabetização. Como um plantador de cana po-

deria aprender a ler em quarenta e cinco dias? Seu método revolucionário, dentro do clima que havia no país, nos anos 60, fez com que a alfabetização transbordasse da escola. No entanto, a palavra leitura continuava ausente.

Editora, livro, a palavra leitura só entrou para o vocabulário dos intelectuais, dos políticos e do sistema, a partir dos anos 90, quando se criou o Pró-ler, um programa nacional de leitura e se batalhou para que a leitura fosse uma questão de Estado e não uma questão de pessoas interessadas na leitura. Resultado disso é que temos hoje nosso Fabiano dos Santos, que vindo do Ceará, onde fez um projeto maravilhoso, de agentes de leitura, foi incorporado à política do MinC. Agente de leitura, que com sua bicicleta, com sua coleção de livros, saía visitando, automaticamente, pessoas como se fosse um médico de família. E esse modelo, hoje, está sendo copiado por diversos estados.

Portanto, a leitura é uma coisa recente. Falava-se de livro, falava-se de editoração e não se falava em leitor. Aí, meus caros, meu pasmo inicial, diante dos colegas que citei, continua. Há 15 dias li uma entrevista de um grande editor de São Paulo, que comemorando os 25 anos de sua editora, disse que o sistema estava em crise, porque havia livros demais no Brasil, ou seja, as editoras não sabem o que fazer com tanto livro que publicam. As editoras estão estocando esses livros e tendo certo prejuízo. Na semana seguinte, outro editor deu uma entrevista semelhante, dizendo que havia livros demais no país e que ele estava perdendo dinheiro na estocagem desses livros. Coloquei no meu blog, porque quem não tem blog não pode nem sair à rua, não pode nem se apresentar às pessoas, um comentário dizendo que esses meus queridos amigos estavam ou redondamente enganados, ou com a verdade fatiada em partes em suas mãos.

O Brasil não tem livros demais, o Brasil tem leitores de menos. E eu fico pasmo, como os editores não se dão conta de que o leitor é a finalidade da cadeia. Isso que se faz aqui no Rio Grande do Sul, através desta Jornada, nas escolas, procurando ir atrás dos leitores, trazendo leitores para cá, esse é o mecanismo. O Brasil não tem livros demais, apesar de as estatísticas dizerem que nós produzimos trezentos livros por dia. E aí entramos num outro ponto, que é a questão da crise em que nós estamos. Ontem se falou disso, creio que os colegas falaram disso também, nós estamos vivendo um momento muito especial de crise ou metamorfose. Prefiro até a palavra metamorfose, ou seja, os editores estão em crise, não só por causa da questão digital, como imprimir o livro, como alcançar o público, como sair da maldição da estocagem, da distribuição. Os editores estão em crise, mas não só os eles, o ensino literário está em crise.

Quando estudei Letras, nos anos 60, havia um curso chamado neolatinas. E o aluno de neolatinas estudava literatura francesa, italiana, hispano-americana, espanhola, portuguesa, e escrevia trabalhos em francês, espanhol e, às vezes, em italiano. A reforma de 68 levou a que o aluno paras-se de estudar cinco disciplinas e estudasse uma. Português e inglês, português ou francês, ou espanhol. O empobrecimento disso foi óbvio. Ao lado dessa tragédia para a universidade, ocorreu uma tragédia do ensino médio, adoção de, em vez de português, de uma coisa chamada comunicação e expressão. Se vocês olharem os currículos dos colégios brasileiros, não existe mais curso de literatura. A palavra literatura sumiu, foi dissolvida em comunicação, artes etc.

Então, como produzir leitor dentro desse contexto? As editoras em crise, o ensino em crise, os suplementos literários em crise. Houve um tempo em que o suplemento literário era feito por escritor, hoje é feito por jornalista, por mais compe-

tentes que sejam. Houve um tempo em que os suplementos literários tinham crítica literária, hoje tem reportagem. Há uma diferença essencial nesse sentido. Além das editoras, do ensino, outra crise é das livrarias, que não dão conta desses livros que pervertidamente são supereditados. Quem entra em qualquer livraria se aterroriza com a quantidade de livros que você não vai ler nunca. Disse um desses editores que há muitos livros que são editados e nem chegam às livrarias. Pensem nisso, livros que nem chegam às livrarias. E aí penso numa outra crise que está ocorrendo, que é a crise do escritor. Não só aumentou o número de escritores, e isso é bom. O ideal é que todo escritor fosse um leitor e todo o leitor, um escritor em potencial.

O escritor, atualmente, é um despossuído, ou seja, um editor que lança cinquenta a sessenta títulos por mês, pode errar dez, quinze, vinte títulos, e acertar meia dúzia de *best seller*, e vai continuar ainda editor e ganhando seu dinheiro. O escritor que passa dois, três, cinco anos fazendo aquele livro, se aquele não der certo, ele perdeu cinco, dez anos de vida, sem retorno. O mesmo não acontece com o editor, nem com o livreiro, que tem uma quantidade muito grande de livros. A livraria está em crise. Hoje, quando queremos um livro de peso, um livro bom, temos que recorrer ao sebo, ao sebo virtual, à estante virtual. As livrarias, de certa maneira, viraram depósito de *fast reading*, tipo *fast food*, literatura que eu digo de autoajuda e não de alta ajuda. Então, todo o sistema está em crise. Escritor, livraria, o editor e é hora mais do que nunca de pensarmos no leitor.

Encaminhando para o fim dessa exposição introdutória, diria o seguinte: hoje existe no Brasil grandes movimentos para achar o leitor. Só o projeto “Viva a leitura”, patrocinado pela Fundação Santillana e pela Organização dos Estados Ibero-Americanos, listou dez mil projetos de leitura. Leitura

não só em favelas, em borcharias, em açougues, na beira do rio, na floresta entre os índios, em todos os lugares. A sociedade civil está redescobrimdo a leitura. Então, se o Brasil quiser ser um país de primeiro mundo, se o Brasil quiser no século XXI desempenhar um papel à sua altura, vai ter que descobrir leitura como passaporte. Não seremos jamais um país desenvolvido sem leitores. Já dizia um ensaísta americano, uma frase chocante e perfeita: “Se você acha que a educação é cara, experimente a ignorância, é muito mais.”

Portanto, estamos num momento até de certa euforia. Os projetos de leitura, eventos como este, se organizando e todos discutindo o nosso futuro, e aí é que entra a tecnologia. Dizia para o Fabiano, que o Ministério da Comunicação, segundo um técnico de lá, disse-me a poucos dias, tem quase 14 mil telecentros espalhados no Brasil. Prefeitos que ganham computador, escolas que ganham computador. No Rio de Janeiro, somente na favela Rocinha, existem duzentas *lan houses* e aí tento fazer o link necessário, aliando a nossa área com as outras áreas. Quando daremos o conteúdo a essas máquinas? Quando o Ministério da Cultura, quando a sociedade civil vai fazer com que o discurso-diálogo que existe hoje nos telefones, no iPad, nos computadores, não seja mais um discurso sobre o nada? Falar e se comunicar da maneira como nos comunicamos, quantitativamente, é não comunicar-se. Há, portanto, um desafio que é nosso, tecnológico, cultural, e o caminho para isso é produzir leitores. Para isso nós estamos aqui. Muito obrigado.

Alberto Manguel



Nasceu em 1948, em Buenos Aires, e hoje é cidadão canadense. Passou a infância em Israel, onde seu pai era embaixador argentino, e fez seus estudos na Argentina. Em 1968, transferiu-se para a Europa e viveu na Espanha, na Inglaterra e na Itália, trabalhando como leitor para várias editoras. Atualmente reside na França. Editou várias antologias de contos sobre temas que vão do fantástico à literatura erótica. Autor de livros de ficção e não ficção, também escreve regularmente para jornais e revistas do mundo inteiro. Dentre suas obras, estão: *Dicionário de lugares imagináveis* (2003), *Os livros e os dias* (2005), *O amante detalhista* (2005), *A biblioteca à noite* (2006), *A cidade das palavras* (2008), *À mesa com o chapeleiro maluco* (2009) e *Todos os homens são mentirosos* (2010).

Boa-tarde. Muito obrigado por este magnífico convite. Creio que aqueles que falam da morte da leitura, do livro e dos leitores deveriam vir a Passo Fundo para ver esta multidão que prova o contrário. Quero felicitá-los pela escolha do título deste encontro. Parece-me essencial essa palavra “formação” do leitor. Não ensino, não criação, não imposição e, sim, formação de leitores, ou seja, o desenvolvimento de algo que, em essência, já existe. Somos uma espécie leitora,

viemos ao mundo com a intuição de que tudo o que nos rodeia é narração. Queremos descobrir narração não só nas linguagens que escrevemos, ou que lemos, como também na natureza, no rosto das pessoas que encontramos, nas estrelas, no mar, tudo nos conta algo. E esse impulso de ler narração em tudo, creio que vem de algo que caracteriza biologicamente nossa espécie, e esse é o poder da imaginação.

A imaginação é uma faculdade que nossa espécie tem para ajudar nossa sobrevivência no mundo. Nós somos a única espécie que pode imaginar uma experiência antes de tê-la de uma forma concreta. Podemos imaginar o que aconteceria se colocarmos a mão na boca de um tigre, sem ter que colocá-la. A pergunta, então, é, se essa imaginação nos permite ter uma experiência do mundo, colocar essa experiência de mundo em palavras, transmitir para a sociedade a palavra escrita, através da narração de livros e compartilhar com os leitores o que transmitimos, qual é a função, o valor de formar um leitor? Para que formar um leitor?

Creio que nossa sociedade não só lê a palavra escrita, mas também a palavra oral, a diferença é importante, porém não é essencial. Toda sociedade depende de intercâmbio entre o grupo que a sociedade forma e os indivíduos que a compõem. Quero dizer, toda sociedade estabelece uma série de regras, de leis, de exclusões, porque se define por exclusões e, ao mesmo tempo, deve fazer com que os indivíduos que compõem essa sociedade, seus cidadãos, tenham a capacidade de arguir contra ou a favor dessas leis, de tratar de estender os limites das muralhas que encerram, que definem a cidade. Necessita ser, de alguma maneira, subversivo o leitor dentro de uma sociedade. Então, formamos leitores para que possam arguir contra os sistemas que a sociedade lhe impõe, não de uma forma destrutiva, mas que permita levar as coisas adiante,

explorar as coisas, sobretudo questionar, porque a literatura permite questionar e o leitor de literatura aprende a fazer perguntas.

Alguns exemplos que quero dar, do que acontece quando se forma um leitor. Esta manhã discutíamos com Beatriz Sarlo de que não se pode ensinar a ser leitor, porém se pode formar um leitor dentro de uma sociedade. E o que acontece quando este leitor descobre que é leitor? O que acontece quando a pessoa que aprendeu o alfabeto e logo aprende a gramática da sintaxe de um idioma e começa a tomar conhecimento dos textos que nos rodeiam? Descobre de imediato que este texto lhe fala, que este texto revela algo, que há um intercâmbio entre o leitor e o texto, no qual o texto faz um novo texto e o leitor se torna um novo indivíduo frente ao texto. Eu vou dar três exemplos.

O primeiro quem me contou foi uma bibliotecária, na Colômbia. Lá tem um sistema de bibliotecas absolutamente extraordinário, que contribui para fixar a sociedade nos distintos lugares desse país tão trágico. Ela me contou que haviam instalado esse sistema, que chamam de biblioburros. São burros que levam sacos com livros à serra, por exemplo, deixam essas bibliotecas portáteis a cargo de alguma pessoa, em uma aldeia, e voltam buscar os livros depois de dois ou três meses, e que ninguém nunca roubou nada, deixam os livros, que são sobretudo livros de instrução, de agricultura, costura, e também certas obras de ficção.

Um dia foram buscar essa biblioteca portátil, e se dão conta de que falta um livro, e é uma tradução para o castelhano da *Iliada*, de Homero. Então, quando voltam a buscar os livros, dizem à pessoa encarregada dos livros: “Pode ficar com este livro, só queremos saber por que querem ficar com a *Iliada*”. E a pessoa lhe contesta: porque a *Iliada* conta a

história deles, conta a história de uma aldeia da Colômbia. Conta a história de um grupo de pessoas que trata de viver normalmente, e uns deuses loucos fazem que ocorra a guerra e, que essa guerra, os deuses estão loucos, os soldados estão loucos, as pessoas se matam, não entendem que exército vem, que exército vai. Sentem que a tragédia profunda da *Iliada*. Isto é um momento extraordinário que tem a *Iliada*, quando, por exemplo, ao final, o velho Priamo vai buscar o corpo de seu filho. É um símbolo de seu filho, que é Aquiles, em frente a esse homem jovem, já não vê assassinos, o que vê é seu filho reencarnado, como um homem jovem. E Aquiles não vê o seu inimigo e, sim, o que vê é a imagem de seu pai velho e aleijado. Esse momento do encontro entre os inimigos era para esse povo da Colômbia o reflexo de sua própria experiência.

O segundo exemplo é quando o leitor se converte em escritor para devolver-lhe a literatura, não as armas, por assim dizer, não a farsa. Há uma série de livros criada pelo escritor português Gonçalo Tavares, que forma uma espécie de bairro literário, no qual os escritores, livro por livro, são reencarnados e lhes dá uma função vitalícia atual e que renova, então, a leitura de toda a obra desses escritores através dos olhos de um leitor que volta a dar a seus leitores. Essa é uma demonstração da fluidez, da continuidade da leitura que procede de geração a geração.

O último exemplo que quero lhes dar acontece em um dos livros autobiográficos de Primo Levi. Primo Levi é um escritor italiano enviado a Auschwitz, nessa miséria, nesse horror, nesse lugar quase inimaginável. Primo Levi tem relações com os distintos companheiros presos, e um lhe pede que lhe fale de Dante. E Primo tem uma lembrança de Dante como tem qualquer menino italiano que estudou na escola. E de imediato começa a falar a esse homem do episódio de Ulis-

ses, no inferno. O episódio no qual Dante, guiado por Virgílio, chega ao círculo dos embusteiros, dos mentirosos e encontra ali numa mesma chama a Ulisses, que acendeu a tocha com a invenção do cavalo de madeira. Então ele é um embusteiro, e Ulisses conta a Dante a sua história. E Dante, que não havia lido Homero, porque não lia grego, porque não havia uma lição de Homero, conhecia a história, talvez através de uma má tradução latina, talvez simplesmente como esses livros que todos conhecemos, mas não lemos, faz com que Ulisses lhe fale e lhe conte de uma última aventura, que não está em Homero, onde, depois de chegar a Ítaca, depois de voltar à casa, depois de terminar com essa peregrinação cheia de obstáculos, decide voltar a partir. E volta numa aventura trágica porque a ambição excede a ambição permitida aos homens chegar ao hemisfério sul, que, como sabemos, nós latino-americanos, disse Dante, é um hemisfério sem gente, e ali está o monte purgatório e há um grande reboiço, e Ulisses e seus companheiros morrem. Porém, Ulisses disse a Dante, eu digo aos meus companheiros, não estamos preparados para ter uma vida de besta, nós estamos preparados para buscar um horizonte, mais além desse horizonte. De imediato Primo Levi entende as palavras que Dante havia dito a Ulisses, o personagem Dante, no início do século XIV e nesse atual século XX. Primo entende que ele está lhe falando, e que lhe disse que, apesar desse inferno, apesar desse sofrimento, sigam sendo seres humanos. Isso é o que pode fazer a leitura. Muito obrigado.

Beatriz Sarlo



Nasceu em Buenos Aires em 1942. Foi professora de literatura argentina, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, e ministrou cursos em diversas universidades norte-americanas, como Berkeley, Columbia, Minnesota e Maryland. Colabora habitualmente com os jornais *Página/12* e *Clarín*, e, desde 1978, dirige a revista de cultura e política *Punto de Vista*. Vários de seus livros já foram traduzidos no Brasil, Grã-Bretanha e Estados Unidos. Beatriz Sarlo desenvolve estudos sobre a literatura popular e sentimental, a história dos meios de comunicação, o cinema, a cultura de massas e o papel dos intelectuais. No Brasil, tem publicadas as obras *Cenas da vida pós-moderna*, *Paisagens imaginárias*, *A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros* e *Tempo passado: cultura da memória e ginada subjetiva*.

Boa-tarde. É fantástico estar aqui, é fantástico não ver todos vocês, porque é impossível vê-los, porém é fantástico saber que estão aí, escutando. E o coordenador nos pediu algumas experiências de leitura, eu vou atender esse pedido, me parece importante.

Minhas experiências com leitura foram sempre frustrantes, por isso persistia em ler. Se tivessem sido experiências fe-

lizes, teria abandonado rapidamente a literatura. A primeira experiência da qual tenho consciência da frustração da leitura foi aos 17 anos. Eu era uma leitora voraz, porém disso não vou falar, e assistia, aos sábados à tarde, a uma tertúlia de uma espécie de filósofo aficcionado, também aficcionado à estética, que falava sobre temas estéticos e literários. Ele estava um pouco doente, fazia-nos ler em voz alta algumas obras que tinham como tema a enfermidade, por exemplo, *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói. Um sábado, ele tomou conhecimento que eu sabia bem inglês e me disse: “Não te animas a traduzir um canto de Ezra Pound?” É claro, Ezra Pound é o poeta mais difícil da língua inglesa. Eu que não tinha ideia quem era Ezra Pound, lhe disse: Como não?! “Traga-o sábado que vem”. Comprei uma edição dos versos de Pound, peguei a edição, abri, puxo a máquina de escrever, e começo a traduzi-lo. E não pude traduzir um verso; não, dez versos; cinco versos, das seis ou sete páginas que tinha o poema completo, sendo que não pude traduzir um verso, não entendi literalmente nada. Entendia palavra por palavra e não entendia disso, que era como a explosão de Hiroshima, nada.

Claro que a humilhação foi grande, porém, de todas as humilhações, eu tomei uma lição, isso se trata da poesia moderna. Não é Pablo Neruda simplesmente, o qual vinha lendo, sendo que a poesia moderna é isso. Para que tenha uma ideia no meio da página de Pound pode haver um ideograma, ou seja, que eu simplesmente não entendia as palavras e longe de mim estava saber nem sequer o tino desse ideograma.

Segunda experiência de leitura, já tinha 18 anos. Estava já na Faculdade de Filosofia e Letras, no segundo ano, na disciplina de Literatura Inglesa, que não era a de Borges, mas de uma pessoa que trabalhava para Borges. Deu-nos para ler um poema, de um grande poeta inglês, Blake. Eu o li, é um

poema muito conhecido de Blake, que se chama “O tigre”. Eu lia o poema e, nesse caso, entendia verso a verso, perfeitamente, porque era muito simples, “Tigre, tigre que flamejas, nas florestas da noite”. Era simplíssimo. Eu dizia algo tão simples não pode ser, algo tão simples não pode ser possível. Li e reli duas, três vezes, e fui ao instituto onde trabalhava o professor. Encontrei-o e disse: veja, você me deu para ler este poema e eu não entendo nada, entendo as palavras, porém não sei o que me quer dizer esse homem. O professor se tomou 15 minutos, deixou comigo o poema, e na metade dos 15 minutos, eu senti que minha cabeça fazia um *crac*, senti fisicamente, senti fisicamente uma ferida no meio do meu cérebro. Foi assim minha iniciação à literatura, foi uma ferida cerebral. Senti um *crac*, aí disse: disso se trata, não, disso se trata o poema de Black, disso se trata a literatura. Não só ler como já havia lido as novelas de idioma francês, idioma russo impulsionada pela intriga, sim, que há outra coisa que é muito perigosa que exige muito trabalho e que “esta repuesto a ponerle este trabalho e as vezes não quer ponerse”.

Não lemos permanentemente as quarenta últimas páginas de *Ulisses*, de Joyce. O leitor que diz que permanentemente está lendo, mente. Se alguém diz que permanentemente está lendo Joyce, ele está mentindo. Lemos diferentes níveis de literatura, porque senão viveríamos num estado de vida mental permanente. Porém, sabemos que nesse momento em que o texto nos parte a cabeça é, talvez, o momento mais espetacular da vida. Não acontece muitas vezes. Depois que passa muito tempo lendo, faz leituras burocráticas, leitura por compromisso, isso passa em alguns momentos de extrema atenção.

Essas foram minhas experiências de leitura. Minhas outras experiências de leituras são as que estão inspiradas na

proibição. Desde pequena sabia que havia livros na minha casa que não eram para crianças. Esses eu devorei, *A romana*, de Alberto Moravia, que creio que li aos 11 anos. É a história de uma prostituta, nunca voltei a ler. E o primeiro encontro da prostituta nua com seu cliente me levou ao paroxismo. Isso também é literatura. Os livros proibidos, importantíssimo, esses livros proibidos têm que estar ao alcance de todos os jovens. Parece algo imoral. Em lugar de colocar só bons livros, eu diria que os livros proibidos devem estar ao alcance de todos os jovens, com grandes cartazes que digam esses livros são proibidos, são maus para a saúde. Só há um caminho de ida, como se diz para a droga, só um caminho de ida, não os tome, pior que um cigarro de cocaína etc., etc. Onde vamos colocar tudo isso? Porque a estratégia da proibição funcionou muito bem, funcionou bem para toda uma geração de leitores.

Isso, a respeito da primeira pergunta. Quanto à segunda pergunta, como funcionam as instituições a respeito disso? Eu creio que as instituições têm que funcionar, seguindo alguns modelos que tiveram êxito. Esta manhã mencionávamos, numa reunião de imprensa que tivemos com Alberto Manguel, um modelo exitoso, que é quando a escola constrói a capacidade de ler de quem seja analfabeto. E nesse momento a escola deu ao mercado editorial, e ao mercado de jornais e revistas, seu público. É como se você construísse um *shopping* no meio do deserto e de repente o Estado traz os clientes. O Estado, o pulso, a indústria editorial, a indústria de jornais e revistas, seu público possível, porque alfabetizou. Isso é muito notável no Cone Sul, na Argentina, no Uruguai, no Chile, que são países de alfabetização muito cedo, onde as crianças emigram, se nacionalizaram na escola pública e gratuita, aprendendo a ler. Então, a combinação, eu creio que não há

política de livro, que não seja uma política que combine com as políticas de escolaridade.

O caso do Brasil, recém-mencionado por Affonso, a gigantesca revolução da escolaridade que significou Paulo Freire, logo foi modelo para todos os projetos de alfabetização em sociedades camponesas, um modelo extraordinário nos anos 60 e 70. Assim, a política virtuosa do livro é a política na qual a escolaridade pública e gratuita, vá buscar as pessoas distantes. Não espere as pessoas na escola, mas, vá buscar no fundo, se combine com a enorme magnanimidade na distribuição dos livros. Os livros têm de estar aí, disponíveis, postos ao alcance, para que como contou Alberto com a *Ilíada*, um camponês fique com um exemplar. Não necessariamente se fica com a *Ilíada*, alguma vez se fica com um exemplar da revista *O gráfico*, uma revista de esporte na Argentina. Alguma vez se fica com um exemplar da revista de esporte.

Na minha experiência como investigadora, estudei de que maneira um público gigantesco, de centenas e milhares de pessoas, começa seu caminho como leitor, lendo folhetins sentimentais. Literatura de quarta, impossível, de quarta. É horrível. Um *best seller* norte-americano, e pior, é o prêmio Nobel dado a um folhetim sentimental que é lido nesse momento, como a literatura de cordel, que funcionou também em algumas regiões do Brasil.

Retornemos ao nível de leitura. Os valores estéticos não entram nessa discussão. Parece-me que com os valores estéticos poderíamos fazer outra discussão, na qual me colocaria muito exigente, muito vanguardista, porque minha formação é vanguardista e minha formação é experimental, portanto, não vamos discutir.

Terceiro ponto, novas tecnologias. Há uma nova tecnologia, inventada há pouco, faz pouco para a história da hu-

manidade, que segue em pé, a tecnologia se chama escritura alfabética. Custou inventá-la, não é universal, há países que não têm essa escritura alfabética, há, todavia, países que têm escritura ideogramática que enfrentam alguns problemas por terem escrita ideogramática, porém há uma tecnologia que é nova na história da humanidade e que segue sendo de uma eficácia extraordinária. Tão ricas, que a última tecnologia, que é naturalmente a digital, se maneja com a escritura alfabética. Começou manejando-se com escritura matemática, zero um, zero um, e para ter o alcance dos homens e das mulheres, adotou a escritura alfabética, que é uma passagem. Os mais velhos daqui recordarão, entre o sistema operativo, no qual não teria que tipizar algumas coisas, e o sistema analógico intuitivo de Windows, ou seja, as tecnologias se sucedem no tempo, porém, não necessariamente se repetem.

Há uma tecnologia como a bicicleta, que as cidades mais progressistas do mundo têm como tecnologia de ponta. Por exemplo, Berlim, Bruxelas, Amsterdã são cidades progressistas num sentido ideológico, no sentido urbanístico, e têm a bicicleta como uma tecnologia de ponta. A bicicleta serve, no extremo Oriente, para resolver problemas urbanos, ou seja, ela não foi superada pelo transporte espacial, é uma tecnologia que se mantém. Portanto, a problemática que trouxe a internet deveria ser uma problemática, mas que nós nos dediquemos a pensar mais em termos formais, e, com isso, deixo a pergunta e, posteriormente, podemos voltar a ela: que tipo de leitura é a da tela? Sem dúvida, o que vemos, muitas horas diárias em tela, sabemos que sua leitura é diferente da leitura sobre o papel. Dizer diferente já sabemos que não é dizer nem melhor, nem pior, é diferente. Os americanos usam um verbo para denominar o tipo de circulação que fazemos por internet e esse verbo é *to surf*, surfar. Ninguém usaria o verbo surfar

para o uso de livros sobre o papel. Surfar é algo que fazemos em tela.

O que nós devemos perguntar, antes de qualquer posição melancólica sobre a internet, é que tipo de leitura está anunciando? Todavia, não anuncia nem um tipo de literatura. O que se vê na internet não é uma literatura nova, é uma má literatura velha, é uma literatura que não necessita editor. Porém, anuncia-se um novo tipo de leitura, e o novo tipo de leitura pode anunciar um novo tipo de literatura, ou seja, essa tecnologia como altera nosso sistema perceptivo e nossa sensibilidade. Sobre isso podemos seguir falando.

Kate Wilson



Nasceu na Escócia, estudou na Inglaterra e na Bélgica, graduando-se na Universidade de Oxford. Começou sua carreira em editoras vendendo direitos de literatura adulta e de livros infantis. Há mais de vinte anos, como especialista, se dedica a livros infantis. De 1994 a 2004 foi diretora editorial de livros infantis da Macmillan. De 2004 a 2009 foi diretora executiva da Scholastic UK Ltd. Após uma breve incursão pela edição de livros para adultos, fundou sua própria editora, a Nosy Crow Publisher, no início de 2010.

Obrigado. Isso é assustador. Posso dizer isso. Nunca tive tantas pessoas me ouvindo, e deve haver uma razão para isso. Embora seja uma estrangeira aqui, não falo português, sinto que estou entre amigos. Talvez seja porque esse espaço esteja cheio do que nós chamamos de “leitores anônimos”. Preciso pedir desculpas por duas coisas, uma é que não falo português, como vocês ficaram sabendo. Sou uma empresária, uma pessoa de negócios, uma editora. Através do Affonso, nós descobrimos como somos úteis. Por ser uma mulher de negócios, não posso simplesmente falar, vou precisar mostrar figuras para vocês.

Vou falar sobre o leitor contemporâneo. Para mim, o leitor contemporâneo é o leitor que está sendo formado agora, e é uma época muito importante, um momento poderoso para ser um leitor. Também é um momento importante para ser editora e para ser escritor. Como disse, vou falar sobre duas coisas: o comércio e *marketing* digital, e o produto digital.

Produto digital não é exatamente livro digital. Como a Beatriz disse, é coisa diferente ler digitalmente do que ler numa página impressa. É um processo criativo diferente e, com certeza, um processo de edição diferente também. Vou dizer como a venda e o comércio costumavam ser na Inglaterra e nos Estados Unidos, e talvez aqui também. Nós costumávamos ter um escritor, no caso Kafka, e um editor que não tinha rosto. Então havia as livrarias, os críticos e os leitores. Tanto para o escritor quanto para o editor, e para as livrarias, os leitores todos tinham a mesma cara. Nós não sabíamos o que eles gostavam de ler ou o que eles queriam, e a vida era fácil, assim, sem muitas linhas.

Nós temos um escritor e, às vezes, múltiplos criadores. Nós temos editores que têm de ter um rosto, temos livrarias que são feitas de tijolos, mas, pelo menos nos Estados Unidos e na Inglaterra, temos livrarias que são virtuais, e no Reino Unido, no momento, um a cada quatro livros é comprado *on-line*. E agora temos novos leitores, novas pessoas, que são comunidades de leitores, e os conhecemos porque, agora, estão *on-line*. Ainda temos os críticos. Nosso equilíbrio de poder entre os críticos e os leitores *on-line* está mudando e os leitores se importam, se preocupam mais com que outros leitores iguais a eles querem ler. Eles não se importam com o que os críticos dizem. Os leitores, no meio de tudo isso, dessa vez, têm rosto, não têm a mesma cara, sabemos quem são, sabemos quem vocês são, e agora as relações são muito mais com-

plicadas. Não são unilaterais, são de mão dupla, pelo menos. Então, pela primeira vez, no último fevereiro, a venda dos livros eletrônicos ultrapassou a venda dos livros impressos. Não está todo desenvolvido no Reino Unido, mas é uma evolução. Provavelmente uma revolução que vai acontecer em toda a parte.

Os motivos pelos quais as pessoas escolhem ler livros eletrônicos são as razões que todos nós temos e têm a ver com a conveniência e portabilidade, eles são capazes de abranger as coisas. Têm a ver com a percepção de que os livros eletrônicos são, também, ecologicamente mais corretos, e têm a ver com o fato de que os leitores acreditam que, um dia, serão mais baratos ou gratuitos, e parece, para mim, que nenhuma dessas razões vai deixar de existir.

Affonso e Beatriz falaram que essa leitura contemporânea começa na escola e na infância. Essa é uma pesquisa americana, mas com crianças de vários países. Das crianças entre quatro e cinco anos, 14% são capazes de amarrar os sapatos; 21% têm capacidade de operar pelo menos um aplicativo do *smartphone*, e 30% nos Estados Unidos, 22% nessa faixa já podiam pelo menos acessar um *site*; 28% no Reino Unido, abaixo de 6 anos, têm uma TV no seu próprio quarto; 34% poderiam abrir um *site* da web; 76% podiam operar um jogo de computador. Diante disso, podemos dizer que não se deve oferecer esse tipo de leitura para as crianças?

O que espero que aconteça é que haja mais livros a serem comprados *on-line* em muitos países. Isso é importante porque, quando vou numa livraria, não sei o que vou comprar, mas quando compro *on-line*, sei o que quero. Isso é muito importante, tem implicações importantes para os escritores. Vai haver mais *marketing* com um objetivo profissional direto, isso significa que vou saber o que você quer ler, porque sei o

que você já leu antes. Acredito que vai haver uma confiança maior na opinião de parceiros, na opinião da comunidade, na recomendação dessa comunidade, e há expectativas maiores de que o autor ou ilustrador poderá ser acessado e conhecido *on-line*. A marca da editora vai se tornar cada vez mais importante, mas isso não significa que todas essas marcas sejam de massa. Uma das coisas importantes sobre esse espaço é que as pessoas entusiasmadas em relação a algo específico podem encontrá-lo e conversar umas com as outras. Mas também acho importante que as grandes editoras o façam oficialmente. Isso vai fazer com que eles vendam mais livros à custa de editoras menores e autores menos conhecidos.

Agora, então, sobre o produto digital. Mais experiências de leitura serão digitais. Vão aumentar as expectativas de que os produtos digitais sejam gratuitos ou mais baratos. Os leitores vão querer interagir com o texto, então a ideia de autores múltiplos vai aumentar. Eu acho que há muitas pessoas novas e não vão se importar de como nós fazíamos as coisas antes. Há autores que já venderam um milhão de cópias nos Estados Unidos e não têm uma editora. Alguns serão escritores tradicionais, mas outros terão novas habilidades midiáticas. Haverá codificadores de computador, músicos, atores, todas essas pessoas envolvidas em novas experiências leitoras, e vai haver um número muito maior de livros feitos por mais de uma pessoa. Nós vamos continuar acreditando que a literatura digital é mais amigável ao ambiente do que o papel. Isso tem implicações importantes para as visões do futuro. Ao invés de palavras paradas numa página, nós teremos camadas de vídeos sobre o texto. Vamos acrescentar fotos, hiperlinks, envolver redes sociais de leitores, que vão adicionar seus próprios vídeos, fotos e informações. De modo que esses livros multimidiáticos se tornam vivos, respirando,

e como obra de arte. Ela pode muito facilmente ficar fora do trabalho, então pensa o que vai acontecer e qual é o papel dela. No final, se existe conteúdo e houver palavras, quem conecta essas duas coisas? E qual é o meu trabalho, a minha função ao conectar essas duas coisas? Essa é a pergunta crucial para editores no momento.

Já trabalhei em grandes empresas. Agora tenho uma pequena. Eu publico livros digitais e aplicativos digitais. Mas a coisa mais importante que faço é me conectar com os leitores. Por muito tempo os editores entregaram essa relação para as livrarias e acho que nós devemos parar com isso. Então nós temos blogs, usamos o *Twitter* e o *Facebook* todo o tempo. E, como uma editora pequena, temos uma vantagem, não somos um gigante corporativo, mas podemos ser nós mesmos. E posso falar sobre estar aqui pessoalmente, tanto quanto posso falar sobre os livros que publicamos. Conectar com os leitores é parte do que considero uma das coisas mais importantes e a outra parte é criar ótimas experiências leitoras.

Esse é um aplicativo que acabamos de criar. Eu não estou dizendo que isso seja grande literatura, que seja o caminho final, mas, para mim, numa editora pequena, esse é o começo. Obrigado.

QUESTÕES LEVANTADAS

Alberto Manguel – Muito interessante a exposição. Não sabia que parte desse tema era a deformação do leitor. Os argumentos que nos expôs a senhora seriam cômicos se não fossem nocivos. Creio que esse tipo de argumento comercial para vender produtos, que a maioria dos consumidores parece querer, pode aplicar-se utilmente à venda de pizza, por exemplo, ou à venda de outros produtos de consumo. A leitura não é uma atividade de consumo, o livro não é um produto de consumo, apesar de os comerciantes quererem nos fazer crer.

Há, certamente, objetos preparados, como os da senhora, como fazem os editoriais de *best-sellers*, as obras de Paulo Coelho, por exemplo, ou esse tipo de burrito animal, que perfeitamente se podem vender a um público mais ou menos jovem, mais ou menos inteligente, ou mais ou menos adulto. Aprender a ver é outra coisa. Há estudos biológicos muito eficientes que mostram que a atividade do cérebro da criança é distinto quando lê, quando aprende a ler um texto e, quando vê os burritos animais, passa para outra parte do cérebro.

Há outro problema muito grave, quando se apresenta a uma criança de quatro ou cinco anos a uma tela, e o intercâmbio social e a aprendizagem do intercâmbio social se faz com uma tela. Há todo tipo, não posso agora entrar em detalhes, porque seria muito longo, de problemas fisiológicos que se criam, problemas afetivos e outros, todo tipo de problema na linguagem quando utilizamos este tipo de tecnologia para aprender a ler. Parece-me, muito bem, como existem os jogos de vídeo, que exista o sexo virtual, exista um montão de outras coisas. Porém, associar isso à leitura, promover esse tipo de tecnologia para aprender a ler, me parece uma das piores coisas que pode fazer uma sociedade que queira manter-se inteligente, ativa e, sobretudo, literária. Obrigado.

Kate Wilson – O que me preocupa é o aletramento. Não me importo com o que as crianças leem, desde que leiam, porque existe uma coisa diferente que são as nossas pressuposições sobre o que as crianças querem ler e a linha de base é que as crianças leiam por prazer. Não importa o que elas leiam, mas que se saiam melhor na leitura, se saiam melhor na escrita, que se saiam melhor na escola. Que sejam mais imaginativas e mais criativas, que tenham melhores relações sociais... Dar um direito à leitura é uma plataforma social e o que ela quer fazer é torná-las melhores leitores.

Affonso Romano de Sant’Anna – Vocês perceberam que nós temos duas posições diferentes. A Kate está preocupada com o *marketing*, divulgação, a forma visual e diz que não importa o tipo de material de leitura, tem uma visão quantitativa. O nosso Manguel tem uma visão qualitativa, está defendendo a leitura no seu sentido vertical; Kate, leitura no sentido horizontal. Eu quero apenas colocar uma perplexidade, que é uma terceira posição.

As pesquisas feitas recentemente com as novas gerações, a partir dos anos 80, o pessoal de *marketing*, de antropologia, de sociologia, chegaram à conclusão de que existe uma geração chamada “geração Y”, e depois existe uma geração chamada “geração Z”. A geração Y se caracteriza por fazer cinco coisas ao mesmo tempo, são os nossos filhos, os nossos netos, que têm uma percepção dispersiva e vasta, em oposição à nossa tradicional formação, que é mais verticalizante. A geração Z são os que vivem zapeando, são os fragmentos. Eu tenho uma tendência a não querer condenar simplesmente essas novas gerações. Acho que existe uma coisa nova que está no ar e nós temos que entender. A leitura, à qual fui habituado, é a verticalizante, de concentração. Mas existe outro tipo de leitura que está surgindo. Eu acho que nós estamos

diante de uma indagação, uma perplexidade. Eu gostaria que estivéssemos abertos para essa coisa que vai ser o século XXI.

Beatriz Sarlo – Creio que existem os joguinhos para a internet, que creio recordar que a expositora não chamou livro, ou seja, este é um joguinho criado para a internet e nos foi apresentado, nenhum de nós apresentou um livro sujo. A expositora apresentou uma obra cuja direção foi encenada. Se eu tivesse apresentado um livro meu, haveria uma crítica sobre este, porque seria a minha hora. Tu apresentaste um livro teu e fizeram uma crítica do que tu apresentaste.

Olhei com muita atenção o produto que foi apresentado e tenho, pelo menos, duas coisas a dizer. Em primeiro lugar, o desenho, tanto o gráfico como o das palavras, dos logos, atrasa quarenta anos. Quer dizer que está apresentado no meio, que deveria ser na ponta, e o desenho é esteticamente atrasado, confirmando uma tendência do desenho para crianças quer favorecer uma olhada *kistch*. Cinderela estava escrito, favorecendo uma olhada *kistch*. Esta seria uma crítica que faço ao desenho.

A segunda crítica é mais de conteúdo. Supõe a formação de crianças amnésicas ou, pelo menos, anistóricas. Vou dar um só exemplo, não vou falar da casa, nem da decoração da casa, vou ao exemplo dos bailes, das danças, que dançam o príncipe e a princesa. A mescla de ritmos, um baile tipo 1950, orquestra de *swing* norte-americana, há um baile disco. No mesmo tempo de espaço, o que favorece é uma mescla anacrônica que impede o exercício interessante no qual as crianças possam ir mudando as músicas, num exercício enriquecedor. Parece-me que falta pensamento ao conteúdo. Essas são as minhas críticas, são críticas internas ao produto e não à religião e à persuasão que faz ao produto.

Fabiano dos Santos – Acredito no poder das palavras, que nós podemos fazer coisas com as palavras, e que as palavras podem fazer coisas com a gente. Numa obra do Walter Benjamin, abordando o tema literatura infantil, diz que uma das funções da ilustração é levar a criança à palavra. O Manguel falou aqui na exposição dele, da leitura como a experiência do mundo pelas palavras. O *crac* na cabeça da Beatriz Sarlo, segundo ela, foi o momento mais espetacular da sua vida. Foi a partir de uma leitura, de um contato com as palavras. Ao mesmo tempo, ela perguntou, que tipo de leitura se anuncia para os dias de hoje. Isso nos leva quase que inevitavelmente para as questões do livro impresso e do livro digital. Como é que a gente vai estar convivendo com esses dois suportes de leitura, sem que a gente perca essa questão da experiência do mundo pelas palavras? Então, esse debate sobre o livro digital, ou sobre o fim do livro, me faz sempre imaginar, às vezes, um debate um tanto histérico, porque se fala muito no fim do livro. Eu creio que, nos suportes de leitura, o livro pode ser das mais diversas formas, e daí a preocupação maior da Jornada. Esta traz uma defesa importante, a defesa da literatura. A Jornada de Literatura de Passo Fundo traz uma defesa que é a formação do leitor, a formação de uma cidade de leitores como Passo Fundo, a formação de leitores do estado do Rio Grande do Sul, do Brasil. Ela passa por uma defesa que se dá por meio de uma literatura. É a literatura que nos leva para uma formação leitora mais ampla no sentido da compreensão do mundo.

Então, vou lançar aqui para os nossos convidados a seguinte questão: o que seria mais crítico, preocupante e alarmante, o fim do livro ou o fim da leitura, o fim da literatura? Vocês conseguem perceber o mundo sem as metáforas, por exemplo?

Affonso Romano de Sant'Anna – Há uma história na história do Brasil muito ilustrativa. O marechal Rondon foi nomeado pelo governo federal para sair colocando postes e fios para estender o telégrafo com fio por todo o país. Ele atravessou Mato Grosso, Goiás, chegou à Amazônia, estendendo os postes e os fios. Quando ele colocou o último poste com o fio na fronteira da Bolívia, chegou-lhe a notícia da descoberta do telégrafo sem fio. Portanto, nós estamos numa situação semelhante, apenas estamos atentos a essa modificação que está em curso.

Vou falar pouco, mas não poderia deixar de discordar do Manguel, quando diz que a literatura não é um assunto de consumo. A experiência que nós temos, os brasileiros, é que a maioria nunca foi apresentada ao livro e aqueles que foram apresentados ao livro, uma grande quantidade, se interessou pelo livro. E nesse sentido há todo um movimento de massa e de consumo. Quando a escola faz ênfase na literatura e na leitura, é um consumo, e a escola sempre teve um papel muito grande. Eu queria informar aos nossos amigos que, no Brasil, atualmente, existe um movimento maravilhoso, eu repito, a Jornada faz parte disso, para que o livro chegue a todos os brasileiros, e a leitura seja um ato normal dentro da vida do brasileiro.

Pergunta: Na sua fala inicial, Affonso, percebe-se que as editoras estão em crise pelo excesso de estoques de livros. Gostaria de dizer que a maioria dos professores gosta de ler, tem interesse em livros, mas as dificuldades financeiras, salariais, nem sempre permitem que sejam adquiridos todos os livros que desejam. Se os professores são os responsáveis por incentivar e formar leitores e não conseguem comprar livros, por que as editoras não investem em edições mais acessíveis, mais baratas, para que tenham o lucro que desejam? O que esperar de um país onde os responsáveis pela cultura não in-

centivam eventos culturais? Diante de tantas bolsas, por que não há bolsa-livros?

Affonso Romando de Sant'Anna – A pergunta já é uma resposta e nos conduz para uma resposta global. Nós não sairemos dessa crise, não resolveremos o impasse sem coordenarmos leitura, livro, leitor, bibliotecas, editoras etc. A solução não vem de uma parte. Se nós colocarmos livros na mão de todos os professores, mas não cuidarmos da leitura, não ensinarmos os professores a ler. Os professores têm que ler, os alunos têm que ler.

Quando se fez uma experiência na PUC, da UERJ, de custo de leitura para professores de filosofia e de história, foi uma surpresa. Os professores de filosofia e história não sabiam ler, ou seja, liam o aspecto aparente das palavras. Portanto, a leitura é uma tarefa não apenas do analfabeto, é uma tarefa de todo mundo. Temos que aperfeiçoar os modos de ler. Então, temos que refazer o quadro editorial, o caso das livrarias, o leitor, o sistema.

Pergunta: Kate, você não acredita que a literatura no meio digital faz com que percamos a verdadeira essência do livro, da literatura internalizada?

Kate Wilson – Gostaria de dizer que também produzo livros impressos no papel, além dos livros eletrônicos. Estou preocupada, com medo de ser expulsa como uma bruxa. Eu falei para vocês sobre a questão de se conectar com os pais das crianças. Uma coisa que acontece na minha editora é que as pessoas frequentemente mandam vídeos mostrando os seus filhos. Meu favorito é um de um menino de seis anos, ele conhece as letras, mas não sabe escrever.

Alcione Araújo – Quando surgiu o cinema, os apocalípticos disseram que o teatro acabaria. Umberto Eco diagnos-

ticou os apocalípticos integrados quando surgiu a TV. Hoje existe o teatro, o cinema e a TV. Por que a leitura deve ser apenas linear se as crianças convivem com o cinema, TV, teatro, *games* etc.? Todas as narrativas são bem-vindas, o resto é preconceito e temor.

Kate Wilson – Eu acho que tecnologia não é exatamente literatura, nós estamos criando oposição onde não deveria existir. Tecnologia é uma ferramenta, cabe a nós decidimos como usá-la, mas acredito que a tecnologia tenha possibilidade de tornar mais leitura acessível a mais pessoas. Vocês podem nem sempre gostar, mas vai haver muitos tipos diferentes de literatura e mais pessoas serão capazes de acessá-la. Eu acho que isso é bom.

Pergunta: O Affonso escreveu nesse livro, *Ler é o mundo*, um artigo, “Ler é uma tecnologia”. Então, gostaria de lançar para todos os convidados essa questão, que ler é uma tecnologia a partir de dois elementos. A primeira é o que o Affonso na fala dele disse que a sociedade está descobrindo a leitura como passaporte, fazendo um trocadilho. Então, eu faço um outro trocadilho que seria passaportes da leitura. Os meios, as tecnologias, os vários suportes de leitura. Que suportes podem ser esses?

Affonso Romano de Sant’Anna – Eu acho que a questão da leitura e da tecnologia se resolve quando nós temos um conceito novo de leitura. A leitura é uma tecnologia, não briga com a tecnologia em hora nenhuma. Na história da humanidade, a descoberta do fogo foi uma tecnologia. A descoberta da roda foi uma tecnologia. A descoberta do alfabeto propôs uma tecnologia revolucionária. Então, o que estou tentando nesse livro é introduzir um conceito mais amplo de leitura, que não brigue com a ideia de tecnologia. Porque vocês que são estu-

dantes de Letras, são professores, leram dos anos 70, um livro de Roland Barthes, chamado *O prazer do texto*.

Roland Barthes era muito simpático, muito inteligente, mas se equivocou em muitas coisas. A leitura que ele fez da questão da leitura era uma leitura ainda psicanalítica, ligada ao prazer apenas. Leitura não é apenas um prazer, leitura é um trabalho. É assim que o cientista faz, é assim que o pesquisador faz, é isso que o romancista faz, trabalhar a linguagem. Portanto, se nós mudarmos o conceito, acabará esse conflito entre tecnologia e leitura como se fosse uma coisa imponderável. É disso que eu trato, entre outras coisas, nesse livro.

Pergunta: Tenho uma curiosidade há muito tempo, no seu *Dicionário de lugares imaginários*, o senhor fala só de sonhos. O senhor não acha que o livro digital acena às crianças um mundo imaginário, proporciona às crianças um outro mundo imaginário?

Alberto Manguel – O livro digital um sonho? O mundo imaginário das crianças, pode ser, o mundo dos sonhos tem de tudo. Tem as coisas mais incríveis, as coisas mais banais. Por que não um livro digital?

Eu aproveito essa pergunta para dizer o seguinte: não importa que tecnologia usamos, e como recordou o companheiro, o fogo é uma tecnologia, a roda é uma tecnologia, pouco importa. O que importa, eu creio, e sobretudo quando se trata de exercitar o músculo da imaginação, é posicionar-se contra o racionamento dos sonhos. Trata-se de não tratar as crianças como estúpidos.

Eu creio que o primeiro impulso de qualquer interessado na leitura tem que ser de reconhecer a inteligência com que viemos ao mundo e tratar de não suprimi-la, não sufocá-la e, sim, exercitá-la, com essa dificuldade que você mencionava,

que é uma dificuldade na leitura que leva ao prazer. Então, eu creio que isso é importante, alimentar os sonhos, a imaginação com inteligência, e não com bobagens que inventamos, porque cremos que as crianças não podem entender mais do que isso.

Kate Wilson – Há várias questões sobre o quanto a tecnologia pode tornar as crianças imbecis. Continuo dizendo que a tecnologia não faz nada, nós fazemos. Essas são nossas escolhas. O que mostrei foi o que me pediram para mostrar, porque é considerado como algo que está à margem, na beira da interatividade, isso me parece interessante. Tenho a noção de que as crianças na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos tendem a ler com menos frequência, e elas dizem, isso não inclui pesquisas no Brasil, que elas gostam de ler menos. Eu acho que há um risco, que essas crianças têm a tendência a passar mais tempo diante da tela, e se não lhe dermos oportunidades para leitura na tela, vão simplesmente ler menos. No fim das contas, o que o torna um leitor é a prática. Desde que você comece, você tem a oportunidade de ser um leitor voraz. Todos aqui nessa sala começaram com a leitura de algo muito simples, uma figura, uma palavra e agora nós somos leitores contemporâneos.

Pergunta: A senhora mencionou a sua experiência com a leitura censurada, algo que acredito não existir hoje em dia, no entanto, em literatura juvenil, ainda fala-se em literatura para meninos e meninas. O que a senhora acha disso?

Beatriz Sarlo – Não tenho a menor ideia, não penso a literatura nesses termos. Eu poderia dizer que toda a literatura de aventura. Eu, como menina, lia na minha infância, que é literatura de piratas. Exceto *Iolanda, a filha do Corsário Negro*, era toda literatura cujos protagonistas eram

homens. Parece-me que isso é um problema que se introduziu agora. Antes não havia preocupação dos pais que as mulheres não eram piratas, se preocupavam só que os homens teriam que ser piratas. O mesmo em Júlio Verne, o mais interessante são os personagens masculinos.

Os grandes personagens da literatura juvenil são masculinos, não sei se apareceu um personagem feminino. Meu grande livro de infância tem quatro personagens femininos, nada me atraía como livro liberador das mulheres. A versão completa de *Mulherzitas* era um tomo maravilhoso, encadernado, e não me foi apresentado como livro de mulheres. Em geral, eu não tendo a pensar que os livros são coisas terríveis por personagens masculinos e bons com feminino. Não estudo a literatura feminina, estudo literatura que escreve mulheres, homens ou o sexo que seja, transexuais, me dá o mesmo. Não me especializo numa zona da literatura, não é essa minha perspectiva.

Kate Wilson – Estamos num mundo que há uma grande divisão de gêneros. Os produtos são ou para o público masculino, ou feminino. Isso é, realmente, algo que se pode lamentar. Eu me preocupo com o que isso realmente significa para as minhas filhas. Isso significa que assumo a minha responsabilidade como editora. Nós lemos ficção por duas razões principais: uma é para ver o reflexo de nós mesmos e outra é para estar no lugar do outro, de vez enquanto. E uma das coisas que a literatura e a leitura podem fazer é nos dar a experiência do outro. Então, é muito bom quando as minhas filhas escolhem ler sobre garotos, e eu gostaria que mais meninos escolhessem ler sobre as meninas. Isso acontece cada vez com menos frequência.

Pergunta: No Brasil, um dos maiores leitores de literatura infantil é o governo. Qual sua opinião sobre isso?

Affonso Romano de Sant’Anna – Esse é um problema editorial e literário brasileiro. O grande comprador de livros é o governo, isso é ótimo, o governo tem obrigações, mas isso é péssimo, porque a indústria editorial está acostumada a viver às custas do governo, ou seja, criou-se uma armadilha: o governo tem que comprar livros para as escolas e os editores têm o governo como seu cliente. O problema é que a indústria editorial tem vários problemas hoje. Esse é um, o outro é o excesso de livros. Por isso, os editores têm de começar a pensar no leitor.

Deixa-me dizer alguma coisa sobre leitor adulto e leitor infantil, uma historinha. Minha mulher, que é autora de literatura infantil, vocês conhecem Marina Colasanti, quando fez o seu primeiro livro, chamado *Uma ideia toda azul*, mandou para a editora Ática. Esta respondeu que aquele livro não satisfazia, porque eles queriam um livro para crianças entre seis a oito anos. Livro recusado, isso nos anos 70. Outra editora editou e, para surpresa, o livro já vendeu mais de trezentos mil exemplares. Pessoas de oitenta anos estão lendo esse livro. Quer dizer, a ideia de literatura infantil, juvenil, como idade, como cronologia, é um vício pedagógico que pode ser estudado e até combatido.

Pergunta: Fale sobre o seu novo livro, mais especificamente da frase “tudo é leitura, tudo é decifração”.

Affonso Romano de Sant’Anna – Eu leio o mundo de três maneiras específicas. Uma através da poesia, outra através do ensaio, outra ainda através da crônica. Mas posso dizer que leio o mundo, como vocês, de várias maneiras. Nosso corpo toda a manhã lê o mundo, lê a temperatura, decifra que roupa vamos colocar, se está quente, se está frio, se nós espirramos, o corpo lê o mundo, modificou a temperatura e o

organismo reagiu. Então, ler o mundo, para o nosso pasmo, é uma atividade até das plantas e dos animais.

Quando houve o tsunami lá na Ásia, os cavalos, os elefantes, os cães, os gatos e acredito que até as baratas sabiam com uma hora de antecedência que o tsunami havia começado, menos o ser humano, que não sabe ler a natureza. Nós desaprendemos a ler o nosso corpo, desaprendemos a ler a natureza. E temos que começar a aprender com os animais, com as plantas.

Todo esse movimento ecológico que existe no mundo, hoje, aprendemos o alfabeto natural do nosso corpo e da natureza. Esse livro trata disso, é de como temos que ter certa humildade diante da leitura, até diante do analfabeto. Nós temos a pretensão de letrados, de que o analfabeto não sabe nada, de que ele não tem cultura. É uma mentira. O analfabeto tem cultura. Lévi-Strauss já demonstrava em um de seus ensaios que as sociedades iletradas tinham cultura, tinham sabedoria, às vezes, superior à sabedoria dos letrados. Portanto, meus queridos amigos, nossa situação é pânica, temos que começar a aprender a ler até com os que não sabem ler.

Alcione Araújo – A fala do Affonso foi oportuna para eu participar. É preciso distinguir um pouco, porque a leitura nesse sentido genérico de que a epiderme é capaz de perceber, do que uma atitude intelectual, que percebe os códigos gráficos para fazer uma interpretação, e passa naturalmente pela capacidade intelectual. Mas o Affonso passou pela questão que é a capacidade que o analfabeto tem, e entre eles, as crianças, que ainda não aprenderam o código gráfico, de fantasia. Todas as tribos indígenas fantasiavam. E tudo o que a gente sabe da Grécia Homero contou na *Odisseia*, no século VIII, mas só foi escrito no século IV. Quero dizer que nós esta-

mos aqui a discutir a leitura, por quê? Porque se lê, porque uma criança lê. Porque nós demandamos fantasias, porque nós não estamos satisfeitos na moldura da nossa vida individual ou pessoal, exigimos uma fantasia para compreender melhor o mundo. Essa fantasia é da natureza humana. Antes que o homem soubesse escrever ou ler, ele cantava, era poeta, como fazia teatro, representava imitando os animais, celebrava a colheita, a plantação. Portanto, a fantasia é vital. Por que nós vamos cercear qualquer um dos meios onde a criança pode fantasiar? As crianças demandam fantasias.

No caso brasileiro, se você tem restrições à utilização de um iPad, ou qualquer coisa como essa, como fazem as crianças pobres, cujas mães não estão em casa e elas ficam plantadas na frente da televisão assistindo à telenovela? Elas estão alimentando a fantasia? Estão percebendo o mundo através da Xuxa? E a Xuxa é alguém que tenha pedagogia para informar sobre o mundo? Parece que houve certo desvio sobre o suporte que vai levar à fantasia e a fantasia em si.

Quando surgiu o cinema, se disse: o teatro vai acabar, porque agora o cinema deu toda a fantasia e o teatro vai sumir. Quando surgiu a televisão, se disse: o cinema vai acabar, e agora se tem cinema em casa. Recentemente, quando surgiu o computador e a possibilidade de você assistir DVD pelo computador: agora ninguém vai usar a televisão. Os suportes são simultâneos e estão aí disponíveis. Por que assistir, num iPad, a um filme com essa brincadeira lúdica, impede a criança de ler livros? Onde está escrito isso? Por que necessariamente é preciso tirar um e incluir o outro? O que a tecnologia está nos informando é que você pode ter televisão, ter cinema, ter teatro, ter livro, ter poesia, ter a avó e a mãe que contam história oral e nada disso se perde.

O que eu acho é o seguinte: parece que a discussão se ateve ao suporte e não à necessidade de fantasia, essa é a questão. Agora, se é adequado ou não esta história que está ali, Kate trouxe um modelo de comercialização, que trouxe uma determinada história. Se ela participa dessa discussão, eu achei que a discussão foi interrompida no momento mais caloroso, mais informativo, a hora que o pau ia quebrar. A gente ia saber os dois lados, mas parou, e a gente faz uma Jornada como esta para o pau quebrar. É da discussão que a nossa luz, ou fogo, nasce tudo.

Então, gostaria de retomar a ideia, afinal, por que a gente lê esse tipo de leitura que não é o livro didático? E a gente sabe também, por pesquisas conhecidas, que, quando a pessoa lê muita ficção, ela entende melhor a matemática, a geografia, a ciência, a biologia, porque aumenta o repertório dela de percepção, aumenta o vocabulário. Portanto ela é capaz de entender as nuances todas. Qual é o problema?

Apresente três motivos concretos que a tecnologia causa prejuízos à literatura?

Alberto Manguel – Isso é uma pergunta totalmente absurda. Nenhuma tecnologia causa problemas para a literatura. É como dizer que a fazenda causa problemas à astronomia. Estamos aqui por três horas, me parece uma conversação muito interessante, porém nesse momento vamos começar a repetir-nos e a dizer coisas banais.

Pergunta: O que as crianças leem é importante, sim, e é importante que alguém leia para elas. Como se dá a relação afetiva leitor e quem lê? Onde fica o qualitativo da leitura, do conteúdo?

Kate Wilson – Acho que ler para as crianças acontece, geralmente, com as que não conseguem decodificar as palavras na página. Acho que é muito importante as pessoas que cuidam, que os pais continuem a ler para as crianças. Compartilhar uma experiência leitora é diferente de fazê-la sozinha. Quando minhas filhas tinham dez e doze anos, nós saímos de férias, e eu lia para elas todas as noites. Elas sabem ler, mas foi uma experiência diferente ter lido para elas e compartilhar o livro. Não estou dizendo, de modo algum, que o livro impresso esteja morto e que não seja importante compartilhar os livros com as crianças, mas também acho que as elas estão passando mais tempo diante da tela. E não quero parecer como um disco quebrado, falando da tecnologia, mas se tudo isso estiver lá, além dos jogos, vão fazer diante da tela. Se houver só jogos diante da tela, serão só os jogos que vão procurar. Se nós lhes oferecemos experiências leitoras que sejam emocionantes e envolventes, elas podem passar algum desse tempo lendo e, se houver um componente de áudio, as crianças podem experimentar isso por conta própria. Isso dá poder. Elas não precisam esperar até que a mãe termine de cozinhar para ler o livro para elas. Elas podem experimentar o texto e a história a qualquer hora que quiserem.



Da direita para a esquerda: Fabiane Burlamaque, Fabiano dos Santos, Affonso Romano de Sant'Anna, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo, Ricardo Buchweitz e Kate Wilson



Da direita para a esquerda: Affonso Romano de Sant'Anna, Fabiane Burlamaque, Valentina Baigorria, Fabiano dos Santos, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo, Kate Wilson e Tania Rösing

CONFERÊNCIA: LEITURA ENTRE NÓS - 30 ANOS DE JORNADA

Conferencista: Tania Mariza Kuchenbecker Rösing. De-
batedoras: Rosani Sgari Szilagyi e Lorena Teresinha Consal-
ter Geib.

Rosani Sgari Szilagyi



Boa-noite a todos. Gostaria, neste momento, em nome do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, ex-diretores, ex-professores, atuais professores, ex-alunos, atuais alunos, dizer que é uma alegria imensa viver tão intensamente afetos, emoções, através das palavras e até mesmo das canções que ora foram entoadas. Gostaria de dizer, Tania, e a todos vocês, que o curso de Letras do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas tem 54 anos de vida, e as Jornadas Literárias

completaram trinta anos de vida. Isso significa dizer que, por esse tempo-espaço, viajou a palavra através da Jornada Literária e viajou a palavra através do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Nós nos teclamos, nos desconectamos, nos conectamos novamente e construímos uma rede de relações e vínculos indestrutíveis dentro do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Muitos de nós passamos, outros virão, permanecerão, assim como as letras, assim como as Jornadas e assim como a tua história e toda a tua iniciativa e empreendimento. Agradecemos-te, reconhecemos publicamente, apostamos, acreditamos naquilo que também diz a canção: “crie outros nós entre nós”. Nós do IFCH haveremos de continuar criando nós entre nós e com vocês. Muito obrigada.

Tania Rösing



Possui graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1969), graduação em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (1977), mestrado em Letras: Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987), e doutorado em Letras: Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994). É pesquisadora da Universidade de Passo Fundo – Programa de Pós-Graduação em Letras. Pesquisadora produtividade do CNPq, tem experiência na área de letras, com ênfase em literatura brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura, formação de leitores, literatura, ensino de literatura e múltiplas linguagens. Coordena o Centro de Referência de Literatura e Mídias – Mundo da Leitura e é criadora e organizadora geral das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Foi conselheira do Plano Nacional do Livro da Leitura. Foi vice-reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão da UPF no período de 1994 a 1998. Recebeu inúmeros prêmios e homenagens, entre os quais, troféu Amigo do Livro da Câmara Rio-Grandense do Livro, por duas vezes, prêmio Associação dos Críticos de Arte de São Paulo, prêmio Darcy Ribeiro de Educação, concedido pela Câmara Federal, Comenda da Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República, medalha João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras, Mulher do Ano, categoria Cultura, revista *Cláudia*, prêmio Viva Leitura 2008, Fundação Santillana, Ordem dos Jacarandás, da Câmara Rio-Grandense do Livro, prêmio jornalista Tarso de Castro, Grupo Editorial *O Nacional*, medalha Túlio Fontoura, do jornal *O Diário da Manhã*, além de uma vasta produção científica e cultural. A professora Tania também deixa sua marca

indelével no patrimônio material, com os largos e túneis da literatura da cidade de Passo Fundo, no Centro de Referência da Literatura e Multimeios, e também uma marca eterna no patrimônio imaterial, com o título a Passo Fundo de Capital Nacional de Literatura, desmembramentos desse magnífico movimento chamado “Jornadas Literárias”.

“E Jeová fechou a porta por fora”. (Gênesis 7:17)

A arca foi fechada, ela significa a totalidade reconstituída. Quando o universo está desenfreado, o microcosmo organizado revela ordem, reflete a ordem de um macrocosmo que está por vir. Mas o múltiplo não se deixa esquecer. O dilúvio informacional jamais cessará. A arca não pousará no topo do monte Ararat. O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Devemos aceitá-lo como nossa nova condição. Temos que ensinar os nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar. Quando Noé, ou seja, cada um de nós olha da escotilha de sua arca, vê outras arcas a perder de vista no oceano agitado da comunicação digital e cada uma dessas arcas contém uma seleção diferente, cada uma quer transmitir. Essas arcas estão eternamente à deriva na superfície das águas, de Pierre Levy, no livro *Cibercultura*.

Colega Miguel, coloco-me em interlocução contigo. Miguel Rettenmaier, meu colega, para dizer, vivemos um momento ímpar da história da humanidade nas palavras que apresentam o livro *Questões de literatura na tela*, lançado nesta Jornada com o apoio do programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura. Há um grande contraste com outros tempos onde havia literatura nos livros e a vida fora dos livros.

Muito tempo atrás havia as bibliotecas e as livrarias com os livros e a vida fora das bibliotecas e das livrarias. Também havia os escritores que escreviam os livros e os leitores que liam os livros. Havia os adultos que eram os donos da literatura, escreviam, corrigiam, criticavam, editavam, publicavam,

recomendavam as leituras, quer dizer, impunham as leituras. E os jovens às vezes liam os livros recomendados e poucas vezes escreviam textos, ou melhor, quase nunca, sem que fossem corrigidos pelos adultos, tendo dificilmente publicada a sua produção, embora fossem frequentemente expostos como não leitores e produtores de textos incompetentes. Também havia as autoridades que sabiam e geralmente ensinavam, e os subalternos que, em regra, aprendiam. Havia ainda a fácil linha divisória entre áreas, num mapa aparentemente definitivo para o mundo inteiro. Então, houve o segundo dilúvio que não terá fim.

Estamos vivendo um tempo diferenciado em que pais e professores não conseguem ensinar os filhos, como declara Levy, a nadar, a flutuar a navegar, pelo fato incontestável de que eles sabem muito mais que os mais velhos sobre as superfícies e as profundidades das águas da internet. Mas devemos destacar, nesse contexto novo, na relação dos jovens com os meios eletrônicos, que a literatura é anterior ao surgimento de toda a inovação tecnológica. A literatura vem muito antes, surge muito antes dos nossos pais, muito, muito antes do que nossos avós, muito, muito, muito antes que os avós dos nossos avós. Ela vem de uma tradição anterior aos computadores e ajudou a fazer o que somos hoje, inseriu-se na vida, problematizando e discutindo quase todos os momentos da História com H maiúsculo. Permitiu-se em outras tantas vidas, registrando a particularidade das histórias com muitos H minúsculos. Ela fez e faz o avesso da superfície humana transbordar em alma e profundidade. Ela esteve e está em nossa língua, em nossas falas, em nossos pensamentos, talvez, mesmo, em nossos corpos. E em dado momento, no segundo dilúvio, mergulhou nas águas infinitas da internet, deixando-se contemplar das arcas nas faces das ondas.

Fora dos livros, a literatura ficou sem dono, sem escritores, aos quais se permite escrever, sem leitores que devem apenas ler. A literatura também ficou sem tutores, sem peritos exclusivamente especializados, passou a viver além dos ambientes fechados que a resguardassem, catalogassem e classificassem dentre as mais elevadas produções impressas da cultura. Contaminou entre si a arte e a crítica, o saber e o imaginar. Pela escotilha, a tela, de todas as arcas, pode se ouvir o canto das sereias, livres, um canto diferente, digitalizado, misturado, multivocálico, confuso, e das escotilhas, as diferentes telas pode se replicar a elas.

A ordem ou, talvez, a desordem aparente desses novos tempos, ricos, complexos, desafiadores no que diz respeito à literatura fora dos livros, nas telas dos computadores, é o que leva os leitores navegadores presentes em distintos públicos dessa 14ª Jornada Nacional de Literatura a pensar como percorrer as novas rotas de navegação do mundo, que surge em velocidade incontrolável, pleno de possibilidades, quando se fala relativamente à produção e à leitura literária. Vivemos um tempo em que se amplia a nossa curiosidade sobre os interesses da leitura dos jovens, sobre as sagas envolvidas na cultura digital e nos jogos em rede, sobre as possibilidades de leitura literária na tela, sobre as possibilidades de leitura do espectador de teatro, preocupado com a efemeridade do espetáculo teatral e as influências consideradas um tanto perigosas da tecnologia. Vivemos um tempo em que trabalhamos para transformar os professores em professores leitores, para transformar os professores em mediadores de leitura capazes de entender os diferentes gêneros literários em suas apresentações do meio digital. Vivemos um tempo em que a poesia contemporânea se mostra como poesia digital. Vivemos um tempo em que se questiona o significado da edição e da au-

toria. Vivemos um tempo de atração pelos jogos eletrônicos e pelas possibilidades infinitas de interatividade vividas nos meios *tablets*. Vivemos um tempo em que é crescente o interesse pela ficção hipertextual, observada a maneira como as tecnologias afetam a narrativa literária.

Vivemos um tempo de constatação das relações entre o hipertexto e a literatura infantojuvenil, tanto em narrativas como na poesia. Vivemos um tempo em que se deseja configurar a estética da hipermídia que se envolve em múltiplos códigos, mas vivemos um tempo em que o livro continua a ocupar um lugar importante. Podemos encontrar respostas a essas indagações num livro, num livro coletivo, lançado nessa 14ª edição da Jornada, *Questões de literatura na tela*, cuja organização foi liderada pelo colega Miguel Rettenmaier, ensinando que essas preocupações devem ser compartilhadas com todos aqui.

Segundo Roger Chartier, contra a representação elaborada pela própria literatura do texto ideal, abstrato, estável, porque desligado de qualquer materialidade, é necessário recordar rigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja, que não dependa das formas, através das quais ele chega ao seu leitor. Temos acesso à leitura de materiais os mais diversos. Aprendemos a valorizar e a continuar valorizando do impresso ao digital, mas trabalhamos com a palavra, e a canção da Jornada diz que “pelo espaço-tempo viaja a palavra, deletando os vácuos do esquecimento. Das placas de barro de antigos sumérios chegam ao livro impresso, salta para a internet”. Estamos mesclando palavras e ícones nos novos suportes, que sugerem a inserção de outras linguagens em meio à leitura, mas continuamos a reconhecer na leitura, um ato solitário, profundo, que se abre às possibilidades interativas que nos são oferecidas.

Contrariamos a constatação de que especialmente os jovens leem muito menos na atualidade. Não, nunca este segmento social leu tanto a partir de suas próprias escolhas. Nunca produziu tantos textos, usando palavras e palavras codificadas. Nunca produziu tanto saindo de uma comunicação interpessoal, para atingir uma comunicação ampla. Leem-se textos clássicos? Não, não leem, mas são capazes de dominar a leitura de texto, ao mesmo tempo em diferentes suportes. Leem em profundidade? Não. Mas revelam uma competência invejável ao atingir ao mesmo tempo vários suportes, distintos meios de veiculações, de manifestações comunicativas, culturais e artísticas.

Minha formação leitora aconteceu num outro tempo. Minha trajetória de leitura começa no seio de minha família, quando minha mãe, Mercedes, dedicava-se a contar histórias bíblicas, a cantar canções relacionadas a essas histórias. Transportava-me durante o relato carinhoso e sensível a outros mundos, constatando outros cenários, muito diferentes daqueles que eu vivia, com personagens muito determinadas, que revelavam em cada história, ações repletas de sonhos e sustentadas por princípios ligados à ética, à solidariedade, à vida abundante, plena de sentimentos religiosos. Sentia em sua voz a certeza de que estava vivendo outros mundos, outros cenários, com personagens que revelavam uma outra história, como a do cobrador de impostos bíblico, Zaqueu. “Zaqueu era muito baixinho, muito pequenininho./ Um dia ele numa árvore subiu, procurando ver Jesus./ Então o mestre por ali passou, erguendo os olhos e disse: Desce Zaqueu./ Hoje vou jantar contigo, hoje vou jantar contigo.”

Ouvia do meu pai Gustavo histórias sobre os imigrantes alemães, suas peripécias nos navios para chegarem em nosso país, suas lutas pela conquista da terra, seu trabalho para

transformar a terra em frutos de sobrevivência e de transformação do entorno. Ouvia de meu pai seus sonhos de encontrar, nesta Passo Fundo, panelas de ouro enterradas, deixadas pelos espanhóis, pelos jesuítas e pelos índios. Grande sonhador. Frequentava com meu pai a Sociedade Cultura Artística de Passo Fundo para apreciar concertos de piano, de conjuntos de câmara, para ouvir o recital de Gabriela Mistral, as vozes dos meninos cantores de Viena, exposições de arte. Esses espaços foram a primeira biblioteca audiovisual que frequentei.

Segundo Analice Dutra Pillar, a nossa visão está impregnada de experiências anteriores – associações, lembranças, fantasias, interpretações. Está comprometida com nosso passado, com nossa época e lugar, com os nossos referenciais. O que se vê não é dado real, mas aquilo que se consegue captar, filtrar e interpretar acerca do visto que nos é significativo. Mas o que foi mais forte nas falas de meu pai se configurou como a recomendação de que eu deveria viver a vida plenamente, dando lugar ao sonho, mas oferecendo oportunidades à transformação de sonhos em realidade. Deveria eu escolher uma missão importante, singular. Enfatizava que eu tive o direito à vida. Minha mãe não tinha boa saúde, e ao engravidar de mim deveria ter feito um aborto por recomendação médica. Não o fez, apoiada em seus princípios religiosos, na segurança da presença e da companhia de meu pai e de suas amigas da igreja, entre elas Ziza de Araújo Trein. Consegui nascer, gente, e, por isso mesmo, eu deveria agradecer por toda a vida essa dádiva, devolvendo-a em serviço à comunidade. Deveria eu dar forma a uma missão e escolher caminhos e parcerias, pessoas e instituições sensíveis para cumpri-la.

Meus pais eram pessoas extremamente religiosas, pertenciam à Igreja Metodista e escolheram o Instituto Educacional de Passo Fundo para ser a minha escola dos quatro aos

dezoito anos. Nesse espaço escolar diferenciado, convivi todo o tempo com livros, ouvi muitas histórias, compartilhei leituras com os meus professores, fui sensibilizada a ler tudo de tudo, inclusive as leituras proibidas, não recomendadas pela escola. Envolvi-me com clássicos, passei a conhecer histórias de transformação, por intermédio de biografias, como a de David Livingstone e de Albert Schweitzer. Os prêmios que recebi e que eram oferecidos nesta escola sempre foram livros. Fui educada para a democracia, para a liberdade, para a solidariedade, para o empreendedorismo. Uma escola que respeitava os seus alunos, as famílias de seus alunos. Uma escola preocupada plenamente com o aprimoramento humano.

Professores como Lourdes Pithan, Adyles Otto, Luiza Blanco Ferreira, Oscar Kneip, Sabino Santos, Leda Kneip Giareta, Maria Rezende, Ned Walter, Arno Kihel marcaram minha vida. Não havia nessa escola sentimentos de inveja, de ódio, pelos trabalhos diferenciados exercidos com liderança. Não havia essa maledicência emergente da voz invejosa dos medíocres submetidos à sua inércia, especialistas em tentativas de boicote a ações transformadoras, *experts* em destilar veneno contra equipes de trabalho interessadas em promover o bem coletivo, em transformar pelo viés da educação, da cultura e da tecnologia. Já dizia o nosso querido Mario Quintana no poeminha do conto: “Todos estão aí, atravancando o meu caminho, eles passarão. Eu passarinho”. Ao contrário, essas lideranças que começavam a surgir na escola eram estimuladas por meus professores a crescer cada vez mais. E esses professores participavam da construção de sonhos de seus alunos. Vislumbravam a transformação deles em ações efetivas de promoção da cidadania.

Nas leituras que desenvolvi na família e na escola, convivi com muitas vozes, com muitas ideias, sobre as quais refleti

com diferentes olhares. Desenvolvi, em conjunto com diferentes pessoas na história das Jornadas Literárias, com pessoas sensíveis, e continuo desenvolvendo uma construção coletiva que é plena de aprimoramento dos outros, plena de solidariedade com os outros, plena de esperança. Meu compromisso deveria ser o de realizar ações efetivas, transformadoras, de compartilhar conhecimentos, emoções com os demais membros de minha família, com os meus colegas de escola, com os professores e, posteriormente, no exercício do magistério onde atuo há 45 anos, sendo quarenta dedicados à Universidade de Passo Fundo, dos quais trinta anos dedicados às Jornadas Literárias.

Eu fui criança feliz, levantava muito cedo pela manhã para estudar os “pontos”, muitos daqui não sabem o que são os pontos, das diferentes disciplinas, com o intuito de me preparar para as avaliações da escola. Também para estudar as partituras de piano, que seriam avaliadas no Conservatório. Minha mãe me acompanhava, fazia-me ler e reler cada lição, fazia-me perguntas, corrigia equívocos, ouvia as músicas que eu tocava ao piano e, com o seu ouvido sensível, às vezes interferia declarando que alguma coisa não havia dado certo. Não havia televisão, somente rádio. Não tive blackberry, iPhone, nem telefone em minha casa. Não tive bicicleta, eu brincava de boneca, de cabana, de professora a contar histórias. Eu brincava de talheiro, de sapata. Brincava com botões madreperolas e carretéis da alfaiataria do meu pai. Observava o meu irmão Nelson colocar besouros a puxar com linhas, caixinhas de fósforos como um grande trem, além da habilidade que ele tinha de caçar vagalumes. Poucas vezes tive a oportunidade de brincar na calçada, mas brincava na escola com os meus colegas e lia muito. Lia os livros apresentados por minha mãe, os recomendados pelos professores. No âmbi-

to da minha normalidade de ser humano e de leitora voraz, eu lia escondida outros livros, à revelia dos meus pais, dos meus professores.

Ouvi os contos maravilhosos, li contos tradicionais, a obra completa de Monteiro Lobato, *Pollyanna*, *Pollyanna moça*; de Françoise Sagan, *Bom dia tristeza*, e de Exupéry, *O pequeno príncipe*. Li clássicos portugueses e brasileiros. Todo domingo era dia de cinema. Apreciei filmes do Tarzan, seriadados como *Bat Masterson*, *Bonanza*, *Zorro*, *Capitão América*, *Aventuras do capitão Marvel*. Na adolescência, filmes como *Bonequinha de luxo*, a série *Sissi*, *Sissi a imperatriz*, *Sissi seu destino*. Que experiências maravilhosas, que infância boa, que adolescência inesquecível! Eu lia textos impressos, partituras musicais, linguagem fílmica, recitação de poesia, ouvia contação de histórias feitas pela tia Sari, Sari Della Santa, apreciava manifestações da cultura popular e da cultura erudita. Sempre adorei bandas, sempre andei atrás das bandas. Perambulei entre textos os mais diversos, observei ilustrações como complemento das histórias, sem o conhecimento necessário para entender, para apreciar essa linguagem, mas intuindo que eram importantes. Circulei entre ideias as mais diferentes, apropriei-me de outras tantas. Já vivenciava a riqueza polifônica defendida por Bakhtin, a experiência da alteridade que a leitura propicia na condição de leitura, a decisão sobre o que ler e pelo jeito de ler passava por minha escola, por meus professores, por minha mãe, mas fundamentalmente por mim. Esse protagonismo que hoje é defendido pela estética da recepção, Jauss e Iser, já era uma experiência prática minha, intuitiva, desenvolvida por tantos outros da minha geração. Não se cogitava realizar leituras fora do livro, apreciava eu as capas, detinha-me nos títulos, valorizava as ilustrações como um entrelaçamento com o discurso verbal,

lembrando que o olhar dirigido a essas ilustrações foi, sem dúvida, o meu primeiro contato com galerias de arte.

O livro era, e continua sendo, uma fonte de valores, conhecimentos, desenvolvimento de sensibilidade, estímulo à criatividade, de aprimoramento do senso estético. Comecei a viver um segredo, comecei a conviver com outro leitor, Acioly, meu marido há 44 anos, com quem tive dois filhos, Cassiano, 41 anos, casado com Haidi, e Ilana, 39 anos, casada com Ádler. Estes últimos nos deram dois maravilhosos netos, Lavínia e Vítor, os novos leitores em formação. Na época, Acioly era professor de contabilidade, diretor da escola técnica de comércio do Instituto Educacional. Enxergava que eu não tinha vocação, que não tinha perfil para ser advogada, na ótica dele, conforme o meu desejo. Conduziu-me de forma muito inteligente e sutil ao caminho do magistério. Convenceu-me.

Comecei a lecionar com 18 anos. Aqui continuo agora, na riqueza dos meus quase 64 anos, com a certeza do poder transformador que os professores podem exercer, na importância que os professores têm na formação de cidadãos leitores, críticos, emancipados, embora não tenhamos ainda o reconhecimento da sociedade, nem das autoridades constituídas, a começar pelos baixos salários destinados a cada um dos professores. Essa situação é inaceitável e merece mudança urgente.

Quando propus a organização da Jornada a Josué Guimarães, o foco que delineei constituía-se em ler antecipadamente as obras dos autores a serem convidados. Era uma proposta de aproximação do leitor a livros não lidos; do leitor em formação a escritores contemporâneos, como estamos tendo esta vivência hoje, já reconhecidos pela crítica, pela universidade, enquanto instituição acadêmica. Analisar essas obras, compartilhar ideias e emoções vividas durante a leitura, am-

pliar e aprofundar o diálogo presencial com o escritor presente na Jornada, tudo isso aconteceu durante trinta longos e profícuos anos. Multiplicou-se timidamente a metodologia pelos mais diferentes recantos do Brasil e de alguns países. Continuo junto com a minha equipe de abnegados, junto com a minha valorosa equipe interinstitucional, a universidade e a prefeitura, que todos valorizamos o livro, enquanto suporte.

Preciso declarar com muita ênfase que literatura é sempre literatura, independentemente do suporte em que seja apresentada. Eis porque se viabilizou nesta Jornada o financiamento da compra de *tablets*, pelo Banrisul e a empresa Mazer, permitindo a todos o acesso à revolução na leitura, porque vivemos tempos de revolução, aquisição do livro, aquisição de ferramentas, para ampliar os horizontes da leitura e assimilar novos jeitos de ler.

Nossa luta iniciou sustentada no binômio educação-cultura, ampliando-se para o trinômio educação-cultura-tecnologia. Temos de convir que os desdobramentos das Jornadas foram altamente significativos na continuidade das ações em prol da formação de leitores multimídiais. Por fim, a transformação de Passo Fundo, por força de lei federal, como Capital Nacional da Literatura, não apenas por força de lei, mas pela realidade dos fatos, das ações geradas em torno da leitura, promovida pela história exitosa das Jornadas Literárias. Na cidade de Passo Fundo, os largos da literatura, os túneis das letras, onde se adesivam mensalmente textos literários, disponibilizando à população em espaço público, democrático, textos de literatura brasileira, universal, gauchesca, cômica, de cor local. As atividades do livro do mês, desde 2006, mantêm distintos públicos, permanentemente envolvidos com a leitura literária.

Temos trabalhado muito todos juntos, e a pergunta derradeira: Tania, valeu a pena trabalhar junto com os teus colegas, junto com os teus amigos, pela formação de leitores nesses trinta anos? Sim, amigos, amigas, valeu muito a pena, aliás, como dizia Fernando Pessoa, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. O trabalho tem sido intenso, mas os resultados, incontestáveis. Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, apresenta o maior índice de leitura no país, 6,5 livros por pessoa/ano, isso, sim, merece o nosso aplauso.

Outra pergunta: Faria tudo de novo, Tania? Sim. Faria tudo de novo e continuaria ajudando a organizar as Jornadas, se puder continuar contando com a companhia de pessoas com a altivez de Josué Guimarães e Nydia Guimarães. Se continuar a contar com a contribuição e com o trabalho incansável dos meus colegas professores, com o empenho de funcionários, todos da universidade e da prefeitura municipal, sintonizados com os grandes objetivos da Jornada, formar leitores multimídiais, sujeitos críticos, emancipados e, por isso mesmo, transformadores. Faria tudo de novo, se puder contar com o apoio de Alcione Araújo, de Ignácio de Loyola Brandão, de Luciana Savaget, como consultores, como amigos das Jornadas e meus amigos pessoais. Faria tudo de novo se puder contar com o apoio dos escritores, dos pesquisadores, dos artistas, dos editores, dos leitores, dos leitores em formação, dos leitores de todas as idades, de todos os níveis de escolaridade, sempre observando as necessidades dos novos tempos, atendendo aos interesses dos mais distintos públicos, ouvindo as críticas, fazendo as modificações necessárias, promovendo as mudanças imprescindíveis.

Entrei no Circo da Cultura, sábado à tarde, nesta edição da Jornada, chorei, chorei muito, o circo estava vazio. Tentei imaginar o que aconteceria durante esta semana. Minha

imaginação foi muito pequena, não alcançou toda a grandeza em que se constituiu essa 14^a edição, quando celebramos trinta anos de movimentação cultural permanente pela leitura, pelos leitores. Lembrei-me dos momentos maravilhosos que passamos durante trinta inesquecíveis anos. Pensei nos problemas que enfrentamos para viabilizar essa edição da Jornada, pensei em tudo, em todos os que contribuíram, de diferentes formas, para viabilizar a realização dessa celebração da leitura, da cultura, das artes, da tecnologia. Pensei em todos que agiram para remover os obstáculos à realização dessa festa.

Desejo em meu nome pessoal, em nome da Comissão Organizadora interinstitucional, agradecer a cada pessoa, a cada instituição governamental e não governamental, a cada empresa o apoio inestimável que deram para sermos tocados pela riqueza do que aconteceu nesta Jornada. É uma emoção muito forte olhar à minha frente e ver todos vocês, todas vocês, constituindo um público heterogêneo de homens e mulheres, das mais distintas idades, entusiasmados pela leitura. Posso ver através das minhas lágrimas o brilho dos olhos de vocês e sentir o ritmo acelerado de seus corações, como está o meu. Posso sentir que um número significativo de pessoas, de instituições, de empresas que construíram essa 14^a Jornada de Literatura estão certos de que é possível transformar o mundo em que vivemos. Deixa visível a sua confiança na continuidade dessas ações e muita esperança na ampliação de seus resultados.

É viável a transformação de cada um, de cada uma, da família a que pertencemos, dos grupos com os quais convivemos, da escola, da biblioteca, das instituições onde trabalhamos, da sociedade como um todo, pela leitura. Do impresso ao digital, do livro ao *tablet*, nosso compromisso é com a leitura

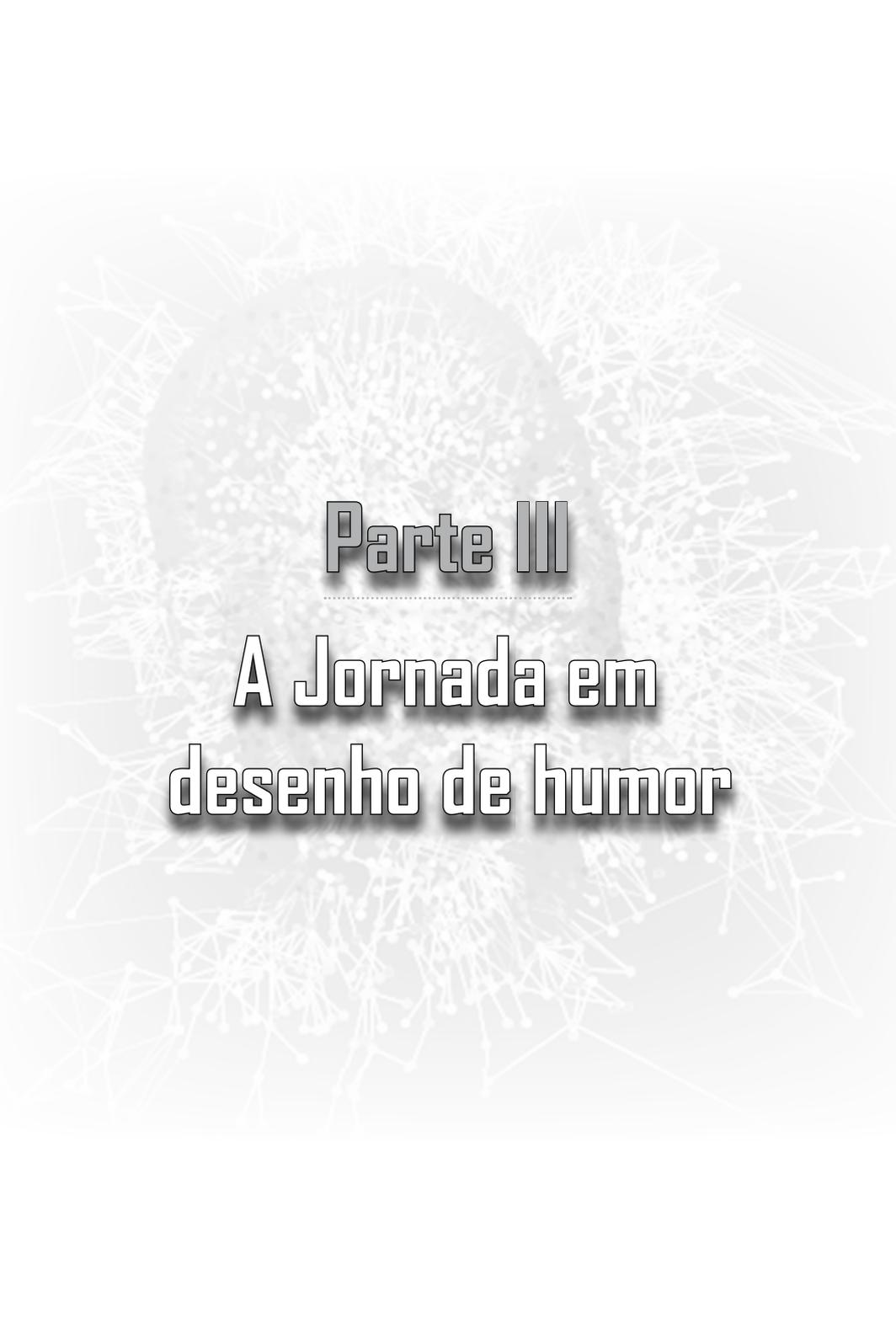
e em seus diferentes jeitos de realizá-la. Estamos desafiados a percorrer outras novas rotas de navegação do mundo complexo no que se refere à produção e à leitura literária. Desejo assumir as palavras de Alberto Manguel, aqui presente. Assim como adoro ler as palavras, adoro ler as imagens e me agrada descobrir as histórias explícitas ou secretamente entrelaçadas em todos os tipos de obras de arte. Por isso mesmo, desejo continuar a ter o direito de ler imagens e histórias em qualquer suporte.

Obrigada, amigos batalhadores da Comissão Organizadora interinstitucional. Vou falar alguns nomes em nome de quem agradeço a todos os amigos, a todos os professores, a todos os funcionários da universidade e da prefeitura que viabilizaram esta festa. Obrigada, Miguel, Eliana, Fabiane, Paulo, Eládio, Fábio, Luciano, Munira, Leila, Solange, Guta, Goreti, Luis e todos os demais que vocês representam. Obrigada, dirigentes atuais e do passado da Universidade de Passo Fundo e da Prefeitura Municipal, representados nesta plateia pelo padre Alcides Guareschi, aos demais amigos das instituições governamentais e não governamentais. Aos benefícios das leis de incentivo Federal, Mecenato, e LIC, estadual; aos amigos empresários, aos amigos e companheiros de paixão. Aos incansáveis amigos do Cioff, na pessoa do Paulo Dutra. Obrigada, a todos nas pessoas do Fabiano dos Santos, diretor do Livro, Leitura e Literatura (MinC) do Ministério da Cultura; do secretário Luiz Antonio de Assis Brasil, pelo empenho em viabilizar esta Jornada; ao secretário de Educação José Clóvis de Azevedo, pela dispensa concedida aos professores. Desejo agradecer, em nome de todos os políticos, ao deputado Beto Albuquerque, que tanto se empenhou para conseguirmos viabilizar financeiramente esta Jornada. Obrigada, prefeito Airton Dipp, representado aqui pelo vice-prefeito Rene Ceconello,

pelo companheirismo. Obrigada, reitor José Carlos. Obrigada, Lorena, em nome de quem cumprimento todos os vice-reitores, por nos acompanharem nesta Jornada em todos os momentos dessa árdua caminhada em que se constituiu a construção da 14ª Jornada. Obrigada, Alcione, Loyola, Luciana, pelo carinho. Obrigada, meu querido alemão Acioly, por ter me apoiado durante três décadas, aliás, por ter me aguentado durante três décadas, a realizar o sonho e a transformação do mesmo na realidade das Jornadas. Queridos filhos, Cassiano, Haidi, Ilana, Ádler, pelo estímulo de sempre e pelo trabalho voluntário nas Jornadas; Ilana e Cassiano, desde a sua criação, em 1981. Amados, muito amados netos Lavínia e Vítor. Obrigada por solicitarem a cada momento à vó Tania a leitura de histórias, de histórias muito lindas, para embalar o seu desenvolvimento, enquanto leitores. Obrigada, meus irmãos Idemia, Eneida, Nelson, por existirem e por serem entusiastas dessa caminhada cultural e literária. Obrigada, Josué, onde quer que estejas, ajudaste, juntamente com Nydia, a abensonhar essas Jornadas. Obrigada, amigo.

Façamos deste momento final em que celebramos a leitura entre nós, trinta anos de Jornadas Literárias, um instante inesquecível pela “Sagração da palavra”, canção escrita por Paulo Becker e musicada por Humberto Gessinger, a ser levada por todos vocês, em seus ouvidos e ritmar os seus corações. Cantemos, em pé, juntos com o coral da Universidade de Passo Fundo, sob a regência do maestro Fernando Montini.

Respeitável público, o Circo da Cultura se fecha, mas o espetáculo das letras, das artes, da literatura e da tecnologia não termina. As Jornadas Literárias vão continuar!!!



Parte III

A Jornada em desenho de humor

Paulo Caruso



Cartunista e caricaturista, Paulo Caruso já trabalhou em todos os grandes jornais e revistas do país. Manteve na revista *IstoÉ*, por vinte anos, a coluna Avenida Brasil – um retrato bem-humorado da política brasileira na última página da publicação. Atualmente publica suas charges na revista *Época* e desenha no programa *Roda Viva* na TV Cultura. Tem também um trabalho importante com Histórias em Quadrinhos e dedica-se à composição musical e à produção de espetáculos de música e teatro, com o Conjunto Nacional, no qual toca piano, ao lado de Aroeira e Luis Fernando Verissimo, nos saxofones, e Chico Caruso no vocal.

Sua vida profissional se desencadeia no *Diário Popular* no final da década de 1960, tendo sido colaborador no jornal *Folha de São Paulo*, além de ter criado a tira “Pô”, publicada na *Folha da Tarde*. Nos anos 1970, Paulo foi para *O Pasquim*, aparecendo ao lado de mestres como Jaguar e Ivan Lessa, Tarso de Castro e tantos outros gênios do jornalismo. Nos anos 1980 voltou à grande imprensa: *Veja*, *Isto É*, *Careta*, *Senhor*.

Em 1990, organizou para o Memorial da América Latina, em São Paulo, o 1º Encontro Brasil x Argentina de Humor, que contou com a participação dos mais influentes artistas

do gênero entre os dois países. Expôs no Masp, onde conquistou, junto com seu irmão gêmeo, Chico Caruso, o prêmio de melhor desenhista no ano de 1991, pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Foi premiado em 1997, no Salão Carioca de Humor da Casa de Cultura Laura Alvim e no Salão Internacional do Desenho de Imprensa em Porto Alegre.

Em 2002 lançou a coletânea de charges publicadas pela *Folha de São Paulo* sobre a corrida presidencial, intitulada *Grande prêmio Brasil – no galope do Ibope*. Em 2003 lançou, pela Imprensa Oficial do Estado, a cartilha ilustrada sobre o novo Código Civil Brasileiro e o livro *Piracicaba – 30 anos de humor*, contando a história do mais antigo e festejado salão de humor do país. Em 2003 lançou o livro de textos e desenhos sobre a cidade, intitulado *São Paulo por Paulo Caruso*, ganhador do troféu HQ MIX desse ano.

No contexto das Jornadas Literárias de Passo Fundo, Paulo e Chico já participaram de diferentes edições, tanto como conferencistas como artistas, com apresentações da banda Conjunto Nacional. Encontram-se entre os amigos dessa movimentação cultural. Paulo Caruso produz caricaturas de escritores que participam dessas Jornadas, tendo contribuído em diferentes séries de canecas, retratando intelectuais como Pierre Lévy, Edgar Morin, Ariano Suassuna, Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, e escritores como Luis Fernando Verissimo, Dráuzio Varella, João Ubaldo Ribeiro, Ignácio de Loyola Brandão, Alcione Araújo, Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant’Anna, Ziraldo, Chico Buarque de Hollanda, Antônio Skármeta.

Na 14^a Jornada Nacional de Literatura, Paulo Caruso criou caricaturas ao vivo dos conferencistas e dos assuntos discutidos. Durante os debates no Circo da Cultura, os telões mostravam, a todo instante, os desenhos do cartunista, reve-

lando seu olhar sobre os participantes e as temáticas abordadas.

Na sexta-feira à tarde no palco de debates do Circo da Cultura, intitulado “Formação do leitor contemporâneo”, Paulo Caruso retratou a calorosa discussão entre os conferencistas Affonso Romano de Sant’Anna, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo e Kate Wilson, mediados por Fabiano dos Santos.

A editora inglesa Kate Wilson expôs sua visão sobre o comércio e *marketing* digital e o produto digital, enfatizando a tecnologia como forma de aproximar distâncias entre a editora e o leitor, possibilitando o conhecimento das necessidades e desejos desse leitor (Imagem 1). A leitura eletrônica, segundo Wilson, é uma questão de conveniência e portabilidade. Sendo apresentado em suporte virtual, o produto virtual abre um leque de possibilidades de interação e sua construção deve ser diferenciada. Para ilustrar essa ideia de um produto digital multimidiático, Kate apresenta um aplicativo em desenvolvimento da história clássica da Cinderela, produzido pela sua empresa, Nosy Crow Publisher (Imagem 2).

Kate foi arduamente criticada por Alberto Manguel, que considerou o trabalho “deformador”, num contexto de discussões sobre formação do leitor e os argumentos da editora comerciais, visando apenas à venda de produtos, utilizando uma forma de produção de massa, comum a *best-seller* (Imagem 3). Kate Wilson rebateu o comentário de Manguel, frisando que sua maior preocupação é referente ao aletramento. “Eu não me importo com o que as crianças leem, desde que leiam [...]”, complementou a empresária (Imagem 4).

Após essas duas visões antagônicas, o escritor Affonso Romano de Sant’Anna procurou apresentar uma terceira e mais apaziguadora opinião. Invocando os conceitos das gerações X, Y e Z, o escritor ressalta a importância da percepção

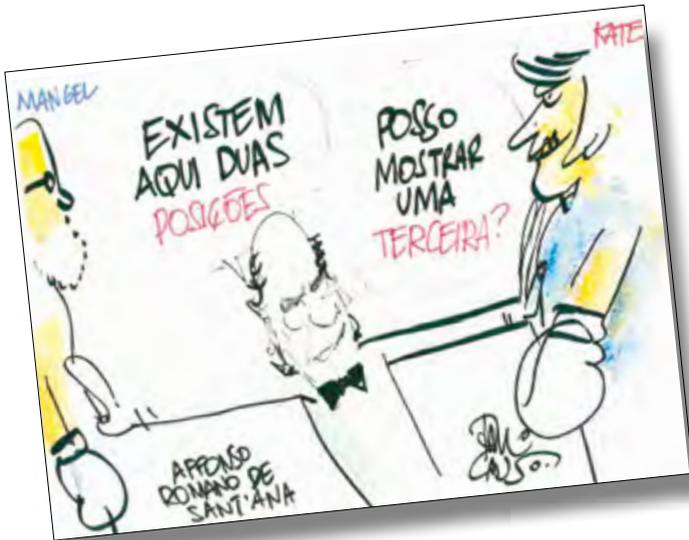
das diferenças entre elas e o caráter da geração Z de realizar múltiplas tarefas simultaneamente, o que remete a um material multimidiático, a fim de que esse possa atrair a atenção do novo leitor (Imagem 5).

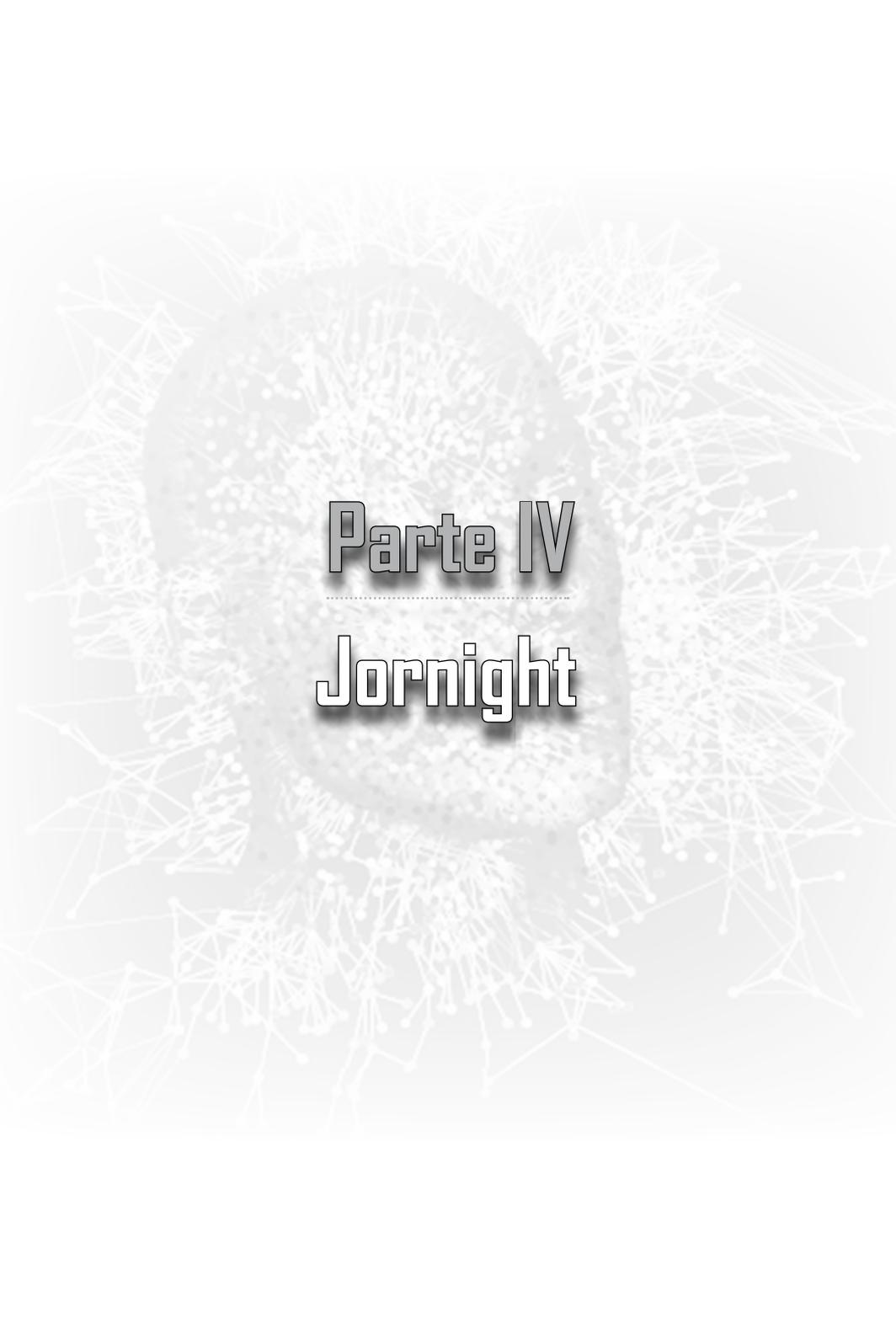
O debate foi conduzido pelo diretor do livro *Leitura e literatura do Ministério da Cultura*, Fabiano dos Santos, cujos resultados foram divulgados amplamente na imprensa e nas redes sociais.

No decorrer do debate, a partir de depoimentos dos diferentes convidados, foram detectados pelo caricaturista aspectos pitorescos como a tecnologia em meio ao primitivismo de ações humanas, o protagonismo do leitor na significação de uma obra. A atuação de Paulo Caruso não se restringiu apenas ao último palco de debates: outros momentos da Jornada foram registrados pelo humor desse artista, o que merece ser divulgado no seu conjunto em outra publicação.









Parte IV

Jornight

ABERTURA

Tania Rösing



Boa-noite a todos, muito boa-noite. Ah, essa é a vibração para a Jornight, a Jornada para outro público de jovens, jovens entre 15 e 25 anos, que acolheram o nosso convite para estarem aqui na 14^a Jornada Nacional de Literatura e terem o envolvimento com a música, com o teatro, com os quadri-nhos, com os conferencistas que circulam entre diferentes artes, para, exatamente, nos constituirmos num novo público, que aprecia uma música de qualidade, um teatro de qualidade, que sabe ler, que sabe entender a charge, o cartum, o grafite, que sabe apreciar a arquitetura, a escultura. Esse é o nosso desejo e é esse o grande objetivo das Jornadas de Passo Fundo: trazer mais leitores, para que possamos sensibilizar o nosso entorno, o nosso mundo, para as transformações que eles merecem.

Há trinta anos nós falávamos apenas no livro, passamos a valorizar na leitura as manifestações da cultura e da arte. E nos últimos anos, estamos circulando o livro aos meios di-

gitais, às redes sociais e, agora, temos a grande revolução na leitura, os *tablets*. Assim, nós os convidamos para que participem nessas três noites que foram pensadas carinhosamente, por toda a nossa equipe, junto com o João Alegria, do Canal Futura, para que vocês tenham momentos muito significativos de envolvimento com a arte e com a literatura. São todos muito bem-vindos, e uma grande Jornight para todos vocês. Uma boa-noite.

Airton Dipp



Boa-noite a todos. Nós queremos cumprimentar mais uma vez nossa UPF, a professora Tania, pela Jornada Nacional de Literatura. Esta 14^a Jornada já expressa o sucesso que está acontecendo no município de Passo Fundo, extrapolando a região Norte do Estado, o nosso estado do Rio Grande do Sul e o próprio país. Portanto, a Jornada Nacional de Literatura é um orgulho, de fato, para todos os passo-fundenses. E queremos aqui registrar as inovações da Jornada Nacional de Literatura, a Jornight, com participação dos jovens, jovens de idade, jovens de espírito, diversificando a arte e a cultura. Foi também uma inovação apropriada pelos promotores da Jornada Nacional. Portanto, que tenhamos uma ótima noite e uma ótima Jornight.

ENCONTRO POÉTICO-PERFORMÁTICO

Elisa Lucinda



Elisa Lucinda nasceu em Vitória, Espírito Santo, em 1958. Desde menina recitava poesias nas festas e acalentava o sonho de ser atriz. Sua paixão pela poesia motivou-a a criar, no Rio de Janeiro, uma associação de estudo de declamação que promove saraus – Escola Lucinda de Poesia Viva. Seu grande sucesso do teatro é a peça *Parem de falar mal da rotina*. Elisa Lucinda é considerada um dos maiores fenômenos da poesia brasileira. “A menina transparente”, poema que marca sua estreia na literatura infantil, conquistou o prêmio Altamente Recomendável, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Dentre seus mais recentes livros, citam-se *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*, *Contos de vista* e *A fúria da beleza*. Além de seus espetáculos e recitais, é conhecida pelos *workshops* apresentados no Brasil e exterior; pelos seus trabalhos na área de recursos humanos junto a diversas empresas e instituições.

Tania, é uma honra, professora, é uma honra para mim estrear a Jornight. Eu estou de olho nos adolescentes, nos rapazes, nas meninas, que estão construindo a sua identidade

num momento lindo da vida, afirmando-se como jovens pensadores, inovadores. Este espetáculo é para garantir o sonho. Ai do homem que perdeu o seu sonho. Este espetáculo é em homenagem ao sonho. O sonho é uma estrada que só quem vê é o sonhador, e mais que isso, o sonho só é realizado, só é possível, se você for obstinado e se entregar todo a ele, porque ele é guloso e pode atender pelo nome de projeto.

Parem de falar mal da rotina. Parem com essa sina anunciada de que tudo vai mal, porque se repete. Mentira. Bi-mentira. Parece, mas não repete, não pode repetir. É impossível, o ser é outro, o dia é outro, a hora é outra, e ninguém é tão exato. Nem em filme. Pensando bem, eu nunca vi alguém falar mal de determinadas rotinas. Chuvinha fina, lua cheia, céu estrelado, o barulho do mar, o que há, parem de falar mal da rotina.

E beijo na boca, hein? E mão nos peitinhos, e água na sede, e colo de mãe, e flor no jardim. Namoro, vaidades de banho e batom, vaidades de terno e gravata, vaidades de jeans e camiseta, livros, cinema, gavetas, pecados, paixões, punhetas, são nossos óbvios de estimação, e ninguém para eles fala, não. Abraço, palmo, inverno, carinho, sal, caneta... são nossas repetições sublimes, isso não oprime o que é belo, isso não oprime o que naquela hora chamamos de bom, na nossa peça, na nossa trama, na nossa ordem dramática. Nosso tempo, então, é o quando, nossa circunstância é a nossa conjugação.

Então, vamos à lição. Gente sujeito, vida predicado, eis a minha oração. Subordinadas aditivas, adversativas, aproximem-se, é verão, é tesão, o enredo a gente sempre, todo o dia, tece. O destino aí acontece, o bem, o mal, tudo depende de mim. Sujeito determinado, da oração principal. Eu adoro o ser humano, eu sou, assim, fã do ser humano, gosto dele, fico vendo tão bonitinho, vai na farmácia, compra aquele monte

de remédios que ele quer durar, compra um monte de vitaminas, bonitinho o ser humano. Eu fico olhando para ele e pensando que todo homem tem um enredo, todo mundo tem um enredo, a exemplo das ficções. Por exemplo, quais são os conteúdos de uma novela? Amor? Que mais? Traição, inveja, coisas da vida, onde a ficção se inspira. Então, eu penso que a nossa vida, dela nós somos roteiristas.

Pensa bem, não há uma cena igual a outra. Nunca mais se repetirá essa noite em Passo Fundo. Essa é a primeira noite da *Jornight* e nunca, nunca haverá outra igual, mesmo que a gente venha aqui, o ano que vem, as mesmas pessoas, sente nos mesmos lugares, com as mesmas roupas. Eu não serei a mesma, vocês não serão os mesmos e é essa a estreia da vida.

É nisso que fiquei pensando para fazer *Parem de falar mal da rotina*. Para isso, eu preciso fazer essa observação do ser humano, aquele raio X que gosto de tirar da vida. Às vezes passa um homem por mim, assim, e fico pensando, lá vai aquele senhor, o que será que esse homem imagina, quais são os sonhos dele, alguma mulher, tem alguma menina? Quem é aquele cara, não é? Ou então passa outra pessoa, enfim, eu fico viajando, que é igual a um enredo daquele ser. Para isso, para ter esse olhar sobre o cotidiano, é preciso funcionar sobre três pilares. O primeiro é esse hábito de reparar, o segundo não é um hábito, é praticamente uma tradição que venho fazendo, assim, desde criança, que é o costume de escutar a conversa dos outros. Gosto muito, a vida dos outros me interessa muitíssimo, se a pessoa me deu uma trela, até entro na conversa.

Por exemplo, você está num avião, num trem, num ônibus, você está indo no ônibus para o seu trabalho, para sua escola, de repente, uma conversa chega até você, é uma mulher conversando com seu marido: “Ó, meu amor, graças a

Deus conseguimos um professor de física e química para o nosso menino! Estava tão preocupado, mas agora veio este professor aí de São Paulo, eu gostei do homem, gostei da conversa do homem, sabe?” Aí ela fala assim: “O nome dele agora eu lembrei é Romualdo Guedes.” Você está escutando a conversa, Romualdo Guedes, eu conheço esse nome. É um professor pedófilo, veio de São Paulo, fugiu de São Paulo, veio morar aqui no Rio Grande do Sul. O que você vai fazer?

Todo mundo sabe que este homem, lá em São Paulo foi incluso, no artigo C, parágrafo D, é um homem perigoso. Você vai se calar? É sua obrigação se meter, é omissão de socorro. Outra coisa, tem que ter noções básicas de física e geografia, você tem que saber quem é que traz a palavra, o vento. Se é o vento tem que se posicionar para receber aquela palavra, tem que ter noções básicas de física e geografia e, além disso, tem que ter inteligência, porque quem escuta, sabe, é muito difícil escutar uma conversa inteira. Você tem que se manter discreto porque ninguém gosta de ser invadido. Conseguir atingir aquela expressão de nada e, ao contrário do que possa parecer, estar totalmente concentrado na captação. Por que tem que ter inteligência? Para poder conseguir com os poucos dados que você consegue escutar, com os poucos dados, conseguir fazer daquilo um tecido narrativo decente, porque senão você não tem nem condições de passar para o colega.

Eu me lembro que, uma vez, estava na praia, solta, não estava pensando em nada, não estava nem aí, estava a paisano, estava de férias, de repente falei, vou dar um mergulho, um calor, e coisa e tal. Vou dar um mergulho. Quando fiz, assim, para dar um mergulho, o vento trouxe: Enai, tudo ia muito bem, minha filha, até aquela peste vir morar lá. Eu pensei: Não posso dar meu mergulho agora, vou desorientar minha praia, voltei, escutei, sentei. Eram duas senhoras, que

não tinha visto ainda, uma falava o nome da outra, mas a outra não falava o nome de uma. Aquilo me deu um nervoso que tive que botar o nome de Odete para não me perder. Então, a peste que foi morar lá, era casada com Claudionor, filho de Odete. Essa menina, uma menina nova, mas uma menina veterana, bom, parece que ela frequentou todas as gerações da casa. Que eu sei é que se a peste que era casada com o Claudionor, essa menina era nora da Odete.

Não importa, o que importa é que quando se escuta conversa alheia, a gente baixa a nossa bola, vê que a gente é humano, errático. Todo mundo quer ser feliz, todo mundo quer amar, todo mundo quer ser amado, todo mundo quer escrever uma historinha no caderninho da vida, todo mundo, alguma hora, se endivida. Tão bom, não é? Saber que tem mais gente fodida, dá uma paz no coração da gente. Todo mundo pode se foder a todo momento, graças a Deus. É democrático o negócio, por isso a gente tem que estar preparado para funcionar no improviso.

Comecei a sacar que as pessoas faziam cenas, numa cena que vi no centro da cidade. Eu vi isso na rua. Olha só como a gente faz cena para viver, tudo é cena: a pessoa está andando normal, de repente essa pessoa aparentemente normal começa, sem mais nem menos, a escutar a bolsa. O que ela está escutando? O celular. Eu queria ser de outro planeta para ver essa cena. Eu ia achar que se tratava de uma seita, cujos membros ao soar de determinado som iniciam um ritual. “É o meu, é o meu”, uns se batem, até que o chefe da seita fala “é o meu”. Não é só a mulher não, tem muito homem escutador de bolsa que eu sei.

Eu me lembro que vi um homem lá no aeroporto, em São Paulo, eu sentada, puxa vida, o avião ia atrasar três horas, não tinha nada para ler, sempre tenho um caderninho

na minha bolsa, uma caneta, nada. Comecei a ficar desesperada. Fui à loja para comprar uma coisa para ler, não achei, a livraria que tem lá estava fechada. Enfim, três horas sem fazer nada. É, vou ter que reparar. Tinha um casal bonitinho, redondinho, os dois eram duas bolinhas. Muito bonitinhos, muito geométricos. Linda a variedade. O ser humano é muito variado. A gente quer fazer o ser humano em série, a gente não nasceu em série.

Fiquei olhando para aquele casazinho, mas não tinha nada muito importante para reparar, não. Aí apareceu um homem, nunca vou esquecer. Vamos imaginar que essa bolsa aqui seja aquela pasta, sabe aquela pasta, aquela maleta que tem até um apelido 007? Exatamente. Eu não falei para não parecer uma pessoa de época. Aí vai ele, aquela cara que não come ninguém. De repente, o homem levanta a pasta na cabeça, já não amava ninguém e ainda fica sem cabeça. Ai, ai, eu me divirto.

Gente, se a gente reparar a gente, não precisa ser sozinho, vocês sabem. Ainda bem que Passo Fundo é lugar muito especial, as redondezas a gente ainda consegue viver muito bem, nas cidades grandes a gente tem se perdido muito. Mas eu também tenho visto muitos adolescentes e muitos jovens das cidades do interior perdidos no seu sonho, e muito solitários. São muito ricos, ganham um carrão do pai, ficam passeando com aquele carro vazio, tocando música alta para ver se alguém entra. Sabe, então é muito triste. Aí começa a sonhar com outro carro novo, carro novo, carro novo. Cuidado, me chama muita atenção isso.

Chama-me muita atenção como a gente pode se aprisionar e não se relacionar. O mundo é relação, isto aqui só existe por causa dos parceiros do mesmo sonho. Então, a gente anda sozinho porque a gente quer, nós somos a comunidade dos

que vão à padaria, a comunidade dos que estão no supermercado, a comunidade dos que estão em baixo dessa lona agora. Essa arte faz de nós uma comunidade só. Então, eu faço muita amizade em fila.

Uma vez aconteceu uma coisa muito interessante, hoje até eu contava isso. Fui fazer um filme em Cabo Verde. Sabem onde é Cabo Verde? Ninguém sabe. Qual é o continente? Cabo Verde, e agora? África, muito bem. E aí fui lá. Era um filme, eu, Tais Araújo, Chico Diaz, Milton Gonçalves. Era um grupo de atores negros do Brasil. Chegamos lá, eu adorei o país, falavam a nossa língua. É muito bom viajar e ver pessoas falando nossa língua. Só que fui para o salão de beleza fazer unha. E as pessoas: mas Elisa, tu não vai jantar com a gente? Não, eu vou ao salão de beleza aqui, que fala a mesma língua que eu. Cheguei lá, fiz amizade com uma senhora tão bonitinha. Ela ficou minha amiga, parecia um personagem que eu ia fazer no filme. Era um tipo Jorge Amado, um *best seller* deles. Esse filme existe, *O testamento do senhor Napumoceno*. E ela falou assim: “Ah! Eu vou te acompanhar até o seu hotel, porque eu gosto muito de caminhar na hora do desamparinho.”

Deu-me uma vontade de chorar, desamparinho é crepúsculo para eles. Vocês chamam desamparinho? É porque o sol vai embora um pouquinho, mas volta amanhã. Achei aquilo lindo. Fui conversando, ela falou assim: “Ah, Elisa! Vá jantar amanhã na nossa casa, meu marido vai adorar ver você lá, nós temos filhos no Brasil.” Eu fui. Eu era uma órfã recente, minha mãe tinha morrido. Aquela mulher tão amorosa comigo podia ser a minha mãe, tinha a idade dela. Bom, cheguei ao hotel, todo mundo: mas Elisa, onde você estava?” Ah, minha filha, estou me arrumando porque vou jantar na casa de uma amiga. Mas ninguém tem amigo em Cabo Verde, você

tem? Acabei de fazer. E fui jantar. Jantei na casa deles, conheci o marido, uma gente muito legal, nada sofisticado, nada arrogante, mas muito boa a casa, muito legal.

No outro dia, no almoço dos países envolvidos, Portugal, Cabo Verde, França, o grande patrocinador subiu ao palco. Esse homem era o presidente da Caixa Econômica Federal do Cabo Verde, o homem que mais tinha botado dinheiro no filme. Aí sobe esse homem no palco e diz: eu gostaria de abraçar todo o elenco brasileiro na figura da menina Elisa, que esteve ontem na nossa casa jantando com a gente. E Chico Diaz: “Como é que você vai explicar que em menos de 24 horas jantou na casa do presidente da Caixa Econômica Federal do Cabo Verde?” Eu juro que só saí para fazer unha, fui ao salão de beleza.

Estou falando isso para que você possa também confiar num acaso. Uma hora a gente joga, outra hora a gente deixa a vida jogar, porque todo mundo tem as suas jogadas. O meu enredo faz o seu enredo do mundo. A toda hora acontece alguma coisa na cena da vida que está nas nossas mãos. Estou de olho nos adolescentes. Acho que os pais, agora vou falar sério, precisam compreender melhor uma personalidade que está vivendo uma chuva de hormônios e em busca do seu caminho. Sou contra a palavra “aborrecente” para chamar os jovens. Porque você já anuncia, autoriza o garoto a ficar maluco. “Aborrecente”, por que “aborrecente”? Não precisa ser. A única coisa que acho preciosa é que esse adolescente possa se identificar, e os pais e a escola podem ajudar a identificar o seu dom, de que ele gosta.

O mundo tem um problema de elenco, gente, elenco, escalação. Se pega o cara que era para ser o guarda, bota ele para ser o garçom. O cara tem vocação para polícia, você o bota servindo os outros. Não vai dar certo. O menino quer ser

cabeleireiro, o pai quer que ele seja médico, aí vai ser médico doido para cortar alguém, cortar cabelo, um fígado. É verdade, e faz essa bagunça. Eu peço, Deus, se eu tiver que ir para uma emergência hospitalar, que o médico tenha vocação para isso. Eu tenho medo.

Um menino me falou, um menino lindo, vinte anos, foi lá na minha casa, disse assim: “Elisa, me ajuda, eu sei que sou um ator, eu quero fazer escola de ator, mas eu estou fazendo engenharia ambiental.” Mas você gosta de engenharia? “Não, não. Foi o jeito que eu consegui convencer meu pai, troquei por medicina.” Mas você gosta de engenharia? “Não, escolhi a melhorzinha que era ambiental.” Vai ser um crime ambiental o garoto. Isso é uma irresponsabilidade com o futuro. Para que fazer isso com uma criança? Aí, eu falei assim: agora você vai ter que falar a verdade com teu pai, vai ter que bancar essa. Não significa que tem que parar de estudar, tem que estudar aquela onda dele.

Não vê eu? Estou aqui feliz da vida. O pessoal ainda me paga para estar aqui, acredita? É uma beleza, é uma beleza uma vida assim, que a gente vai trabalhar porque a gente quer ir. Isso muda, nossa vida está na nossa mão. Eu estou de olho em vocês, acho muito precioso um adolescente, muito precioso quando vem na minha mão, quando eu posso encontrar um jovem e dizer para ele trilhar o caminho dele e ir se procurando, se buscando, essa busca não acaba nunca.

Vou falar aqui um poema que toca muito meu coração, se chama “Menino de São José”. Eu fiz esse poema para uma criança. A criança é o quê, é o refil, a renovação da humanidade. A humanidade se renova na criança, se renova na criança o tempo inteiro. O futuro está na mão de quem está cuidando da leva de novas crianças. Os próximos presidentes, as próximas professoras Tánias, os próximos Joséés estão nas nossas mãos. Então, eu estou de olho nisso, todo o tempo.

Menino de São José

Toda criança me arrebatava,
toda criança, por me olhar.
me arregaça as mangas do amor
e dele, desse amor,
morro de emoção.

Há nisso mais do que o fato
de criança ser igual flor,
mais do que criança ser da vida
a metáfora das coisas
e seu verdadeiro valor.

Vejo José pousando sobre a casa
as asas dele mudam o episódio lar.
Abraço José em todo o riso
e mesmo quando não o tenho no
colo todo o tempo...
evento de criança soprando a casa!

Eu fico com as pernas bambas
quando quem me aponta é uma criança
José é Júlia, também Carolina, também
Pedro, também Clara,
também Olívia, também Antônio,
também Valentina, também Lina,
também João, também Luiza, também
Nicolau, também Juliano
Guilherme, Diogo, Jonas, Mayara,
Vinicius, Leon, Natassia
José e todas as galáxias de meninos,

porque são só verdades,
belas verdades,
límpidas eternidades,
futuros mundos.

Belas!
tenho vontade de defendê-las
das injustiças dos ditos maiores,
dos esticados que,
aprisionados,
querem aprisionar

Por todo o sempre e agora
toda criança quando chora,
respondo – que foi?
Quem não te tratou direito
(toda criança quando chora
acho que me diz respeito)

Quero as palavras delas
a nitidez sublime das conversas
delirantes e sábias,
quero os descobrimentos que trazem
em sua transparência natural!

José voa na casa e eu pulso
no ventre como uma grávida perene, meu Deus,
todo filho do mundo
é um pouco filho meu!

Como me amolece o coração
barulho som de grito de infância

no colégio de manhã,
como é, para o meu frio, lá
uma mãozinha pequenina
dizendo para mim dos caminhos...
elazinha dentro da minha,
como o dia carregando a noite e seu luar,
e aquela vozinha sem gastar
me pedindo com carinho e desamparo:
me leva lá?

Não mimem crianças ao invés de amá-las
para não adoecê-las
para não encouraçá-las
não oprimam crianças na minha frente
vou interferir, vocês vão se danar
vou escancarar!

Não usem criança na minha presença,
tomarei o partido delas,
não terão minha parcimônia.
Não vou compactuar!
Não cunhem nelas a tirania,
que eu vou denunciar.

Sou maternal de universo
mil crianças caminham comigo
Sou árvore cuja semente
me chama umbigo.
Ai... toda criança
quando grita mamãe.
respondo: que foi?
Acho que é comigo!

Estou aqui e posso garantir, tenho 53 anos, um filho de 29, um namorado de 42, e uma criança dentro de mim, garantindo a festa. Bem, me encomendaram um poema. Vocês veem como é que são as coisas... Aliás, adorei o aplauso do poema, chiquérrimo, de altíssimo nível, porque eu quero para a poesia as ovações da música, mas o problema é que o poema é muito desmoralizado. A poesia, coitadinha, é o patinho feio em tantos lugares, graças a Deus não aqui em Passo Fundo. Ela é tradutora de tudo, tradutora dos processos mais simples, vocês não podem ficar sem a poesia.

Andem com seus caderninhos, isso organiza a gente. A gente começa a pirar, quem sou eu? Onde eu vou? Escreve, escreve, e seja você seu leitor. Se for fazer poesia para publicar, para o mundo saber, OK, é efeito colateral, mas escreve. É um espelho para a gente, depois lê, olha como é que eu evoluí. Isso é uma psicanálise muito barata, só basta um caderno e a gente começar com uma cultura reflexiva. Então, eu estou falando isso porque vocês aplaudiram muito bem a poesia que, muitas vezes, eu chego nos lugares e eu fico com pena. A professora vai, “Elisa, nós temos uma homenagem para fazer. Aí, você vai ver, os alunos vão escolher um poema, ‘Menino de São José.’” Aí, vem o menino, toda criança é merda, toda criança sofre (fala estranho e faz gestos loucos). Ele não está entendendo nada, nem eu sei falar assim. Enfim, não tem. Eu não sei, a maioria dos professores não sabe ler poesia, coitados. Não estou culpando os professores, falta essa formação. Então, fica uma declamação e nada dentro porque ninguém gosta de poesia, ninguém está entendendo nada. E a professora fala para mim: Elisa, gostou? Foram dois meses ensaiando, e eu não posso falar nada. Mas eu sei que isso acontece. Vamos fazer o final de novo. Maravilhoso.

Vou falar um poema que me encomendaram. O pessoal chama “Menina de rua”. Eu pensava na época que menino e menina de rua era tudo a mesma miséria, mas são misérias específicas. Então nasceu esse poema chamado “Lua nova demais”.

Dorme tensa pequena
sozinha como que suspensa no céu
Vira mulher sem saber
sem brinco, sem pulseira, sem anel
sem espelho, sem conselho, laço de cabelo, bambolê
sem mãe perto
sem pai certo
sem cama certa
sem coberta
vira mulher com medo
vira mulher sempre cedo.

Menina de enredo triste
dedo em riste
contra o que não sabe
quanto ao que ninguém lhe disse.
A malandragem, a molequice
se misturam aos peitinhos novos
furando a roupa de garoto que lhe dão
dentro da qual menstruará
sempre com a mesma calcinha
sem absorvente, sem escova de dente
sem pano quente, sem OB
tudo é nojo, medo,
misturação de “cadês”.

E a cólica,
a dor de cabeça
é sempre a mesma merda,
a mesma dor
de não ter colo
parque
pracinha
penteadeira
pátria.
Ela lua pequenininha
não tem batom, planeta, caneta
diário, hemisfério
Sem entender seu mistério
ela luta até dormir
mas é menina ainda;
chupa o dedo.
E tem medo
de ser estuprada
pelos bêbados mendigos do Aterro
tem medo de ser machucada, medo.
Depois menstrua e muda de medo
o de ser engravidada, emprenhada
na noite do mesmo Aterro.
Tem medo do pai desse filho ser preso
tem medo, medo.
Ela que nunca pode ser ela direito
ela que nem ensaiou o jeito com a boneca
vai ter que ser mãe depressa na calçada
ter filho sem pensar, ter filho por azar
ser mãe e vítima.
Ter filho pra doer,

pra bater
pra abandonar.
Se dorme, dorme nada
é o corpo que se larga, que se rende
ao cansaço da fome, da miséria
da mágoa deslavada
dorme de boca fechada
olhos abertos
vagina trancada.
Ser ela assim na rua
é estar sempre por ser atropelada
pelo pau sem dono
dos outros meninos-homens sofridos
do louco varrido
pela polícia mascarada.
Fosse ela cuidada
tivesse abrigo onde dormir
caminho onde ir
roupa lavada, escola, manicure, máquina de costura
bordado
pintura, teatro, abraço, casaco de lã
podia borralheira
acordar um dia
cidadã.
Sonha quem cante pra ela:
“Se essa Lua, Se essa Lua fosse minha...”
Sonha em ser amada
ter Natal, filhos felizes
marido, vestido
pagode sábado no quintal.
Sonha e acorda mal
porque menina na rua

é muito nova
é lua pequena demais
é ser só cratera, só buracos
sem pele, desprotegida, destratada
pela vida crua
É estar sozinha, cheia de perguntas
sem resposta
sempre exposta, pobre lua
É ser menina-mulher com frio
mas sempre nua.

Bem, a parada é o seguinte, o Brasil é imenso. Toda hora eu penso, meu Deus, vou escrever, escrevo no *Correio Brasiliense*, vou escrever para o jornal *Globo*. Todo ano que venho aqui escrevo, porque realmente há uma revolução educacional, que é necessária e que, tenho certeza, está sendo começada pelo Rio Grande do Sul. Isso aqui, olha que eu ando, conheço muitas Jornadas Literárias, mas não isso aqui. Mas a gente tem muito que fazer. Como o Brasil é muito grande, tem muito que fazer. Nós estamos todos convocados, todo mundo pode fazer alguma coisa. Um adolescente que fala outras línguas, que tem facilidade, pode ensinar a um outro menino. Alguma coisa a gente pode fazer, eu tenho certeza. Tenho certeza de que um médico dentro de seu consultório, se for um bom profissional, consegue produzir a saúde da família do paciente que está atendendo, sem sair do consultório. Se ele atender a dona do fogão, atende a família.

A gente pode fazer alguma coisa para o enredo do país a partir de uma sala de aula. Ana Carolina me encomendou um poema, chama-se “Só de sacanagem”. Ela gravou no disco *Ana e Jorge*. Eu vou falá-lo, mas aqui fica um protesto. Toda a vez que vejo um dinheiro ser colocado, um dinheiro público

ser colocado à disposição de uma universidade, de uma cidade para fazer dessa cidade um futuro melhor de um país, é maravilhoso e me deixa chocada. Por exemplo, a tragédia de Teresópolis e Petrópolis, quarenta bilhões desapareceram. Meu Deus do céu, o que é isso? Esse dinheiro era para reconstruir casas. Tem crianças morando em hospitais, nas escolas, e alguém pega esse dinheiro para construir uma casa em Miami, sei lá. E dorme. Alguém foi mãe e pai do corruptinho, ensinaram para ele. Não é possível que a pessoa tenha tanto desamor pelo outro ser humano, se não foi uma lição de berço.

Meu coração está aos pulos!

Quantas vezes minha esperança será posta à prova?

Por quantas provas terá ela que passar?

Tudo isso que está aí no ar, malas, cuecas que voam entupidas de dinheiro, do meu dinheiro, que reservo duramente para educar os meninos mais pobres que eu, para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus pais, esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade e eu não posso mais.

Quantas vezes, meu amigo, meu rapaz, minha confiança vai ser posta à prova? Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais?

É certo que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o aprendiz, mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros venha quebrar no nosso nariz.

Meu coração está no escuro, a luz é simples, regada ao conselho simples de meu pai, minha mãe, minha avó e dos justos que os precederam: “Não roubarás”, “Devolva o lápis do coleguinha”,

“Esse apontador não é seu, minha filhinha.”

Ao invés disso, tanta coisa nojenta e torpe tenho tido que escutar.

Até *habeas corpus* preventivo, coisa da qual nunca tinha visto falar e sobre a qual minha pobre lógica ainda insiste: esse é o tipo de benefício que só ao culpado interessará.

Pois bem, se mexeram comigo, com a velha e fiel fé do meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear: mais honesta ainda vou ficar.

Só de sacanagem!

Dirão: “Deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo o mundo rouba” e eu vou dizer: Não importa, será esse o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez. Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos, vamos pagar limpo a quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês.

Com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau.

Dirão: “É inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde o primeiro homem que veio de Portugal.”

Eu direi: Não admito, minha esperança é imortal.

Eu repito, ouviram? IMORTAL!

Sei que não dá para mudar o começo, mas, se a gente quiser, vai dá para mudar o final!

Que noite linda! Vocês sabem de uma coisa? O Brasil tem outros problemas, se vocês não sabem, eu vou dizer: um deles, que é muito feio, é feio demais, o Brasil é racista. Vocês acreditam, vocês sabiam disso?

Olha, vou dizer uma coisa. Todo jovem gaúcho tem que saber disso, para melhorar essa história, porque o Rio Grande do Sul é lindo, avançado, estudado, e essa é uma mancha. Não é só daqui, não, o Brasil todo é racista.

Olha, eu moro no Rio de Janeiro, estava até fazendo uma novela nessa época. Morava numa casa, uma mansão, um casarão no Jardim Botânico. Aí estou eu, com o cabelo lá em cima, comecei a molhar minhas plantinhas lá em cima na minha varanda. O caminhão do lixo passou e falou: olá, chama lá a sua patroa que eu quero a caixinha do Natal. Eu falei, eu realmente estava acordando, espera um momentinho. Eu não tenho o dia todo, não, eu trabalho na prefeitura. E eu fiquei olhando para aquele homem, achando que eu era a empregada e me tratando mal por isso. Eu falei, a dona Elisa está para fora, não sei quando ela vai voltar, não, tá pra longe. E ele foi embora, os caras da rua ficaram rindo.

Aconteceu tanto, eu tenho tantas histórias dessas para contar para vocês. Isso aconteceu no Rio de Janeiro. Vou contar uma que aconteceu em Caxias do Sul, pode? A gente tem que falar, mas não leve a mal, não, no meu Espírito Santo também tem muitas coisas feias. Caxias do Sul, 1987. Eu cheguei lá e eu ia para Gramado e passei de ônibus. Quando fui para a rodoviária, eu pensei: vai dar tempo de comer uma comidinha do lugar. Tinha um restaurante, eu sentei, pedi a comida. O cara vinha e não me atendia. O cara não me atendeu e atendia todo mundo que chegava depois de mim. E eu não estava entendendo. Até que chamei e disse: poxa, eu cheguei primeiro, e todo o pessoal que chegou depois, e ele disse: não sei como te dizer, mas nós não atendemos negros aqui. Eu levei um susto. Eu não li em lugar nenhum, isso me aconteceu.

Caxias já me pediu desculpas, mas estou contando porque a gente precisa encarar essa verdade que está debaixo

do nosso pano. Fiquei ouvindo aquilo, fiquei muito louca, fui agredida num negócio. O que eu vou fazer, sou assim, não dá para ficar branca na última hora. É minha essência, não posso me desfazer de mim, é muito sério. Fiquei meio doida, um surto, fiquei sentada, assim, e falei: como é que é? Comecei a chorar, fui empurrando os pratos, caíram no chão, aquele barulho. Aí veio o dono: quer um cafezinho? Bem, eu falei que não tinha tempo para ir à polícia, enfim. Eu só estou contando isso porque a gente tem que se vigiar.

Eu sei, vocês moram aqui, tem negros aqui, tem muita menina loira bonita e que se apaixona por um negro bonito, dá aquela confusão lá em casa. “Filha, o que aconteceu com você?” Eu sei, então a gente tem que ir quebrando isso. Olha aqui, quem é espírita ou espiritualista levanta a mão, acho que uns oitenta. Quem é umbandista ou candomblé, bom, caiu para vinte. Aqui é assim, ninguém é macumbeiro. Sabe quando é que a pessoa vira macumbeira? A mulher vai embora, do emprego foi demitido, fica doente, o médico já desenganou. Aí, o amigo fala: rapaz, eu sei que você é católico, eu também sou católico, não acredito nessas coisas, mas, lá no Trevo, tem um tal de pai Xoxó, olha, o cara é maravilhoso. Chega lá, você fala, pai Xoxó está aí? Ele aparece, recebe um espírito, chamado o exu Paqui, excelente, resolve todas as questões. O cara: é mesmo, não acredito, vamos lá, me leva lá. Sem contar gente que tem racismo até no espiritismo. A gente tem que se vigiar.

Sem contar, o Brasil é misturado, esse é o nosso poder. O Brasil é branco, preto, amarelo e índio. Essa que é a nossa força, roubando como se rouba nesse país, ainda somos uma potência, e nós vamos mandar muito bem, porque todo mundo vem beber aqui, nessa nação nova, misturada, imprevisível, interessante, criativa, por causa dessa mistura nossa.

Como é que é nosso altar, como é o altar do brasileiro? Vamos aí. Nossa Senhora Aparecida, olha, começou com a pretinha, Santo Antonio, São Jorge, Iemanjá, padre Cícero, Buda, São Benedito. Gente, eu vi um altar com Tony Ramos. O que o Tony Ramos está fazendo aí? As pessoas enlouquecem. Já vi Ziraldo num altar de um amigo meu.

Esquece a religião. Eu estou falando agora de uma mistura cultural. Ninguém é macumbeiro, mas todo mundo convide um, e bota logo comigo-ninguém pode na porta do estabelecimento. Quem jogou um dia uma flor no mar para Iemanjá está envolvido. Jogou uma flor para quem, para Jesus? É tudo misturado, e essa é que é nossa força. Minha mãe era uma religiosa, cantava no coral. Aí, meu Deus, no dia em que eu vou cantar para o papa, vai ter a festa dos pretos velhos, lá no centro de Mariano. O conflito da minha mãe era só porque era no mesmo horário, nenhum conflito interno.

Estou falando isso para a gente tomar conta da nossa história que a gente diz. Tem gente que não é racista, tem professor que chama cabelo crespo de cabelo ruim, não vocês, é um pessoal que não veio. Agora você vê cabelo bom, cabelo ruim, como assim? Seu cabelo é bom, como? Bom em nível de quê? Seu cabelo sábado faz caridade? E meu cabelo é ruim, por quê? Ele fez alguma coisa com o senhor? Se ele fez, vou me retratar. Não é um absurdo, um mundo virtual, e nós estamos falando isso para as crianças, que é isso, gente? Mas prestem atenção na televisão brasileira, não tem uma propaganda de cabelo crespo, um shampoo, nunca vi uma propaganda de margarina com uma família negra. Nunca vi propaganda de absorvente com mulher negra. Presta atenção, se o personagem é uma empregada doméstica, mas é ralezinha o personagem, aí botam uma negra. A gente não percebe, mas tem que ficar de olho nessa discriminação. No colégio

tem uma menininha loura e uma menininha preta, quem é que vai fazer o papel da princesa? Claro, mesmo que a negra seja mais bonitinha. O menininho também quer ser o príncipe, não, você vai ser o bandido. A sociedade não muda, é muito sério, a gente não percebe.

Olha só, eu quero dizer uma coisa importante sobre essa história do racismo. Fui comprar um shampoo, aí a mulher falou assim: minha filha, cabelinho ruim esse nosso. Logo para mim, minha senhora: eu não. “Ah, é ruim sim, eu falo cabelo bandido.” Bandido, agora a senhora exagerou. “É bandido, sim, minha filha, ou está armado, ou está preso.” Repara no cabelo crespo, é um cabelo cheio de cachinho, ele é todo enroladinho, ele é diferente, mas ele não está errado não.

Vamos mudar esse paradigma agora. Meu cabelo é um cabelo excelente, ele é lúdico, maleável, moldável, interativo. Ele gosta de fazer amizade. Atribuir ao cabelo crespo um defeito é uma viagem. Então, é assim que a sociedade trata. Desafio aos cabelos lisos dessa diletta plateia, desafio quem consegue sair como eu, se quiser, sem bolsa. “Mas Elisa, onde é que você vai levar o dinheiro?” Onde é que eu vou levar (fica procurando o dinheiro na cabeça). Achei, deixa-me ver quanto eu tenho, quarentinha. Deixa-me ver mais. Tira da cabeça um cigarro, um isqueiro, uma camisinha. É um cabelo muito interessante. Olha que beleza, não existe cabelo ruim.

Eu soube que nas salas de cirurgia plástica tem álbum. Eu quero esse, olho aqui, essa boca aqui, o peito de não sei quem, e você faz um ser humano e bota em você. O que você vai fazer com quem você realmente é, eu não sei, alguém deve perder a luta. Roubada querer ser o que a gente não é. Sábia natureza de quem somos filhos se esmera em nos fazer únicos, não tem um ser humano igual ao outro. Nem uma mão é

igual a outra. O ser humano estraga o negócio querendo ser em série.

Eu vi uma família negra no aeroporto. O pai, novo, com a cabeça raspada. A mãe, jovem, com o cabelo alisadíssimo e o garotinho, pretinho, cabelo encaracolado, filho dos dois, pensando: de onde é que eu vim? Ou vão deixar o menino careca, ou vão alisar o cabelo do menino, para poder inventar uma verdade. Então, prestem muita atenção nisso. Tem menina que fala: “Papai, eu quero o nariz da Gisele”, fica pedindo as coisas dos outros. O nariz é da moça, não pode, não. Tem muito adolescente sofrendo porque não é magra, igual à moça da capa da revista.

Inventaram que os critérios do amor são os critérios da academia, mas não é. Amor é encantamento. É mentira que você é mais gordinho, que ninguém vai te querer porque você é gordo, você está excluído do mercado emocional. É mentira, a gente gosta de uma pessoa, acontece alguma coisa entre uma pessoa e outra. Porque que eu namoro ele e não namoro ele. O amor é o primeiro *photoshop* da história da humanidade, porque o amor dá aquela ajeitada, tanto externa como internamente. Na verdade, é encantamento o amor. Todo mundo é capaz de ser amado e todo mundo é capaz de amar. Vamos melhorar nossos critérios, vamos ampliar nossos critérios. Japonês também é bonito, nordestino também é bonito. Todo mundo pode ser bonito, porque as belezas são particulares, as belezas são únicas, então sejamos únicos. Banquemos nossa identidade, eu gosto disso, eu penso assim, sou assim, minha moda eu que faço à minha moda.

Gente, é mentira o negócio de grife, eu descobri isso. Saí, fui numa festa no Copacabana Palace. Muita gente vip e aí estamos eu lá e todo mundo. Quando cheguei, uma moça, uma jornalista, uma moça de uma revista, falou assim: Elisa,

fala aqui com a gente, fala logo, quem foi que te penteou? Eu. Mentira, quem te pintou? Eu. Meu Deus. E este vestido é de quem? É meu. Não é possível. Desculpa, normalmente é assim lá em casa, a roupa é minha, eu me arrumo. Mas incrível, e essa bota? A bota é minha, comprei no Rio Grande do Sul. Não é possível. Ela queria que dissesse o nome de alguma etiqueta, mas não sou contratada de nenhum fórum da vida para ficar dizendo, e também qual é? Esse vestido é meu, foi a Isabel que fez. Quem é Isabel? Minha costureira.

E fiquei tirando essa onda, e ela não me deixava em paz. Então, peguei o meu colar, ela disse, ai, mas esse colar você vai ter que me dizer de onde é. Isso é uma joia. Esse colar é Margarida Lira, é a minha fraqueza, todas as minhas joias, só uso Margarida Lira, essa italiana me pegou mesmo e eu adoro. Ela falou, meu Deus, que chique. Fátima, chamou a amiga dela, que era da *Caras*, olha aqui a Elisa com um lindo Margarida Lira. Aí, as duas saíram, nunca existiu Margarida Lira, eu inventei. Saiu na revista, Elisa Lucinda com um lindo colar Margarida Lira. Inventei. O fato de você ter um barco, uma lancha, não faz você maior do que aquele que anda a pé.

É verdade, muitas vezes é o homem que não sabe nada do que eu estudei que me ensina. Meu filho, quando tinha quatro anos, me disse uma coisa que eu acho que arremata muita nossa conversa aqui. Eu disse sejamos a gente mesmo, honremos os nossos dons, as nossas digitais, para que a gente possa dizer para o outro, você pode até partir, mas sabe que nunca mais vai encontrar alguém como eu, como eu não. Sou única. Isso a gente tem que bancar. Observa se você não está realizando o sonho de papai e mamãe. Seu pai é que queria ser engenheiro, você tem que cobrir o sonho dele? Resolva se você vai querer. Meu filho disse assim, quando tinha quatro aninhos: “Mãe, sabe por que eu gosto de você ser negra? É

porque combina com a escuridão. Então, mãe, quando é de noite eu não tenho medo, tudo é mãe e tudo é escuridão.”

A primeira vez que me deu este toque de escrever sobre a rotina, estou muito feliz, inclusive com este livro. Mas este livro, outro dia estava dormindo, e estava ouvindo a minha empregada conversando com outro cara. Ele falou: “Quero um livro de sua patroa.” Aí, ela falou assim: “Você quer de quê?” Ele falou, eu quero um livro. Mas tem de conto, tem de criança, tem de poesia. Ela parecia picolé, sabe, e aí ele virou e falou assim: Ah, eu não sei. Você quer de poesia ou de conversa? Eu acho que eu quero misturado. Ah, então é o da rotina. Se você esperar aí, eu trago um autógrafo. Era o pedreiro lá de cima.

Esse livro nasceu depois do espetáculo e, depois que eu o publiquei, estou entendendo o espetáculo. Então, eu estou muito feliz porque ele está vendendo mais do que todos os meus livros. Eu acho que quem tem comprado o livro são, eu espero, os taxistas, as empregadas domésticas, as minhas amigas, as pessoas que eu levei lá, que eu incluí lá. Foi uma revolução que fiz com esse espetáculo. Eu me lembro que tinha duas produtoras, e todo o dia eu dizia assim: gente, eu quero o nome dos meus convidados na minha mesa, para eu poder fazer homenagem. E eu tinha um amigo gari e ele era meu amigo de praia, olhava a minha bicicleta. Aí, eu disse para ele ir ver minha peça. Ele disse: “Pois é, o pessoal está falando, será que eu vou entender? Eu nunca fui ao teatro.” Eu falei, vai, você vai ser o meu convidado. Aí, na mesa estava lá o nome dos meus convidados, menos o Célio. Quando eu saí no hall do teatro, estava o Célio. Eu disse, meu Deus, Célio, você estava aí. Você não falou para a minha produtora que estava aí? “Falei, o gari da praia, anota aí”. O nome dele ela não botou, e perdeu o emprego. É a doença da sociedade.

Se todos nós estivermos nus, não é para fazer bagunça de sexo, não, estamos despidos de nossas superioridades. A desigualdade é uma ilusão. O que é real é a igualdade, porque se estamos todos na mesma situação, se a gente se despir de nossos cargos e posses, somos todos humanos querendo um lugar ao sol, um abrigo para os nossos filhos, a saúde dos nossos. É isso, isso aí, igualdade.

Quando eu tive a ideia de fazer esse espetáculo, foi quando encontrei uma amiga minha que fazia muito tempo que não a via. Oi, Raquel, tudo bem? Não, Elisa. Aconteceu, eu me separei. Por quê? A rotina acabou com meu casamento. A rotina acabou com seu casamento? As pessoas pensam que a rotina é uma entidade que vai chegar na sua casa e dizer: vou acabar com seu casamento agora. Perdeu. Imagina, as rotinas são particulares. Se pega um corpo docente, o mesmo grupo de professores, cada um tem uma rotina diferente, mesmo que todos vão para a mesma escola, mas cada um tem um marido diferente, eu espero, não sei como é o pessoal aqui. Tem marido diferente, tem a quantidade de filhos. Se eu tenho um namorado em Vacaria, é diferente a minha rotina de final de semana. Se a minha namorada é de Lajeado, ou eu moro em Porto Alegre, tudo muda.

A rotina é o espelho das escolhas. Escolhi isso, deu nisso. Então, quando a gente fala que a rotina fez isso, é uma ignorância. Quem é que faz a nossa própria rotina? Nós. Nós somos nas nossas rotinas exemplo das ficções, roteiristas, produtores, protagonistas, atrizes, atores, diretores, escritor, crítico. Se você pensar nos amores, os amores ficam também burocráticos.

Uma vez me encomendaram um poema sobre “eu te amo”. Tem homem que não gosta de dizer eu te amo, não são vocês, são um pessoal que não veio. Eu te amo, e você? Também, a

peessoa não sabe se te ama também ou te ama. Tem mais: eu te amo, e você? Idem. Idem é melhor fazer um carimbo. Isso é burocracia. Tem uns que falam assim: a recíproca é verdadeira, pensou que era prova. Uma menina me contou que disse “eu te amo”, e ele ficou à vontade. Presta atenção, gente, as pessoas falam: ah, a gente está se separando, hoje, hoje em dia, não, eu acho que agora as pessoas estão querendo que o amor fique só enquanto ele for amor. É uma vitória. Presta atenção. O que estou vendo, o casamento é uma grande indústria. A gente inverte os conceitos. Pare, diga não na porta da igreja. É melhor perder os salgadinhos do que a vida. Claro, para não perder os sentidos.

Toda hora a gente está diante da escolha. Não para nunca, não para nunca de escolher, escolher, então, quando a coisa estiver ruim, você mora com quem você não gosta, dorme com quem você não suporta e trabalha no que você odeia e você não tem um plano B, sua rotina é uma merda mesmo. Ah, Elisa, você fala assim porque não tem rotina, artista não tem rotina, mas quem falou? Pensam que é fácil? Ficar aqui, tantas vezes fora de casa. Brigou com o namorado, está com cólica, com dor de cabeça, triste, mas tem que vir. A rotina é feita de nossas escolhas. A vida está o tempo inteiro na nossa mão, a gente pode mudar o rumo dela se a gente quiser. Vou falar o poema que me encomendaram “Eu te amo e suas estreias”.

Te amo mais uma vez esta noite
talvez nunca tenha cometido “eu te amo”
assim tantas seguidas vezes, mal cabendo no fato
e no parco dos dias.

Não importo, importa é a alegria límpida
de poder deslocar o “Eu te amo”
de um único definitivo dia
que parece bastá-lo como juramento
e cuja repetição parece maculá-lo ou duvidá-lo...
Qual nada!

Pois que o “eu te amo” é da dinâmica dos dias
É do melhoramento do amor
É do avanço dele
É verbo de consistência
É conjugação de alquimia
É do departamento das coisas eternas
que se repetem variadas e iguais todos os dias
na fatura das rotações e seus relógios de colmeias
no ciclo das noites e na eternidade das estreias:
O sol se aurora e se põe
com exuberância comum e com novidade diária
e aí dizemos em espanto bom: Que dia lindo!
E é! Porque só aquele dia lindo
é lindo como aquele.

Nossa sede, por mais primitiva,
é sempre uma
Uma loucura da falta inédita
até o paraíso da água nova
no deserto da nova goela.
Ela, a água,
a transparente obviedade que
habita nosso corpo

e nos exige reposição cujo modo
é o prazer.
Vê: tudo em nós comemora
o novo milenar de si
todas as horas:
Comer é novidade
Dormir é novidade
Doer é novidade
Beber é novidade
Sorrir é novidade
Banhar-se é novidade
Transar é novidade
Beijar é novidade
Maravilhosa repetitiva verdade que se
expõe em cachos a nosso dispor
variando em sabor e temor e glória
Por isso eu te amo agora
como nunca antes
Porque quando eu te amei ontem
Eu te amava naquele tempo
e sou hoje o gerúndio
daquela disposição de verbo
Eu te amo hoje com você dentro
embora sem você perto
eu te amo em viagem
portanto em viragem
diferente da que quando
estava perto.
Meu certo é alto, forte
Eu te amo como nunca amei
você longe, meu continente, meu rei
Eu te amo quantas vezes for sentido
e só nesse motivo é que te amarei.

ENCONTRO COM OS GÊMEOS

Conferencistas: Gabriel Bá, Fábio Moon, Paulo Caruso e Chico Caruso.

Gabriel Bá e Fábio Moon



Gêmeos, nascidos no estado de São Paulo, estão entre os mais premiados quadrinistas brasileiros da atualidade. Já publicaram trabalhos nos Estados Unidos, Itália e Espanha. Foram os primeiros brasileiros a conquistarem o prêmio Eisner de quadrinhos. O primeiro trabalho dos irmãos foi o fanzine independente, no estilo underground, chamado *10 pãezinhos*. Em 2007 lançaram uma adaptação de *O alienista*, livro de Machado de Assis, premiada com o Jabuti de melhor livro didático e paradidático de ensino fundamental ou médio.

Fábio Moon – Boa-noite a vocês. Vocês são muitos, e embora nós aqui, como quatro gêmeos, fazemos, assim, uma maioria esmagadora demográfica populacional da Jornada Literária. Nunca teve uma Jornada Literária com tantos gêmeos no mesmo palco. Para quem não sabe, só pela introdução, a gente faz histórias em quadrinhos, há 15 anos. Eu acho

que a maioria das pessoas ainda associa a história em quadrinhos às histórias que todo mundo cresce lendo, que são as histórias em quadrinhos da Mônica E as pessoas viram com o Maurício que estava aqui ontem, o sucesso que a turma da Mônica faz, e a importância que tem a para a leitura em geral, porque a maioria das crianças aprende a ler lendo história em quadrinhos.

A história em quadrinhos é essencial para as pessoas continuarem lendo, num país onde as pessoas leem cada vez menos. Mas, na verdade, a gente faz história em quadrinhos porque acha que, com elas, se pode fazer muito mais do que só contar histórias para crianças. A gente pode contar histórias para adolescentes, para adultos, até para velhinhos. Qualquer história, qualquer boa história pode ser contada em quadrinhos, e é mais ou menos o que a gente tem tentado fazer nesses últimos 15 anos, quando se começou a fazer o Fanzine *10 pãezinhos*. E a gente adora o que faz. Eu acho que é uma coisa que se descobriu, quando a gente tinha mais ou menos a idade de vocês. Eu não sei, vocês devem ter mais ou menos uns 14 a 20 e tantos anos, digamos assim. Vamos generalizar nesse bolão, que é o bolão quando se tem de decidir o que a gente vai fazer da vida.

Você vai querer ser astronauta, jogador de futebol, médico, advogado, qualquer coisa. Foi quando a gente decidiu fazer histórias em quadrinhos. Foi nessa época que a gente leu essas histórias, que tocaram a gente de um jeito, que a gente falou: puts, é isso, eu quero fazer isso para as pessoas, eu quero que as pessoas se lembrem do meu trabalho, do jeito que eu lembro dos trabalhos que mexeram comigo. Isso é uma coisa que acontece muito com os quadrinhos, que acontece com os livros, porque a experiência da leitura depende de vocês, a experiência da leitura depende do leitor. É com o leitor que as

histórias acontecem, é com o leitor que os desenhos de histórias em quadrinhos se juntam e ganham o movimento. Então, fazer história em quadrinho, escrever em geral, contar história depende do leitor, depende dele para acontecer a mágica.

A gente pode aprender a escrever, a desenhar, mas é no leitor que acontece a história em quadrinho. Então, essa capacidade de mexer o leitor, de tirá-lo do lugar, de emocioná-lo, foi o que nos levou a fazer história em quadrinhos, que, por acaso, a gente faz os dois juntos. É, eu não fui fazer histórias em quadrinhos e ele agronomia, medicina, qualquer uma dessas profissões sérias. Não, os dois gostavam de desenhar. Para a gente desenhar era uma coisa de irmão gêmeo, porque você estava lá o tempo todo, desde criancinha, um ao lado do outro, brincando juntos, e desenhar era a nossa brincadeira de gêmeos. A gente chegava com os outros amiguinhos, e eles não sabiam desenhar. Então, virou uma coisa dos gêmeos. A gente desenhava juntos, era o nosso mundo particular. Desenhar e fazer histórias em quadrinhos eram nosso mundo imaginário. Então, a gente criou essa ligação com a história em quadrinhos e a nossa dinâmica juntos, que a gente foi amaldiçoado desde aquela época e trabalha junto até hoje.

O Paulo e o Chico conseguiram mais ou menos se desvencilhar, um foi para o Rio, outro ficou em São Paulo. Hoje em dia eles vivem em cidades separadas para se aguentarem, mas nós não. A gente tem que se aguentar todos os dias, o tempo todo, no mesmo estúdio. O que é bom e é ruim, mas no final das contas é bom, porque fazer história em quadrinhos e desenhar, que nem escrever, é uma profissão muito solitária, porque está lá na sua cabeça, com a sua mão, com o papel ou qualquer coisa assim, e isso demora muito mais tempo do que para ler uma história em quadrinho. O que vocês vão ler em cinco minutos, em dez minutos, às vezes demora um ano para

ficar pronto, dependendo do desenho, da complexidade do roteiro. Então, essa é a paciência que o desenhista tem de ter, que o contador de história tem de ter. É um negócio difícil de fazer sozinho e, nesse caso, foi superbom, porque tinha um irmão gêmeo para ficar lá, falando, não, isso aqui está legal, ou não, isso aqui está horrível, porque mantém a gente acordado nesses meses de torpor criativo, que tem que ficar produzindo e produzindo.

Gabriel Bá – Bom, uma coisa que o Fábio falou e que é importante: para a maioria das pessoas, história em quadrinhos é uma coisa de criança. Então, se você pergunta para alguém, o que é história em quadrinhos, ele vai falar a turma da Mônica. Talvez ele fale em super-heróis, hoje em dia mangá. Porque isso é o que se encontra mais nas bancas até hoje, é o que as pessoas acham o que é história em quadrinhos. Assim como TV é novela, é o que as pessoas acham mais fácil.

Nunca se quis fazer história em quadrinhos para crianças, porque a gente começou a querer contar histórias lendo livros, livros do Jorge Amado, do Guimarães Rosa, ou histórias em quadrinhos do Laerte, que têm temas mais adultos, da vida cotidiana, da sociedade. Então, para a gente era um pouco de conflito querer fazer alguma coisa que não era fácil de encontrar e também para mostrar para os nossos amigos, para contar para os amigos: “Ah, o que você vai querer fazer?” Eu quero fazer histórias em quadrinhos. “Ah, mas é para crianças”. Não, não é.

E foi um pouco por isso que a gente criou o Fanzine. Na época a gente estava na Faculdade de Artes e lá se falava: Ah, a gente está aqui, mas a gente quer fazer história em quadrinhos. E os artistas achavam que a gente queria fazer histórias em quadrinhos para crianças. Não tem nada de errado fazer quadrinhos para crianças, é tão sério quando o que

a gente faz. A gente só queria tratar de temas mais cotidianos, mais maduros. Então, a gente criou o Fanzine e é um pouco o que a gente tem feito, é mostrar que dá para contar qualquer tipo de história em quadrinhos.

A gente já fez histórias de *farwest*, medievais. As histórias que a gente gosta de contar são cotidianas, que tratam de temas de pessoas que não têm o costume de ler histórias em quadrinhos e que possam se identificar. Todo o mundo tem de trabalhar, todo o mundo tem relacionamentos, todo o mundo levou um fora da namorada alguma vez, todo o mundo já ficou bêbado com os amigos, já teve ressaca no dia seguinte. Então, se a gente faz histórias sobre coisas que as pessoas possam se identificar, não importa que sejam em quadrinhos. As pessoas vão ter um interesse de saber o que acontece, vão conseguir enxergá-las na história. Foi isso que a gente continua tentando fazer nesses anos todos, para mostrar que as histórias em quadrinhos são só uma linguagem para contar histórias, assim como é a literatura, o cinema. E hoje em dia tem mais gente fazendo isso, as editoras publicando uma variedade maior de quadrinhos.

Então, eu acho que deu um pouco certo nesse sentido, de mostrar essas possibilidades em torno dos quadrinhos. Não só quadrinho infantil ou quadrinho de humor, que também tem uma tradição muito grande. A gente leu muita coisa de humor, inclusive o Paulo e o Chico trabalham com humor. Só que é difícil, e a gente nunca foi bom em humor. Eu acho que isso serve para mostrar que, mesmo que você não enxerga no seu meio algo que você queira fazer, não quer dizer que você não pode fazer isso. Talvez você tenha que inventar uma forma de fazer e foi um pouco o que a gente acreditou e acabou fazendo.

Chico Caruso



Francisco Paulo Hespanha Caruso nasceu em São Paulo em 1949, é caricaturista, ilustrador e chargista. Formado em Arquitetura, iniciou como chargista e ilustrador em 1986, no jornal *Folha da Tarde*. Após o ato institucional nº 5 de 1968 parou de fazer charges políticas, só retomando o tema na revista universitária *Balão* em 1972. Em 1976 foi convidado a fazer charges para a revista *Isto É*. Em 1980 lançou os livros *Natureza morta e outros desenhos*, editado pelo *Jornal do Brasil*, e *Pablo mon amour*, uma biografia em caricaturas do pintor Pablo Picasso, editada pela Funarte. Escreveu a peça *O amigo da onça*, que teve, em 1988, encenação dirigida por Paulo Betti. Seus trabalhos mais recentes são *Lula lá – a (o)missão* e *Lula lá – parte 2 – a sucessão*.

Paulo Caruso



Paulo Caruso nasceu em São Paulo em 1949. Trabalha com ilustração e a tira “Pó”, publicada na *Folha da Tarde*. Na década de 1980 voltou à grande imprensa – *Veja*, *Careta*, *Senhor* e *Isto É* – na qual passou a ser o responsável pela sua última página, onde assinava a charge da semana com o título “Avenida Brasil”, que trata, principalmente, de aspectos da política brasileira. Seus trabalhos também aparecem em publicações especializadas, como *Circo*, *Chiclete com Banana* e *Geraldão*. Atualmente, publica suas charges na revista *Época* e desenha no programa *Roda Viva* na TV Cultura. Entre as suas publicações constam os títulos *Bar Brasil* (com a colaboração do jornalista Alex Solnik, 1985), *As mil e uma noites* (1985), *Bar Brasil na Nova República* e sete títulos da coleção *Avenida Brasil*, sendo o mais recente *Avenida Brasil – Conjunto Nacional*.

Chico e Paulo Caruso – Nós queremos dizer uma coisa para vocês, não somos clones não, somos pessoas completamente diferentes. Eu, por exemplo, trabalho num grande jornal do Rio de Janeiro e numa importante revista de São Paulo. Ele não, ele trabalha num jornal do Rio de Janeiro e numa revista de São Paulo.

Chico Caruso – Essa confusão só é possível fazer se você tem um irmão gêmeo. Aliás, eu queria dizer o seguinte, apesar de nós termos vários casos de gêmeos aqui, neste contexto estamos em maioria. Vocês todos nasceram sozinhos. A gente tem esta questão que o meu pai perguntava para a gente: meu filho, você sabe por que vocês são gêmeos? O meu irmão que sempre foi mais intelectualizado dizia: sim, papai, o óvulo quando se subdivide a célula não se junta mais... Não, não, não, vocês são gêmeos porque a minha porra, oh.

Paulo Caruso – Aí, depois, nós ficamos sabendo que ele sempre transou de camisinha, ele tinha horror de ter filho, aí, a camisinha arrebentou e vieram os dois, a porra dele era foda mesmo.

Mas quem nos estimulou a desenhar foi nosso avô materno, que era espanhol e era pintor amador, fazia caricatura dos amigos. Vocês têm alguém na família que estimularam vocês?

Fábio Moon – A minha mãe gostava de ler quadrinhos. Ela lia de tudo, lia Fantasma, Mandrake. Ela tinha o gosto, a gente tinha quadrinhos em casa.

Chico Caruso – A mãe deles é psicanalista. Então, no fundo, é gente que se interessa por história e o ser humano desde os tempos das cavernas se interessa por história. Quan-

do o homem das cavernas desenhava um bisão nas paredes, era uma maneira mágica de capturar aquele animal. Então, o homem desde sempre é um contador de história e esta se faz no cérebro da pessoa quando lê as imagens, quando você vê o bisão, o homem com a clava, o bisão caído, você vê. Isso é história em quadrinhos, começou nas cavernas e continua até hoje.

Sempre lemos muitos quadrinhos também. Quando éramos pequenos, líamos todos os infantis, mas ainda tinha a história dos Três patetas, tinha Ortolino Troca Letra, Bolinha e Luluzinha, Pato Donald e os super-heróis, mas aí com 18 anos, mais ou menos, saíram os handergans. Então Richard Korbe, Robert Campbell. Nós tivemos que fazer uma revista em quadrinhos, e fizemos *O balão*, só que eu percebi que não tenho vocação para desenhar quadrinhos. O desenho em quadrinhos, como eles falaram aqui, leva muito tempo, gasta muita tinta, e eu sempre fui muito preguiçoso. Então, eu sempre desenhei só. Se você pega nossos desenhos de criança, o bandido e o mocinho, ele desenhava grandes batalhas, com quinhentos índios, quinhentos cowboys, avião que caía etc. Hoje ele continua desenhando muito mais do que eu, e, além disso, ele toca piano, violão, contrabaixo, se precisar ele toca bateria, e eu não toco nada. Eu sou apenas o Mick Jagger e o Zagalo dele. Ele tem que engolir.

Paulo Caruso – Bom, eu trouxe umas imagens que queria mostrar para vocês do meu trabalho e também tem umas imagens conjuntas do Aroeira, que vai tocar com a gente daqui a pouco. Eu queria mostrar um pouco para comentar sobre o nosso trabalho. O Michel Temer, que é casado com uma mulher muito bonita, está chupando o sangue da Dilma

Rousseff ali, e a Dilma fala: Você não tem mais ninguém para chupar, não?

Aroeira – Boa-noite. Eu não sou gêmeo, não devia estar sentado aqui. Bom, Michel Temer, a presidenta, e a primeira Dama, primeira dama porque na linha sucessória não tem primeira dama, então, a segunda dama passa ser primeira dama.

Paulo Caruso – Outra coisa importante é um trabalho feito sobre o meio digital eletrônico. Feito a mão.

Aroeira – Eu uso papel eventualmente. Quando viajo, gosto de desenhar no *notebook* de papel, gosto de fazer caricatura. Para trabalhar uso computadores, *notebook* e uma mesa digitalizadora. Quem desenha e, pela idade de vocês, é muito provável que já tenham entrado em contato com mesas digitalizadoras. Eu uso dois programas básicos que são o Photoshop e o Painter. Não confundir com o Paint do Windows que não serve nem para embrulhar salame.

Agora o seguinte, este trabalho todo que faço aí, apesar de ter ganho em produtividade, produzo duas charges, publico no jornal *O Dia*, e publico no jornal *O Sul*, de Porto Alegre. Consigo fazer duas charges porque o computador me dá mais dinâmica, rapidez. Mas é um trabalhão, tem caricatura que levo de seis a sete horas fazendo. Eu, na verdade, trabalho do mesmo modo que trabalhava em papel com tinta. Devagar, caprichando. O Jaguar reclama que capricho muito, capricho, capricho. Trabalho em jornais populares e, para mim, a caricatura tem que ser o mais próximo possível do retrato, porque senão o meu leitor não identifica o boi ao qual estou dando rosto e nome.

Paulo Caruso – No fundo, o trabalho da gente também veio dessa época da infância. A gente tinha uma paixão pelo desenho, a família estimulou muito e o que era a nossa diversão, virou a nossa profissão. O Chico com quinze, dezesseis anos começou a trabalhar em jornal e, em seguida, eu, com dezessete, dezoito anos, comecei a trabalhar em jornal.

Quando chegou essa época que vem a revolução da contracultura americana, a gente percebeu que quadrinhos podiam ser feitos para adultos. Não eram uma coisa só para divertir a criança, para aliviar os pais do cuidado direto e deixá-los imersos numa literatura incipiente. Era também uma coisa de você questionar relacionamentos. Aí eu fui um dos primeiros a fazer uma *grafic novel*, que naquela época assim chamava, era uma história de quadrinho longa. Eu tinha um colega na faculdade, o Rafic, que tinha um personagem maravilhoso, que ele acreditava muito e queria fazer disso um filme, que era o capitão Bandeira, era o anti-herói brasileiro. Aí, eu consegui colocar o Rafic sentado na minha frente e fui desvendando aquilo e fazendo aquelas imagens. A imaginação que ele tinha era um roteiro para fazer uma história em quadrinhos. Levamos uns seis meses para fazer o desenho, depois fiquei dez anos tentando publicar. Aí vi que viver de quadrinhos é impossível e comecei a voltar, para pagar as minhas dívidas, a publicar em jornal e revista, e comecei a fazer edições de coletâneas, de trabalhos já publicados.

QUESTÕES LEVANTADAS

Fábio Moon – A primeira coisa que a gente fez e que chamou a atenção foi esse *Fanzine*, que a gente fazia na faculdade em xerox, em fotocópia, dobrava, grampeava e vendia na faculdade. Custava quarenta centavos para fazer e a gente vendia a cinquenta. Só para não dar de graça, porque, quando se dão as coisas, as pessoas jogam no chão depois. Nada pior é quando você dá uma revista para alguém, olha para o outro lado, olhou de novo, e está no chão. É tristeza profunda.

O *Fanzine* chamou um pouco de atenção e aí a gente começou a receber convites para participar de outras revistas com outros autores. Até hoje é muito difícil, demora muito você fazer um livro longo com uma história longa. Então, um jeito de começar a produzir quadrinhos, publicar quadrinhos, é juntar um grupo de autores e fazer uma antologia, com várias histórias curtas. Ainda em 1998, a gente foi convidado a participar de um livro com outros autores, e a gente tinha vinte um, vinte e dois anos, a gente estava superempolgado. Fizemos uma história com outras duas meninas, elas deram uma ideia, a gente criou a história, desenhou, coloriu, fez tudo. Tinha mais cinco times de duas, três pessoas, para fazer esse livro inteiro e nenhuma dessas pessoas fez. O livro nunca existiu e depois a gente colocou essa história num *site*.

Por causa dessa história, a gente também conheceu uma moça que era repórter do *Estadão* e aí ela propôs a gente fazer uma entrevista em quadrinhos. Ela fez uma entrevista com o Tom Zé e com o Otto, que são dois músicos. A gente foi junto na entrevista, e aí o que eles falaram em vez de sair entrevista escrita e com fotos, a gente contou tudo aquilo em quadrinhos. Então, foram duas páginas em quadrinhos no *Estadão*.

Isso chamou um pouco de atenção. Na época, não tinham editoras publicando quadrinhos nacionais no Brasil, mas tinham algumas que estavam voltando a publicar. Em vez de publicar em banca, que não era mais viável, eles estavam começando a publicar histórias fechadas, longas, para livrarias, só que em preto e branco, porque também era mais barato, mais viável. Um desses caras tinha aberto uma editora, a gente tinha uma história, a gente contou uma história em sete partes no *Fanzine*, que é o *Girassol e a lua*, e aí ele falou: se um dia vocês quiserem publicar isso, eu estou começando uma editora e a gente pode publicar. Em 2000, a gente publicou o primeiro livro, que foi o *Girassol e a lua*. Foi uma história que a gente contou originalmente em sete partes no *Fanzine* e a gente publicou em livro em 2000.

Chico Caruso – Esse nome é muito poético porque o girassol depende do sol. Como é a relação do girassol com a lua? Qual é o resumo da história?

Gabriel Bá – Era um drama de amor impossível de um cara que gosta de uma menina que tem namorado. Mas eles acabam se envolvendo. Era o nosso entusiasmo. Era o nosso começo nessa trama de relacionamento que é mais divertida de explorar quando não dá certo, porque daí tem problema. O problema cria essa vontade de solucionar, tipo história do Sherlock Holmes. De explicar, de solucionar mistérios, entender o que está errado. Isso carrega a história, carrega o leitor. E foi a primeira vez que a gente tentou fazer uma narrativa longa.

Paulo Caruso – Como é que vocês chegaram nesse argumento o girassol e a lua?

Fábio Moon – A gente tinha frustrações de relacionamento, e queria colocar isso de alguma forma numa história e, aí, se criou um cenário para isso acontecer. Os personagens são fictícios, para serem interessantes ao leitor. A gente vai vender na faculdade, e tem que ser alguém que o pessoal da faculdade se interesse, e criar um cenário que eles reconheçam, e criar um conflito. Esse conflito foi pensando mais no público em quadrinhos, porque a gente estava muito mais ligado no público de quadrinhos. Tinha um serial killer, que cria o diferencial da história, para a menina que o cara está apaixonado entrar em perigo. Então, vira uma história de perseguição.

Pergunta: Você acha que a história em quadrinhos no Brasil está em expansão, ou é possível viver de quadrinhos só fora do Brasil?

Fábio Moon e Gabriel Bá – Eu acho que o mercado está em expansão. Não dá para negar que, quando a gente começou, não tinha quase nenhuma editora publicando quadrinho nacional que não fosse a Mônica e hoje tem mais de 15 editoras publicando quadrinhos. Ainda algumas na mesma realidade que vivem muitos escritores de livros. Você vai fazer seu livro, se ele vender, você vai fazer dinheiro, se não vender, não ganha, mas tem mais oportunidade de trabalho, mais variedade de trabalho, mais interesse. As pessoas já descobriram que história em quadrinho tem esse potencial de contar vários tipos de história. E, agora, só depende dos escritores manterem a qualidade dos trabalhos, para manterem esse interesse. Tem interesse, as pessoas querem, as editoras querem, se o trabalho for bom, o mercado só melhora.

Só completando, não é fácil viver de quadrinhos, não é impossível, mas é muito difícil pagar as contas com quadrinhos. Mas quem faz quadrinhos, do jeito que a gente faz, roteiro e desenho, o mercado para um desenhista é muito vasto. Tem tipos e tipos de ilustração, para jornal, para revista, para publicidade, didáticos e a gente fez isso durante dez anos. Trabalhamos com ilustração, com publicidade, fizemos desenhos para revista infantil, mesmo que as nossas histórias não fossem. Ou seja, a gente não ficou parado, a gente aprendeu com cada trabalho diferente. A gente fazia ilustrações coloridas para crianças, porque elas gostam de cor, atrai mais.

Então, eu acho que não é o fim do mundo. Dá para você se manter fazendo outras coisas e produzir seus quadrinhos para você ir melhorando. Aos poucos seu nome vai crescer no mercado, seu trabalho vai melhorar, você vai poder pedir mais e trabalhar menos. É aquela coisa de um trabalho chamar o outro. Aos poucos, a gente pode começar a usar o nosso estilo nas ilustrações. As pessoas pediam pelo nosso trabalho. Ao contrário da publicidade, de que a gente não se importa, tudo o que nós fizemos de publicidade ninguém viu, porque é uma coisa só para mostrar para o cliente. Nas ilustrações, as pessoas iam cada vez mais atrás do nosso trabalho, porque a gente tinha algo a dizer, foi criando um estilo, uma voz. Então, eu acho muito importante saber o que quer e não desistir daquilo e trabalhar.

Pergunta: Será que vocês podiam responder por que a *Folha de São Paulo*, praticamente, não comenta nada da Jornada de Passo Fundo e da Flip de Paraty eles falam e comentam todos os dias?

Chico Caruso – Bom, a gente pode arriscar algumas hipóteses aqui. A resposta primeira que a gente pode dar é: não, nós não podemos responder esta pergunta. Mas Paraty está entre Rio e São Paulo, que é o eixo mais rico do país, que concentra o maior número de televisão, rádio, jornal, e tal, os jornais de maior tiragem. Então, é uma jogada de *marketing* e é uma atividade turística. Você vai à Parati e encontra um escritor lá comendo pipoca. Agora, eles não têm trinta anos de estrada, vocês têm e continuam, e é isso que é fantástico, isso que é inacreditável.

Paulo Caruso – Eu gostaria de dar outra explicação e vou dizer só um nome: Tarso de Castro. O Tarso de Castro é um passo-fundense ilustre que fundou o jornal *O Pasquim*. É um cara muito importante na imprensa brasileira e foi posto para fora da *Folha* porque o Otávio Frias resolveu urgir Otávio Frias Filho como editor da revista e entrar em confronto direto, e o Tarso numa das últimas crônicas... Eu devo muito ao Tarso porque ele me levou, depois da minha tentativa de publicar o Capitão Bandeira, de volta para a *Folha*, me abriu espaço, onde eu fiz vários desenhos maravilhosos, graças ao Tarso. A última crônica dele esculhambava um dos discípulos diretos do dono da *Folha*, que era Odon Pereira, e ele dá uma crônica com o título “O dono”. De uma vez só ele une Odon Pereira com Otávio Frias Filho, e, por causa disso, a nossa geração de jornalistas foi defenestrada do jornal. Eles estão implantando um novo padrão de jornalismo, que agora já é velho, mas que teve que ter um representante da redação, que antigamente quem dirigia a redação era um jornalista profissional, depois passaram a ser aqueles que são eleitos por direito divino, os herdeiros.

Aí, o Otávio Frias Filho era herdeiro, resolveu editar a *Folha* e tinha que botar para fora os jornalistas experientes, que não comungavam com a noção que ele tinha e com a intenção que ele tinha com o jornal. Em razão disso, eu acho que a Jornada de Literatura de Passo Fundo sofre um boicote da *Folha de São Paulo*.

Pergunta: O gênero quadrinhos está em evidência, o que vocês acham dos clássicos que estão colocando em quadrinhos? Shakespeare, Machado de Assis, isso tudo virou quadrinho. O que vocês acham?

Gabriel Bá – Primeiro eu acho que não é grave, mas precisa ser colocado aqui que quadrinhos não são um gênero, são uma linguagem. Pode ter quadrinhos de terror, quadrinhos de aventura, quadrinhos de humor. Então, quadrinhos são uma linguagem que tem todos os seus méritos, não é menor ou maior do que a literatura, do que o cinema. Qual é o desafio de adaptar um livro para uma história em quadrinhos? É saber entender a história e conseguir utilizar as ferramentas que a linguagem, que você vai usar, te oferece para poder contar aquela história.

A gente, por exemplo, adaptou *O alienista*, de Machado de Assis, para os quadrinhos. O que a gente teve que fazer? Ir lendo o texto. O Machado, além de escrever muito bem, descreve as coisas muito bem. Essa é a ferramenta dele. São as palavras, tudo está descrito ali. A gente tinha que decidir o que estava descrito, que podia funcionar melhor como diálogo, que uma das ferramentas que tornam uma história em quadrinhos, leitura de uma história mais dinâmica, é o diálogo, é o balão. Então, como transformar alguma das narrativas em balão e, às vezes, como transformar uma cena que está des-

crita, um cenário, numa imagem? Como usar a força das imagens, que é uma das grandes forças do quadrinho, é a imagem e a ligação da palavra com a imagem? Então, esse é o desafio.

Eu acho que para adaptar um clássico, a gente tem essa vantagem de poder ter esse aval de uma história que as pessoas gostam, conhecem e ter a chance de mostrar num outro formato. É como fazer um bom filme adaptado de um livro. Não é fácil, precisa entender a linguagem que você está usando. Acho que uma boa adaptação pode ser a porta de entrada para o clássico para toda uma nova geração.

Fábio Moon – Vamos falar de filmes, por exemplo, *Senhor dos anéis*. Apresentaram o *Senhor dos anéis* para toda uma geração que foi atrás dos livros. A venda de o *Senhor dos anéis* aumentou com os filmes, a venda de *Harry Potter* aumentou com os filmes. Então, da mesma maneira, eu acho que uma adaptação em quadrinhos de um clássico, se for bem feita e agradar o público de quadrinhos e agradar o público do original também, tem essa curiosidade: puts, o Machado de Assis em quadrinhos! Isso só aumenta a visibilidade do autor, de ambos os autores. Uma boa adaptação de um Machado de Assis leva o leitor a querer procurar outras coisas de Machado de Assis e leva ao leitor a querer procurar outras coisas dos quadrinistas que o adaptaram. Então, é uma oportunidade visual, num mundo hoje em dia visual, de aproximar pessoas da leitura e instigá-las com clássicos da literatura, que, às vezes, não estão tendo a devida atenção.

Chico Caruso – Tem uma história fantástica de um desenhista em quadrinhos chamado Manara, que esteve no Rio de Janeiro num encontro de quadrinhos. Esse cara fez uma história em quadrinhos fantástica chamada *O Clic*. *O*

Clic é uma história sensual, erótica, que um cara descobre o controle remoto para despertar o desejo da mulher. Então, eu perguntei para ele, num jantar lá, como é que ele teve essa ideia, uma ideia de um milhão de dólares. Ele colocou o seguinte: “Quando morreu o Guido Crepax, me chamaram para trabalhar na *Planexo*, onde ele fazia a *Valentina*. Quando eu cheguei na revista, eu vi um homem muito feio, cercado de mulheres bonitas. Eu pensei: “Pô, o que será que leva esse cara a ter sucesso com as mulheres? Eu pensei logo, dinheiro, tamanho da genitália.” Mas aí, quando ele estava chegando em casa à noite, é que ele foi abrir a garagem, apertou o botão e a porta da garagem abriu na lateral. Se a porta tivesse aberto na vertical, ele não teria a ideia, mas abriu assim e ele teve a ideia do clic.

Antonio Cavano contou uma história, o seguinte: o Fellini, grande diretor de cinema, tinha a impressão de que se ele fizesse uma história em quadrinhos sobre determinado tema ele ia morrer. Se ele fizesse um filme sobre aquele tema, ele ia morrer. Então, ele encomendou o Manara para fazer a história em quadrinhos, daí ele dirigiu o Manara como diretor de cinema, ele mandava o cara refazer a história, fez um trabalho infernal. Quando o Manara terminou a história, o Fellini morreu. Quer dizer, o quadrinho também mata. Não adianta você mudar o meio, ou gênero, o que está escrito, vale o que está escrito.



Da direita para a esquerda: Paulo Caruso, Chico Caruso, Gabriel Bá e Fábio Moon



Apresentação da banda Conjunto Nacional

COVA DOS LEÕES

Conferencistas: Humberto Gessinger e Jairo Bouer.
Mediador: Kleber Rocha - diretoria de Incentivo à Cultura –
MinC.

Kleber Rocha



Nasceu em Porto Alegre, é administrador/analista de sistemas (PUCRS) e bacharel em Ciências Contábeis (UFRGS), especialista em Gestão de Recursos Humanos (Unisinus), especialista em Gestão Pública (UERGS). Pertencente ao Quadro dos Técnico-Científicos do Estado do Rio Grande do Sul, desempenha no governo federal as funções de diretor de Incentivo à Cultura da Secretaria e Fomento e Incentivo à Cultura (Sefic), do Ministério da Cultura, onde está responsável pela supervisão e planejamento das áreas de recepção, admissão, análise, aprovação, acompanhamento, avaliação da execução, prestação de contas de projetos culturais apoiados pelo mecanismo de incentivo fiscal a projeto cultural pelo Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), instituído pela Lei Rouanet (nº 8.313/91).

Boa-noite a todos e a todas. É um prazer estar aqui presente na 14ª Jornada de Passo Fundo. O Ministério da Cultura, durante muito tempo, buscou essa interlocução junto aos organizadores desta Jornada, porque entende a qualidade que está colocada numa proposta como esta. O que esta proposta tem de diferente com relação a outros eventos literários em nível nacional? Na verdade, existe uma preocupação com relação à formação, ao convívio, à provocação, a despertar um espírito crítico por parte daqueles que buscam ter acesso aos meios de leitura. E nesse sentido, o Ministério da Cultura, através de seu mecanismo de incentivo, procura, através das possibilidades de apresentação de proposta cultural, junto aos proponentes, com materiais vinculados a jornal, livros, revistas, edições, sobretudo com relação ao campo da leitura, que estejam disponíveis a um maior número de interessados.

Tradicionalmente, os organizadores desse evento, quando procuram o Ministério, com uma lógica de antecipação muito grande, tem o intuito de que apresentação da proposta cultural, possa tramitar no Ministério dentro de um tempo célere, e que o recurso possível disponível para essa demanda esteja colocado. Na verdade, nós não estamos discutindo apenas a qualidade do recurso ou do incentivo, mas a possibilidade de que as pessoas que buscam os materiais de leitura, o contato com os produtores, com os documentos, com os autores, possam perceber que esta proposta está colocada para todos.

Nesse sentido, convidamos todos aqueles aqui presentes a poderem visitar o *site* do Ministério da Cultura na página que sinaliza a possibilidade de apresentação de proposta cultural, tanto no campo do incentivo quanto no campo do Fundo Nacional de Cultura. O que é o incentivo fiscal? O mecanismo do incentivo fiscal. Na verdade, é a possibilidade que o proponente possa apresentar uma proposta cultural no

campo das artes visuais, da música, do livro e da leitura e da literatura, do patrimônio e memória, do acesso à diversidade, do audiovisual. A partir da apresentação de uma proposta, de que requisitos mínimos sejam entendidos e incorporados, transformando-se em projeto, o Ministério autoriza que esse proponente possa buscar junto a incentivadores, pessoa física ou jurídica, a condição de fazer investimento no seu projeto com a possibilidade de que parcela do seu imposto de renda, no caso, seja destinado, objetivamente, para a proposta cultural que melhor lhe interesse.

Nos últimos anos, os valores envolvendo o incentivo fiscal giram em torno de um bilhão e trezentos mil reais. É importante sinalizar que, tradicionalmente, nós temos quase vinte mil propostas apresentadas durante o ano. Dessas, um número na faixa de mais ou menos oito mil propostas culturais viram projeto cultural, e destes oito mil projetos culturais, apenas 20% obtêm acesso à captação.

Nós brincávamos ali atrás, tanto o Jairo quanto o Humberto, que o volume de incentivadores era grande, mas o de apoiadores maior ainda. Mas nem sempre esse volume é suficiente para dar conta da demanda que está colocada. Se vocês perceberem a estrutura que o município de Passo Fundo acaba organizando dentro da própria universidade, você verifica que realmente o recurso para isso, a programação que antecede, os custos de produção e execução anteriores e posteriores por vez, a gente não tem essa dimensão.

Bom, a ideia, na verdade, é fazer um bate-papo aqui com vocês e poder aproveitar a presença tanto do Humberto quanto do Jairo, para que vocês se sintam muito à vontade. A gente aqui se coloca à disposição para verificar que tipo de cruzamentos, de reflexões, de interlocuções vocês estariam interessados em conhecer a partir da trajetória do Humberto Gesinger, do Jairo Bouer e na condição de Ministério da Cultura.

Humberto Gessinger



Nascido em Porto Alegre, é vocalista, guitarrista e baixista. Em 1986 gravou seu primeiro disco com Engenheiros do Hawái, banda que surgiu em meio ao *boom* do *rock* nacional na década de 1980. Em 2008, Gessinger e Duca Leindecker, vocalista e guitarrista da banda Cidadão Quem, montaram o projeto Pouca Vogal, que vem se apresentando com grande frequência no interior do Rio Grande do Sul e nos demais estados do Brasil. Em 2009, Gessinger lançou *Pra ser sincero – 123 variações sobre o mesmo tema*. A obra traz fotografias inéditas, informações sobre cada um dos dez discos lançados pela banda, letras comentadas e um diário de 1984 a 2009. Em 2011 lançou *Mapas do acaso: 45 variações sobre o mesmo*.

Jairo Bouyer



É formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, com residência em Psiquiatria no Instituto de Psiquiatria da USP. A partir do seu trabalho no Projeto Sexualidade do Hospital das Clínicas da USP (Prosex), passou a focar seu trabalho no estudo da sexualidade humana. Hoje é referência no Brasil, para o grande público, quando o assunto é saúde e comportamento jovem, atendendo a dúvidas através de diferentes meios de comunicação.

Pergunta: Eu gostaria de saber do Humberto e do Jairo quais foram as leituras fundamentais para vocês dois?

Humberto Gessinger – Boa-noite. É um prazer estar aqui. O livro significativo para mim, porque foi o primeiro livro que comprei com o meu dinheiro, significava que tinha que ter feito uma escolha, deixar de comprar algumas coisas, foi *O lobo da estepe*, de Hermann Hesse. Engraçado, como cheguei a esse livro. Não sabia nada sobre Hermann Hesse, nem sobre o livro, obviamente, mas sabia que tinha uma banda chamada Steppenwolf, uma banda de que eu gostasse muito. Mas ficou na minha cabeça, pelo fato de uma banda ter escolhido o nome de um livro para si. Foi essa curiosidade que me fez comprar *O lobo da estepe*, e o resto levou a outro Hermann Hesse. Tive sorte porque tinha uma biblioteca bem legal no colégio, no clube que frequentava, que me deu acesso a vários livros. Mas lembro-me sempre disso porque a porta que me levou à literatura foi uma porta musical. E tenho um disco que se chama *a Revolta dos Dândis*, que é uma situação de um capítulo de o homem revoltado de Camus. As vezes, encontro alguns fãs que falam: “pô, eu li *O homem revoltado* por causa deste teu disco”, que me faz uma conexão de quando eu li o livro por conta de um disco. Então, mais importante que dizer o que li, é esse dado que o que me levou aos livros foi a música.

Jairo Bouer – Boa-noite, pessoal. Estava pensando aqui nos livros que me marcaram muito, e lembro que desde pequeno, primeiro a minha avó, depois a minha mãe, liam para a gente, para mim e para meus irmãos, antes de a gente dormir, era um hábito. Então, desde muito pequeno, com uma série de livros, livros infantis, a gente entrou em contato com esse tipo de leitura. Mas alguns livros me marcaram

muito, ainda jovem, assim entre dez e doze anos de idade. Li os livros de Erico Verissimo, de quem a gente tinha em casa uma coleção. Comecei a ler *Capitão Rodrigo, Ana Terra*. Então foram alguns dos primeiros livros que li, que me marcaram muito. Depois, um pouquinho mais tarde, li *Cem anos de solidão*, que também é um livro que me marcou muito. Do começo da adolescência acho que foram os livros que me chamam a atenção, que eu lembro muito. O Erico Verissimo e o *Cem anos de solidão*, do Garcia Marques.

Humberto Gessinger – Queria citar uma outra coisa também, que até guardo com muito carinho. Esses livros, geralmente, têm uma importância mais afetiva do que analítica. Mas lembro com muito carinho o primeiro, de Moacyr Scliar, que comprei, *Mês de cães danados*, e ter ficado maravilhado de estar lendo aquele livro e saber que aquele cara era meu contemporâneo, meu conterrâneo, que cruzava as mesmas esquinas que eu. Isso dava uma sensação muito boa. É um cara aqui do lado que está fazendo isso, é uma sensação muito boa, te dá uma mensagem de que é possível. E hoje em dia, tu entras numa livraria, como são bonitos e sedutores os livros hoje. Lembro-me de que os livros eram fisicamente até feios. Vou às livrarias e fico fascinado, eles são fisicamente bonitos hoje em dia.

Pergunta: Eu queria perguntar para o Humberto. Ontem você falou no *show* se o público ainda se emocionava com algum partido político. Ainda tem algum partido político que te emociona?

Humberto Gessinger – Começo a pensar se o termo “emoção” é tão bom na política. Talvez seja um aprendizado que a gente tenha que fazer. Essa falta de emoção talvez tenha uma coisa bacana, talvez ficamos pragmáticos e deve ha-

ver uma coisa boa no pragmatismo no que tange à política, não é? Então, estou tentando ver este lado positivo.

De fato, estaria mentindo se dissesse que há coisas que me emocionam na política hoje em dia, como me emocionava quando era moleque. Agora, isso tanto pode ser um problema do mundo como pode ser um problema meu, que já estou convivendo com os meus cabelos brancos, tendo que usar óculos há dois anos. Então, talvez o mundo para quem tem dezoito seja maravilhoso, como era para mim quando tinha dezoito, e essa desilusão seja mais minha do que do mundo. Mas não me emociono mais com nada político, não.

Pergunta: Tu trata, Jairo, de assuntos como a ética, a sexualidade nos teus programas. Eu queria saber qual é a reação dos pais, a opinião deles e se tu tens que ter algum cuidado quando tu apresentas o teu ponto de vista nesses programas.

Jairo Bouer – Eu acho que, hoje, vocês fazem parte de uma geração em que falar de assuntos mais polêmicos é mais fácil do que a geração da gente, com os nossos pais. Os assuntos circulavam menos, a gente tinha menos argumentos, menos informação, e os pais eram menos permeáveis, de uma maneira geral, a discutir esses assuntos. Hoje, eu acho que a gente tem uma geração de pais que passou por uma série de mudanças, por uma série de transformações, e que tem um diálogo, pelo menos uma possibilidade de diálogo muito maior com vocês sobre vários assuntos. A sexualidade é um deles.

Felizmente, quando consigo fazer os trabalhos na televisão, no rádio, no jornal, poucas vezes, ou pouquíssimas vezes, tive que tomar cuidado com aquilo que dizia. Sempre pude expressar a minha opinião, o que achava, o que acreditava, o que não concordava. É óbvio que, às vezes, tem reações contrárias, reações mais radicais, mas acho que faz parte tam-

bém do diálogo. Você poder ouvir um pouco pessoas que têm uma posição completamente diferente da tua posição, o que elas têm para dizer. Eu acho isso importante, acho que enriquece o diálogo. Mas durante o trabalho que fiz, nesse tempo todo, poucas vezes tive problemas de não poder falar o que queria, e acho que vocês têm esse grande benefício, essa grande vantagem de ter uma geração de pais que dialoga mais, ouve mais, que pode trocar mais com vocês. É mais aberta para esses assuntos.

Pergunta: Eu queria saber quais são seus próximos projetos, se você pretende escrever novos livros e se há alguma possibilidade da banda Engenheiros do Hawaí voltar à ativa?

Humberto Gessinger – Acho que volta em algum momento. Mas, infelizmente, não tenho nenhuma data para dizer. Gostaria muito de dizer para as pessoas às quatro da tarde do dia 18 de outubro. Mas nunca fiz planos, as pessoas acham que sou super-racional, assim, mas sou menos linear, acho que há um momento para voltar, mas não sei quando.

Quanto a escrever, sem dúvida, vou continuar escrevendo. Agora, se isso vai virar livro ou não, não sei, porque a palavra escrita pintou na minha vida antes da música. Quando era moleque, acho que pintou, assim, aquele chavão de um cara que faz a redação que a professora mais gosta. O cara que faz o tema de português para o amigo, que é o capitão do time de futebol, em troca de ser escalado na zaga. Eu escrevia e todo mundo dizia, “ah esse moleque vai ter a vida vinculada com a palavra escrita”, e nunca ninguém disse que seria músico. Acabou a música tomando à dianteira.

Escrever é uma coisa do meu cotidiano, mas transformar isso em livro, espero que aconteça, porque tem me dado uma emoção muito legal. Você deve sentir isso nas seções de autógrafos. É completamente diferente do ambiente de banda, que é muito cercado por adrenalina. E até a linguagem corpo-

ral, a maneira como as pessoas carregam um livro, que, teoricamente, é um objeto menos delicado do que um CD, mas as pessoas carregam com mais carinho, perto do peito. Porque eu acho que a experiência da leitura é uma experiência mais introspectiva, a experiência musical sempre é uma experiência social, e eu acho fascinante esse ambiente, coisas como a Jornada.

Eu venho a Passo Fundo desde 1986, mas nunca tive a oportunidade de andar pelas ruas, e o que mais me fascinou na Jornada é como ela transborda e vasa pelas ruas da cidade. A cidade se contamina, isso eu acho bacana. Estão de parabéns mesmo com esse projeto.

Pergunta: Jairo, tu és formado em medicina. Eu queria saber em que momento da tua vida surgiu a comunicação, o teu interesse pela comunicação e por quê?

Jairo Bouer – Algumas sensações que tive na minha infância, na minha adolescência, são muito parecidas com as que o Humberto descreveu aqui. Gostava de escrever desde muito cedo. Também era aquele garoto que fazia as melhores redações da classe, então, na verdade, sempre gostei de escrever, sempre gostei de me comunicar. Se você perguntar por que fui fazer medicina, também não sei. Só sei que, em algum momento, quando estava no final do ensino médio, na nossa época se chamava colegial, falei: ah, o que eu faço? Ah, eu gosto de biologia, eu gosto de saúde, vou fazer medicina. Mas a faculdade toda, levei junto com o curso alguma atividade de literatura. Então, fazia várias oficinas literárias, fui fazer oficina de roteiro, fui fazer uma série de coisas paralelas à faculdade.

Quando acabei o curso, não sabia o que fazer, estava meio perdido. Então, pensei, vou passar um tempo fora, vou pensar o que quero fazer da vida, depois vou ver se faço uma residência ou não. Aí, morei um tempo fora, e neste tempo li

muito, passei um ano lendo muito. Aí, voltei e falei assim: vou fazer uma área da medicina que me permite integrar mais a comunicação com a medicina. Fiz psiquiatria, mas, mesmo assim, não estava satisfeito com a questão da comunicação. Fiquei então muito de olho no que estava acontecendo, e comecei a prospectar um trabalho de comunicação e saúde. Acabei indo trabalhar na *Folha de São Paulo* assim que terminei a residência. Estou na *Folha* até hoje, há quase vinte anos. A partir da *Folha*, fui fazer outros trabalhos. Fui chamado para fazer televisão, depois rádio, internet e escrever livros. Então, nessa área de comportamento, saúde e prevenção, escrevi já mais de dez livros. Mas o meu sonho, ainda não totalmente realizado, é trabalhar com ficção.

Fui passar um tempo em Cuba, estudar na Faculdade de Cinema e Televisão de lá, que é uma faculdade que foi fundada por várias pessoas, inclusive Garcia Marques, o que escreveu o livro que mais gosto até hoje. Então, fui estudar lá uma época, fiz alguns cursos de roteiro, voltei. Enfim, estou trabalhando em algumas coisas, que um dia saem.

Kleber da Silva Rocha – Gostaria que o Humberto comentasse a frase do livro *Mapas do acaso: “viver como se não houvesse amanhã”*.

Humberto Gessinger – É que tem um hora no livro que falo que gosto de abrir a geladeira. Assim, tem um cacho de uvas, gosto de deixar as uvas mais maduras para minha mulher e para a minha filha. A minha mulher discorda desse trecho do livro, diz que não é sempre que faço isso. Mas eu acho que é fundamental essa noção de transcendência, que está se perdendo, de que o mundo não começou com a gente e que não vai acabar com a gente, e que tu não pode ser feliz o tempo inteiro, completamente feliz. Tem uma hora que você tem que comer a fruta um pouco mais verde, porque tu achas

que tua filha merece comer a fruta mais madura. É uma sensação que a gente está perdendo.

Talvez seja uma maneira sofisticada de me chamar de otário. A esperança de que haverá uvas para todos, uvas maduras para todos. Sobre a gente pensar que vale a pena tu comeres uma uva verde, pelo prazer que a outra pessoa vai ter de comer uma uva madura.

Pergunta: Eu queria saber como foi o processo de montagem do livro *Pra ser sincero*, como você se sentiu?

Humberto Gessinger – Bom, para ser sincero, a editora se aproximou e perguntou se gostaria de escrever uma biografia. Aí, falei que não tinha o menor interesse de fazer uma biografia, porque daí teria de parar e pensar em coisas que não me interessam pensar. “Então você aceitaria fazer uma entrevista com o Luiz Augusto Fischer?” Eu admiro muito o Fischer, foi meu professor, e ele faria um livro a partir dessa entrevista. Aí, eu aceitei.

Como supus que o Fischer não conhecesse muito bem a minha trajetória, não queria botá-lo numa situação constrangedora de assumir uma coisa que não conhecia. Escrevi um resumo da minha trajetória para ele. Ele leu aquilo, e achou que era bacana. Incentivou-me novamente a escrever eu mesmo. Fiquei em dúvida. Nesse ínterim, fui viajar um dia e esqueci o livro que estava lendo, e estava na livraria. Não tinha nada atraente, e vi uma biografia, comprei-a. Estava lendo o livro e pensei: realmente, não tem o maior sentido escrever minha biografia, mas escrevi. O livro é dividido com essa biografia que escrevi, 123 letras que escolhi. Algumas comentei e o terceiro capítulo é um ensaio, já é mais analítico, que o Fischer escreveu. É isso aí.

Pergunta: Como a gente fala muito de preconceito, eu queria saber o que falta para a gente poder superá-lo?

Jairo Bouer – Preconceito é uma coisa complicada. Acho que qualquer preconceito, de qualquer natureza, é uma barreira para que as pessoas possam se relacionar melhor. A gente, apesar dos avanços, a sociedade, como um todo, enfrenta uma série de preconceitos. E acho que a geração com a qual a gente consegue trabalhar a quebra desses preconceitos é exatamente a de vocês, geração mais jovem, a que está mais premiada pela informação, que ventila mais, que circula mais. Então, se a gente quer pensar numa sociedade cada vez melhor, mais justa, com menos preconceito, a gente tem de começar a investir mais e mais em vocês, para que consigam, de alguma maneira, depurar uma série de coisas que, infelizmente, ainda existem, ainda estão cristalizadas na forma como a gente se relaciona com os outros. Não só os jovens, mas eu acho que os jovens são um público, uma massa fundamental para esse passo.

Só queria falar uma última coisa, dar um recadinho que acho que é legal para vocês. Muito se fala que a geração de vocês lê muito pouco e as grandes culpadas disso seriam a internet, as redes sociais, que estariam diminuindo a aproximação que vocês têm com o livro. Há até alguns estudos que falam que vocês ficam tanto tempo na internet, nas redes sociais, que a atenção de vocês flutua por diversos objetos, que vocês não conseguem manter a atenção fixa em um objeto fixo, em objeto único, como um livro. Então, é difícil para um professor dar uma aula de 50 minutos, é difícil para um adolescente, um jovem botar um livro em baixo do braço e ir para o parque ler, ou ler quando está sozinho em casa. O que eu acho uma grande perda. Porque o livro, então entre todas as mídias que a gente tem, é o que permite mais viagem.

No cinema, o diretor mostra uma história para você, a fotografia também, a imagem está mais escancarada. No livro, você tem aquilo que está escrito, e você viaja, você cria, imagina do jeito que você quiser. É um tempo que você tem para viajar consigo mesmo. Então, não abram mão do livro. Esse é o recadinho, a gente volta e meia ouve essa queixa, acho que é importante, muito importante. Obrigado.



Da direita para esquerda: Jairo Bouer, Kleber Rocha e Humberto Gessinger



Show Pouca Vogal



Parte V

Encerramento

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Fabiano dos Santos



Boa-noite a todos, à Tania, às demais autoridades aqui, ao reitor, à prefeitura. Bom, estou numa situação de emoção muito forte. Nós estamos num circo. O circo é uma roda, e na roda a força se distribui. Capoeira, por exemplo, é uma roda, e tem o coro, o berimbau, o pandeiro, o que puxa. A Tania é quem puxa, é quem dá o tom nessa roda, mas ela só acontece se estiver distribuída essa força. E o Circo da Cultura, da leitura, da literatura, eu aprendi hoje, acontece, porque você distribui essa força.

Tem um salmo que vi na Adélia Prado, que diz: “Chorando, chorando espalharão sementes, cantando, cantando, voltarão com seus feixes.” Parece que a Tania sempre está chorando, espalhando sementes, mas também nesses trinta anos, já tem o que cantar, já tem o que colher. Tania sentou praça na cavalaria, na Jornada. Jornada é um caminho que se faz a

caminhar, jornada é percurso, aventura, peripécia, perigo. A Tania, ao mesmo tempo que corre perigo, é deliciosa, amorosa, necessariamente perigosa. Jornada é narrativa e transformação. Tania é passarinho, como no poema de Quintana, vale a pena, ela é poeta, que respira e inspira a todos vocês. Inspira, respira, conspira todos vocês, todos nós. Tania é amor, vibração. Aprendi com a professora, na minha universidade, lá em Fortaleza, que o caminho do conhecimento é o amor; que a construção do conhecimento só faz sentido quando a gente vibra com a emoção e com o amor. Imagina isso sem o amor e sem a emoção. A Tania é cidadã. Tania é a Jornada e a Jornada é todos vocês, a Jornada é todos nós. Então, Tania é nós. Nós somos Tania e nós somos a Jornada, e a Jornada hoje não é mais apenas de Passo Fundo, não é mais apenas do Rio Grande do Sul, a Jornada é do Brasil. Eu acho que se os caras estão lá, os astronautas devem estar vendo um ponto de luz vibrando nessa terra e é aqui, em Passo Fundo, que hoje daqui brilha de Passo Fundo para o Brasil e para o mundo.

Muito obrigado a todos vocês. Na hora que entrei aqui, que subi, a Tania veio me dizer, obrigada por tudo. No teatro, está aqui o Alcione, um grande mestre, está aqui o Ignácio Loyola. Essa Jornada sem o Alcione e o Ignácio, o que seria também? E quando ela me disse muito obrigada, eu disse: epa, a fala é minha e eu compartilho essa fala com todos vocês, muito obrigado.

Rene Cecconello



Muito boa-noite a todos e a todas. Trago uma saudação aqui também do nosso prefeito Airton Dipp. Quero, José Carlos, em teu nome, nosso reitor da Universidade de Passo Fundo, saudar a toda a equipe da universidade, os vice-reitores, os professores, enfim, toda a equipe dessa grande instituição que é a nossa universidade.

Quero, professora Tania, em teu nome, tu que és, de fato, a grande articuladora, a grande expoente, a que nos puxa e nos empurra nesse processo da construção da Jornada, quero em teu nome saudar a todos, homens e mulheres, que têm contribuído na tua equipe, que tu coordenas, para a realização dessa grande Jornada.

Quero agradecer às esferas de governo federal e estadual, todos aqueles que nos ajudaram enquanto espaço público a também possibilitar que a gente tivesse não só o estímulo, mas também pudesse aqui ter empresas que patrocinassem, que nos ajudassem a viabilizar a nossa 14ª Jornada Nacional e a 6ª Jornadinha. Gostaria de dizer que Passo Fundo

se sente orgulhosa de poder aqui ter nascido e se criado a nossa Jornada de Literatura, mas também dizer, com certeza, que se isso não tivesse acontecido, certamente Passo Fundo não seria o que é hoje, nem na questão de polo regional, na questão de sua solidez econômica, do seu avanço. Porque a literatura ajuda efetivamente a gente viver, a gente construir a concepção na prática dos valores de uma sociedade que nós temos, cada um de nós, que buscar, perseguir, construir, como diz a Tania, um mundo melhor. E esse outro mundo, o mundo melhor, é possível, mas ele também depende da atitude de cada um de nós.

Quero agradecer à Universidade de Passo Fundo por nos permitir construir essa parceria, para viabilizar, para realizar a Jornada e, Tania, em teu nome agradecer mais uma vez o empenho e isso tudo que se constrói e se construiu na 14ª Jornada. Pode ter certeza que nós seremos parceiros de primeira hora, junto com a nossa universidade para, a partir de amanhã já, começar a trabalhar para a 15ª Jornada. Muito obrigado e boa-noite.

José Carlos Carles de Souza



Senhor vice-prefeito municipal, representando o prefeito Dipp, Rene Ceconello, em seu nome estendo essa saudação aos secretários municipais, da Cultura e de Educação, que tanto fizeram por essa Jornada de Literatura. Saudação ao senhor diretor do Livro e da Literatura do Ministério da Cultura, Dr. Fabiano dos Santos. As nossas vice-reitoras, professora Neusa Rocha e professora Lorena Geib, em nome delas, estendo essa saudação a todos os diretores, professores e funcionários da UPF. Uma saudação aos senhores coordenadores dos debates, os escritores Alcione Araújo, Ignácio de Loyola Brandão e Luciana Savaget, em seus nomes saudamos a todos os intelectuais da cultura que participaram ativamente deste movimento literário, especialmente os escritores, autores, músicos, artistas, que emprestaram o seu talento e a sua arte para encantar o público aqui presente. Uma saudação especial à professora Tania Rösing, coordenadora geral das Jornadas. Em nome da professora Tania, estender também esta saudação a toda equipe que auxiliou na organização e na efetivação da Jornada Literária nesta sua 14ª edição.

Senhores patrocinadores e apoiadores que acreditaram nesse movimento cultural, demais autoridades nominadas pelo protocolo, senhoras e senhores, buscamos inspiração nos versos das canções de Gonzaguinha para embasar a manifestação da UPF nesta noite de encerramento da 14^a Jornada Literária de Passo Fundo. Podemos afirmar que começaríamos tudo outra vez, se preciso fosse, pois nada, absolutamente nada foi em vão. Plantamos novamente, durante todas as atividades desta Jornada, a semente do amanhã, portanto, não podemos parar de sonhar. É hora de agradecimento.

Primeiramente, cumpre registrar com alegria que a 14^a Jornada de Literatura foi um retumbante sucesso, mais um espetáculo fabuloso, que emocionou crianças, jovens e adultos e, sobretudo, os escritores e artistas, que tiveram a oportunidade de sentir a vibração da energia que brotava da plateia. Depois queremos agradecer à equipe de professores e funcionários da UPF e não me canso de repetir, coordenados pela professora Tania Rösing, que trabalharam arduamente para que tudo funcionasse dentro do programado. Agradecemos também à valiosa parceria da Prefeitura Municipal, copromotora deste evento e toda a equipe de funcionários, da Secretaria de Cultura e Educação que, sempre presentes e dispostos, realizando todas as atividades integrantes das Jornadas.

Não podemos esquecer e registrar quanto foi importante e decisivo o envolvimento do apoio, da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, na pessoa do querido secretário e participante e atuante da Jornada, Luis Antonio de Assis Brasil. De igual modo, registramos também os nossos agradecimentos ao Ministério da Cultura, aqui na pessoa do diretor do Livro, Leitura e Literatura, Dr. Fabiano dos Santos. Agradecemos também a participação sempre irreverente dos coordenadores dos debates, Alcione, Ignácio e Luciana, que

já são considerados patrimônio das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Registramos ainda um agradecimento especial, aos escritores, artistas, autores, músicos, intelectuais, enfim, a todos que emprestaram o seu brilho pessoal às atividades das Jornadas Literárias.

Professora Tania, trinta anos. Vamos repetir tudo de novo? Obrigado, professora Tania, por contagiar a todos nós, com a sua garra, com a sua disposição, na construção de uma sociedade de leitores a partir dos desdobramentos dessa festa da literatura e do livro. Agradecemos também o apoio do governo federal, governo estadual, do Executivo municipal, assegurando a inclusão desse movimento cultural nas leis do Mecenato e na lei de Incentivo à Cultura e também precisamos registrar o quanto foi importante e continua sendo importante a participação e o patrocínio dos senhores empresários.

Por fim, agradecemos à imprensa pela excelente cobertura e divulgação do evento, levando à sociedade as notícias de tudo o que ocorria no maior evento cultural, literário da América Latina. De modo especial queremos agradecer a participação e a interação do público, que emocionou pela calorosa manifestação e, ao mesmo tempo, se emocionou com tudo o que aconteceu durante esses cinco dias da mais sublime inspiração cultural. Enfim, podemos dizer a todos que esta edição da festa cultural acabou, mas, volto a Gonzaguinha: “Tenham fé na vida, tenham fé no homem, tenham fé no que virá”, pois já temos o próximo encontro marcado, professora Tania, lembrando que juntos nós podemos tudo, juntos nós podemos mais. Vamos juntos lá em 2013 fazer o que será? A 15ª Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo. Um caloroso abraço a todos.



Parte VI

**Registro
iconográfico**

PRÉ-JORNADA

A Pré-Jornada é uma movimentação cultural que antecede as Jornadas Literárias, tornando-se um diferencial, pois existe a preocupação dos organizadores em envolver previamente os participantes com a leitura das obras dos autores que participarão do evento.

A “Caravana da Pré-Jornada”, assim referida por seu caráter itinerante, na 14ª Jornada Nacional de Literatura e 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, em 2011, visitou mais de 83 municípios nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, divulgando a programação e distribuindo o *Caderno de atividades* para professores e escolas. Os encontros com o público aconteceram em diferentes espaços, tais como escolas secretarias estaduais e municipais de Educação, empresas e instituições públicas e privadas, entre outros. Após essas reuniões, grupos interdisciplinares de professores, de alunos e da comunidade foram incentivados e orientados a realizar leituras indicadas e a participar da Pré-Jornada.

Com base no tema “Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias”, os participantes da Pré-Jornada realizaram as discussões, em grupos de até dez participantes, sobre a obra *Mediação de leitura* e demais obras de autores convidados da 14ª Jornada. Logo em seguida postaram o registro dessas reuniões por meio de uma ata eletrônica no *site* da Jornada Nacional de Literatura.



Pré-Jornada

FESTERÊ LITERÁRIO

Constitui-se num movimento cultural que prepara a comunidade passo-fundense e regional para a realização das Jornadas Literárias. Em 2011, o Festerê Literário aconteceu entre 10 de agosto e 17 de outubro em vários espaços, tais como nos shoppings Bella Cittá e Bourbon, na frota de ônibus da empresa Coleurb, museus, praças e ruas principais da cidade.

A comunidade pôde assistir a diversas atividades culturais, tais como apresentação de grupos de dança, grupos de poesia, de teatro, grupos de música, exposições de arte, entre outros.

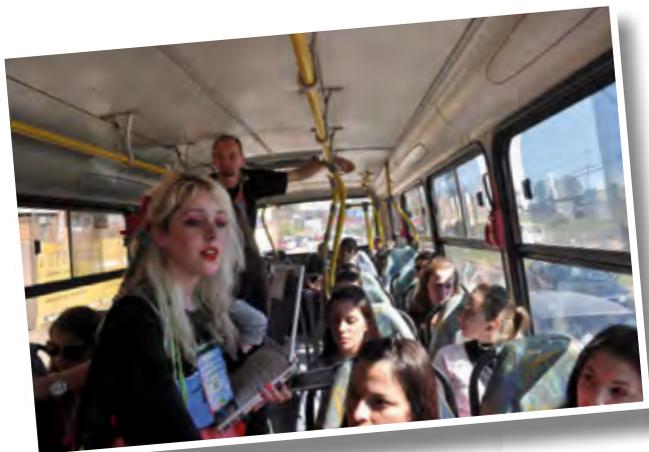
Além do trabalho de sensibilização de toda a comunidade, o Festerê Literário divulga a programação paralela e gratuita da Jornada de Literatura, que a cada ano amplia o leque de opções para o público, inscrito ou não. Em 2011, as atividades paralelas trouxeram como atrações exposições diversas, feira do livro, conferências, mostras filmicas, fotográficas, espetáculos musicais e teatrais e conversas paralelas com escritores.



Distribuição de panfletos nas ruas de Passo Fundo



Coral UPF no Parque da Gare



Poesia no ônibus



Baillar Centro de Dança no Zaffari Bourbon Shopping



Festerê no Zaffari Bourbon Shopping

CONFERÊNCIAS PARA ÁREAS ESPECÍFICAS

Faculdade de Direito. Pode alguém ser condenado por que não chorou no enterro da mãe? Uma leitura de *O estrangeiro*, de Albert Camus.



Giovani da Silva Corralo, Nelson Júlio Martini Ribas
e Jacinto Nelson de Miranda Coutinho

Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e
Contábeis. Livro: *Perspectivas de negócios*.



Pedro Herz

SESSÕES DE AUTÓGRAFOS



Affonso Romano de Sant'Anna



Alberto Manguel



Edney Silvestre



Tania Rösing e Maria Esther Maciel

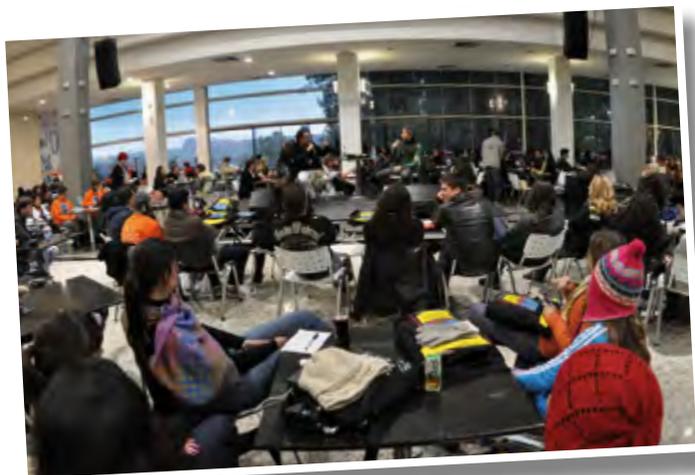


Nilson Luiz May

CAFÉ LITERÁRIO



Café Literário



Luís Augusto Fischer e Vitor Ramil

EXPOSIÇÕES



Arte e rede
– trabalhos
realizados por
acadêmicos
do curso de
Artes Visuais

Poesia da
Imagem do
MAC do Rio do
Grande do Sul



Livro-Álbum
– Editora
Moderna,
Editora
Cosac Naify,
Edições SM



QR-Poema
– Giselle
Beiguelman



Trinta anos
das Jornadas
Literárias



Trinta anos
das Jornadas
Literárias



Cartuns – Era
Lula, Agora
é Dilma: Chi-
co Caruso e
Paulo Caruso

Josué
Guimarães:
noventa anos
de vida (Acervo
Literário – Josué
Guimarães)



4º Ecocartoon
– Pátio Brasil –
Brasília - DF



Palavras em rede: Grupo Bando de Barro, professores e alunos da UPF, UFRGS e artistas convidados - coordenado pelos artistas Rodrigo Núñez e Luciane Campana Tomasini



Trinca – grupo A flecha – Porto Alegre - RS



Infinitos Nós – Grupo da foto – Passo Fundo

GRUPOS ARTÍSTICOS



Intrépida Trupe



Banda Conjunto Nacional
– Rap do Kadafi



Povo da Rua
– Caravana da Ilusão



Cia. de Teatro
Novo
– Criança Pensa



Grupo de
Teatro De
Pernas
Pro Ar



Bando de
Brincantes



Elisa Lucinda
no espetáculo
*Parem de falar
mal da rotina*



Poesia e
risco no lago
da palavra –
Cid Campos



Pouca
Vogal

ESTANDES



Estande
Banrisul



Estande
Corag



Estande
*Diário da
Manhã*



Estande
Digipampa



Estande
Prefeitura
de Passo
Fundo



Estande
Editora
Paulinas



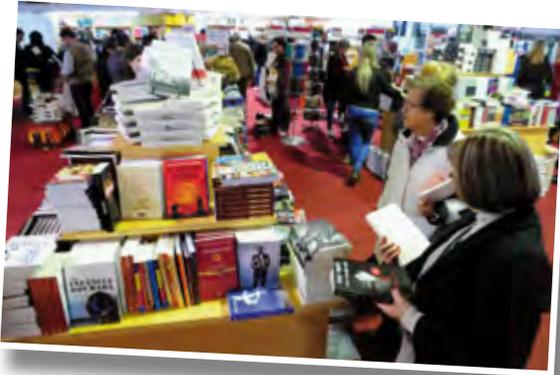
Estande
Editora
Paulus



Estande
TV Pampa



Feira do
Livro



Feira do Livro

Estande Instituto Roberto Pirovano Zanatta



O fabuloso
– ônibus
biblioteca



Fábulas com
a Turma
da Mônica
- Parque



Estande
Petrobras



Estande
SESC

ÁREA EXTERNA



Praça de alimentação



Viagem ao ciberespaço – Espaço dos computadores



Imagem aérea do Circo da Cultura



Equipe de apoio



Parte VII

**Registro da
impresa**

FOLHA DE S.PAULO SÁBADO, 18 DE DEZEMBRO DE 2010

E12 **ilustrada** / livros

Boom de prêmios

Na esteira do boom de concursos literários, o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, que já existia, aumentou significativamente sua premiação para a edição de 2011. Com R\$ 150 mil ao primeiro colocado, aproxima-se do São Paulo de Literatura —que dá R\$ 200 mil ao vencedor—, deixa bem para trás o Jabuti —R\$ 30 mil— e se torna um dos mais importantes fora do eixo Rio-SP.

Passo Fundo anuncia Jornada

A 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS) terá como tema "Leitura entre Nós: Redes, Linguagens e Mídias".

O evento, que completa 30 anos, acontecerá entre os dias 22 e 26 de agosto na Universidade de Passo Fundo. A programação inclui palestras, peças e exposições. O português Gonçalo M. Tavares, o argentino Alberto Manguel são alguns dos estrangeiros convidados. Entre os nacionais estão Afonso Romano de Sant'Anna, Ziraldo e Edney Silvestre.

Além da Jornadinha, para o público infanto-juvenil, o evento vai inaugurar o Jorntight, para jovens entre 15 e 25 anos.

Valor do prêmio é de R\$ 150 mil

Outro destaque da 14ª Jornada Nacional de Literatura é a entrega do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Boubon de Literatura, que dará o valor de R\$ 150 mil ao melhor romance de língua portuguesa publicado nos últimos dois anos.

Na edição passada, em 2009, o vencedor foi "O Filho Eterno" (Record), de Cristovão Tezza.

As inscrições para a Jornada de Passo Fundo podem ser feitas a partir do dia 4 de abril, inclusive pelo site www.jornadadeliteratura.upf.br.

O valor varia de R\$ 120 (individual) a R\$ 1.500 (ingresso coletivo para dez pessoas).

clicRBS
Passo Fundo

Home Agenda Social Blogs Colabore Nascimentos Notícias Opinião Serviço

21 Jan 13:52

Programação da Jornada de Literatura de Passo Fundo é apresentada em Porto Alegre

Escritores e intelectuais do Brasil e de diversas partes do mundo estarão reunidos entre os dias 22 a 26 de agosto em um dos maiores eventos



de literatura do País, para discutir a influência de novos meios de comunicação e transmissão de informação e conhecimento e seu impacto na vida de novos e antigos leitores.

Comemorando 30 anos de existência, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo apresentou as novidades da décima quarta edição nesta quinta-feira, dia 21 de janeiro, no Foyer do Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre.

Escritores, artistas, autoridades, leitores e convidados conferiram o que estará em pauta nos cinco dias da movimentação cultural, que acontece no Orço da Cultura, Campus I da Universidade de Passo Fundo. Durante o lançamento, foi divulgada mais uma edição do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura e lançados quatro livros, além dos eventos integrantes da programação: 6ª Jornada Nacional de Leitura, 10ª Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, sob o tema Cultura, Leituras e Interações: das comunidades onais às redes sociais; 4º Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras; 3º Encontro Estadual de Escritores Gaúchos; e 2º Seminário Internacional de Contadores de Histórias.

A coordenadora das Jornadas Literárias, professora Tania Rosing, destacou o tema "Letura entre nós: redes, linguagens e mídias", enfatizando que o desafio é fazer com que essa discussão possa ser de grande aprofundamento para a formação do leitor brasileiro. Para Tania Rosing, muitas mãos, pensamentos e sensibilidade fazem parte da história de 30 anos.

- É o momento de dizer obrigada às pessoas que nos ajudaram na caminhada. Que bom que o Josué Guimarães acreditou e chamou outros escritores para a primeira edição desse movimento literário que se tornou ininterrupto - declarou.

ZERO HORA | PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 24 DE JANEIRO | ZERO HORA
segundo Caderno planeta
Tudo sobre os ingressos

30 anos e mais jovem

Jornada de Passo Fundo discute formação de leitores na era digital

Uma das experiências nacionais mais bem-sucedidas de incentivo à leitura, a Jornada Nacional de Literaturas de Passo Fundo completa três décadas discutindo que desafios as novas tecnologias oferecem para a formação de novos leitores. Paralelamente, a Jornada também busca atrair ao novo tipo de público.

A Universidade de Passo Fundo (UPF), organizadora da Jornada, divulga, nesta sexta-feira, a programação da 14ª edição da festa, marcada para os dias 22 e 23 de agosto deste ano. Dentre as novidades, destaca-se um aumento no valor do pedágio pago (R\$ 130 mil) ao autor de Passo Fundo Zafrair Buarbon, entregue para diversos publicadores no Brasil entre duas edições da festa, e uma programação específica voltada para atrair os jovens, diversificando as linhas de atuação do evento – que além da Jornada para os adultos inclui um paralelo à Jornada de Literatura para o público infantil (já em sua sexta edição).

Tudo se dá em Jorjagó, uma série de atividades voltadas para o público entre 15 e 25 anos – tema faixa que já não se na Jornada há mais pode não ter ainda desenvolvido o hábito pela "seriedade". A Jornada terá performances artísticas e shows musicais. Será realizada sempre entre 19h30min e 23h30min em uma das salas paradas do ciclo de debates no Campus I da UPF. Entre conferências para a primeira edição o projeto Poema Igual, das editoras Duca Leuzacker e Humberto González (que também interpostos o tema musical da Jornada este ano) e a série e poesia Eliu Lencina.

Outros na edição de 2011 são o público jovem, esta edição será marcada pela presença de estrelas das artes gráficas nacionais. Desde convidado já em edições anteriores por Passo Fundo, como Zafrair Buarbon, autor de *Papel e de Alívio* (Makgahi) e *Intero de Soma*, criado há tempos da literatura, até desvendando com um trabalho mais adulto, como o digitalizado gótico-quântico Fábio Moon e Gabriel Fy – autor de séries *1984* (Jardim) e *em um trabalho que começa a ter seu reconhecimento no mercado internacional. Outras par de gônias, inclui o convidado de Passo Fundo, também já em edições anteriores, Chloé e Paulo Casca.*

QUEM VEM PARA PASSO FUNDO

Jornada Nacional de Literaturas será de 22 e 23 de agosto



■ GONÇALO B. SEVERAS
Escritor português (português de reconhecimento que vem sendo destacado como um dos mais profícuos e respeitáveis escritores da nova literatura portuguesa. É autor da trilogia *Sentença*. O livro *Tempestade* venceu um *Honor* Alina Kluge. *Amoroso* ganhou *Prêmio* *Troca de 2007*. A *Mitologia de José* *Walter e Apêndice* e *Recur* no *Ciclo de Poemas*. *Sentença* é autor de *Século* *0* *0* *0*. *Sentença* é autor de *Século* *0* *0* *0*. *Sentença* é autor de *Século* *0* *0* *0*. *Sentença* é autor de *Século* *0* *0* *0*.



TATIANA SALEM LEVY
Jovem escritora apontada como destaque no cenário da ficção contemporânea brasileira. Sua romance *A Casa de Gelo* (2008) venceu o primeiro edição do Prêmio São Paulo de Literatura na categoria romance. Em 2008, ela e Adriana Azevedo publicaram o romance *Plimera*, que marcou no mesmo volume o primeiro de escritores de origem judaica (junto Miriam Bratton e Chana Maccabee) e André (Sônia Magalhães, Alberto Mendes).



EDNEY BALVESTRE
Jornalista e apresentador de TV, Edney esteve na Jornada em 2008 com o romance *De Eu Falar ao Célio*. Agente, que recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura para melhor romance de autor brasileiro e o prêmio de Melhor Romance.



ALBERTO MANGUEL
Argentino radicado no Brasil, é um dos principais escritores da literatura em português. Sua obra mais conhecida no Brasil chama-se *Paralelos*. Uma história de Leifur. Já publicou, juntamente com o livro *o sempre possível* *relação de* *leitor com a* *leitura* e *a* *leitura* *em* *uma* *visão* *de* *longo* *prazo*. *o* *leitor* *em* *uma* *visão* *de* *longo* *prazo*. *o* *leitor* *em* *uma* *visão* *de* *longo* *prazo*.



ROGER E ANNEMARIE CHARTIER
 Casal de intelectuais franceses. Roger (1914) foi um dos grandes escritores e intelectuais de língua francesa. *Le Livre de Poésies* de Roger Chartier é um dos grandes clássicos da literatura francesa. *Le Livre de Poésies* de Roger Chartier é um dos grandes clássicos da literatura francesa.



BEATRIZ SARLO
É professora da Universidade de Buenos Aires, é uma das principais críticas literárias da Argentina, bem como uma das principais críticas literárias da América Latina. Sua principal obra publicada no Brasil é *Tempo Presente* e *Tempo Passado*. É sua obra recente *Tempo* *de* *longo* *prazo* *de* *longo* *prazo* *de* *longo* *prazo*.



PIERRE LEVY
Também conhecido no Brasil, é um dos principais escritores e pensadores da literatura e da cultura. Sua obra mais conhecida no Brasil é *Inteligência*, de 1982. Sua obra mais recente é *O Futuro do Intelecto*. Sua obra mais recente é *O Futuro do Intelecto*. Sua obra mais recente é *O Futuro do Intelecto*.

Jornada **jovem**

Uma das experiências nacionais mais bem-sucedidas de incentivo à leitura, a Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo completa três décadas discutindo que desafios as novas tecnologias oferecem para a formação de novos leitores.

Paralelamente, a Jornada também busca atrair um novo tipo de público.

A Universidade de Passo Fundo (PF), organizadora da Jornada, divulgou, na semana passada, a programação da 14ª edição da festa, marcada para os dias 22 a 26 de agosto deste ano.

Dentre as novidades, contam-se um aumento no valor do prêmio pago (R\$ 150 mil) ao vencedor do Passo Fundo Zaffari Bourbon, entregue para romances publicados no Brasil entre duas edições da festa – o catarinense Salim Miguel foi o vencedor em 2001, com *Nur*, empatado com Antonio Torres, pelo romance *Jornada com Rupert* – e uma programação específica voltada para atrair os jovens. Além da Jornada para os adultos realiza em paralelo a Jornadinha de Literatura, para o público infantil (já em sua sexta edição).

Trata-se da Jornight, uma série de atividades voltadas para o público entre 15 e 25 anos – uma faixa que já não vai na Jornadinha mas pode não ter ainda desenvolvido o interesse pela “jornadona”.

A Jornight terá performances artís-

ticas e shows musicais. Será realizada sempre entre 19h30min e 21h30min em uma das lonas paralelas do circo de debates no Campus I da UPE.

Estão confirmados para a primeira edição o projeto Pouca Vogal, dos músicos Duca Leindecker e Humberto Gessinger (que também interpreta o tema musical da Jornada este ano) e a atriz e poetisa Elisa Lucinda.

Também no esforço de atrair um público jovem, esta edição será marcada pela presença de estrelas das artes gráficas nacionais.

Desde convidados com longo trânsito por Passo Fundo, como Zivaldo, autor do *Pererê* e do *Menino Maluquinho*, e Mauricio de Sousa, criador da *Turma da Mônica*, até desenhistas com um trabalho mais adulto, como os elogiados gêmeos quadrinistas Fábio Moon e Gabriel Bá – autores das séries *10 Pãezinhos* e com um trabalho que começa a ter reconhecimento no mercado internacional.

Outro par de gêmeos, velho conhecido de Passo Fundo, também virá: os irmãos chargistas Chico e Paulo Caruso.



SHAMBALA
SPA ZEN

Quem conta um conto...

...pode vencer o 12º Concurso Nacional de Contos José Guimarães. A premiação, que tem revelação na abertura da Jornada de Literatura, recebe inscrições até junho

SEGUNDA

"Que bom que José Guimarães, e tantos outros escritores para a próxima edição desse movimento literário que se tornou ininterrupto". Nas palavras de Tania Rosing, importantes premiações da Jornada leva o nome do famoso escritor gaúcho. Cidade entusiasmada do escritor, José Guimarães está presente nas primeiras e mais decisivas edições das Jornadas Literárias, ajudando a desenvolver as territorialidades. Mesmo após a sua morte, em 1986, voltou a fazer parte do evento espiritualizado, batizando o 1º Concurso Nacional de Contos promovido pela Jornada. Agora, no ano em que a manifestação comemora seus 30 anos e

se completam 90 anos do nascimento do autor, são abertas as inscrições para a décima segunda edição da premiação.

O concurso

Criado na edição realizada em 1988, o Concurso Nacional de Contos José Guimarães recebe milhares de inscrições vindas de todo Brasil a cada nova edição. O prazo para participação, que inicia no dia 31 de janeiro, se estende até o dia 1º de junho, enquanto que os vencedores são conhecidos na abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no dia 22 de agosto. As premiações são de R\$ 5 mil e R\$ 3 mil, para o primeiro e segundo colocados, respectivamente. Podem participar do concurso escritores com obras já

publicadas ou não, mas os textos devem ser inéditos.

De acordo com o regulamento, além do prêmio em dinheiro, a Comissão Julgadora poderá conceder Menção Honrosa a alguns trabalhos. Os contos premiados poderão ser editados em antologia organizada pelo Instituto Estadual do Livro, a ser publicada em coedição com a Fundação Universidade de Passo Fundo e com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo. O julgamento das obras fica a cargo de uma comissão indicada pelas instituições



que promover o prêmio Universidade de Passo Fundo, Prefeitura de Passo Fundo, e Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através do Instituto Estadual do Livro.

Na edição anterior, em 2009, o concurso registrou 1.827 trabalhos inscritos, com participação de escritores de 20 Estados brasileiros. Rio Grande do Sul, com 429 contos, São Paulo, com 426, e Rio de Janeiro, com 375, obtiveram o maior número de participantes. O primeiro colocado foi Elzer Rodrigues, de Belo

Horizonte, autor dos contos Quando o desejo passou por aqui, Primeira página e Último dominó ao mar. Na segunda colocação ficou Paulo de Tarso Ricordi, de Ponta Alegre, com o conto Na linha de redefinição, Opusculo a chave e O momento. As informações e regras do concurso podem ser obtidas no site www.jornadaliteraria.org.br, pelo e-mail jornada@upf.br ou via telefone: (54) 3316-8368.

LITERATURA

Abertas inscrições para Jornada

Estão abertas as inscrições para a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, que acontece entre 22 e 26 de agosto, no Circo da Cultura, Campus I da Universidade de Passo Fundo. Com o tema *Literatura entre nós: redes, linguagens e mídias*, a programação inclui palestras, concursos literários, conversas com autores, cursos, espetáculos musicais, teatrais e de dança, oficinas, filmes e exposições.

Escritores de diversas países já confirmaram presença, como os portugueses Gonçalo Tavares e Tânia Saleem Lévy; os argentinos Alberto Manguel e Beatriz Sarlo; e o tunisiano Pierre Lévy. Entre os autores brasileiros, participarão no-

mes como Maurício de Souza, Ziraldo, Tony Bellóro, Elisa Lucinda, Edney Silvestre e Eliane Brum.

Ao comemorar 30 anos nesta edição, além da já tradicional *Jornadinha Literária*, para o segmento infantil/juvenil, haverá uma programação especial para o público jovem. Há duas modalidades de inscrições: individual e coletiva (para 10 pessoas). Na primeira, os preços variam entre R\$ 120,00 e R\$ 170,00 por pessoa. Na segunda, entre R\$ 1.000,00 e R\$ 1.600,00. Os descontos dependem do data da inscrição. Interessados devem acessar a página www.jornadadeliteratura.ufp.br.

LEONARDO MORENO/OLYMPIA/AGF



Outros

■ **JORNADA DE LITERATURA** – Estão abertas as inscrições para a 14ª Jornada Nacional de Literatura, somente pela Internet, no site www.jornadadeliteratura.upf.br. O evento ocorre entre 22 e 26 de agosto, na Cidade do Livro.

■ **THE UNION** – Evento para estudantes e profissionais de computação gráfica, cinema, *games*, artes, publicidade e animação ocorre dia 15 no WTC em São Paulo. Inscrições pelo www.theunion.com.br.

■ **EDITAL EXPOSIÇÕES** – Segue até 15 de abril o prazo para inscrição para o edital de seleção de exposições a serem sediadas pela Fundação Ecarta (João Pessoa, 943). Para artistas do Rio Grande do Sul que já tenham realizado ao menos uma mostra individual e uma coletiva. Regulamento no site www.fundacaoecarta.org.br.

roteiro@correiodopovo.com.br

clicRBS Passo Fundo

Home | Agenda local | Fatos | Colunas | Notícias | Opinião | Região

Pré-Jornada de Literatura é apresentada a professores da rede estadual



Um dos diferenciais das Jornadas Literárias nestes 30 anos de movimentação cultural é a aproximação que promove entre o público participante e os escritores que integram a programação do evento. Esta metodologia, que ficou conhecida como Pré-Jornada, ganha para 2011 um novo conceito. A preparação para integrar os debates das Jornadas Literárias passa a ser considerada um Curso de Formação Continuada em Serviço.

Esta nova modalidade oferece aos participantes um processo de reflexão sobre questões de leitura como prática social, literária e das manifestações artístico-culturais em diferentes mídias, apresenta as obras dos autores convidados e, além disso, certifica os participantes como curso de formação com 40 horas de carga horária.

As inovações da Pré-Jornada na 14ª Jornada Nacional de Literatura foram apresentadas durante um seminário promovido pela 7ª Coordenadoria Regional de Educação, em Passo Fundo, na manhã de hoje. O grupo interdisciplinar que coordena as Pré-Jornadas motivou diretores, supervisores e coordenadores pedagógicos representantes de 125 escolas da região, das quais fazem parte mais de 3,6 mil professores.

A coordenadora geral das Jornadas Literárias Tania Röing apresentou a Pré-Jornada ao público participante, destacando a importância do processo de reflexão, tanto individual quanto coletivo, na formação continuada em serviço de leitores e mediadores de leitura.

- As Jornadas foram criadas dentro do curso de Letras da UFF em 1981 para oferecer aos professores a possibilidade de se encontrarem com escritores. Já naquele momento nós estávamos em consonância com a Secretaria Estadual de Educação para viabilizar a leitura das obras aos professores. Continuamos essa trajetória com esta metodologia. Nosso trabalho não tem sentido se não alcançamos os professores, se não estivermos estimulando a formação de sujeitos leitores e mediadores de leitura – enfatizou, argumentando que na sua opinião, o maior problema enfrentado na educação brasileira, além da remuneração inadequada dos professores, é o índice baixo de leitura.

A metodologia da Pré-Jornada será apresentada aos professores integrantes da 7ª CRE em todos os seus núcleos, nas cidades de Passo Fundo, Marau, Lagoa Vermelha, Guaporé e Nonoai. Também estão previstos encontros na estrutura multicampi da UFF, nas cidades de Casca, Lagoa Vermelha, Carazinho, Palmeira das Missões, Soledade e Sarandi. Para os professores da rede municipal de ensino de Passo Fundo o encontro de esclarecimento sobre a Pré-Jornada será no dia 23 de março, às 13h00min, na Câmara Municipal de Versadores.

Brazil Is the Country of the Future . . .

. . . and the Future is Now

Maria Fernanda Rodrigues & Carlo Carrenho of PublishNews.com.br offer a snapshot of this booming nation's book business

"For so long, Brazil was a nation brimming with potential but held back by politics, both at home and abroad. For so long, you were called a country of the future, told to wait for a better day that was always just around the corner. My friends, that day has finally come. And this is a country of the future no more. The people of Brazil should know that the future has arrived. It is here now. And it's time to seize it!"

Those were the strong and inspiring words of US President Obama during a speech in Rio de Janeiro last month and rousing applause that followed was proof that Brazilians agreed. Brazil is the country of the future. But when it comes to books, is the situation the same? Are there indeed opportunities for international publishing companies to participate in this gigantic nation's booming economy? Some data for you to consider.

Big Country, Few Bookstores

Brazil is a country of continental dimensions—spreads across 50% of South America, has 5,565 cities and 190 million people. However, when it comes to bookstores, the country is woefully underserved, with just 3,000 providing for the entire population and most of them are concentrated in urban centers. To reach areas not served by stores, publishers rely on door-to-door sales, which represent 17% of the market (up from 5% in 2006).

According to the most recent fig-

ures released by the Brazilian Book Chamber (CBL) and the Brazilian Publishers Union (SNEL), the total value of the publishing market was calculated at US\$ 1.94 billion in 2009. Government purchases represented 25% of the total earnings, the majority of these purchases—some US\$ 401 million—going for K-12 textbooks. There are about 40 million children attending public schools and the government has developed important initiatives to increase literacy.

Growing Book Production

In 2009, publishers produced 52,510 titles (22,027 new editions and 30,483 reprints). At that time, 386 million units were printed, of which 154.4 million were new editions. In all, there were some 370 million units sold. These recent figures derive from a study by FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Information was collected from 693 publishers, with revenues varying from US\$ 574 million to US\$ 29 million per year, and representing 78% of the publishing market. The next round of statistics is expected to be released in August.

The sales figures for 2009 are considered respectable. Since 2006, the number of units sold has continued to grow: from 310m at that time to 370m in 2009. Most segments show improvement, with Trade (up 9.1%) and STM (up 7.5%) leading the pack. The K-12 textbook segment represents 51% of the sales in US

dollars, followed by trade at 24%, STM at 15%, and religion at 10%.

In March, the National Bookstores Association (ANL) published annual results showing overall bookstore revenue for 2010 rising 9.6% compared 2009. Inflation during the period was 6%, which offset some growth, though the remaining gains were strong. Fully 29% of bookstores declared they plan to expand or renovate their shops, while 9% of them intend to open new stores. The report also showed that e-commerce has not been implemented by the majority of booksellers. Only 48.57% of the Brazilian booksellers sell online, though 25% of them intend to invest in technology in 2011.

Translation Statistics

Fewer titles (-12.3%) have been translated into Portuguese in recent years, with the biggest drop off being seen in titles translated from the Spanish (-42%). English is still the most translated language, with 3,700 titles appearing in 2009, followed by French (674), Spanish (616), Italian (399), German (204) and other languages (51). Brazilian publishers "translated" 164 titles from Portugal (European Portuguese differs quite a bit from Brazilian Portuguese). Despite the reduction of the number of translated titles, many more units have been distributed to stores: the quantity of units printed rose from 20 million in 2008 to 28 million in 2009—a 37% improvement.

Three Brazilian Book Events You Must Attend

The small colonial village of Paraty. Photo by Tuca Vieira.



Throughout the year, Brazilian authors travel from one book fair to another, as many cities in Brazil have their own literature festivals and book events. All of them have the same goal: to instill the pleasure of reading and—of course—sell books.

FLIP: Literature Festival

The Paraty International Literature Festival is a unique opportunity to listen to highly regarded authors such as J.M. Coetzee, Amos Oz and Robert Crumb in a special setting. This seaside harbor town at the southern coast of Rio de Janeiro State features many attractions: mountains, islands, a beautiful sea, cobble streets, historical sites, delicious seafood and some of the best cachaça in Brazil.

"By bringing writers from other countries to Brazil, Brazilian literature is becoming better known abroad," says Liz Calder, FLIP co-founder (and founding director of Bloomsbury UK). She is overjoyed with the results and the festival's worldwide reputation has grown every year. The 9th edition of FLIP will take place this year from July 6 to 10. Website: www.flip.org.br

Passo Fundo: Literacy

Passo Fundo is a small town with 184,000 inhabitants in the south of Brazil. In 2006 it was named "Capital of Literature" by former Brazilian president Lula who was impressed with the town's high literacy rate, something that was achieved with the help Jornada Nacional de Literatura. This is the country's most important literacy event and serves as the model for more festivals around the country. It takes place biennially in four circus tents spread across University of Passo Fundo. The largest one, called Culture Circus, hosts 5,000 people. Other tents host 17,000 children as they interact with authors. Gonçalo M. Tavares, Alberto Manguel, Beatriz Sarlo and Pierre Lévy are expected to speak at this year's event—the 30th—which takes place from August 22 to 26. Website: www.jornadadeliteratura.com.br

Rio de Janeiro Book Fair

There are two major book fairs in Brazil. They alternate every year between the cities of São Paulo and Rio de Janeiro. This year, from September 1 to 11, publishers, booksellers, authors and readers will gather in Rio to talk about literature and buy books. Authors Anne Rice, Michael Connelly, Alyson Noel and Susan Casey will attend in 2011.

In 2009, 640,000 people attended the fair and more than 2.4 million books were sold. The festival caters to local schools and school children receive vouchers from the city's Department of Education to buy books.

The focus of the fair is to serve the public, although numerous publishing professionals are present during the first several days, giving the event a trade atmosphere. Website: www.bienaldodivro.com.br



GÊMEOS DO TRAÇO

“Desde sempre!” É assim, com uma exclamação, que o quadrinista e autor **FÁBIO MOON** responde sobre desde quando desenha com seu irmão gêmeo, **GABRIEL BÄ** (ambos na ilustração acima). Pois a dupla mais famosa da HQ brasileira participa da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no Encontro com os Gêmeos – ao lado dos também célebres manos Paulo e Chico Caruso.

A pororoca de desenhistas gêmeos vai rolar no dia 24 de agosto, dentro da programação da **Jornight** – uma reunião com mil jovens de até 25 anos, novidade que estreia nesta edição da Jornada. O trabalho de Fábio e Gabriel já foi publicado em países como Estados Unidos, Itália, França e Espanha e conquistou prêmios, como o prestigioso americano **Eisner Award** e o brasileiro **Jabutí** – pela adaptação em quadrinhos do livro *O Alienista*, de Machado de Assis.

Hoje, a dupla produz a série *Daytripper* para a editora americana **Vertigo** – que aparece liderando o ranking de quadrinhos mais vendidos do jornal **The New York Times**. Aos sábados, os caras assinam a tirinha *Quase Nada*, na Folha de S. Paulo.

– Um dos maiores desafios para os quadrinistas no Brasil é fazer as pessoas descobrirem o seu trabalho. É difícil levar os quadrinhos para além do pequeno nicho que já os consome – diz Fábio.

A COLAR
NO CDD
DELETA



LERINA 46956
NO COLAR

Envie BFOCEL para 46956 e
receba dicas de cultura do colunista
Fagner Lima no celular. O custo por
mensagem recebida é R\$ 0,31 +
tributos para todos as operadoras.

ABOUT US CONTACT US PRIVACY SUBSCRIBE SEARCH OUR

publishnewsbrazil
POWERED BY PUBLISHINGPERSPECTIVES

INDUSTRY NEWS DIGITAL PUBLISHING BESTSELLERS FOREIGN RIGHTS BOOKSELLING

Passo Fundo: A Surprising City of Book Lovers in Southernmost Brazil

By MAREIA FERREIRA RODRIGUES | Published: MAY 3, 2011

5 2

Passo Fundo may be a small agricultural and cattle town of just 184,000 inhabitants in Rio Grande do Sul, the southernmost Brazilian state, but it also happens to be one of the most literate cities in Brazil. Its [Jornada Nacional de Literatura](#), a biannual literary festival taking place in August, offers teachers and students of all ages opportunities to discover the myriad pleasures of reading. The city is also known for promoting reading year-round through activities in schools and public spaces.



Tania Rosing (Photo by Tiago Lermen)

The result is that Passo Fundo has one of the highest rates of reading in the country. Recent research indicates that Brazilians read an average of 4.7 books per year, but once you discount books read at school, this number drops to a mere 1.3 books per year. In Passo Fundo the average is much higher, with people reading 6.5 books per year, a number on par with France's average. For that the city was named the "National Capital of Literature" by President Lula in 2006.

Jornada é homenageada pela Assembleia

Grande expediente foi proposto pelo deputado Luciano Azevedo que relembrou a história da maior movimentação cultural do país

O deputado Luciano Azevedo (PSB) pediu ontem homenagem pelos 30 anos da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, durante sessão na grande assembleia. “Há cerca de 30 anos, 304 escritores e pesquisadores participaram de nossa jornada, porque ela é de todos. É um feito histórico e merece garantia de reconhecimento Grande Expediente”, afirmou. O parlamentar também fez um apelo aos filhos da municipalidade e aos pais, que necessitam cada vez de mais apoio financeiro, desde antes do nascimento. “A grandiosidade da obra não pode ser vista para que se espere mais iniciativas semelhantes, feita em grande e permanente associação dos poderes públicos, a jornada corre risco”, alertou o parlamentar.

História

Luciano resgatou aspectos da história da jornada, informou que o evento teve como idealizadora a professora Tânia Ribbing, lembrando que, a partir de 1991, a Prefeitura de Passo Fundo passou a ser copromotora do evento, ao lado da Universidade. Dez anos mais tarde, em 2001, segundo Luciano, a jornada abriu espaço para os alunos de ensino fundamental e médio com a criação da Jornada Nacional de Literatura.

14º edição

O deputado também destacou a programação da 14ª edição da jornada, prevista para ocorrer de 22 a 26 de agosto, com o tema “Letras entre rios, lagoas e matas”, ocasião em que estarão presentes figuras de importância mundial como Pierre Levy e Henrik Sahlén. Além da Jornada, também haverá a realização do Encontro Internacional de Literaturas Infância e Juventude e 1ª Jornada, destinada para pessoas de 13 a 23 anos.



DIA DAS MÃES



Literária

Luciano salientou que, por reconhecimento da entidade da jornada, Passo Fundo tem o maior índice de leitores do país: uma média de 6,3 livros por ano, três vezes mais do que outros municípios e próximo a de países como França. O deputado também ressaltou que essa marca convive com duas realidades nacionais pouco animadoras. “No Brasil - e não é só - apenas um afortunado em cada três lê livros. O brasileiro médio lê 1,8 livros não acadêmicos por ano, menos da metade do que se lê nos Estados Unidos ou na Europa. São pessoas que não sabem ler livros, o Brasil tem em 27ª um ranking de 38 países”, disse.

Reconhecimento

O deputado elogiou a série de livros editados pelo município Passo Fundo da Capital Nacional de Literatura, desde 2005, por proposta do deputado Beto Albuquerque. Por iniciativa do próprio Luciano, a cidade é também Capital Estadual de Literatura, por meio da Lei nº 12.038, aprovada pela Assembleia estadual em 2007. Foi proposto do deputado estadual Giacomo Chiodi, ao Arquivo Literário Unesp para do Patrimônio Histórico do Rio Grande do Sul, por meio da Lei nº 12.295 de 21/05/2008.

acompanham o período do Grande Expediente a secretários estaduais de Infraestrutura e Logística, Elio Albuquerque, o coordenador da Jornada Nacional de Passo Fundo, Tarcis Romão, e reitor da Universidade de Passo Fundo, José Carlos Carlos de Sousa, o secretário municipal de Cultura de Passo Fundo, Alex Paquet, e presidente da Comissão de Veradores de Passo Fundo, João Pedro Nunes, entre outros autores.

clicRBS Passo Fundo

Home Ajuda Social Blogs

16 mai
11:00

Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães inova na premiação



O vencedor do 12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães tem à este ano, além do prêmio em dinheiro, uma viagem de dez dias a Santiago de Compostela, na Espanha. O vencedor pode o estudar durante este período na Universidade de Compostela.

Primeiro e segundo colocados serão associados no dia 22 de agosto, na abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Os prêmios em dinheiro são de R\$ 5 e 3 mil, respectivamente.

O Concurso de Contos Josué Guimarães coincide, nesta edição, com os 70 anos da Jornada Nacional de Passo Fundo e com o 90º aniversário do autor que dá nome ao prêmio. Josué Guimarães foi escritor e jornalista e incentivou a criação de um evento literário de grande porte na cidade de Passo Fundo – as Jornadas. Em 1986, à época de sua morte, teve seu nome arrematado para nomear a Jornada Literária daquele ano.

Além da 3ª Jornada Nacional de Literatura Josué Guimarães, isto vem sendo homenageado biennialmente com o Concurso de Contos, esta ação de incentivo à produção literária, desde 1990. Josué acreditou em nossa proposta de formação de leitores e fez os primeiros contatos com renomados escritores nacionais para a participação na primeira edição. Se não fosse ele, dificilmente conseguiríamos começar com o título de autores como Aminno Trevisan, Carlos Nejar, Moacyr Solar, Sérgio Capparelli e Dionísio Silva, além do poeta Mano Quintana, homenageado especial, conta Tânia Börsig, idealizadora e coordenadora das Jornadas Literárias.

Com o sucesso atingido pela 1ª Jornada estadual, Josué Guimarães sugeriu que o evento ganhasse abrangência nacional e fosse realizado a cada dois anos. Guimarães ergueu-se pessoalmente em trazer escritores do Rio-Grande ao Passo Fundo. Em 1987, o evento foi batizado de Jornada Nacional de Literatura. A primeira edição da Jornada Nacional teve a participação de escritores como Antônio Callado, MBS, Fernando Resende, Fernando Sabino, Luís Fernando Veríssimo, Lya Luft e Luiz Antônio de Assis Brasil.

Podem participar do concurso contistas com obras publicadas ou não. O importante é que os textos sejam originais. As inscrições estão abertas desde 31 de janeiro e vão até dia 1º de junho. As inscrições são feitas www.jornadaliteraria.upf.br, pelo e-mail jornada@upf.br ou na telefone (51) 3316-0350.

A inscrição é feita pela Comissão Julgadora, indicada pelas instituições que promovem o prêmio: Universidade de Passo Fundo, Prefeitura de Passo Fundo, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e Instituto Estadual de Livro. Além do prêmio em dinheiro, a comissão poderá conceder Menção Honrosa a alguns trabalhos. Os contos podem ainda ser editados em antologia organizada pelo Instituto Estadual do Livro e publicada em coedição com a Fundação Universidade de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo.



14 jun
19:21

Alunos da Escola Tiradentes participam do 2º Festerê Literário



Destacando a festa, o Largo da Liberdade da praça Armando Sieghem foi palco do 2º Festerê Literário dos 30 anos de Jornadas Literárias. Nessa promoção da Universidade Populista (UP) e da Universidade de Passo Fundo (UPF), várias atividades foram realizadas com os alunos de 2º ano da Escola Tiradentes.

Na oportunidade, os monitores do Mundo da Letra da UPF e do ônibus biblioteca da Prefeitura Municipal "O Fabuloso", trabalharam com os alunos da Tiradentes a obra "Coróis Negreiros", de Marcelino Freire, a qual está presente na 8ª Jornadinha Nacional de Literatura, que acontece no dia 26 de agosto. O evento contou ainda com apresentações do grupo de dança da UPF e do grupo Abada Capoeira de Passo Fundo.

Finalizando essa ação literária, os alunos percorreram o túnel do Largo da Liberdade, que é composto por sete etapas: Anore de Letras, que é uma criação arquitetônica para simbolizar os 25 anos de jornadas literárias no município, oportunidade que conheceram o significado do monumento, Arena, que a exemplo dos antigos circos romanos, onde combatiam os gladiadores e as feras, ela é o espaço destinado às apresentações dos artistas que por ali passam, Túnel das Letras I e II, nas quais são expostos fragmentos de textos específicos dos autores que participaram das Jornadas Nacionais de Literatura e de autores passo-fundenses já falecidos, Rio Passo Fundo, Monumento dos Tropeiros; e o Quiosque de Liberdade, onde são oferecidos cursos gratuitos de informática e empréstimos de livros.

De acordo com a coordenadora da UP, professora Maria Augusta D'Alencar, o Festerê Literário passou a ser um movimento cultural permanente em prol da formação de leitores. Atividades mensais estão sendo realizadas. Ela disse ainda que a escola que for participar da 8ª Jornadinha Nacional de Literatura, seja ela da rede pública ou privada, e tiver interesse em participar de atividades no Largo, deve entrar em contato com a UP pelos fones (54) 3316-7210 e (54) 3316-7212.



COMUNIDADE EXKOLA
Seu espaço por sempre online

Logins: seu email: ***** REC Esqueci a minha senha CADASTRE-SE NO SITE

>>> Comprar o APE || Fazer ou consultar seus testes.

Colégios Faculdades Extra Classe Promoções

Home > Última hora

Clipagem - 21/07/2011

VESTAR

Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras

06:07

Entre as diversas atividades e discussões que acontecem na 14ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, um encontro de mortais se sobressai. Realizado pela quarta vez, o Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras traz alguns dos habitantes da casa confundida por Machado de Assis, conhecido também como o Bruxo do Cosme Velho. Eles debatem com o público a produção literária nacional clássica. A Jornada Literária de Passo Fundo completa 30 anos de existência e chega à sua 14ª edição. O evento ocorrerá entre os dias 22 e 26 de agosto no Circo da Cultura, Campus I da Universidade de Passo Fundo (UPF), no Rio Grande do Sul. Com o tema "Leitura entre nós: redes, linguagens e mídias", a programação inclui palestras, conversa com autores, cursos, espetáculos musicais, teatro e de dança, oficinas, filmes e exposições. O evento da ABL será sediado no Auditório da Faculdade de Odontologia do Campus I da Universidade de Passo Fundo e terá diariamente, de terça-feira, dia 23 de agosto, a sexta-feira, dia 26, duplas renomadas. Primeiramente, encontram-se Domicio Proença Filho e Evanildo Bechara. Na quarta-feira, é a vez de Nelson Pereira dos Santos dividir espaço com José Murilo de Carvalho. No dia seguinte, Marco Lucchesi dialoga com Arnaldo Niskier e, por fim, Alberto Venâncio Filho e Murilo Melo Filho compõem a programação de sexta. O presidente da ABL, acadêmico Marcos Vinícius Viçosa, não poderá participar desta edição, mas dá sua opinião sobre a Jornada e este evento: "As Jornadas trazem a literatura brasileira para o centro das atenções. Aproximam obras e escritores do grande público. Convertem-se em eficiente motivador de leitura de literatura, principalmente com as Jornadinhas, importante veículo de iniciação ao prazer de ler". A posição da ABL na questão do desenvolvimento ao hábito de leitura é clara: motivar os professores dando facilidade de acesso ao livro, por meio de bibliotecas. Além disso, disponibilizar obras de domínio público na Internet, oferecer cursos especiais de atualização e promoção de encontros para troca de experiências.

<http://www.diariodamanha.com/noticias.asp?e=view&id=15017>

Fonte: Diário da Manhã - Passo Fundo

Autor: Redação

DIÁRIO DA MANHÃ pontocom

CAPA CARAZINHO Segunda-Feira, 25 de Julho de 2011

Geral Política Esportes Política Economia Região Estado

Blitz / Cultura DM Saúde Agro Diário DM em Revista Caderno mobilidade Especiais **Novo Sua Casa**

Plantão - Últimas Notícias 21h37min - Um santo venerado

Geral

22/7/2011 11:39:22 - Atualizada em
14ª JORNADA

Seminário Internacional de Contadores de Histórias

A magia dos contadores de histórias em debate

[Ver mais](#)

O escritor, ilustrador, contador de histórias e especialista em Literatura Infanto-Juvenil, Celso Sisto é o idealizador do II Seminário Internacional de Contadores de Histórias, que acontece de 23 a 26 de agosto durante a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Este ano haverá o lançamento do livro "A história fora do papel: a oralidade e o espetáculo", resultado do seminário anterior. Para esta edição estão confirmados Niré Collazo (Uruguai), Cristina Taquein (Portugal), Elvira Novelli (Espanha) e os nacionais Jonas Ribeiro, Augusto Pessoa, Tino Freitas, além do próprio Sisto.



(Um bom contador de histórias é sempre uma ponte para levar o ouvinte até o livro, garante Sisto / FOTO: DIVULGAÇÃO)

Um bom contador de histórias é sempre uma ponte para levar o ouvinte até o livro, garante Sisto. "Neste seminário iremos discutir, sublinhar, conhecer experiências de atuação de contadores brasileiros e estrangeiros nos mais variados espaços: na sala de aula, na biblioteca, nos espaços comunitários – clubes, igrejas, câmaras de vereadores, prefeituras, salões, praças, museus, teatros, etc. A pergunta principal do nosso seminário deste ano é: os espaços de atuação dos contadores de histórias exigem repertório, abordagens, metodologias de trabalho e de atuação diferentes?", comenta o coordenador.



LEITURA

Com mais adeptos a cada dia no Brasil, o e-book é assunto de debates em congresso internacional da CBL e na Jornada de Passo Fundo. Por Rachel Bertoni, para o Valor, do Rio

O papel da tela

A tecnologia é nova, mas o debate sobre a experiência de leitura de um livro em tela, disseminando-se cada vez mais, tem ganhado espaço. Há quem diga que o e-book é uma espécie de "papel eletrônico", mas há quem diga que o e-book é uma espécie de "papel eletrônico". Há quem diga que o e-book é uma espécie de "papel eletrônico", mas há quem diga que o e-book é uma espécie de "papel eletrônico".

Com a chegada do e-book, o mercado de livros digitais cresceu rapidamente. Segundo a Associação Brasileira de Editores de Livros (ABEEL), o mercado de e-books no Brasil cresceu 100% em 2010. Isso se deve ao fato de que o e-book é uma tecnologia que permite a leitura de livros em qualquer lugar e a qualquer hora.

Apesar de ser uma tecnologia relativamente nova, o e-book já está sendo utilizado por milhões de pessoas em todo o mundo. Isso se deve ao fato de que o e-book é uma tecnologia que permite a leitura de livros em qualquer lugar e a qualquer hora.

participação de autores como Peter Dinklage, Paulo Coelho, Fernando Pessoa e outros. Isso se deve ao fato de que o e-book é uma tecnologia que permite a leitura de livros em qualquer lugar e a qualquer hora.

Com a chegada do e-book, o mercado de livros digitais cresceu rapidamente. Segundo a Associação Brasileira de Editores de Livros (ABEEL), o mercado de e-books no Brasil cresceu 100% em 2010. Isso se deve ao fato de que o e-book é uma tecnologia que permite a leitura de livros em qualquer lugar e a qualquer hora.

Apesar de ser uma tecnologia relativamente nova, o e-book já está sendo utilizado por milhões de pessoas em todo o mundo. Isso se deve ao fato de que o e-book é uma tecnologia que permite a leitura de livros em qualquer lugar e a qualquer hora.

Valor Econômico/Reportagem de Rachel Bertoni para o Valor, do Rio. Foto: J. P. Gomes/Contrasto/Imagem.com

ENTREVISTA

O filósofo da WEB

Um dos principais pensadores da internet,
Pierre Lévy fala sobre o futuro da rede

JAQUELINE GUTIERRES

Um dos primeiros pensadores a refletir sobre a internet, Pierre Lévy, 55, estará no Brasil no final de agosto para participar da 14ª Jornada de Literatura de Passo Fundo (RS).

Criador de termos hoje triviais, como cibercultura e ciberdemocracia, e professor na Universidade de Ottawa (Canadá), ele falou à CULET sobre interatividade e o futuro da web, temas de que já tratou em obras como *Cibercultura* (Editora 34) e *A Inteligência Coletiva* (Loyola).

CULT - Seu livro *Cibercultura* foi lançado em 1999. Mais de dez anos depois, você acha que algumas das projeções que fez na obra se realizaram?

Pierre Lévy - Minha principal projeção realizada é a do crescimento das comunidades virtuais, hoje conhecidas como mídias sociais.

Outra diz respeito à transformação da mediação cultural: nós vemos atualmente que as funções dos jornalistas, publicitários, curadores, críticos, bibliotecários etc. podem ser realizadas por qualquer pessoa on-line. Além disso, podemos perceber que, por mais que as pessoas usem a internet, elas continuam se encontrando pessoalmente.

Penso também que eu estava certo ao interpretar a cibercultura não como uma

cultura de gosto compartilhada apenas pelos fãs do digital, mas como a cultura compartilhada por todos na era digital.

Você consegue projetar mudanças para os próximos anos na vida das pessoas que usam a internet diariamente?

Primeiro acredito que todos usarão a internet todos os dias, mesmo sem consciência disso. Segundo, acho que todo e todos possuirão uma "aura semiótica" aumentada ou uma realidade virtual que refletirá sua própria atividade cognitiva ou a atividade cognitiva das pessoas em relação a ela.

Para tornar possível a existência de sistemas como a "Árvore do Conhecimento", o que precisa acontecer? Quanto tempo isso levará?

O que está em jogo aqui é uma profunda mudança cultural em relação ao conhecimento e ao reconhecimento de competências.

Em vez de pertencer às escolas e universidades, o reconhecimento de competências passará a ser profundamente distribuído em toda a sociedade e as comunidades passarão a pensar sobre si mesmas como "inteligências coletivas".

Isso acontecerá daqui a dias ou três gerações, no máximo.



EVENTO TRAZ LÉVY E BEATRIZ SARLO

Em sua 14ª edição, a Jornada Nacional de Literatura, que ocorre entre 22 e 26 de agosto na Universidade de Passo Fundo (RS), discute os rumos da leitura hoje. Traz como convidados a crítica argentina Beatriz Sarlo e o norte-americano Nick Montfort, professor de mídia digital no Instituto de Tecnologia de Massachusetts. Informações em: www.jornadadelliteratura.upt.br/

Passo Fundo abre “Jornada” dia 22

PASSO FUNDO – Acontece de 22 a 26 deste mês a 14ª Jornada Nacional de Literatura e a 6ª Jornadinha Nacional de Literatura (direcionada às crianças), no Circo da Cultura. Escritores consagrados, artistas e acadêmicos participam da programação, que inclui debates, palestras, seminários, conferências, cursos, espetáculos musicais, teatrais e de dança, oficinas, filmes e exposições.

Com o tema “Leitura Entre Nós: Redes, Linguagens, Mídias”, os encontros discutirão o impacto das novas plataformas digitais na forma como a literatura se consome, e

vem se transformando. E através de todos os pontos que formam essas redes, incluindo professores, alunos e público em geral.

Entre os autores internacionais convidados, o português Gonçalo M. Tavares, os argentinos Beatriz Sarlo e Alberto Manguel, o americano Nick Montfort, o britânico Peter Hunt, o tunisiano Pierre Lévy e a britânica Kate Wilson. Já o Brasil é representado por escritores como Edney Silvestre, Marcia Tiburi, Tatiana Salem Lévy (que apesar de ter nascido em Portugal, cresceu no Brasil), Eliane Brum e Maurício de Sousa, entre outros.



Logins: [Esqueci a minha senha](#)

>>> [Comprar o APC](#) :: [Fazer ou consultar seus testes.](#)

[Colégios](#) [Faculdades](#) [Extra Classe](#) [Promoções](#)

[Home](#) > [Última hora](#)

Clipagem - 22/08/2011

A preparação de inverno para debates quentes

15:29

Faz cerca de 9º C em Passo Fundo, mas a sensação térmica é de 8º. Nos arredores do Circo da Literatura, sente-se ainda mais frio, por causa do vento que serpenteia e deixa as extremidades geladas. Mas isso parece detalhe quando se vê a movimentação de trabalhadores que terminam o trabalho para a abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, que acontece hoje às 19h30. Aqui, a equipe que monta o circo veste cachecóis, luvas e gorros - preparando o local para encontros quentes, e debates que prometem aquecer as discussões em torno dos escritos e novas plataformas digitais. A impressionante área do Circo da Cultura tem 12 mil m². Ocupados por uma imensa lona de circo colorida com cadeiras para cinco mil pessoas. Quatro lonas menores são reservadas às crianças na 6ª Jornadinha Nacional de Literatura, e uma adicional ao público jovem para a primeira Jornight. Inúmeros trabalhadores se movimentam pelo Circo da Cultura, entre escadas, mesas de som, cordas e lonas. Alguns dos artistas já estão no camarim se aquecendo para os ensaios, autores dão entrevistas para as emissoras de televisão que já estão a postos, os inscritos começam a pegar os seus materiais. Ao todo, mais de 600 pessoas trabalham na organização e montagem do encontro. Entre eles, 220 voluntários, chamados de Jornadetes e os Jornadeiros - alunos da Universidade de Passo Fundo. Sob o toldo da lona azul que acabava de se instalar, eles se aglomeravam ouvindo as instruções operacionais para os próximos dias. Tiana Godinho de Azevedo, acadêmica da UPF, trabalha este ano pela terceira vez como Jornadete. "Eu acho muito interessante, porque dá para conhecer várias pessoas novas, livros, autores e ter contato com várias manifestações artísticas diferentes", comenta. Antes de ingressar no time da Jornada, ela participava como espectadora e, nesta edição, deve ajudar na Jornadinha, nas atividades paralelas, nas sessões de autógrafos, Lona Vermelha e, se conseguir, na Jornight. A 14ª Jornada Nacional de Literatura é uma promoção da UPF e Prefeitura de Passo Fundo. Diversas empresas e instituições apoiam a iniciativa. Toda a programação e detalhes podem ser conferidos no site www.jornadadeliteratura.upf.br.

<http://www.upf.br/site/finc/noticias/mostraNoticia.php?codNoticia=15805>

Fonte: Universidade de Passo Fundo

Autor: Redação

ESPAÇO ESCOLAR

HOME | ESPAÇO ESCOLAR | SALA DE PROFESSORES | QUANTO A NÓS | CONTATO | CATEGORIA

Convidados da Jornada Nacional de Literatura chegam a Passo Fundo

INTERVALO | ESPAÇO ESCOLAR | 20 DE AGOSTO DE 2011 ÀS 11:29

CIRCO DAS LETRAS

Maurício de Sousa e Márcia Tubiri estão entre algumas das personalidades que já estão na cidade

Carlos André Moreira / Zero Hora



Maurício de Sousa, o escritor da Turma da Mônica, e um dos convidados da Jornada deste ano (Foto: Ivan Schwarz/Zero Hora)

Desembarcou esta tarde em Passo Fundo o voo dos convidados da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, trazendo algumas das personalidades que serão destaque nos próximos dias no circo das letras. Um dos principais convidados internacionais, o pensador Pierre Lévy, tinha viagem prevista no voo diário que chega de Porto Alegre sempre às 12h no aeroporto local, mas teve sua viagem adiada para amanhã. Ele faz a principal conferência desta terça-feira, às 19h, no Cine da Cultura. Outros dos convidados da Jornada, contudo, já chegaram para se instalar nos hotéis da cidade, como Márcia Tubiri, Evanildo Bechara e Maurício de Sousa.

Maurício desembarcou distribuindo acenos, com o riso simpático que é fielmente retratado nos gibis de suas criações: a Turma da Mônica. Freqüentador antigo da Jornada, Maurício se disse na expectativa do que vai encontrar de novo em computação com outras visitas.

— Tempos quando há alguma repetição, tem de se melhorar alguma coisa, e tenho certeza de que terei, porque é gente inteligente que cuida da Jornada.

Evanildo Bechara, que veio para o encontro da Academia Brasileira de Letras, já tinha marcado uma visita a Passo Fundo em 2007, mas precisou desmarcar por problemas pessoais. Agora, finalmente desembarcou para a festa.

— Essa Jornada é feita de pessoas com muita fé e muita esperança na educação e na cultura. Um lugar tão longe, tão afastado, reuni tanta gente que vem aqui distribuir o que sabe e aprender com o que não sabe, toma estar aqui um prazer imenso. É admirável a força e a esperança destas pessoas que organizam esta Jornada — disse.

A Jornada ainda espera a visita, esta tarde, da ministra da Cultura, Ana de Hollanda, que visitará a cidade para a abertura oficial da Jornada depois de cumprir uma agenda de compromissos oficiais em Porto Alegre.

➤ [TÍTULOS: JORNADA NACIONAL DE LITERATURA, LITERATURA, MAURÍCIO DE SOUSA, PASSO FUNDO, RODRIGUE DO SILVA](#)



Multidão adentra a chova e prestigia a abertura da 14ª Jornada, em Passo Fundo

CIRCO DOS LIVROS Jornada para a história

Edition que marca os 30 anos é a primeira com a presença de um ministro

30 ANOS DE HISTÓRIA

Sub uma chova mansinha e insistente que encontrou morcegos se inclinar em seu ponto de luz da Circo da Cultura, foi aberta ontem a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo.

Em uma cerimônia com música, dança, acrobacias de circo e discursos, foi anunciado também o vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon Passos de um português João Alvim.

Em seu discurso, o coordenador do evento, Tania Klasing, afirmou a importância da Circo da Cultura, por ser a primeira cidade de sua região a comemorar a Jornada desde a sua primeira edição em 1981.

— Foi preciso uma mulher de brio e criatividade para fundar, de um jeito — disse Tania, orgulhosa também todos os que trabalharam na jornada ao longo destes três décadas —. Infortunadamente muitos problemas, mas em 30 anos aprendeu-se de fato a fazer do que se vive de literatura.

Após a inauguração da coordenadora, o grupo Intelectual Trupe abriu a cerimônia com peças de humor em uma expectativa que contagiou o clima amigável e cordialidade americana do chamado Circo da Cultura (1) e o ministro da Educação que em o momento, além da ministração das autoridades que incluem, além da ministra, o secretário de Estado da Cultura, Luiz Antonio de Assis Brasil, e o presidente da Assembleia Legislativa, Aldo Villanova, Roberto Gas-

anger, estão ao palco para encerrar a atual fase da Jornada, com as palavras “pelo conhecimento por todos e juntos”, em fim, foi anunciado também o vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, O escritor João Alvim, nascido em Rio Grande do Sul em 1950, tem seu último livro publicado pela 30ª edição a realizar momento paradigmático em 30 anos de sua trajetória.

Cláudio Lacerda integrou uma série de funções construídas pelo autor com literatura como tema, e o gênero de literatura de um blog escrito por um homem que revelou sua influência na “cidade livre” do Brasil, agenciando de suas atividades pela realização da edição nacional de livros em conjunto.

veja www.jornadaonline.com.br

3 perguntas para Evanildo Bechara

Mais avaliação gerencial em atividades no Brasil, Evanildo Bechara tem 43 anos. Discursando no Palácio do Passo Fundo com uma dignidade de seminarista, mas com uma voz rouca, deu dois diálogos com o novo acadêmico português. Ele fala amanhã na 14ª Jornada sobre o tema que mais discutiu a língua com o desenvolvimento de comunicação.



ZH — Como avalia a implantação, até aqui, do acadêmico português Bechara —? **Bechara** — Se Brasil está tranquilo, não pode ser assim. Em Portugal o acadêmico que não tem o português precisa estudar o português e o português precisa estudar o acadêmico. É a única língua de cultura entre duas línguas oficiais.

ZH — Mas não tememos os acadêmicos que mostram dupla linguagem aqui em Portugal? **Bechara** — É que a linguagem não tem o mesmo valor em Portugal. Há uma democracia dentro de se repetir o mesmo discurso das diversas vertentes do português, mas é realmente algo extremamente raro. Há a linguagem não chega à língua. Há um esboço de um acadêmico de cultura.

Zero Hora — É sua primeira vez na Jornada de Literatura? **Evanildo Bechara** — Sim, há 10 anos. Vou voltar em 2012, mas não tenho certeza se vou voltar. Esta Jornada é muito importante para a cultura e a língua. Admito.

O homem que vende livros

Responsável pelo maior número de vendas por livro em Portugal, o autor de livros de negócios de Paulo Henrique Zaffari & Bourbon Passos de Literatura, O escritor João Alvim, nasceu em Rio Grande do Sul em 1950, tem seu último livro publicado pela 30ª edição a realizar momento paradigmático em 30 anos de sua trajetória.



é quem está vendendo o livro. Em, tanto em Portugal que em países de língua portuguesa de ler na porta do livro. Paulo Henrique Zaffari & Bourbon Passos de Literatura, O escritor João Alvim, nasceu em Rio Grande do Sul em 1950, tem seu último livro publicado pela 30ª edição a realizar momento paradigmático em 30 anos de sua trajetória.

DIÁRIO DA MANHÃ
Desde 1933 JORNALISMO COM RESPONSABILIDADE www.diariodamanha.com

TERÇA-FEIRA PASSO FUNDO 23 DE AGOSTO DE 2011 R\$ 1,50

PROFESSORES
Policiais militares entregam manifesto por melhores salários
A maioria dos policiais militares de Passo Fundo está com o salário congelado há mais de dez anos. O sindicato dos policiais militares entregou um manifesto exigindo a revisão salarial para a categoria. O documento foi entregue ao governador do Estado, Eduardo Leite, em uma audiência pública realizada no dia 22 de agosto, em Passo Fundo. O documento também foi entregue ao governador do Estado, Eduardo Leite, em uma audiência pública realizada no dia 22 de agosto, em Passo Fundo. O documento também foi entregue ao governador do Estado, Eduardo Leite, em uma audiência pública realizada no dia 22 de agosto, em Passo Fundo. **PÁGINA 3**

CIDADE
Greve de fome pela reabertura da Escola Carlos Barone
Alunos da Escola Carlos Barone realizaram uma greve de fome para exigir a reabertura da escola. **PÁGINA 12**

TEMPORAL
Tempestade com chuva e vento forte. A noite com chuva e vento forte. A temperatura máxima será de 11°C e a mínima de 6°C.

CIÊNCIAS
Em Passo Fundo, secretário estadual de educação anuncia concurso para professores
Qualificar a educação é meta do Estado segundo garantir em entrevista coletiva ontem o secretário estadual de educação, José Clóvis de Aguiar. Segundo ele o concurso público que será feito em 2011 oportunizará ao quadro de 21 mil contratados o título precário, se tornarem professores efetivos por concurso. **—ADREXAS**



Escritores, leitores, músicos e companhias de todo o país participam da abertura da 31ª Jornada Nacional de Literatura em Passo Fundo. O evento, que teve pela primeira vez a participação dos municípios da região, contou com a presença de mais de 100 artistas. Foi organizado por representantes do Instituto Trupe do Rio de Janeiro, que apresentaram o público. Durante toda a semana programaram-se mais de 100 oficinas, exposições, lançamentos, recitais e apresentações de teatro. A programação de eventos continua em Passo Fundo. **—ADREXAS**

Passo Fundo

Obra de João Almino leva Prêmio Zaffari

Júri considerou 'Cidade Livre' o melhor romance em língua portuguesa

O escritor João Almino foi o vencedor do Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, com o livro "Cidade Livre". O anúncio ocorreu durante a cerimônia de abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, realizada na segunda-feira à noite. O autor, nascido no Rio Grande do Norte, em 1950, recebeu R\$ 150 mil pela obra, considerada o melhor romance em língua portuguesa nos dois últimos anos. Este é o quinto livro de uma série dedicada à epopeia moderna da fundação de Brasília, contando a história dos operários que construíram a capital do país, entre 1956 e 1960.

Também durante a cerimônia, o baiano João Goulart de Souza Gomes foi anunciado como o vencedor do 12º Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães. O escritor foi premiado com R\$ 5 mil e uma viagem a Santiago de Compostela, na Espanha.

A cerimônia de abertura da Jornada Nacional de Literatura reuniu cerca de 5 mil pessoas no Circo da Cultura, instalado no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF). O evento contou com a presença da ministra da Cultura, Ana de Hollanda, além de deputados estaduais e federais e secretários de estados. Professores e estudantes também acompanharam a cerimônia. O espetáculo "1000 Tempos", da Intrépida Trupe, propor-



Espectáculo da Intrépida Trupe abriu a 14ª Jornada, no Circo da Cultura

cionou as primeiras emoções ao público com repertório de dança, música, teatro e poesia. O músico gaúcho Humberto Gessinger também se apresentou.

A coordenadora das Jornadas, professora Tania Rösing, destacou na oportunidade que, pela primeira vez, na história de 30 anos da Jornada, um ministro da Cultura participava da solenidade de abertura. Já Ana de Hollanda destacou a importância

de uma iniciativa desse porte fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. A ministra disse que, graças ao evento, os olhares de outros estados e países estão voltados para Passo Fundo.

A Jornada e a Jornadinha prosseguem até sexta-feira. Haverá debates, palestras, seminários, conferências, cursos, apresentações artísticas, oficinas, filmes e exposições. A promoção é da UPF e da prefeitura.

João Almino é premiado no Sul

Romancista vence o Zaffari & Bourbon e leva R\$ 150 mil

Miguel Conde

miguel.conde@oglobo.com.br

O romance "Cidade Livre" (Record), de João Almino, é o ganhador da 7ª edição do prêmio Zaffari & Bourbon, um dos mais importantes da literatura em língua portuguesa. O resultado foi anunciado ontem, na abertura da 14ª Jornada de Literatura de Pasos Fundo (RS). Estavam inscrites ao ganhador, 228 romances publicados entre junho de 2009 e maio de 2011.

Quinto título de uma série ficcional sobre Brasília, "Cidade Livre" explora a História da capital federal por meio da narração de um jornalista que investiga o desaparecimento de um operário no dia da fundação da cidade. Outro volume da série, "As cinco estações do amor" (Record), recebeu em 2003 o importante prêmio Casa de las Américas.

O júri desta edição do Zaffari & Bourbon era formado pelos críticos Regina Zilberman, José Luis Jobim, Benjamin Abdala Júnior e pelos escritores Ignacio de Loyola Brandão e

Miguel Sauches Neto.

Os ganhadores anteriores do prêmio foram "O filho eterno" (Record), de Cristóvão Tezza (2009); "O outro pé da se-reia" (Companhia das Letras), do moçambicano Mia Couto (2007); "Budapeste" (Companhia das Letras), de Chico Buarque (2005); "O riso da agonia" (Escrituras), de Plínio Cabral (2003); "Meu querido canibal" (Record), de Antônio Torres, e "Nur na escuridão" (Topbooks), de Salim Miguel (ambos em 2001); e "Tratado da altura das estrelas" (Edipucrs), de Sinval Medina (1999). ■



“Maurício, Maurício!”

Rei do carisma, Maurício de Sousa levou as crianças ao delírio na abertura da 6ª Jornadinha, sem ser poupado pelos adultos: além da manhã na lona, concedeu entrevistas, passeou pela Jornada e deu longa sessão de autógrafos a fãs de todas as idades



Maurício de Sousa

Imagine ter a chance de se encontrar com seu maior ídolo. Pode ser qualquer um, só depende do seu gosto. Vive ou morib, também tanto faz, precisa apenas ser um daqueles que fazem você se emocionar com a simples ideia de vê-lo de perto. Quem sabe alguns dos momentos que já passamos por aqui: Maria Quintana, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Orizones Lessa, Eduardo Galvão, João Ubaldo Ribeiro, Caio Fernando Abreu, Sérgio Porto entre, isso não é nada a medida do que sentimos ao cinco mil crianças que viram Maurício de Sousa de perto na abertura da 6ª Jornadinha de Literatura.

Imediatamente não só para eles, mas para todos que acompanharam o canto frênético de milhares de vozes gritando “Maurício! Maurício! Maurício!”, a manhã desta terça-feira deixou claramente marcado as crianças também assim esse evento, ainda mais quando ele preparava a ele um momento gostoso. Desde muito



antes de subir ao palco, Maurício já provocava ondas de emoção na plateia mirim, que gritava e sussurrava a cada menção de sua presença. Uma vez lá, se encantou com o canto e afirmou: “Que lindo isso! Fasso a gostar mais do meu nome depois de ouvir isso”. Outra constatação interessante: se a leitura da professora Tereza pareceu um pouco difícil de ser compreendida pelos adultos, com as crianças pareceu o contrário. Adorou sua fala inflamada, a divulgação de um “hom dia” mais forte e o tradicional grão-de guerra “am dia três quatro cinco mil, quanto mais leitores no Brasil”.

Voltando à plateia da manhã, outro momento que divertiu o público foi a aula de desenho em pleno palco, acompanhada pelas mães. Desenhou vários personagens como Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali, e contou a história da criação de cada um deles. Pouco antes de responder às inteligentes perguntas lançadas pelas crianças, ele chamou um menino e uma menina ao palco para fazerem seus próprios desenhos e levarem para casa uma lembrança especial por Maurício. Se você vê um desenho com seu ídolo cian no sonho distante, quem o dele se realizou.

24 de agosto de 2011 [Página inicial](#) [Sobre](#) [Contato](#) [Publicidade](#) [Política de Privacidade](#) [Feed RSS](#)

Publishnews 10 anos
Aqui você lê o mercado editorial

Embutidos
Branco halogenado

Home Profissional Prêmio especial Full Creative

12 de SETEMBRO
ROSCINHO

Assine nossa NEWSLETTER

Notícias
Clipping
Colunas
Agenda
Lançamentos
Blog da redação
Mais vendidos
Newsletters

Busca

ANUNCIE NO

Notícias

Prêmios e Concursos

Concurso Josué Guimarães premia seus vencedores
PublishNews - 23/08/2011 - Maria Fernanda Rodrigues

João Goulart de Souza Gomes e Gilmar Penteado foram os autores dos melhores textos do 12º Concurso de Contos Josué Guimarães

O gaúcho Josué Guimarães, um dos grandes incentivadores da criação da Jornada Nacional de Literatura e homenageado nesta edição comemorativa de 30 anos, dá nome ao concurso de contos que movimentou há 24 anos escritores do país todo – e alguns de fora do Brasil também. O baiano João Goulart de Souza Gomes e Gilmar Penteado foram os melhores entre os 802 inscritos. João ganhou R\$ 5 mil, um troféu e passagem para Santiago de Compostela, onde deve ficar por 10 dias. Já Gilmar levou R\$ 3 mil e o troféu. Além dos dois premiados, Paulo César Pimentel e Guilherme Gigliane receberam menção honrosa. São Paulo foi o estado com mais concorrentes (24,6%), seguido pelo Rio Grande do Sul (23,3%), Rio de Janeiro (12%) e Minas Gerais (9,6%). Houve ainda inscritos da Alemanha, Polónia e Portugal.

Fotografia Luis Tkant






CIRQUINHO A inspiração de Maurício de Sousa

Criador da Turma da Mônica foi um dos astros da 14ª Jornada de Passo Fundo ontem

CARLOS ANDRÉ MOURÃO

Maurício de Sousa já aprendeu a lidar com a fúria piácnica, que enfrenta como visitante da Jornada de Passo Fundo. — Letra de circoão. Adura que aingam mais ouara toua deida a época da sua hizará — brinca o criador da Turma da Mônica.

Com a mesma espontaneidade e atenção com que atende o escritor de letras a ser pelo autógrafo, ainda responde às perguntas da imprensa. Maurício também contou uma aneddotada de 4,5 mil crianças aglomeradas dentro da sala do Circo da Cultura esperando o momento em que, parte da programação da 14ª Jornada Nacional de Literatura.

Maurício não parece sentir tal interação com as composições literárias, a cada vez que pergunta. Enquanto relaxa e abre de abertura, a cada na segunda-feira, assistiu ao primeiro dia e se levantou imediatamente para tirar, com uma câmera digital, fotos da jornada inteira. Vinte e dois minutos, terminou a obra de prosa da autógrafo antes de abrir ao público. Depois, Maurício.

A professora Miriam Nolas, que acompanhava uma turma de alunos da Escola Municipal João Lúcio Corrêa, não conseguiu agarrar o instante da foto. Ela disse que se aproximou com uma ABC de letras da Mônica e pediu um autógrafo, pois estava assustada. Ana Nolas e El da Mônica.

— Gostaria porque era adoro: remota — explicou. — No palco da Jornada, com o Maurício não me dá de mais do que um momento, um pouco de silêncio e um círculo com folhas de desenho para descrever a minha interpretação cronológica da jornada. Gostaria de perguntar quem na plateia se identificou com os personagens que foram criados, recebendo uma aula de mais para cima a cada vez que pergunta. Quem se sente como a Mônica? ou "Quem se identifica que sou a Mônica?"

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.

— Na hora do "Bom dia gente de passar beleza com o Cavalo" ninguém levanta, a não foi apontar para o computador.



Desenhista falou para 4,5 mil crianças no Circo de Cultura e distribuiu autógrafos incansavelmente

3 perguntas para Júlia Schwarz



Itaboraí, representativa pela Companhia das Letras, foi o autor literário mais lido da Companhia das Letras, Júlia Schwarz veio a Passo Fundo para a Semana Internacional de Literatura Infantil e Juvenil. Conversou com ZH pouco depois de ter participado de um debate e chegou antes de embarcar de volta a São Paulo.

ZH – O quanto o livro digital, com suas ferramentas de interação, pode ajudar a despertar crianças e jovens para ler?

Júlia Schwarz – Acho que os recursos digitais, com suas ferramentas de interação, podem ajudar a despertar crianças e jovens para ler. Mas isso depende muito de ser usado de forma adequada, e não apenas por ser digital. O importante é a qualidade do conteúdo e a forma de apresentação. O livro digital pode ser uma ferramenta muito poderosa para despertar crianças e jovens para ler, desde que seja usado de forma adequada.

Como fazer para que o Brasil tenha um sistema literário que não seja tão dependente dos programas oficiais do governo?

Júlia – O hábito de ler é de quem se cria. Um país precisa gostar de ler, porque as crianças precisam de quem as ensine a ler. Quando a criança não tem isso em casa, a única oportunidade de contato com os livros acaba sendo a escola. Por isso é que dependemos de políticas públicas, investimentos em professores, em bibliotecas, em programas de leitura e educação como em Itaboraí. Mas eu acho que não podemos nos deixar de 100% para cima da mão do governo. O país já tem uma tradição de leitura. As políticas literárias já têm espaço para se criar.

ZH – A semana volta o seu trabalho da Companhia das Letras. Como saber que seu livro acabou por crianças e jovens?

Júlia – É a pergunta mais difícil de responder porque eu trabalho a parte técnica, qualidade, não o conteúdo, a história, quanto ao formato, a escrita. Como o livro infantil, no Brasil, depende muito de ser adotado pelas escolas, e gerar um certo tipo de contato com os textos. Assim, os professores que podem ser os principais responsáveis por isso. Mas acho que não podemos nos deixar de 100% para cima da mão do governo. O país já tem uma tradição de leitura. As políticas literárias já têm espaço para se criar.

Montfort: "O futuro do livro é a colaboração virtual"

Deu livro BrasilPasso Fundo
CARLOS ANDRÉ MOURÃO

Novas formas de leitura associadas à tecnologia e à colaboração virtual são o futuro do livro. Isso que acontece é a produção literária. É o que ocorre ao escrever e discutir em círculo da Companhia e Internet. Não é apenas isso, mas também a interação. Isso que acontece é a produção literária. É o que ocorre ao escrever e discutir em círculo da Companhia e Internet. Não é apenas isso, mas também a interação.

Uma primeira vez na América do Sul. No norte americano, dizem que as

novas tecnologias permitem desenvolver mais a linguagem do livro.

— Ter é explorar ideias e, mais do que isso, agora a leitura está mais conectada e interativa — disse.

Montfort prevê seu livro sendo mais desenvolvido por tecnologia, não só acesso a plataformas variadas de distribuição de informação. Mas também a interação entre o que está lendo e o que está escrevendo.

— O livro de papel é uma tecnologia, mas a plataforma online tem

alternativas inovadoras.

O escritor está que o atual cenário de mídias colaborativas, não permite que apenas online, mas também a interação. Isso que acontece é a produção literária. É o que ocorre ao escrever e discutir em círculo da Companhia e Internet. Não é apenas isso, mas também a interação.

— Quero saber se participando de jornadas não possuem receber um livro compartilhado no futuro — disse.

A 14ª Jornada de Passo Fundo é

interativa, participando pela internet, participando das crianças.

Discute. Montfort é uma pessoa que gosta de escrever histórias e de ler. Para ele, o momento é de transição, e que está sendo muito importante para o futuro do livro.

— O mais importante, hoje, é criar um ambiente de aprendizado que adapte a complexidade da literatura



Interatividade vai mudar o livro, acredita Sérgio Montfort



Martim de Campos

"O que gostaria de que qualquer um de meus livros pudesse fazer, o leitor perceber melhor o comportamento humano. Se não fosse eu, eu compararia isso, já ficaria muito curioso. Fico gostoso de ver o livro como uma gramma de lucidez, se conseguimos escrever algo como um gramma de lucidez, e as pessoas leem vários livros ficados, no final da vida estar cheia de lucidez. Lucidez tem a ver com luz, diferenciar a potencial bondade da potencial maldade, a violência do processo anterior - gostaria de contribuir para aumentar a lucidez por meio da escrita".

Genial em cada pensamento exposto durante a coletiva de imprensa na manhã desta quinta-feira, Gonçalo Tavares mostrou ser que é um dos melhores autores portugueses da atualidade. Segundo os relatos do leito

de um país, José Saramago, ele se liberta de convenções e escreve mais em estilo de voluntário, caracterizado pela prosa: "A lucidez é uma espécie de linha entre dois pontos. Se tenho a minha ideia sobre uma frase e não sei dizê-la com o menor número de palavras possíveis. Temo a ver com uma espécie de, eu sei, dedicatória com o leitor. Se posso dizer algo em sete palavras, se o fizer em dez estou a fazer perder tempo", explica o autor de mais de quarenta volumes, entre eles os romances Um homem chamado Kluge e A Máquina de Joseph Walsh.

Ele também falou um pouco do momento atual de literatura em Portugal e os diferentes estilos encetados por lá. "A prosação é interessante, não tem apenas a ver com as palavras, mas com o que são pensamentos. E por isso acho que há vários autores portugueses que utilizam a

Cem grammas de lucidez

Diferente do pensamento que corre pelo Circo da Cultura, o português Gonçalo Tavares prefere o analógico. Vendo o computador como "uma espécie de aspirador", ele explica que gosta de encarar o livro como uma dose de lucidez necessária



prosação de diferentes formas. Em José Saramago, António Lobo Antunes e Agustina Bessa-Luís, podemos ver diferentes formas de prosação, mas há referências que são os grandes nomes da minha geração", lembra. "Portm, não estou rendido a nenhuma forma de escrita. Gosto muito do fragmento curto, mas também gosto muito do romance. Da dita que não há uma escola em Portugal atualmente, e dita que não é o bom dos vários escritores da nova geração. Eu, por exemplo, sou completamente inimigo de escrever de certa maneira", descreve o autor.

Como se fossemos pó aspirado

Sobre a relação com a internet, numa desta edição, ele se mostra um pouco atencioso do mundo virtual. "Minha ligação com a internet é muito funcional e não consigo trabalhar muito sem investigação. Gosto muito do objeto livro e acho que o compo-

taado é uma espécie de aspirador e portanto somos sugados, até muito mais do que pela televisão. E um sagado é não estar disponível. É como se fossemos pó aspirado", define o português. "Eu consigo não consigo estar no computador e de repente começo a escrever no papel. Mas consigo estar a ler um livro e depois sair uma nota, porque sinto que estou no mesmo mundo", observa Tavares.

Outro comentário interessante que o autor faz em meio a certos elogios à internet é a questão da concentração. "Acho que a internet é um exemplo de 'não concentração'. Não é a grande qualidade e grande defeito dela. Estamos ali, aqui, acolá. Isto, pelo menos para mim, não é potencialmente criativo. Fico a estar muito tempo dia de uma coisa para que minha cabeça começa a funcionar", confessa o escritor, que vai para a 1ª Jornada para participar no debate Identidade, Literatura e cultura na globalização.



AS NOVAS TECNOLOGIAS E A LITERATURA EM DEBATE NA JORNADA DE PASSO FUNDO.

FOTOGRAFIA: ANDRÉ L. SOUZA



FOTOGRAFIA: ANDRÉ L. SOUZA



Fólar ou apenas tocar com a ponta dos dedos? A escola pode ler sempre, mas o futuro é que a forma de comunicação e a literatura não ficam à parte nestes reflexos e propõe um repensar sobre os rumos que serão dados diante das novas tecnologias. Um dos exemplos de transformação são os livros, que em uma outra plataforma, os dos "tablets", estão inaugurando um novo capítulo no que se refere à interação entre as tecnologias nova mídia. Durante a Jornada de Passo Fundo, as questões ligadas ao tema como o painel "Literatura e arte na era dos bits" estiveram em foco. Diante de tantas possibilidades, por mensagens escritas postas por meios digitais, escritores procuram expor as diversas falas de pensamentos. Com tarbia no assunto a escritora Cibelle Bogaeslinar, que vem se destacando pelas pontes que constrói entre os universos, ligando a arte às plataformas inovadoras, defende o surgimento de um novo leitor, multifaceta-

escritores reconhecidos participem do evento, que encerra amanhã.

do, que aparece diante dos novos recursos e dispositivos tecnológicos. "Eles arrancham a possibilidade de uma leitura que não se faz mais apenas com os olhos, mas também com os ouvidos e as mãos." Já a filósofa Márcia Tiburi contribuiu com um ponto de vista diferente e disse que a internet pode atrapalhar a imaginação. "Nosso mundo está cheio de

ser igual ao impotente." (16/3)

• Pela primeira vez a Jornada está dedicando uma programação especialmente para o público jovem. Com a Jorjigê, que traz poesia, teatro, quadrinhos, música e belo papo de qualidade. A proposta do evento é justamente o de aproximar os jovens e adultos do mundo da literatura. Como explica a coordenadora e idealizadora da Jornada, Tércia Ribong, "Queremos trazer esse público para participar e participar desta mundo das letras, da arte." Humberto Gesinger participa hoje, às 19h30min, da última noite de atividades, zorada de Cova dos Leões, falando de seus livros e trocando com a Prouca Vogel. Quem também participa do bate-papo é o escritor Jairo Buzac conhecido por seu trabalho voltado ao público jovem. Uma das curiosidades é que Gesinger é o integrante da comissão oficial do evento, composta em parceria com Passo Fundo. No foto, a escritora e atriz Elisa Lucinda, que abriu a programação do novo espaço com o espetáculo "Peregrino da Falar da História".

25 de agosto de 2011 | **Publishnews** 10 anos | Aqui você lê e mercado editorial

ASSINE NOSSA NEWSLETTER

Home | Institucional | Contato | Publicidade

Embustidos: Bienko/Rogayobsky

CLIQUE AQUI!

Notícias

Eventos

Um livreiro entre tantos escritores

Publicidade - 25/08/2011 - Maria Fernanda Rodrigues

Pedro Herz falou para estudantes de Economia, Administração e Contabilidade durante a Jornada Nacional de Literatura



Entre os convidados desta edição da Jornada Nacional de Literatura estão 121 escritores e pesquisadores, 13 grupos musicais e um livreiro. Pedro Herz, dono da Livrara Cultura, participou da Jornada mas de um jeito diferente. Ele não subiu ao palco do Circo da Cultura para debater literatura. Na noite de terça-feira, dia 23, ele falou para mais de 400 alunos da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo sobre a história de sua empresa, que na semana que vem inaugura a 12ª loja - e a primeira no Rio de Janeiro. Em sua palestra "Livro: perspectivas de negócios", ele contou que entre os dois mil funcionários da livrara não há nenhuma secretária. "Se vocês ligarem para o meu ramal e se estiver na mesa, eu atendo", contou o livreiro que é frequentemente visto na loja do Conjunto Nacional. Pioneira na venda de livros por internet, Herz comentou que esse tipo de comercialização já representa 18% do faturamento.

Foto: J. Lucas Capatti

Literatura. Jornada

GONÇALO TAVARES E A DELICADEZA

Raquel Queiroz
RAQUEL@UOL.COM

"Faz bem para diminuirmos o peso que a sociedade portuguesa coloca sobre o escritor", diz Gonçalo Tavares, autor de "Um livro de Passos Figueira", lançado em julho de 2010. O livro é uma homenagem ao também escritor português de Loyola Brandão, conhecido por seu livro "O Livro de Passos Figueira", lançado em 2008. O livro é uma homenagem ao também escritor português de Loyola Brandão, conhecido por seu livro "O Livro de Passos Figueira", lançado em 2008. O livro é uma homenagem ao também escritor português de Loyola Brandão, conhecido por seu livro "O Livro de Passos Figueira", lançado em 2008.

porto da lusofonia. No Rio, gentis, o escritor português a respeito de boa parte dos presentes ao ler trechos de dois livros que vão sempre ao Brasil, o livro "Um livro de Passos Figueira", lançado em julho de 2010, e o livro "O Livro de Passos Figueira", lançado em 2008. O livro é uma homenagem ao também escritor português de Loyola Brandão, conhecido por seu livro "O Livro de Passos Figueira", lançado em 2008.

ficou de sua geração em Portugal. Só da série O Bairro, pela qual já foram três títulos, de nenhum total de 40 títulos. Seu genérico processo criativo é de "desconstrução de textos" e "reconstrução de textos". Ele escreve para a literatura portuguesa e para a literatura brasileira. Foi o que fez com que seu livro "Um livro de Passos Figueira", lançado em julho de 2010, fosse considerado como "o primeiro episódio português do século XXI", tendo sido concluído em 2009 e lançado em 2010.

"Depois de escrever, volto ao texto só após três, quatro anos,

quando já estou com olhos de insano. Quando rememoro um texto, trocamos a aché-lo magnífico, se olhamos há semanas seguintes, já não parece tão extraordinário", diz o escritor. No caso do livro de O Bairro, a construção já não é outro que a mesma que o livro "Um livro de Passos Figueira", lançado em julho de 2010. O que leva a pensar com um certo íntimo revendo as páginas que escrevi em quatro horas".

Tavares. Anos entre a escrita de um livro e sua publicação que ele considera uma delicadeza com o leitor: dar espaço para interpretações. "Se há poucas publicações, o leitor pode preencher o texto com outras, próprias."



A REPORTAGEM DA COLUNETA DE ORGANIZAÇÃO DA LITERATURA DE PASSO FIGUEIRA

ANÁLISE

Em busca de uma nova literatura infantil

Criticos e teóricos do gênero discutiram em Passo Fundo as mudanças na linguagem e no conteúdo dos livros para crianças

Por Ari Alencar

Um dos destaques da programação paralela da Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo deste ano, encerrada ontem, foi o grande número de mesas voltadas à literatura infantojuvenil, com foco maior nas obras para crianças. De livros infantis são muitos produzidos, muito consumidos, mas poucos discutidos, corroboram alguns conferenciantes, entre escritores e ilustradores. O inglês Peter Hunt e o venezuelano Faouel Hanan Díaz, críticos do segmento, falaram sobre esse mesmo assunto, mas em mesas diferentes e com focos diversos. Enquanto o primeiro falou sobre os temas políticos nos livros para crianças, o segundo abordou o uso de imagens no processo de leitura.

Para Peter Hunt, tanto a linguagem quanto o conteúdo dos livros infantis mudaram drasticamente nos últimos anos: "Hoje a literatura infantil é mais influenciada pela televisão e tem um conteúdo mais explícito, com mais didaticidade moral". Isso acontece, em parte, porque partir dos anos 70 e 80, as crianças deixaram de ser protegidas do mundo adulto. "Muda-se a infância, muda-se a literatura junto."

O maior problema no modo como a literatura vem sendo feita, para o crítico, é um controle excessivo do universo infantil por parte dos autores. "Os autores, adultos, tentam dissociar de alguns modos a infância da criança, e passam a fazer livros que não são nem de nada de novo. Ele cita, como exemplo, as obras infantis que tratam do futuro. "São desoladoras. Criam um mundo futuro mais assustador no qual a criança precisará viver quando crescer", exclama. Sendo assim,



O livro-álbum *Onze vivemos* de Mestre, de Maurício Sendak, imagens que complementam o texto.

adverte: "Um bom livro infantil é aquele que estabelece um espaço respeitoso de diálogo entre o mundo adulto e o infantil".

Elementos narrativos

As influências dos livros europeus e americanos na produção brasileira e latinoamericana, para o teórico Faouel Díaz, é notória. "A literatura latinoamericana é realista e trata principalmente de problemas urbanos. A figura do garoto de rua, por exemplo, é frequente, e análoga a figura do órfão europeu. Quando o livro salta para uma dimensão mais fantástica, acontece uma tropicalização dos temas de contos de fadas", explica. Sobre isso, Peter Hunt comenta: "A literatura infantil tem como um dos objetivos dar poder às crianças. É o único poder que uma criança realmente pode ter sobre alguém maior e o poder de pregar peças e enganar, da inteligência".

Há também, segundo Díaz, uma influência no estilo de livro. O livro-dibum europeu, em que ilustração e texto se complementam, como *Onze Vivemos* de Mestre, de Maurício Sendak, se tornou popular por propor uma nova forma de abordar a leitura. Hunt vê as novas ilustrações, mesclas realistas, como possíveis por reforçar a ideia de não matar a infância do ponto de vista adulto: "Os livros antigos diziam à criança como eles deveriam escrever e desenhá-la. Hoje, a linguagem e as imagens estão mais próximas do universo infantil".

Peter Hunt afirma que a transformação na literatura ain-

da não aconteceu completamente: "Estamos no meio de uma revolução nos livros para crianças, que começou há cerca de dez anos e vai durar mais uma década pelo menos, é uma época muito excitante para o gênero".

Intenso, denso e ainda assim, popular

Apesar de menos comentada, a Jornada Nacional de Literaturas de Passo Fundo, encerrada ontem, não deve em nada à Festa Literária Internacional de Paraty (Fli). Enquanto nesta última reuniões ocasionais confundem-se com debates interessados nas palestras, o evento gaúcho reúne milhares no campus da Universidade de Passo Fundo (UPF), distante seis quilômetros do centro da cidade. A inscrição também pode espantar os incautos: R\$ 160 pelos cinco dias de programação. A maioria dos participantes, porém, tem a entrada facilitada graças aos inúmeros convênios entre a UPF e escolas da região. De maneira que a jornada é, essencialmente, um evento jovem: crianças em escolas locais, crianças em estúdios de literatura infantil durante o dia e universitários tomam conta durante a noite.

Os debates, no entanto, seguem voltados a um público mais maduro. Temam densos e longas discussões acadêmicas ambientadas nas inúmeras salas frequent-

mente faziam com que o público se dispersasse e se engajasse em diversas paralelas. Mesmo assim, a discussão por vezes chegou a ficar acalorada. Sobre o tema do evento, as mídias digitais, os meios há um consenso: escritores e pesquisadores concordam que a tecnologia veio para ficar e as alterações na linguagem, para o bem e para o mal, fazem parte do processo de evolução da comunicação. Nenhum preconceito com blog e poesia digital.

O que parecia realmente capturar a atenção da multidão eram os espetáculos musicais. O show do conferencista Cid Campos, filho do poeta Augusto de Campos, atraiu aplausos e gritos empolgados do público na noite de terça-feira, dia 23. Porém, foi o grupo Póua Vagal, formado por Humberto Gossinger, do Engenheiros do Hawaii, junto com Póua Leindecker, da banda Cidadão Quero, que paralisou o evento em duas noites seguidas. Gossinger, que compôs junto com Póua Becker a canção da jornada literária, intitulada "Sagração da Póua", é venerado como sirene em Passo Fundo, e ganhou mais atenção do público que o cartunista Maurício de Sousa, também bastante requisitado.

Não é de hoje que a música tem mais fôlego que os livros, mas a estrutura da Jornada Literária, com algo perto de 120 autores convidados, e uma rotina das 8h30 às 22 horas, com alguns pequenos atrasos, é hoje uma das melhores e mais intensas atrações nacionais para os interessados em literatura. (CA)

14ª JORNADA NACIONAL DE LITERATURA

Momentos que marcaram o maior evento literário da América Latina

Confira os momentos que passaram por alguns dos salões do maior e segundo de maior movimento cultural em Passo Fundo, e se lembram dos principais

“
A literatura eletrônica não quer criar um mercado, mas sim criar formas de compartilhar os trabalhos.”

Grizete Amor de Deus
Recemosa, RJ & Marília



“
Cada um é responsável de própria história.”

Elisa Lucinda



“
Eu me sinto da mesma forma ativamente. Se onde quero chegar, mas não sei o caminho.”

Eliete Clotilde



“
É um mundo de possibilidades.”

Alfonso Aronson
São Carlos

“
O aumento da capacidade de gravar e armazenar dados continua crescendo, e podemos transmitir informações de qualquer lugar para outro. Estamos apenas no começo desse processo e precisamos refletir sobre isso. Ainda não sabemos como usar todo esse potencial. Estamos vivendo um grande momento de transformação, que considero tão importante quanto a transição do volume oral para a escrita.”

Flora Lúcia



“
Acredito que deve ser uma literatura pensada para ser lida, que chame a sua atenção entre objetos simultâneos, e que está em trânsito e faz a leitura em dispositivos móveis.”

Artista Digital, grafista e ilustrador
Belo Horizonte

“
Eu estava em outro terreno de literatura, e minha preparação para a Jornada me voltou novamente para os contextos nacionais. A Jornada é sempre um a renovação.”

Luciana Salvago, jornalista e escritora

“
A informação transmitida pela internet começa como um supermercado de verdades, onde temos que escolher o que ler.”

Edson Dora, do O Globo

“
A literatura sempre foi multissuave, com multiplicação de discursos. Hoje, o meio digital oferece um modo novo de realizá-los.”

Orlando Cordeiro, O Estado de S. Paulo

“
Com a internet, os personagens que não tinham voz passaram a ter voz, mas não basta ter voz, é preciso construir o contexto para ter o que dizer.”

Elaine Elias

“
Hoje, o mercado de quadrinhos está em expansão, há interesse por parte do público e muitas editoras especializadas. Basta que os autores continuem fazendo boas histórias para manter esse interesse.”

Gabriel Rio



Ignição de Loyola Brandão foi enfático na homenagem que fez a Tania Rösing (foto ao lado) no 14º Jornada Nacional da Literatura do Passo Fundo, encerrada na sexta-feira.

— Sem a Tania, essa Jornada acaba, e isso seria uma tragédia para a cultura não só de Passo Fundo como a de todo o Brasil.

O escritor Alcione Areljo também louvou a mulher que há 30 anos comanda o evento:

— Tania é uma pessoa emotiva, intensa. Ela pensa na Jornada como o projeto de vida dela.

De fato: ao fazer um balanço da Jornada, Tania, 63 anos, rechaçou a aposentadoria.

— Dizer que vou sair das Jornadas é dizer que vou sair da vida — afirmou, antes de cobrar mais apoio da Universidade do Passo Fundo e da prefeitura do município. — Precisamos de uma estrutura profissional. Até agora tenho feito tudo. Eu mesma trouxe de Brasília os 111 desenhos da exposição Elocarbons.

A JORNADA DE TANIA



Escritores da primeira Jornada ficaram impressionados com o trabalho de Tania. Disse Taniama Salem-Levy:

— Todos meus amigos sempre me falaram superbem do evento. E é mesmo diferente dos outros festivais de literatura, a começar pela pré-Jornada e pelo trabalho que os professores fazem junto aos alunos. O público da Jornada é um público que lê, é interessado.

E o que importa para um escritor, mais do que ser ouvido, é ser lido. O trabalho da Tania e de toda a equipe é impareável e se destaca no meio de todo esse boom de festivais de literatura.

A filósofa e escritora Marcia Tiburi, outra estreante, comentou:

— Eu já nomeava a Jornada havia muito tempo e abrirei para participar. Acredito muito que todo o espírito mágico da Jornada vem da coragem e da busca da pessoa da Tania Rösing. O evento é uma verdadeira obra de arte principalmente porque a Tania é a maior responsável por ele.



Elisa Lucinda

>>> elisalucinda@uol.com.br

Nova revolução a Passo Fundo

Já disse aqui e repetirei, não acredito em outra revolução que não seja a educacional. Como a palavra, seu uso repetido, suas ampliações e aplicações dos processos de civilização, étnia mítica e colado na sua trajetória de revolução. Quando excluímos uma classe, quando negamos a ela o acesso ao conhecimento que só chega aos poucos aos ricos, quando impedimos a participação de todos na força servil em gestos, abusamos sua força. Esquecemos sua potência como instrumento de igualdade e o transformamos em estratégia de dominação, discriminação e hipoteca etniais.

Graciosa e Deusa é a obstinada professora

Tânia Rosting, o perverso método não acontece em Passo Fundo. Há 30 anos, ocorre a jornada litúrgica que leva a milhares de crianças, adolescentes, jovens, professores e populares do frio interior gaúcho dias de férias, dignos do repertório que educação pública do Brasil copia. A população, como um todo, e principalmente a comunidade estudantil, mergulha na obra dos autores que visitamos a simpática cidade e, quando é chegada a preciosa semana, estão todos preparados para conversar com os escritores de aqui e de fora, best-sellers peritentes peritentes, reconhecer seu papel na formação do pensamento.

E o melhor, é em locais, cada uma de um cor, mas todos os vários campos da União Midvale Federal de Passo Fundo, que à lista da palavra se refere como fonte ou seu predileto. O Brasil precisa saber o que aconteceu ali e os seus filhos precisam copiar o modelo. Excluímos

desa, que nos estudantes da periferia, das cidades vizinhas e regiões e longas distâncias dali. Conversam também com camponeses, podem ler a história e a ficção oportunista de participar de uma oficina de desenho com Maurício de Souza, por exemplo! E, mas que coisa mais chapa, não, para um aluno litúrgico do Rio-São Paulo!

Adem de participar das jornadas há em oito semanas nas lombinhas (aluno com alguns parentes que leem minha coleção infantil, me foi contada a missão de escrever a história, evento noturno dedicado aos jovens sobriescientes. Então há pouco "lombinho", como diziamos aqui gente, do período para o país, mas que é feito mais sobre numa escola cujo funcionamento não parecia a criatividade. Crítico aqui, sem credibilidade, esta educação limitista, redutora de horizontes, que estimula a competição,

reforça a corrida para o vestibular com critérios da corrida do ouro, aproveitando obras e talentos naturais em nome do meritocrático modelo de sucesso ditado pelo senso comum. Sendo assim, os jovens são frequentemente estimulados a desistirem de seu sonho em prol da produtividade alta mas sem sentido.

Conheci lá mesmo um jovem que me disse que nem sabia como se tornava assistente de um procurador. Apenas trabalhava sucessivamente um concurso público (juiz, o irmão, advogado, Perseus) sobre sua paixão verdadeira e ele me respondeu com olhos de misto e tristeza: "Pantufas, lavours, terra, justiça, me responde com olhos de misto e tristeza". É isso que eu realmente amo. Meu trabalho é claro, não um moço de olhos difíceis de entender e de pensar o dia inteiro, quando chego em casa estou tão exausto e me dá um vazão que não sei explicar. Fico lá sem enxergar a cada fim

de dia que não quero nem posso ler mais nada". Obter bem pra ele e vi aquele menino trecho como uma bunitana que foi obrigada a arrebatear duas, fora de época e longe de seu cacho.

Um jovem menor de 30 anos, perdido de seu sonho, converte-se em dano econômico para o país. A qualidade de seu serviço não está orientada para o bem-estar do mundo porquê, em princípio, essa o contraria a todo tempo. Ele presta não sabe que poderia até enriquecer com suas pinturas se for essa a preocupação da família mas não sabe o agronegócio é realidade. Foi lá depois de minha apresentação que conversamos e o encorajei a romper a tradição imposta pela história profissional de sua família e ouvir o chamado de seu corpo. Portanto, meus leitores, trago boas-novas de um Brasil que não se vê a toda boca e que é transformador de boca.

A revista publica para sua edição revista especial

Afonso Romano de Sant'Anna

no www.420.com.br



A jornada não terminou

Continua a tripercutir a 14ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. A editora Kate Wilson acaba de postar lá no seu blog, em inglês, mais um aparte na discussão que envolveu Alberto Manguel, Beatriz Sarlo e este cronista, naquela breve sessão em que se discutiu a formação do leitor na sociedade atual. Tudo começou quando Kate (a esposa que já trabalhou na MacMillan e hoje tem sua própria editora) estava projetando insights sobre como os leitores adolescentes poderiam interagir com a história da Cinderela. Manguel, argentino e historiador da leitura

que hoje vive no Canadá, pulou na garganta dela dizendo cruaamente que ainda pensado que discutia a "formação" não a "deformação" do leitor. Ela retrucou, ele de novo bufoa forte. Beatriz Sarlo entrou de sola acusando a editora de "kitsch", etc.

Acabei interferindo porque a discussão se polarizou em pontos que parecem falsamente iniciais: o uso da tecnologia versus a leitura tradicional. Minha tese: a leitura é uma tecnologia. Na discussão, acabou parecendo que Manguel era um conservador e tradicionalista que só aceitava a leitura dos livros e Kate, uma pessoa que só queria vender seu produto audiovisual. Paulo Carnus registrou isso tudo em charges que eram projetadas nos telões na hora da discussão e foram reproduzidas pela imprensa. A Zero Hora chegou a dizer que houve um bufo-boca.

O que eu disse, superando essa

"Se o Brasil levou 500 anos para ter cerca de seis mil bibliotecas públicas, hoje temos 109.000 tan houses em toda parte"

discussão, é que há um novo universo da leitura aberto pela internet e que o Brasil que não construiu bibliotecas nem tem livrarias suficientes tinha a chance de dar pulo histórico caso se dissesse conta que os PCs, as telas e celulares, os computadores e as tan houses podem fazer o que não fizeram em 500 anos. A tecnologia não é má nem boa, tudo depende do uso que se faz dela. E as novas gerações, dos anos 0 para cá, que

do chamado da X,Y,Z, dem mais um novo modo de ler. Em vez de sermos contra, temos que alinhar, reinventar com eles o livro e os modos de ler.

É bom lembrar essa parábola verdadeira: quando o Marechal Rondon foi designado para implantar o telegrafo com fio por todo o país, ele saiu por aí compassado, encontrando índios, atravessando rios e montanhas e plantando postes e fios por todo o país. Em uma fanfarrinha histórica cobrir todo o país com o telegrafo com fio.

Pois bem: Quando ele botou o último poste na fronteira do Brasil com a Bolívia, recebeu a notícia de que tinham acabado de descobrir o telegrafo sem fio.

A tecnologia, portanto, pode nos socorrer e nos ajudar os 500 anos de atraso na área do livro, da leitura e das bibliotecas. Se o Brasil levou 500 anos para ter cerca de seis mil bibliotecas públicas,

hoje temos 109.000 tan houses em toda parte. Se nunca tivesse come a da biblioteca, no fim, existe só uma perspectiva: a biblioteca, lá existem por outro lado, 200 tan houses. Igualamento uma pessoa, a imagem esquentada do Zapalou ou no Mato Grosso, pode ler pelo Google outras clássicas em outras línguas, mesmo que sua cidade não tenha biblioteca nem livraria. A leitura é a biblioteca, que ficam longe de nossa casa, hoje estão em nossa mão. Basta acessar.

O desafio que o Ministério da Cultura (e eu diria, o governo) tem hoje é lutar para começar contando aos 13 mil teleconos que o Ministério da Comunicação implantou pelo país.

Portanto, a estratégia é fazer aliança e despertar a criatividade. Já as firmas de telemática e o Departamento de Estado dos Estados Unidos já descobriram que é melhor cooptar os hackers que simplesmente combatê-los.

Afonso Romano de Sant'Anna escreve semanalmente sobre esportes